

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CORA CORALINA – SEDE CIDADE DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**ALINE MOREIRA DA FONSECA NASCIMENTO**

**AS FUGAS, AS DIVERGÊNCIAS E OS DESVIOS EM RESENHAS ACADÊMICAS:  
UM ESTUDO RETÓRICO E LÉXICO-GRAMATICAL DO GÊNERO**

**GOIÁS  
2020**

**ALINE MOREIRA DA FONSECA NASCIMENTO**

**AS FUGAS, AS DIVERGÊNCIAS E OS DESVIOS EM RESENHAS ACADÊMICAS:  
UM ESTUDO RETÓRICO E LÉXICO-GRAMATICAL DO GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis

GOIÁS

2020

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE**

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina  
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

N244f Nascimento, Aline Moreira da Fonseca.  
As fugas, as divergências e os desvios em resenhas acadêmicas : um estudo retórico e léxico-gramatical do gênero [manuscrito] / Aline Moreira da Fonseca Nascimento. – Goiás, GO, 2020.  
288f.

Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis.  
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Linguística. 1.1. Organização léxico-gramatical. 1.2. Estrutura retórica. 1.3. Resenhas acadêmicas. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'367(817.3)

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**DEFESA – 03 DE AGOSTO DE 2020  
BANCA EXAMINADORA**

---

1) Dr. Eleone Ferraz de Assis – UEG (Presidente)

---

2) Dra. Dora Riestra – Universidade Nacional de Rio Negro/ Argentina (Membro Externo)

---

3) Dra. Déborah Barros Magalhães – UEG (Membro Interno)

---

4) Adriano Oliveira Santos - IFRJ (Suplente)

---

5) Marília Silva Vieira – UEG (Suplente)

---

À minha avó materna Argentina Paula da Fonseca (*in memoriam*), minha maior inspiração de força e garra. Ela foi minha mãe, zelosa e doce, e nem milhões de palavras conseguirão demonstrar meu amor e eterna gratidão a essa mulher amorosa, guerreira e sábia, que tanto me ensinou. Nem milhões de palavras poderão explicar aos leitores deste trabalho quão imenso é meu amor pela minha MÃE/AVÓ que me acolheu em seus braços desde o meu primeiro dia de vida. A ela devo tudo que sou hoje!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me amparou, por me conceder saúde e força nesta jornada. À minha avó materna Argentina Paula da Fonseca (*in memoriam*), minha base, minha protetora, que sonhava cada projeto comigo, que cuidou e me amou com um amor puro, pleno e belo.

Ao meu professor orientador Eleone Ferraz de Assis, que me ensinou a caminhar, aprimorando minha escrita, me auxiliando e orientando em cada etapa. Por meio do incentivo dele pude conhecer um pouco mais do mundo acadêmico e viver experiências jamais cogitadas no campo científico.

Ao meu esposo, que sempre me apoiou em todas as decisões com calma e positividade, que com paciência e amor cuidou dos nossos filhos, suportando minhas ausências.

Aos meus filhos amados Eduardo e Heitor, crianças que aprenderam a conviver em meio a um monte de livros de Linguística pela casa.

À minha mãe, que sempre me estendia a mão, me ajudando com meus filhos, cuidando deles com amor e carinho.

A todos os professores do Programa de Mestrado – Poslil manifesto minha gratidão e respeito, sobretudo às professoras Marília Vieira, Déborah Magalhães e Carla Conti, pessoas que, nesta trajetória, se tornaram importantes para mim.

Aos egressos e mestrandos do Poslil, que se misturam entre primeira, segunda e terceira turma: Anyellen, Cleiton, Camilla Caparelli, Sueli, Luciana, Jacqueline Fernandes, Jaqueline Veiga, Idelma, Fernanda e Adalgiza. Agradeço especialmente à amiga Michely, atenciosa e dedicada sempre!

Aos eternos amigos da UEG – Unidade Universitária de Jussara, Nalha, Fernanda Bonfim, Cleonice, Renata Herwig, Miguel, Analice, Wilson, Flávia, Rízia, Evandro e Márcio.

Aos professores que mobilizaram em mim importantes lembranças da minha vida acadêmica: Vera Lúcia Paganini e Agostinho Potenciano.

Às minhas amigas, Cleide, Renata Rodrigues, Cleia, Osânia, Sônia, Edjalma, Warlete, Edir, Cláudia Rebouças, Sarah Bertolli, Silviane, Juliana Brito, Cirlene Alves, Cirlene Cristina, Valéria, Geraldina, Sirleny Damatta, Gisleide, Cristiana, Maria Helena, Ivone e Fernanda Lima! Vocês foram muito especiais, obrigada pelo incentivo, pela torcida e pelas palavras de força.

Aos meus familiares, meu irmão Renato, minha cunhada Ranni Hellen, meu sobrinho Álvaro. Não poderia deixar de agradecer à minha irmãzinha Daniane, às minhas primas Keila, Tatiana e à minha cunhada Rosimeire, que me incentivaram, torceram por esta vitória, a todos: Muito obrigada!

Minha gratidão à Maria, amiga e ajudante, que emanou amor no meu lar e aos meus filhos durante as minhas ausências.

Manifesto a todos vocês, amigos e familiares, educadores e parceiros de trajetória, meu profundo respeito e carinho. Afinal, o fruto desta pesquisa acadêmica atravessa as trajetórias cotidianas e/ou científicas de vocês também, porque fizeram parte desta conquista.

## RESUMO

NASCIMENTO, Aline. *As fugas, as divergências e os desvios em resenhas acadêmicas: um estudo retórico e léxico-gramatical do gênero*. 2020. 286 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

Esta pesquisa busca investigar as divergências, as fugas e os desvios nas resenhas produzidas por alunos do 5º período do Curso de Letras da Unidade Universitária de Jussara da Universidade Estadual de Goiás. A investigação recai tanto na organização retórica como nos elementos formais que sinalizam essa organização no nível léxico-gramatical. Para a investigação, selecionar-se um corpú de vinte resenhas produzidas de acordo com o modelo CARS (SWALES, 1990). O estudo fundamenta-se em autores como: Araújo (1996); Bhatia (1993, 1997, 2001); Biasi-Rodrigues (1998); Biasi-Rodrigues, Araújo e Sousa (2009); Crismore (1989); Feak e Swales (2009); Francis (1994); Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004); Miller (1984, 1994); Motta-Roth (1995); Motta-Roth e Hendges (2010); Santos (1995); Swales (1990, 2004). A pesquisa vale-se de uma análise qualitativo-quantitativa e interpretativa para a descrição de sua organização retórica e das escolhas lexicais para apontar as divergências, as fugas e os desvios nas resenhas. Desse modo, as resenhas serão submetidas a um processo de segmentação e análise, tendo em vista a estrutura retórica e os elementos léxico-gramaticais do gênero. Ao mapear as divergências, as fugas e os desvios nas resenhas produzidas por alunos do Curso de Letras, os resultados pretendem apontar caminhos teórico-metodológicos para o ensino de tal gênero em diferentes cursos de graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resenhas acadêmicas. Estrutura retórica. Organização léxico-gramatical.

## **ABSTRACT**

NASCIMENTO, Aline. Escapes, divergences and deviations in academic reviews: a rhetorical and lexical-grammatical study of the genre. 2020. 286 f. Dissertation (Master in Language, Literature and Interculturality) - Campus Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2020.

This research seeks to investigate the divergences, leaks and deviations in the reviews produced by students of the 5th period of the Letters Course at the University Unit of Jussara at the State University of Goiás. The investigation falls on both the rhetorical organization and the formal elements that signal this organization at the lexical-grammatical level. For the investigation, a corpus of twenty reviews produced according to the CARS model will be selected (SWALES, 1990). The study is based on authors such as: Araújo (1996); Bhatia (1993, 1997, 2001); Biasi-Rodrigues (1998); Biasi-Rodrigues, Araújo and Sousa (2009); Crismore (1989); Feak and Swales (2009); Francis (1994); Machado, Lousada and Abreu-Tardelli (2004); Miller (1984, 1994); Motta-Roth (1995); Motta-Roth and Hendges (2010); Santos (1995); Swales (1990, 2004). The research draws on a qualitative-quantitative and interpretative analysis to describe its rhetorical organization and lexical choices to point out divergences, leaks and deviations in reviews. In this way, the reviews will be subjected to a segmentation and analysis process, considering the rhetorical structure and the lexical-grammatical elements of the genre. By mapping the divergences, leaks and deviations in the reviews produced by students of the Language Course, the results intend to point out theoretical and methodological paths for teaching this genre in different undergraduate courses.

**KEYWORDS:** Academic reviews. Rhetorical structure. Lexical-grammatical organization.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Representação do software <i>WordSmith Tools</i> , versão 7.0	64
FIGURA 02: Página inicial do <i>WordList</i>	65
FIGURA 03: Tela inicial da ferramenta <i>Concord</i>	66

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Estrutura retórica de Motta-Roth (1995)	43
QUADRO 02: Estrutura retórica de Araújo (1996)	44
QUADRO 03: Tamanho do córpus	60
QUADRO 04: Moves e subfunções – Motta-Roth (1995)	79

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Ausência de <i>moves</i>	80
TABELA 02: Ausência de subfunções	80
TABELA 03: Ausência de <i>moves</i>	89
TABELA 04: Ausência de estratégias	89
TABELA 05: Desvios léxico-gramaticais	96
TABELA 06: Verbos no pretérito utilizados nas resenhas	100
TABELA 07: Verbos dicendi	104
TABELA 08: Exemplos de verbos dicendi mais utilizados nas resenhas	106
TABELA 09: Exemplos de verbos dicendi menos utilizados nas resenhas	106
TABELA 10: Verbos conjugados na 1ª pessoa – <i>WordList</i>	107
TABELA 11: Verbos conjugados na 1ª pessoa – <i>Concord</i>	108

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Análise segundo o modelo Motta-Roth (1995)	68
GRÁFICO 02: Análise segundo o modelo Araújo (1996)	68
GRÁFICO 03: Desvios léxico-gramaticais nas resenhas	69

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1 ESTUDOS SOBRE O GÊNERO ACADÊMICO “RESENHA”</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Gêneros Textuais</b>	<b>17</b>
1.1.1 Algumas perspectivas teóricas dos estudos dos gêneros textuais	22
1.1.2 A perspectiva interacionista sociodiscursiva	22
1.1.3 A perspectiva sociosemiótica	26
1.1.4 A perspectiva sociorretórica	30
<b>1.2 Gêneros Acadêmicos</b>	<b>36</b>
<b>1.3 Resenha</b>	<b>38</b>
1.3.1 Estrutura retórica	42
1.3.2 Estrutura léxico-gramatical	45
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>49</b>
<b>2.1 Tipo da Pesquisa</b>	<b>49</b>
2.1.1 Caracterização da pesquisa	51
2.1.2 Caracterização do espaço de produção das resenhas	53
2.1.3 O questionário socioeconômico na pesquisa	55
2.1.4 Caracterização dos sujeitos autores das resenhas	55
<b>2.2 Coleta de dados</b>	<b>57</b>
2.2.1 O cópuz	59
<b>2.3 Procedimentos para a análise de dados</b>	<b>60</b>
2.3.1 Programa Wordsmith Tools	62
<b>3 AS FUGAS, AS DIVERGÊNCIAS E OS DESVIOS NAS RESENHAS ACADÊMICAS</b>	<b>67</b>
<b>3.1 As fugas</b>	<b>69</b>
<b>3.2 As divergências</b>	<b>78</b>
3.2.1 As divergências em relação à estrutura retórica de Motta-Roth (1995)	79
3.2.2 As divergências em relação à estrutura retórica de Araújo (1996)	89
<b>3.3 Os desvios</b>	<b>96</b>
3.3.1 Problemas na utilização de marcadores e rótulos discursivos	97

3.3.2 Não utilização de verbos no presente do indicativo -----	99
3.3.3 Ausência/escassez de verbos dicendi ou de elocução-----	104
3.3.4 Não conjugação dos verbos na 3ª pessoa -----	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS -----</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS-----</b>	<b>114</b>
<b>ANEXO I-----</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO II -----</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO III -----</b>	<b>239</b>

## INTRODUÇÃO

A análise e a descrição do gênero resenha trouxeram várias contribuições aos estudos linguísticos na contemporaneidade. A produção de tal gênero acadêmico visa apresentar uma síntese e uma crítica de determinada obra e exige a compreensão da linguagem em situação de interação social na comunidade discursiva acadêmica. Diante disso, é fundamental que o resenhista mobilize conhecimentos interacionais e sobre a organização composicional, bem como determine os recursos linguístico-discursivos adequados ao propósito comunicativo da resenha.

Um dos motivos para a realização desta pesquisa com o gênero resenha deve-se a sua ampla circulação dentro da universidade. Uma segunda motivação aponta para a necessidade de ampliar as pesquisas no campo de estudos de análise descritiva de gênero. O terceiro aspecto que impulsionou a materialização deste estudo foi a percepção da utilidade das pesquisas que buscam compreender do uso da linguagem no ambiente acadêmico. Assim, os resultados se tornam úteis para a compreensão do gênero, bem como da comunidade que o produziu e dos propósitos comunicativos, conforme atestam os estudos de Bezerra (2001).

Mediante um levantamento de estudos realizados sobre o gênero resenha, observaram-se diferentes recortes de pesquisa para o tema. Motta-Roth (1998) discorre sobre a relevância do domínio do gênero resenha para a aquisição e produção de conhecimento acadêmico. Bezerra (2001) analisa a distribuição das informações nas resenhas, valendo-se dos traços descritivos da organização retórica e dos elementos léxico-gramaticais. Motta-Roth (2002) também realiza uma análise textual de resenhas de diferentes áreas do conhecimento, publicadas em revistas científicas, de modo a focar os movimentos retóricos e termos de elogios e críticas. Ainda considerando o viés de Motta-Roth, juntamente com Hendges (2010), caracteriza-se a resenha *vis-à-vis* o Modelo CARS, cujo modelo se define por criar um espaço de pesquisa para a realização da análise descritiva do gênero resenha.

Em face desse panorama, descortinou-se a possibilidade de realizar uma análise descritiva de resenhas, no intuito de investigar as fugas, as divergências e os desvios, questões ainda não contempladas em outros estudos, buscando não investigar como os acadêmicos aprendem e tampouco como os professores

ensinam, mas organizar um mapeamento desses tipos de problemas nos textos produzidos por estudantes do ensino superior. Destaca-se, no entanto, que ao mapear as fugas, as divergências e os desvios, este estudo abre perspectiva para os professores pensarem como pode ser ensinado esse gênero.

As fugas serão analisadas em relação à integridade do gênero resenha, ou seja, se os textos produzidos fugiram ao gênero, caracterizando como um resumo, por exemplo.

Já as divergências serão investigadas segundo o modelo de Cars, adaptações de Motta-Roth(1995) e Araújo(1996), por meio da segmentação das resenhas, no intuito de observar se seguem o modelo prototípico de Motta-Roth(1995) e Araújo(1996) ou se divergem em relação a estrutura retórica propostas por essas autoras.

Por fim, os desvios serão analisados observando quatro pontos específicos, quanto ao uso dos verbos dicendis, o uso de 3º pessoa, o uso do presente do indicativo e em relação aos marcadores e rótulos discursivos. Para análise dos desvios utilizar-se-á leituras minuciosas das resenhas, bem como a utilização do *WordSmith Tools*.

Dessa forma, os resultados da análise descritiva de gênero permitirão ampliar as pesquisas de outros autores que atuam com o modelo CARS, de John Swales (1990), na demonstração da organização retórica do gênero. Além disso, contribuirão para utilização do software *WordSmith Tools*, ferramenta da Linguística de Córpus, na análise dos aspectos léxico-gramaticais dos gêneros acadêmicos, mais especificamente a resenha.

Tal pesquisa justifica-se por observar que a resenha comumente é solicitada na universidade pelos docentes, para atingir diversos objetivos perante a formação acadêmica dos discentes. Dada a grande importância ao estudo desse gênero, esta pesquisa poderá contribuir em tal prisma de análise, pois, além de ampliar a compreensão acerca da resenha acadêmica, possibilitará profundas reflexões sobre a linguagem utilizada pela comunidade discursiva acadêmica e os propósitos comunicativos dessa comunidade.

Considera-se, nesse sentido, que a relevância desta pesquisa está no fato de apontar algumas dificuldades na produção acadêmica, mais especificamente do gênero resenha, abrindo perspectivas para os professores poderem pensar em caminhos teórico-metodológicos para trabalhar a escrita acadêmica em diferentes

cursos de graduação. Outrossim, esta pesquisa poderá ensejar a realização de outras que evidenciem a escrita que permeia o espaço acadêmico. Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é apresentar uma análise descritiva das resenhas produzidas por acadêmicos do Curso de Letras: Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara, buscando investigar as divergências, as fugas e os desvios em relação ao protótipo do gênero. Para tanto, propõe-se descrever a forma prototípica do gênero resenha tanto em relação à organização retórica quanto aos elementos formais que sinalizam essa organização no nível léxico-gramatical, assim como analisar os traços descritivos das resenhas produzidas pelos alunos do Curso de Letras e fazer um mapeamento desses problemas. Caminhando nessa direção, a pesquisa desenvolve-se na tentativa de responder às seguintes questões:

1 - As resenhas são gêneros acadêmicos que se organizam a partir de qual estrutura retórica e quais elementos léxico-gramaticais?

2 - As resenhas produzidas pelos acadêmicos do Curso de Letras apresentam que tipos de divergências, fugas e desvios em relação ao padrão associado à normalidade do gênero?

A pesquisa a ser realizada é do tipo qualitativo-quantitativa e interpretativa, visto que se refere à descrição da organização retórica e léxico-gramatical das resenhas produzidas, como mencionado.

O estudo abarca um corpúsculo de vinte resenhas, produzidas de acordo com o modelo de análise de Swales (1990), em cuja pesquisa busca-se criar um espaço voltado para a concepção de gênero como ação sociorretórica, colaborando para sua inserção em uma comunidade discursiva.

Esta pesquisa será fundamentada nos seguintes autores/pesquisadores: Araújo (1996); Bhatia (1993, [1997]2001); Biasi-Rodrigues (1998); Biasi-Rodrigues, Araújo e Sousa (2009); Crismore (1989); Feak e Swales (2009); Francis (1994); Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004); Miller (1984, 1994); Motta-Roth (1995); Motta-Roth e Hendges (2010); Santos (1995), Swales (1990, 2004).

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, desenvolve-se esta dissertação, a qual se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo, denominado “Estudos sobre o gênero acadêmico resenha”, apresenta a fundamentação teórica de tal estudo, contemplando questões que são imprescindíveis à discussão concernente aos gêneros textuais. Na sequência, discorre-se sobre os gêneros abordando três

perspectivas teóricas: a sociorretórica, a sociossemiótica e a sociodiscursiva. Além disso, consta abordagem dos gêneros acadêmicos, com afunilamento aogênero resenha, bem como discussão da estrutura retórica e elementos léxico-gramaticais das resenhas.

O segundo capítulo, denominado “Caminhos metodológicos”, enfoca a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. Apresenta o tipo de pesquisa realizada, a Linguística de Córpus como metodologia e os procedimentos empregados para a análise dos dados.

O terceiro capítulo, denominado “As fugas, as divergências e os desvios nas resenhas acadêmicas”, remete à descrição e à análise dos dados da pesquisa. Será apresentada a análise das fugas, das divergências e dos desvios, segundo o modelo de Motta-Roth(1995) e Araújo(1996).

## 1 ESTUDOS SOBRE O GÊNERO ACADÊMICO “RESENHA”

Este capítulo discorre sobre o arcabouço teórico relativo aos estudos de gêneros textuais que sustentam esta pesquisa. Num primeiro momento, realiza-se um percurso histórico dos estudos sobre os gêneros textuais. Em seguida, buscam-se conceituar os gêneros textuais. Logo depois, discutem-se as perspectivas sociodiscursiva, sociossemiótica e sociorretórica de gêneros textuais. Mais adiante de tal estudo, aborda-se sobre o conceito de gênero acadêmico, mais especificamente sobre o gênero resenha e dedica-se à apresentação da estrutura retórica e léxico-gramatical da resenha.

### 1.1 Gêneros Textuais

A discussão sobre os gêneros textuais surge na antiguidade grega com Platão e se firma com Aristóteles há pelo menos vinte e cinco séculos. É o que pode ser observado nos Livros II, III e X da *República*, de Platão, e na *Poética* e na *Retórica*, de Aristóteles. A esse respeito escreve Marcuschi (2008, p. 147):

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.

Resgatando o percurso dos gêneros no Ocidente, Silveira (2005) afirma que, até o início do século XX, eles (os gêneros) eram abordados na retórica e, principalmente, nos estudos literários. Segundo Rojo (2008, p. 83-84), “o deslocamento sucessivo dos gêneros literários para os gêneros linguísticos” iniciou-se com os estudos de Bakhtin e Voloshinov, difundidos no Ocidente a partir da segunda década do século XX.

Com base nesse apontamento, fica evidente a contribuição dos estudos bakhtinianos para o desenvolvimento do conceito de gênero utilizado, atualmente, nos estudos e teorias dos textos. O estudo avançou para uma forma cada vez mais multidisciplinar, de modo que, no século XXI, a noção de gênero relaciona-se à Antropologia, Sociologia, Retórica e Linguística.

Tal viés abre perspectiva para compreender os gêneros como conhecimentos culturais e “ações retóricas tipificadas, baseadas em situações sociais” (MILLER, 1984, p.159),

[...] que são o resultado, não de "percepção", mas de "definição". Porque a ação humana é baseada e guiada por significado, não por causas materiais, no centro da ação é um processo de interpretação. Antes que possamos agir, devemos interpretar o ambiente material indeterminado; nós definimos, ou determinamos, "uma situação" (MILLER, 1984, p. 156, tradução nossa).<sup>1</sup>

Em suas notáveis contribuições e propostas para a noção de gênero, essa autora evidencia a necessidade de “compreender os gêneros socialmente, e não como entidades isoladas” (MILLER, 1984, p.151). Ainda para essa pesquisadora, a compreensão consegue ajudar a explicar como cada indivíduo encontra, interpreta, reage e cria determinados textos. Entende-se que tais textos, em suas manifestações orais ou escritas, são funcionais em orientar as práticas sociais cotidianas de cada indivíduo, ensinando sobre como agir nas comunidades discursivas as quais cada sujeito acessa ou pretende acessar.

Muitos pesquisadores (BAKHTIN, 2012; MARCUSCHI, 2008; ROJO, 2005; SILVEIRA, 2005) têm se dedicado aos estudos do gênero em suas diversas situações de interlocução e como uma prática que enfatize a interação verbal. Afinal, os gêneros são formas de comunicação da experiência social acumulada historicamente e têm, por essa razão, uma função de clarificação da atividade humana. É possível notar ainda que o conceito de gênero está relacionado ao contexto sócio-histórico, dadas as diferentes situações sociais e comunicativas em que os indivíduos estão inseridos.

A esse respeito diz Marcuschi (2008, p. 155):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

---

<sup>1</sup> Texto original: “Situations are social constructs that are the result, not of ‘perception’, but of ‘definition’. Because human action is based on and guided by meaning, not by material causes, at the center of action is a process of interpretation. Before we can act, we must interpret the indeterminate material environment; we define, or a determine, ‘a situation’” (MILLER, 1984, p. 156).

Diante disso, constata-se que os gêneros textuais ocorrem em diferentes situações comunicativas que no dia a dia são representadas por expressões orais ou escritas situadas socialmente e historicamente. Segundo Silveira (2005), os gêneros textuais são entendidos por quaisquer usos distintivos e tipificados de discurso falado ou escrito que ocorrem em interações sociais recorrentes.

Quanto ao exposto, de acordo com Bronckart (1997), dada a quantidade de espécies de textos desde a antiguidade grega, houve uma preocupação em delimitá-los, o que resultou em uma proposta de classificação que chegou então à noção de gênero de texto. A noção de gênero, nesse contexto, se encerra em situações de interação relativamente estáveis, sendo importante, ainda, mencionar que os gêneros se correlacionam com as atividades sociocomunicativas primárias e secundárias (BAKHTIN, 1997). Dispõe-se dos gêneros primários, considerados simples, e dos secundários, considerados complexos. Os gêneros primários são gêneros de comunicação instantânea; já os secundários partem de situações comunicativas um pouco mais complexas, situações mais formais. Além disso, estes últimos são capazes de formar, absorver ou reelaborar gêneros primários. No viés contemporâneo de interação humana, é crucial também lembrar que alguns gêneros nascem de hibridismos de outros gêneros, sejam primários ou não.

Para Schneuwly (1994), o enunciador age numa dada situação (ação) com a ajuda de um sistema semiótico (o gênero). Assim, a escolha do gênero deve considerar os objetivos, a situação social e o papel dos interlocutores. Cada gênero possui características próprias, tendo em vista a necessidade do tema, os participantes, os desejos enunciativos e a intenção de comunicação.

A definição de gênero, nesse sentido, relaciona-se diretamente a de enunciado e a concepção de enunciado transcende os limites do texto e materializam-se no discurso do outro (BAKHTIN, 2003). Na filosofia bakhtiniana, texto é uma realidade e um ponto de partida para o estudo do ser social e da linguagem. Nesse ensejo, esse autor reconhece que o texto é um fenômeno sociodiscursivo. Um texto é também um enunciado, haja vista que cada enunciado constitui-se em um novo acontecimento.

Meurer, Motta-Roth e Heberle (2005) descrevem que o enunciado não pode ser separado da situação social, tendo em vista que o enunciado é um fenômeno da comunicação social, cuja situação se integra ao enunciado e é indispensável para a compreensão do sentido.

Para Bazerman (2005), os gêneros são textos utilizados para resolver situações sociais discursivas. Também são conhecimentos culturais que emolduram a forma como entendemos e agimos em diversas situações, posto que os gêneros tanto organizam quanto geram textos e ações sociais de forma recíproca.

Nessa perspectiva, os gêneros fundem-se no propósito de manter identidade funcional com inovação organizacional. E gênero, por sua vez, é definido enquanto texto concretizado na vida social, o qual apresenta padrões sócio-comunicativos característicos e definidos por posições funcionais, objetivos comunicativos e estilos.

Os gêneros, para Bakhtin (2012), são formas autênticas de realização da linguagem, por colocarem em prática a interatividade inerente à comunicação humana. A dialogicidade, nesse sentido, é um fator essencial da linguagem humana. Além disso, esse autor afirma que os gêneros descortinam

as condições específicas e as finalidades de cada campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Ainda em tal prisma de análise de enquadramento dos textos que circulam socialmente, Bakhtin (2011) defende que todos esses três elementos – conteúdo temático, o estilo, a construção composicional:

estão indissolúvelmente ligados ao todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

Nesta pesquisa, o conceito de gênero será abordado como atividade social, acadêmica e sociorretoricamente definido. Ademais, seguindo os apontamentos de Swales (1990), a análise e a compreensão do gênero perpassam pela compreensão do propósito comunicativo. Isso porque tal pesquisador emoldura “uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos” (SWALES, 1990, p. 58).

Ao tratar do gênero enquanto atividade social, valida-se como exemplo o pensamento de Marcuschi (2008), que discorre acerca dos últimos dois séculos de evolução linguística. Tais séculos serviram de cenário para propiciar a origem das tecnologias da informação para interação humana, em especial as ligadas à área da comunicação que, conseqüentemente, contribuíram para o surgimento de novos gêneros textuais. Todavia, defende-se que não são diretamente das tecnologias que

se originam os gêneros, mas da intensidade dos usos dessas tecnologias e do modo como essas interferem nas atividades comunicativas diárias.

Interessado em situar a importância do gênero para a sociedade, Marcuschi (2008) defende o pressuposto básico de que é impossível que haja comunicação verbal que não seja por algum gênero, bem como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Logo, o autor resume o pensamento acerca dos gêneros salientando que a comunicação verbal só é possível mediante um gênero textual.

Swales (1990) defende a ideia de que comunicação verbal ocorre por meio de gêneros. Para além da noção de relação usual entre comunicação e gênero, o autor enfatiza que para atuar nas esferas de atividade humana ou comunidades discursivas, as pessoas usam a língua, a fim de que haja efetivação do processo de comunicação. Determinado processo possibilita que os gêneros discursivos sejam veículos de comunicação capazes de viabilizar o ciclo comunicativo.

Segundo Swales (1990), é necessário colocar o propósito comunicativo como algo preponderante com o intuito de reconhecer e caracterizar o gênero. Paralelamente, o autor comenta sobre o desafio de reconhecer a identificação em um gênero, o que justifica como algo que pode não ser tarefa fácil, considerando que há gêneros que são constituídos de diferentes propósitos. O fato de existir variados propósitos para um mesmo gênero torna a eficácia da ação sociorretórica do gênero problemática.

Ao passo que revela o propósito comunicativo para o reconhecimento do gênero, para Swales (1990), é válido considerar que o propósito comunicativo, se analisado de forma isolada, não supre a identificação do gênero. Conseqüentemente, há dois procedimentos de análise capazes de identificar o gênero: o procedimento textual e o procedimento contextual.

Ao se adotar essa definição, os gêneros são considerados ações linguísticas e retóricas que envolvem o uso da linguagem para comunicar algo a alguém, em algum momento e contexto, para algum propósito.

Retomando a discussão acerca dos gêneros textuais, percebe-se que há várias perspectivas para o seu estudo: sócio-histórica e dialógica, comunicativa, sistêmico-funcional e sociossemiótica, sociorretórica, interacionista e sociodiscursiva, análise crítica. Nesta pesquisa, abordam-se apenas três – a sociodiscursiva, a sociorretórica e a sociossemiótica, uma vez que apenas essas

perspectivas apresentam elementos que corroborarão a análise das divergências, fugas e desvios nas resenhas acadêmicas que se propõe tal estudo.

### **1.1.1 Algumas perspectivas teóricas dos estudos dos gêneros textuais**

O gênero, neste estudo, é entendido como produto da interação verbal, com determinada intenção social, que surge em face da necessidade humana de se comunicar e agir com os outros sujeitos. Assim, o cópús desta pesquisa é constituído por resenhas acadêmicas produzidas por alunos do Curso de Letras, as quais serão analisadas sob o ponto de vista das abordagens sociorretórica, sociossemiótica e a sociodiscursiva, uma vez que tais perspectivas focam nos propósitos comunicativos do texto, no léxico-gramática e no papel social desempenhado, bem como no caráter social da linguagem. Para compreender a abordagem sociorretórica, utilizam-se as reflexões de Miller (1984) e Swales (1990). De sua parte, a abordagem sociossemiótica é apresentada segundo as teorias de Bernstein (1990), Halliday (1994) e Hasan (1999). A abordagem sociodiscursiva, por sua vez, é discutida com base nos estudos de Bakhtin (1981) e Bronckart (1999). Pode-se afirmar que se trata de um caráter mais social do que estrutural da linguagem. Embora cada abordagem tenha especificidade, todas são articuladas pelo aspecto social da língua.

Ressalta-se que o cópús desta pesquisa, referindo-se ao gênero resenha, é notadamente produzido pela comunidade discursiva acadêmica (BEZERRA, 2001; SWALES, 1990). Para compreender as práticas textuais discursivas de tal comunidade, o pesquisador pode buscar aporte teórico nas abordagens interacionista sociodiscursiva (BAKHTIN, 1995), sociorretórica (SWALES, 2004) e sociossemiótica (HASAN, 1999).

Nos tópicos a seguir, apresentam-se essas três abordagens do gênero.

### **1.1.2 A perspectiva interacionista sociodiscursiva**

A perspectiva interacionista sociodiscursiva tem como referência os estudiosos Bakhtin (1981) e Bronckart (1999) e defende que a linguagem deve ser analisada com foco nas interações sociais, considerando os contextos de produção de tais interações e partindo das estruturas linguísticas. Nesse sentido, essa

abordagem atenta-se à ação da linguagem e dos gêneros como unidade dentro do ato comunicativo.

Em tal viés, Riestra constata (2010, p. 154):

podemos afirmar que os textos são produtos da aplicação de mecanismos estruturantes diversos, heterogêneos e, geralmente, opcionais. Esses mecanismos são compostos também por operações diversas e opcionais que são realizadas usando recursos linguísticos que, em geral, competem entre si (tradução nossa).<sup>2</sup>

Com base nessa assertiva, pode-se afirmar que as ações verbais na perspectiva interacionista sociodiscursiva são consideradas como mediadoras e constitutivas da interação social, com foco, sobretudo, nas condições sociais de produção dos textos. Essa perspectiva defende que a comunicação se realiza de acordo com o contexto em que se interage.

Sendo assim, as atividades de interação verbal são oriundas das diferentes situações sociais em que os indivíduos estão envolvidos. Consequentemente, não se pode separar a utilização da língua(gem) das noções de interação verbal, do discurso, do texto, do enunciado e da atividade humana. Portanto, a linguagem está diretamente relacionada à maneira como agimos, pensamos e nos engajamos na interação (HYLAND, 2007).

Por certo, a interação verbal constitui-se não apenas entre sujeitos, mas entre um sujeito e a linguagem, realizando-se assim uma troca de conhecimentos (CORACINI, 2005). O texto, portanto, forma-se por meio de elementos (extra)linguísticos e relaciona-se a outros enunciados. Nessa perspectiva, o que constitui a linguagem é “sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais” (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 164).

Portanto, a proposta interacionista sociodiscursiva se efetiva nas práticas de linguagem, nas ações discursivas, na interação verbal, o que, para Bronckart (2006), se concretiza nessa corrente e que se apresenta nas formas linguística, psicológica ou sociológica; a saber, uma corrente da ciência humana.

No processo de interação verbal, as palavras remetem a outros enunciados e trazem consigo outras visões de mundo. Bakhtin (1992) afirma que a verdadeira

---

<sup>2</sup> “podemos afirmar que los textos son productos de la aplicación de mecanismos estructurantes diversos, heterogéneos y, generalmente, optativos; estos mecanismos están compuestos de operaciones también diversas y optativas que se llevan a cabo utilizando recursos linguísticos que, en general, compiten entre sí” (RIESTRA, 2010, p. 154).

substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizado pela enunciação ou enunciações. A comunicação discursiva concreta constitui-se como realidade fundamental da língua, vincula-se à situação social imediata e abre-se para a sua condição de atividade e acontecimento social, atestam Meurer, Motta-Roth e Bonini (2005). Em seu estudo, Bronckart (2010, p. 169) aponta “o fato de que, em uma dada situação de comunicação, uma pessoa produz um texto, oral ou escrito, com outro objetivo, para obter um ou outro efeito”.

Com fundamento na perspectiva interacionista sociodiscursiva, Bronckart (2006) aponta a linguagem como um sistema semiótico construído socialmente, fundador e organizador de dimensões especificamente humanas como a percepção, os sentimentos e as emoções. Portanto, é preciso considerar a capacidade da linguagem de cada um, o que, para Dolz, Schneuwly e Bronckart (1993, p. 29), tem a ver com as aptidões requeridas na “produção de um gênero numa situação de interação determinada”. Infere-se assim que há a necessidade de adaptação às características do contexto e do referente, à mobilização de modelos discursivos e ao domínio das unidades linguísticas e psicolinguísticas. Para a abordagem interacionista sociodiscursiva, fica clara a importância da noção de gênero, não de forma abstrata, mas de forma concreta no enunciado.

Os gêneros, nesse contexto, podem ser considerados ferramentas sociocomunicativas. Para Schneuwly (1994), o enunciador age numa dada situação (ação) com a ajuda de um sistema semiótico. Assim, a utilização da linguagem deve considerar os objetivos, a situação social e o papel dos interlocutores. Cada situação de comunicação possui características próprias, tendo em vista a necessidade do tema, os participantes, os desejos enunciativos e intenção de comunicação.

Para Bakhtin (2003), a concepção de enunciado transcende os limites do texto e materializam-se no discurso do outro. Para esse filósofo, texto é uma realidade e um ponto de partida para o estudo do ser humano social e da linguagem. Nesse ensejo, esse autor reconhece que o texto é um fenômeno sociodiscursivo. E afirma também: “Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos na sua inter-relação e interação” (BAKHTIN, 2003, p. 319). Um texto, para tal pesquisador da linguagem, é

também um enunciado, haja vista que cada enunciado constitui-se um novo acontecimento.

Meurer, Motta-Roth e Heberle (2005) descrevem que o enunciado não pode ser separado da situação social. Em tal viés, o enunciado é um fenômeno da comunicação social, em que a situação se integra ao enunciado e é indispensável para a compreensão do sentido.

Os gêneros, nessa perspectiva, possuem um plano composicional e se distinguem pelo conteúdo temático e estilo: o conteúdo é o tema e o estilo está vinculado ao tema e ao conteúdo (BAKHTIN, 1992). Meurer, Motta-Roth e Bonini (2005) destacam que o estilo de um enunciado particular pode ser melhor compreendido se levar em conta a sua natureza genérica, os estilos individuais e a língua, que são considerados estilos do gênero. Por conseguinte, os gêneros regulam o objeto e o sentido da interação no ato comunicativo. Outro fator relevante concerne à composição dos gêneros. Reforça-se que há uma heterogeneidade de sua composição, em virtude da complexidade da atividade humana. Quanto ao estilo, pode-se atribuí-lo aos recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais da língua.

Para Bathia (1993, p. 13), na perspectiva interacionista sociodiscursiva, o “gênero é um evento comunicativo reconhecível, caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos”. Ao corroborar tal pensamento, Meurer, Motta-Roth e Bonini (2005, p. 167) assim argumentam:

Os gêneros, com seus propósitos discursivos, não são indiferentes às características da sua esfera, ou melhor, elas se “mostram”. Todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação.

Constata-se, diante disso, que cada gênero tem sua forma/fôrma e é insubstituível. A resenha, por exemplo, é um gênero que não é substituído por outro gênero. Apesar de ter características semelhantes a outros, ela tem suas próprias peculiaridades que a definem como tal, que sinalizam o texto em face de suas funções e atividades realizadas.

No próximo tópico, será abordada a perspectiva sociossemiótica.

### 1.1.3 A perspectiva sociossemiótica

A perspectiva sociossemiótica tem como uma das fundadoras Ruqayia Hasan. Essa estudiosa defende a análise de gêneros como assentada na necessidade e possibilidade de analisar a linguagem como um sistema sociossemiótico, priorizando, portanto, a significação dos gêneros textuais (HASAN, 1999).

A abordagem sociossemiótica surge em meados de 1970 na França, Itália e América Latina. Tal estudo empreende a noção de interação dentro da significação e do sistema de relações entre texto e contexto, percebendo a linguagem como um sistema de experiências recorrentes dentro de uma cultura.

Sob a perspectiva de Halliday (1978), em análise ao escopo sociossemiótico da linguagem, percebe-se que, interligado ao entendimento da plena relação bidirecional entre discurso e estruturação social, está também o desejo de compreender a configuração contextual e textual. Essa compreensão é determinada a partir da análise das metafunções<sup>3</sup> ideacional, interpessoal e textual.

Nessa visão, a sociossemiótica enfatiza o uso da linguagem e o contexto da situação da atividade humana em que o sujeito se constitui por essas situações de interação e pelos atos de comunicações realizados pela linguagem. Assim, essa perspectiva apresenta a relevância do aspecto social da linguagem.

Para Halliday (1994, p. 9),

[...] a linguagem surge na vida do indivíduo por meio de uma troca contínua de significados com outros significantes. Uma criança primeiro cria sua linguagem infantil, depois isso constitui seu grupo significativo. Nesse sentido, a linguagem é um produto do processo social (tradução nossa).<sup>4</sup>

Ainda na perspectiva desse autor, “a linguagem é o principal canal por meio do qual os modelos de vida são transmitidos, por meio do qual aprende a agir como membro de uma ‘sociedade’” – dentro dos vários grupos sociais (HALLIDAY, 1994, p. 18).<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Essas metafunções são fortes pilares da Linguística Sistêmico-funcional.

<sup>4</sup> “[...] el lenguaje surge en la vida del individuo mediante un intercambio continuo de significados con otros significantes. Un niño crea, primero su lengua infantil, luego que constituye su grupo significativo. En ese sentido, el lenguaje es un producto del proceso social”<sup>4</sup> (HALLIDAY, 1994, p. 9).

<sup>5</sup> “[...] la lengua es el canal principal por el que se le transmiten los modelos de vida, por el que aprende a actuar como miembro de una ‘sociedad’ – dentro y a través de los diversos grupos sociales” (HALLIDAY, 1994, p. 18).

Halliday (1978) ainda enfatiza a linguagem como sendo um sistema de escolhas capaz de criar significados, partindo de seu uso em contextos específicos. Para além, o autor propõe que a linguagem é dividida em estratos subdivididos em dois níveis, sendo esses o extralinguístico e o linguístico. Para esse linguista, o nível extralinguístico tem em sua composição o contexto de cultura e o contexto de situação. O linguístico, por sua vez, abrange os planos semânticos e lexicogramaticais, além de considerar os planos de expressão (fonológico, grafológico e gestual).

Além de Hasan (1999), os autores Bernstein (1990) e Halliday (1994) abordam a linguagem como um sistema sociosemiótico. Eles afirmam que o gênero e o contexto se relacionam, por entenderem que a linguagem é um processo social. É por essa razão que se considera de fundamental importância estudar a linguagem considerando a vivência humana, visto que se utiliza da linguagem para atingir determinados objetivos comunicativos. Hasan (1999) diz que cada situação é um sistema de relevâncias motivadoras para o uso da linguagem. Cada ato da comunicação vai se somando a todas as outras instâncias discursivas da mesma natureza que o precederam.

Já Meurer, Motta-Roth e Herbele (2005) discutem sobre a perspectiva sociosemiótica em face da importância de se estudar a linguagem não como um sistema de regras isolado da vivência humana, mas como um sistema de representação simbólica de experiências recorrentes em uma dada cultura. Para isso, levam em consideração o contexto situacional, o conteúdo semântico e as questões léxico-gramaticais.

Em tal conjuntura teórica, o contexto situacional refere-se às estruturas semióticas da situação, à atividade social, à relação entre os participantes e ao canal simbólico ou retórico. Já o conteúdo semântico caracteriza-se pela função da linguagem (componentes funcionais da semântica), quanto aos significados ideacionais (conteúdo da experiência), significados interpessoais e os significados textuais. O nível léxico-gramatical, de sua parte, diz respeito às escolhas léxico-gramaticais, às estruturas de transitividade, às estruturas de modo (oração como troca de experiência) e às estruturas temáticas (oração como mensagem).

Caminhando nessa direção, pode-se inferir que a perspectiva sociosemiótica estuda o sentido em uma dada situação, em um momento de interação. Tal prisma

teórico investiga processos semióticos com foco nos sistemas de significação, seus discursos, considerando os aspectos sociais e culturais.

Sendo assim, a linguagem é compreendida como um componente social, cujos eventos de interação ocorrem por meio de práticas sociais que se materializam em gêneros textuais. Essa abordagem forma um construto para representar o contexto social, que é o ambiente semiótico no qual as pessoas vivenciam suas experiências em uma determinada cultura. Explica Miller (1984, p. 125):

A estrutura semiótica fornece uma maneira de caracterizar os princípios usados para classificar o discurso, consoante o princípio definidor se baseie na substância da retórica (semântica), forma (sintática), ou a ação retórica que o discurso executa (pragmática). (tradução nossa).<sup>6</sup>

A abordagem sociossemiótica tem como fonte de estudo ainda os discursos que circulam a sociedade. A perspectiva de análise semiótica traz os estudos de Halliday (1994) e Kress e Van Leeuwen (2006) à tona. Esses autores se atêm ao significado que as imagens representam observando o mundo que nos cerca (função ideacional), as relações sociais (metafunção interpessoal) e os textos que constroem diferentes significações (função textual).

Segundo Kress (2013), a abordagem sociossemiótica tem o intuito de investigar o trabalho com a linguagem a partir da ótica tanto das motivações contextuais para a produção de sentido como também dos princípios utilizados na seleção, transformação e arranjo de recursos semióticos.

Logo, dentro da perspectiva sociossemiótica há as noções de contexto de situação e de cultura, determinando os significados. Tais contextos realizam-se por meio de três tipos de significados: ideacional – o uso da linguagem para falar das experiências do mundo; b) interpessoal – o estabelecimento e manutenção de relações sociais que se associam ao textual para organizar mensagens, relacionando-as a outras mensagens; c) textual – a expressão da estrutura e o formato do texto.

Para Meurer, Motta-Roth e Heberle (2005), na relação funcional entre linguagem, contexto e situação, cada gênero corresponde ao uso que se faz da linguagem para atingir os objetivos. Em tal viés, existem três variáveis importantes: o

---

<sup>6</sup> “The semiotic framework provides a way to characterize the principles used to classify discourse, according to whether the defining principle is based in rhetorical substance (semantics), form (syntactics), or the rhetorical action the discourse performs (pragmatics)” (MILLER, 1984, p. 152).

campo do discurso, o tipo de ato que está sendo realizado e o papel desempenhado pela linguagem.

Ressalta-se que o termo linguagem é polissêmico, logo seu aspecto é passível de um exame que o remete ao sistema sociossemiótico. Para Halliday (1989), a linguagem enquanto sistema sociossemiótico concentra potencial de significação ou de produção de sentido construído e que é compartilhado de modo social em um contexto específico de cultura. Ao considerar esse sistema sociossemiótico, entende-se que há uma relação dialética com a vida social, considerando que o uso dessa sociossemiótica constitui a experiência humana.

No espaço acadêmico, o construto de Hasan foi aplicado por Motta-Roth (1995) ao gênero resenha acadêmica. Para a investigação desse gênero, a estudiosa realizou as seguintes perguntas relacionadas ao campo, à relação e ao modo: que atividade social o gênero resenha executava? Quem participava do gênero? Qual o papel da linguagem nesse contexto, caracterizando respectivamente campo, relação e modo?

A integração e o contexto denotam a configuração contextual da estrutura do gênero. Assim, esta pesquisa também partirá dessas questões para tratar sobre gênero-cópus, dado o entendimento de que é preciso compreender o texto por intermédio de sua função social e do contexto.

Diante do exposto, compreende-se que a perspectiva sociossemiótica da linguagem é emoldurada pela Linguística Sistemico-Funcional, uma vez que ela concebe a linguagem como resultado da interação social, concretizada com interlocutores em determinados contextos sociais.

Sob a plêiade da perspectiva sociossemiótica, as escolhas realizadas a partir do uso da língua produziram significados em determinados contextos (MARTIN, 2000). Irmanada a essa assertiva, a língua é compreendida a partir do seu uso (HALLIDAY, 1994).

Assim, a perspectiva sociossemiótica da linguagem interessa-se em analisar como os indivíduos interagem dentro dos contextos da vida cotidiana. Avançando nesta direção, Eggins (2004) afirma que o uso da linguagem é funcional, que a função da linguagem é criar significados e que tais significados são influenciados pelo contexto social e cultural, ou seja, o processo de usar a linguagem tem como base a semiótica, o que significa criar significados por meio de diferentes escolhas.

### 1.1.4 A perspectiva sociorretórica

A perspectiva sociorretórica consolidou-se na segunda metade do século XX com a “virada retórica” dos estudos do comportamento humano e do discurso (SILVEIRA, 2005). Essa “virada retórica” contribuiu para uma reflexão sobre a necessidade de adequar a utilização da linguagem aos propósitos comunicativos da comunidade discursiva. Ou seja, ela defende que ao utilizar a linguagem, sobretudo no espaço acadêmico, as pessoas a adéquem aos padrões e às regularidades das situações sociocomunicativas (SILVEIRA, 2005). Além disso, é preciso atentar para o contexto e a situação em que os eventos de fala acontecem. Silveira (2005, p. 78) assim assinala:

As palavras realizam muito mais do que simplesmente fazer afirmações sobre o mundo. Veja-se, para ilustrar, o exemplo clássico da sentença “A janela está aberta”, que pode ter significados muito além de uma simples afirmação factual sobre um fenômeno físico. Dependendo do contexto em que ocorre o enunciado, ele pode veicular vários atos de fala, como, por exemplo, um pedido para fechar a janela, uma reclamação sobre algo anteriormente acertado e não cumprido, uma explicação de um fato ocorrido etc.

Desse modo, o sentido do enunciado se constrói no contexto em que ele é produzido. Como defende Miller (1984), a linguagem é considerada uma forma de ação, não é isolada. Portanto, sempre está relacionada a um contexto, em uma dada situação, para que tenha sentido.

A perspectiva aqui discutida foi consolidada graças a vários estudos feitos sobre a linguagem na segunda metade do século XX, entre eles os de Bhatia ([1997]2001), Miller (1984) e Swales (1990). Vale registrar que a concepção sociorretórica solidificou ideias de caráter social da linguagem que estavam imbricadas na busca de um ensino renovado de língua, tanto na perspectiva acadêmica quanto na profissional.

Dentro dessa visão sociorretórica, convém assinalar mais especificamente a grande contribuição que a análise de gênero vem dando à necessária tarefa de se descreverem alguns gêneros escritos que circulam nas esferas acadêmicas e profissionais, cujo domínio é de grande interesse dos indivíduos que deles necessitam para bem desempenharem suas tarefas comunicativas institucionais (SILVEIRA, 2005, p. 10).

Trata-se de uma perspectiva que analisa e identifica os movimentos retóricos e os passos da estrutura do gênero. Preocupa-se, sobretudo, com o aspecto socioinstitucional, primordialmente, da linguagem utilizada em espaços acadêmicos ou vinculados ao campo profissional. Nota-se assim que, na abordagem sociorretórica, há uma maior preocupação com a escrita e uma visão extremamente marcada pelos conceitos de comunidade discursiva e propósito comunicativo.<sup>7</sup>

Constata-se, partindo de pesquisas científicas, que a linguagem se institui em uma situação recorrente em um dado contexto (MILLER, 1984) e se dá por meio de ações tipificadas em vários momentos da comunicação humana, seja na escola, em casa, na universidade ou no trabalho. Indo nessa direção, para a análise sociorretórica da linguagem, Swales (1990) propõe o modelo chamado CARS, instrumento capaz de examinar os movimentos/passos da estrutura do gênero que possuem certa regularidade.<sup>8</sup>

Dedicando-se sobremaneira ao estudo da abordagem sociorretórica, Swales (1990) apresentou reflexões acerca da construção do texto. Seus estudos basilares sobre gênero, comunidades discursivas e propósito comunicativo revelam as influências dos gêneros na sintaxe, no discurso e na retórica. Também atribui importância às situações de leitura, por compreender que um enunciado pode ter mais de uma função, dependendo do propósito comunicativo do falante. Sua proposição é observar a estrutura retórica do gênero e seus movimentos. Convém salientar, em tal viés, que a abordagem sociorretórica tem como ponto de partida em seus estudos a linguagem, mais especificamente os conceitos de gênero, comunidade discursiva e propósito comunicativo. Assim, o primeiro conceito que ganha destaque é o de 'gêneros textuais'.

Acerca dessas assertivas, Biasi-Rodrigues, Araújo e Sousa (2009) afirmam que os usos da linguagem influenciam o mundo social, considerando que os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem ou atos de fala. Esses atos concernem a formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis (BAZERMAN, 2005).

Nesse sentido, a perspectiva sociorretórica enfatiza a inter-relação na linguagem e como tal se constituem em práticas sociais entre os indivíduos. Segundo Miller (1994), o gênero, nesse contexto, tem o propósito de induzir o

---

<sup>7</sup> Esse conceito será discutido no tópico 1.2 "Gêneros acadêmicos".

<sup>8</sup> Esse modelo de análise será discutido no subtópico 1.3.1 "Estrutura Retórica".

interlocutor em favor de um determinado discurso, por se tratar de concepção que parte da retórica (a arte de argumentar), pois é sabido que todo discurso carrega uma intenção ou defesa de alguma ideologia.

A esse respeito, Bhatia ([1997]2001, p. 103) aponta que

os gêneros se definem essencialmente em termos de uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dão origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados que, por sua vez, estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, até certo ponto, impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais.

Sob esse prisma, Martin (1984, p. 25) afirma que os gêneros são “uma atividade gradativa, direcionada para um objetivo e dotada de um propósito, na qual, como membros de uma cultura, os falantes se engajam”. Os gêneros, portanto, são utilizados para realizar determinadas funções dentro da interação social, com propósito comunicativo e intenções que podem ser públicas ou particulares – o que Swales (2004) denomina propósitos múltiplos.

Bazerman (2005, p. 32) afirma que os

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Na percepção de Bazerman (2005), os gêneros são utilizados para a concretização de fatos sociais, na relação entre os sujeitos mediante atos de fala cuja atividade compartilhada possui determinados propósitos comunicativos. Swales (1990) considera que a noção de gênero está vinculada ao uso efetivo da língua e também às interações sociais ou atividade discursiva e é dependente do tipo de atividade que o indivíduo executa, o que tem influência na forma de se comunicar.

Bawarshi e Reiff (2013, p. 16) definem os gêneros

como formas de conhecimento cultural que emolduram e medeiam conceitualmente a maneira como entendemos e agimos tipicamente em diversas situações. Essa concepção reconhece que os gêneros tanto organizam como geram espécies de texto e ações sociais numa complexa e dinâmica relação recíproca.

Portanto, os textos que produzimos nas situações comunicativas durante a atividade humana demonstram nossa bagagem de conhecimento cultural, os quais se concretizam por meio dos gêneros.

Segundo Silveira (2005), a noção de gênero relaciona-se aos inúmeros fatores circunscritos à produção e à recepção de textos, considerando, portanto, os entornos contextuais, principalmente os socioculturais e ideológicos, que estão na subjacência dos usos da língua nas interações humanas.

Bezerra, Biasi-Rodrigues e Cavalcante (2009, p. 180) afirmam que

Os gêneros, desse modo, são socialmente autorizados por meio de convenções e inserem-se nas práticas discursivas dos membros de culturas disciplinares específicas. Essas práticas discursivas, em grande parte, refletem não somente as convenções utilizadas por comunidades disciplinares específicas, mas também as convenções sociais, incluindo mudanças sociais, instituições sociais e conhecimento social, que, de certo modo, podem ser vistos como contribuições significativas para o que a teoria de gêneros chama de “conhecimentos de gênero”.

Em tal conjuntura, a interação entre os indivíduos permite saber o que pode ou não pode ser admitido dentro do conjunto de conhecimento de determinada comunidade. Para Swales (1990), a definição de gênero se distingue ainda em: classe, propósito comunicativo, prototipicidade, razão ou lógica subjacente ao gênero e à terminologia elaborada pela própria comunidade discursiva.

Constata-se, assim, que o gênero é tido como uma classe de eventos comunicativos. O evento, portanto, é uma situação de comunicação. O propósito comunicativo, por sua vez, se dá com o objetivo ou objetivos do gênero, auxiliando na identificação da comunidade discursiva, seus valores, expectativas e repertório.

Para muitos estudiosos, a noção de propósito comunicativo apresenta-se como um dos conceitos centrais para a compreensão da construção, interpretação e uso dos gêneros, ainda que nem todos eles se utilizem dessa terminologia (BEZERRA, 2006).

Bhatia (1993) destaca que o propósito comunicativo representa as regularidades típicas da organização do gênero. O autor defende ainda que essas regularidades devem ser consideradas como cognitivas, já que elas refletem as estratégias que os membros de uma determinada comunidade de discurso profissional utilizam na elaboração e entendimento do gênero – um conhecimento social convencionalizado dentro de uma comunidade.

Swales (1990) também afirma que, de acordo com seu entendimento do propósito, os membros utilizam as convenções que realizam o gênero com o propósito apropriado.

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha focado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero (SWALES, 1990, p. 58).

Infere-se, em virtude disso, que tal autor considera ainda que o propósito comunicativo determina a ação retórica e que só há compreensão do propósito comunicativo quando se analisa o gênero. Em tal viés, “o propósito seria a força que estabelece o foco da ação retórica do gênero” (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO; SOUSA, 2009, p. 26). O conceito, em sua concepção original, é o critério privilegiado na definição de gênero, pois embasa o gênero e determina não apenas a sua estrutura esquemática, mas as escolhas de conteúdo e estilo, que são entendidas, na visão de Bakhtin (2003), como indissolivelmente ligadas no todo do enunciado e são igualmente determinadas pela especificidade de um dado campo da comunicação. Os gêneros também têm suas especificidades, sendo tal conjuntura definidora sua forma prototípica. Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 113) explicam que

um texto será classificado como sendo do gênero se possuir os traços especificados na definição de gênero. Por outro lado, pode-se usar o critério de semelhança para a classificação no gênero, ou seja, a inclusão no gênero pode ser determinada pela semelhança com outros textos na grande família do gênero.

Por conseguinte, aqueles textos que possuem semelhanças dentro de uma determinada categoria são protótipos.

Outra característica que merece destaque diz respeito à razão ou à lógica subjacente do gênero. Afinal, “o gênero tem uma lógica própria porque assim serve a um propósito que a comunidade reconhece” (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 114).

De sua parte, a terminologia elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso depende da situação em que ocorre e como ocorre tal gênero. Para que não reste nenhuma dúvida, é preciso que se perceba o comportamento comunicativo dos interlocutores e se dê conta da evolução e função dos gêneros, uma vez que cada gênero desempenha determinada função dentro da interação social.

Desse modo, conclui-se que a concepção sociorretórica do gênero textual leva em consideração o gênero, o propósito comunicativo e a comunidade discursiva. São esses os elementos fundamentais para a compreensão da abordagem cuja percepção do gênero se dá em uma situação recorrente. O gênero é analisado, portanto, por meio de sua estrutura retórica e prototipicidade, já que faz parte de uma dada comunidade discursiva.

Infere-se, assim, que a concepção sociorretórica derivou de estudos dos gêneros textuais, propósito comunicativo e comunidade discursiva. O gênero textual foi tomado como ponto de partida de tal estudo e imbricado à classe de eventos comunicativos, aos propósitos comunicativos, à prototipicidade, à lógica subjacente ao gênero e à terminologia elaborada pela comunidade discursiva para seu próprio uso.

Os gêneros acadêmicos e profissionais são estudados por intermédio da concepção sociorretórica por possuírem certa regularidade, um propósito comunicativo e por fazerem parte de alguma comunidade discursiva.

Convém reforçar, ainda, que os estudos sociorretóricos apresentam uma concepção de linguagem baseada nos princípios traçados por Swales (1990), segundo os quais o contexto é importante para se compreender o texto e verificar que esse se dá com um propósito comunicativo dentro de uma comunidade discursiva.

Ademais, o modelo criado por Swales (1990) permite a análise de gêneros mais satisfatoriamente, buscando observar os traços mais evidentes e o propósito que solidificam as práticas discursivas materializadas nos gêneros. Por certo, ao se apresentar a concepção sociorretórica do gênero, evidencia-se o caminho percorrido, iniciando-se com o conceito de gênero e, em seguida, com os conceitos de comunidade discursiva e o propósito comunicativo.

Após essa abordagem acerca das concepções dos gêneros, cabe apresentar algumas considerações importantes sobre os gêneros acadêmicos.

## 1.2 Gêneros Acadêmicos

Os gêneros acadêmicos são textos que circulam na universidade entre professores, pesquisadores e alunos. Dentre esses gêneros, pode-se apresentar fichamentos, resumos, resenhas, artigos, entre outros. Eles podem possuir diversos objetivos, desde produção e sistematização de conhecimento até a avaliação.

Para Motta-Roth e Hendges (2010), os gêneros acadêmicos podem ser reconhecidos pela forma particular com que são construídos, pelo tema e objetivo do texto, pelo público-alvo para quem se escreve e pela natureza e organização das informações incluídas no texto.

A interação entre os indivíduos na sociedade ocorre por intermédio de gêneros - e dentro da universidade não é diferente. Nesse ambiente, há o predomínio de gêneros que representam as práticas discursivas dos alunos e dos professores-pesquisadores, o que, para Bakhtin (2003, p. 261), se confirma nos diversos campos da atividade humana ligados pelos usos da linguagem: “Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana”. Os gêneros, nesse sentido, regulam e orientam as práticas discursivas sociais acadêmicas.

Para Penha (2009), os gêneros acadêmicos são produzidos na esfera acadêmica e os seus produtores devem se utilizar do discurso acadêmico. De acordo com Dell’isolla (2008), os gêneros acadêmicos são textos escritos que são produzidos e circulam na universidade como meio de comunicação entre professores, pesquisadores e alunos com diferentes propósitos comunicativos.

Sob tal prisma, Aranha (2009, p. 465) problematiza a questão dos gêneros acadêmicos e seu domínio:

[...] a necessidade de dominar gêneros acadêmicos é inquestionável, mas os meios para alcançar esse domínio parecem ser limitados. Cursos de graduação no Brasil não incluem disciplinas cujos objetivos são desenvolver as habilidades de escrita dos alunos, nem mesmo em sua língua materna.<sup>9</sup>

Há uma variedade desses gêneros e, conforme pontua Swales (1990, 2004), são padronizados, pertencem a uma determinada comunidade discursiva e têm um

---

<sup>9</sup> “The need to master academic genres is unquestionable, but the means to achieve mastery seem to be limited. Graduate courses in Brazil do not include disciplines whose aims are to develop the students’ writing skills, not even in their mother tongue” (ARANHA, 2009, p. 465).

propósito comunicativo. Kersch (2014) destaca ainda que para conseguir produzi-los é preciso conhecer algumas convenções da língua e apropriar-se de recursos valorizados pela universidade.

Motta-Roth e Hendges (2010) defendem que os gêneros acadêmicos apresentam e mantêm uma estrutura mais rígida do que a de outros textos em geral, uma estrutura na qual a introdução, o desenvolvimento e a conclusão sejam partes bem marcadas.

Em um espaço social e historicamente constituído, onde são praticadas convenções acadêmicas, o estudo dos gêneros textuais é capaz de elevar consideravelmente a valorização do texto científico, como ressalta Motta-Roth (2002). Contudo, o gênero acadêmico pode ser interpretado de variadas formas quando visto pela perspectiva do sujeito e, conseqüentemente, cria-se um destaque para determinado processo interativo entre autor e leitor. Qualquer uma das posições adotadas – leitor ou autor – há a posse do indivíduo enquanto mediador do processamento de ensino-aprendizagem dos gêneros acadêmicos, criando uma inter-relação entre as duas posturas.

Como já mencionado, os gêneros acadêmicos têm sido elaborados na contemporaneidade por professores, estudantes e pesquisadores. Uma quantidade razoável de artigos, resenhas, ensaios, resumos, entre outros gêneros tem sido produzida no âmbito das universidades. Esses textos possuem especificidades, como tempos verbais adequados, linguagem formal, expressam uma opinião ou apresentam as ideias originais do autor, entre outros aspectos. Ou seja, o gênero é organizado mediante convenções discursivas específicas que se consolidam dentro dos grupos. As comunidades discursivas, por sua vez, têm a capacidade de desenvolver gêneros com léxico próprio que sirvam aos seus objetivos específicos.

Miller (1984) reitera que o conhecimento do gênero é fator decisivo para os membros de uma comunidade discursiva. Já para Swales (1990), os propósitos comunicativos são reconhecidos pelos mais experientes da comunidade discursiva, tornando as noções de gênero e comunidade intrinsecamente relacionadas. Esse mesmo autor concebe a definição de comunidade discursiva relacionada à produção de textos como uma atividade social concretizada por intermédio de convenções específicas que revelam o comportamento social de um grupo.

Em tal viés de análise, Hyland (2007) agrega que os gêneros acadêmicos são caracterizados como aqueles que são produzidos e configurados na universidade e

sob determinadas normas. De modo a exemplificar, cita-se o artigo acadêmico, o resumo acadêmico, a resenha acadêmica, a monografia, a dissertação, a tese, entre outros, sempre gêneros acadêmicos construídos em comum acordo com as características da própria comunidade discursiva e com a cultura disciplinar que a ela se refere. Segundo o autor, há o pressuposto de que campos disciplinares distintos constroem de maneira diferente os gêneros acadêmicos.

Sobre os textos escritos academicamente, Hyland (2007) afirma que são constituídos como formas de realização do discurso acadêmico e, enquanto prática de escrita, precisam ser entendidos como meio social coletivo. O autor compara tais textos como uma espécie de força vital da academia, por meio dos quais os indivíduos responsáveis são capazes de produzir e compartilhar conhecimento, estabelecendo hierarquias e mantendo autoridade cultural.

Caminhando nessa direção, Motta-Roth e Heberle (2005) afirmam que para se elaborar um gênero acadêmico é preciso a consciência do objetivo comunicativo do gênero acadêmico, do papel social dos participantes da interação, bem como o objeto de estudo da comunidade discursiva. Apropriar-se de termos adequados, fazer leituras e observar a estrutura retórica que compõe o gênero são tarefas fundamentais para que não ocorram divergências, desvios ou fugas em relação à forma tida como prototípica, haja vista a especificidade do uso de cada gênero na interação social.

Na sequência, tratar-se-á do gênero resenha, pontuando o que alguns autores afirmam acerca desse gênero.

### **1.3 Resenha**

Na perspectiva sociodiscursiva, segundo Bakhtin (2004), é possível dizer que a resenha é um gênero dialógico, porque nela ecoam várias vozes. Na concepção sociorretórica (SWALES, 2004), a definição desse gênero apoia-se na análise linguística, em que se pode observar a escolha prototípica do gênero e as escolhas lexicais que o configuram como prática social em função da sua organização retórica e dos seus propósitos comunicativos. Na abordagem sociossemiótica (BERNSTEIN, 1990; HALLIDAY, 1994; HASAN, 1999), a resenha é concebida como um sistema sociossemiótico, por se entender que as relações sociais influenciam os padrões de

seleção do que é dito, quando é dito e como é dito. Sob essa perspectiva, o texto é a forma visível, palpável e material da relação social (BERNSTEIN, 1990).

Andrade (1995) define resenha como um tipo de resumo crítico, contudo mais abrangente, pois permite comentários, opiniões e julgamentos. A resenha pode ser considerada uma espécie de resumo acrescido de apreciação da obra. Destarte, além de apresentar um resumo do conteúdo da obra, é necessário que o resenhista comente e avalie o texto. Essa avaliação, segundo Costa e Salces (2013, p. 243), pode ser guiada por perguntas como:

- 1) Qual é a coerência interna da obra?
- 2) Qual é a originalidade do texto?
- 3) Qual é a validade das ideias?
- 4) Quais contribuições apresenta?
- 5) O autor atingiu os objetivos propostos?
- 6) O texto supera a pura retomada de textos de outros autores?
- 7) Há profundidade na exposição das ideias?
- 8) A conclusão está apoiada em fatos?
- 9) Que questões o texto levanta? (problematização)

Esse gênero, geralmente, não é muito extenso e pode ter como texto-fonte uma obra de arte ou um livro.

A resenha, nesta pesquisa, será concebida como um gênero textual acadêmico. Motta-Roth e Hendges (2010, p. 28-29) apontam que a “análise desse gênero nos indica que, ao resenhar um livro, desenvolvemos quatro etapas em que realizamos as ações de: apresentar, descrever, avaliar e recomendar ou não a obra resenhada”.

Ademais, a resenha é um texto que auxilia na divulgação de livros normalmente atuais. Muitas vezes, seções inteiras de periódicos são destinadas às publicações de resenhas de livros. Nesse sentido, ela pode ser também nomeada de resenha científica, por estar concentrada na avaliação do conteúdo; ou crítica, por exigir não só o julgamento de verdades, mas também outros fatores como questões mais subjetivas; ou temáticas, quando discorrem sobre vários textos de diferentes autores, mas com o mesmo tema. Nesta pesquisa, escolheu-se a resenha acadêmica para a realização da análise descritiva do gênero.

Cabe mencionar que uma das habilidades requeridas ao resenhista para a produção do gênero resenha é a de descrever e de assumir um posicionamento crítico diante do assunto, o que possibilita um diálogo com vários outros textos já lidos dentro da universidade. Motta-Roth (1995) defende que a produção de resenha

é uma oportunidade para que os escritores inexperientes – no caso, os graduandos – sejam iniciados no debate acadêmico. Nessa perspectiva, pode ser utilizada nas diferentes disciplinas como forma de avaliar os alunos acerca da compreensão de um texto, como defende Bezerra (2001).

Machado (2003) pontua ser de grande relevância, no contexto de formação, que o aluno desenvolva a capacidade de avaliar diferentes visões sobre uma mesma teoria ou objeto. Para esse autor, ao mobilizar as operações cognitivas na produção de resenha, o produtor pode mobilizar conteúdos de outros textos.

Sobre esse ponto, Penha (2010, p. 45) afirma que

Para produzir uma resenha acadêmica, o produtor deve obedecer às características quanto à estrutura e à organização desse gênero que vão ao encontro da discursividade, como: a expressão subjetiva do autor; a inserção de diferentes vozes; a compreensão do texto a ser resenhado. Vale ressaltar que a leitura é o ponto principal para a produção da resenha, pois é por meio dela que o leitor-produtor vai avaliar, analisar, refletir sobre pontos de vistas e construir sentidos, para, em seguida, produzir a resenha.

Diante tal conjuntura de trabalho com a resenha, Machado (2003, 2005) defende em seus estudos que resumir com eficácia um texto é condição essencial para resenhá-lo.

Já para os escritores experientes, segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 24), é uma oportunidade de publicação

[...] em periódicos acadêmicos, em seção diferente daquela em que os artigos aparecem, pois os objetivos de ambos os gêneros diferem. A resenha é um texto que resume e avalia um livro. Geralmente, o livro resenhado foi publicado recentemente e constitui uma contribuição relevante para a área. O resenhador, então, dá referências sobre esse livro, seu autor, conteúdo e organização, avaliando a importância do livro para a área e a qualidade e a inovação da contribuição dada por ele. O vocabulário usado na resenha inclui palavras que refletem a avaliação (mais ou menos) positiva ou negativa do livro, explicitando a visão particular do resenhador sobre o livro.

Desse modo, a resenha é tida como um texto abrangente, no que tange ao desenvolvimento da leitura e da escrita e ainda colabora para a ampliação de conhecimento acerca de várias temáticas, como também pode ser bastante útil para a divulgação de livros e trabalhos e para disseminação do conhecimento sobre assuntos diversos.

Nesta pesquisa, a resenha foi escolhida como cópua por ser um gênero utilizado para avaliar o conhecimento dos alunos acerca de alguma obra estudada

em sala e também servir como trabalho avaliativo. Além disso, o aluno pode demonstrar o que aprendeu sobre a obra estudada por intermédio da produção da resenha. Trata-se de um texto curto e para sua elaboração exige-se conhecimento acerca da obra resenhada, para que se possa ter condições de fazer as apreciações/avaliações positivas ou negativas.

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) afirmam ainda que a resenha é um texto sobre outro texto, de outro autor. Portanto, a resenha vem acompanhada de comentários feitos pelo resenhista, o que exige cuidado, por se tratar de menções feitas tanto pelo resenhista quanto pelo autor do texto original.

Ao produzir uma resenha, o produtor desse texto deve utilizar os procedimentos adequados para a inserção de várias vozes dentro do texto, para que fique claro ao leitor o que foi dito pelo resenhista e pelo autor da obra. Um recurso para tal é a utilização de variados verbos ou expressões cuja função é introduzir a voz do autor na obra.

Para Medeiros (2013, p. 145), a resenha é um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de texto: descrição, narração e dissertação.

Em tal prisma de análise do gênero, Carvalho (2005) afirma que as resenhas de livros podem servir de registro importante para vários pesquisadores e podem ser utilizadas por guias de leituras. Para a autora é imprescindível observar quem escreve, com que intenção escreve, que convenções são obedecidas e quais são desprezadas, podendo motivar a produção escrita.

A resenha é um gênero que depende, totalmente, das competências e habilidades no momento da elaboração do texto. Além disso, necessita de exposição de opiniões consistentes de leitura, ou seja, “apreensão, compreensão, inferência e transformação de significados a partir de um registro escrito” (DELL’ISOLA, 1988, p. 38).

De acordo com Severino (2003), a escrita de resenhas é importante para desenvolver a mentalidade científica e para a introdução de elaboração de trabalhos acadêmicos.

Já Araújo (1997) considera que as resenhas críticas são como um tipo de gênero discursivo que tem um objetivo claro e definido: descrever e avaliar o conteúdo do livro apreciado.

Desse modo, cada autor, à sua maneira, conceitua o gênero resenha e traz a capacidade de reflexão sobre esse tipo de escrita acadêmica, cuja atividade está inserida na universidade tanto para mostrar conhecimento de algum livro ou capítulo de livro quanto para ser utilizada como trabalho avaliativo, já que diz respeito a um gênero que envolve aspectos como resumir e apresentar uma opinião argumentada sobre o texto original (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004).

Assim, no intuito de descrever esse gênero nesta pesquisa, cabe observar a estrutura retórica do gênero resenha, como se verá mais adiante deste estudo.

### 1.3.1 Estrutura retórica

A estrutura retórica compreende a organização do texto e a relação das partes do texto. Swales (1990) define tal estrutura como modelo CARS (Create a Research Space), que em português significa criar um espaço de pesquisa. Por meio de tal modelo, é possível realizar uma descrição sociorretórica do gênero, com foco em sua forma prototípica, ou seja, nos movimentos retóricos comuns de um determinado gênero. Segundo Bezerra (2001, p. 27-28), “as possibilidades de adaptação do modelo têm evidenciado seu potencial como um instrumento significativo para a investigação e mapeamentos dos gêneros”.

O modelo CARS possibilita a visão do gênero enquanto ação retórica, sendo capaz de permitir que haja a compreensão de que modo o discurso se organiza por meio das funções que cada movimento retórico exerce. As afirmações de Swales e Feak (1994, p. 31) remetem à noção de que o movimento pode ser entendido como um “ato comunicativo delimitado que tem a função de realizar um objetivo comunicativo principal dentro do objetivo comunicativo maior do gênero”.

Para Motta-Roth e Hendges (1998), o modelo CARS é de expresso raciocínio swalesiano, responsável por compreender uma estrutura retórica baseada em dois níveis hierárquicos de informação. De um lado, há os movimentos (*moves*), estágios textuais de caráter informacional mais abrangente, enquanto que o outro nível hierárquico faz menção aos passos (*steps*), possuidor do caráter informacional menos abrangente.

Ainda para Motta-Roth & Hendges (1998), expressa-se movimento como:

Um bloco de texto que pode se estender por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica (p. ex., em artigos científicos, estabelecer o território epistemológico da área), e que, juntamente com outros movimentos, constitui a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um dado gênero do discurso (MOTTA-ROTH & HENDGES, 1998, p. 127).

Nesta pesquisa, em que o gênero analisado é a resenha acadêmica, tem-se “como objetivo social descrever e avaliar o conteúdo de um livro recentemente lançado no mercado editorial e direcionado àqueles interessados na contribuição da obra para determinado campo disciplinar” (ARAÚJO, 2009, p. 78). Desse modo, a estrutura retórica de uma resenha engloba a introdução da obra, mediante apresentação do tema, do autor e dos trabalhos anteriores já realizados. Em seguida, apresentam-se a organização e o conteúdo da obra resenhada para depois ser procedida à avaliação positiva ou negativa da obra. Por fim, indica-se a obra expressando a relevância de estudá-la.

Sob argumentos descritivos acerca da composição da resenha, Motta-Roth e Hendges (2010) definem como fornecimento de opinião crítica sobre um determinado livro, de forma que, tanto o resenhador – sujeito determinado a descrever e avaliar uma obra partindo de seu conhecimento adquirido ao longo do tempo sobre o assunto destacado - quanto o leitor têm objetivos convergentes. A convergência é posta em pauta considerando que o autor da resenha fornece uma visão crítica e o leitor busca tal informação. Interessadas em estruturar retoricamente a resenha, Motta-Roth e Hendges (2010) demonstram quatro etapas, por meio das quais o resenhador realiza os seguintes movimentos retóricos: 1) apresentar, 2) descrever, 3) avaliar e 4) (não) recomendar o livro.

Para a investigação das ocorrências e a frequência dos *moves* e subfunções nas resenhas, apresentar-se-á o modelo de Motta-Roth (1995) para a descrição dos movimentos retóricos, o que pode ser observado a seguir:

#### QUADRO 1: ESTRUTURA RETÓRICA DE MOTTA-ROTH (1995)

MOVE 1	INTRODUZIR O LIVRO	
Subfunção 1	Definindo o tópico geral do livro	e/ou
Subfunção 2	Informando sobre leitores em potencial	e/ou
Subfunção 3	Informando sobre o autor	e/ou
Subfunção 4	Fazendo generalizações sobre o tópico	e/ou
Subfunção 5	Inserindo o livro na área	

<b>MOVE 2</b>	<b>SUMARIAR O LIVRO</b>	
Subfunção 6	Promovendo uma visão geral do livro da organização do livro	e/ou
Subfunção 7	Apresentando o tópico de cada capítulo	e/ou
Subfunção 8	Citando material extratextual	
<b>MOVE 3</b>	<b>DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>	
Subfunção 9	Provendo avaliação direcionada	
<b>MOVE 4</b>	<b>PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>	
Subfunção 10 <sup>a</sup>	Recomendando/desqualificando completamente livro	Ou
Subfunção 10B	Recomendando o livro apesar de indicar limitações	

Fonte: Adaptado de Motta-Roth (BEZERRA, 2001, p. 30)

No que tange à forma prototípica proposta por Araújo (1996), observa-se o quadro a seguir, que apresenta a estrutura retórica do gênero resenha:

#### QUADRO 2: ESTRUTURA RETÓRICA DE ARAÚJO (1996)

<b>MOVE 1</b>	<b>ESTABELEECER O CAMPO</b>	
Estratégia 1	Fazendo generalizações sobre o tópico	e/ou
Estratégia 2	Alegando centralidade	e/ou
Estratégia 3	Indicando a audiência pretendida	e/ou
Estratégia 4	Informando o leitor sobre a origem do livro	e/ou
Estratégia 5	Apresentando o objetivo do livro	e/ou
Estratégia 6	Referindo-se a publicações anteriores	
<b>MOVE 2</b>	<b>SUMARIAR O CONTEÚDO</b>	
Estratégia 7	Descrevendo a organização do livro	e/ou
Estratégia 8	Apresentando/discutindo o conteúdo do livro	e/ou
Estratégia 9	Avaliando o livro	e/ou
Estratégia 10	Apresentado sugestões para aperfeiçoamento	
<b>MOVE 3</b>	<b>PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>	
Estratégia 11	Recomendando/desqualificando o livro	e/ou
Estratégia 12	Sugerindo futuras aplicações	

Fonte: Adaptado de Araújo (BEZERRA, 2001, p. 37)

Após apresentar os modelos propostos por Motta-Roth e Araújo, nota-se que as resenhas podem ser, assim, entendidas como ação social, constituídas de movimentos retóricos, o que significa que é importante levar em consideração a

comunidade discursiva e a peculiaridade do gênero, os objetivos em comum e como se efetiva a comunicação em tal prática discursiva. As comunidades discursivas, normalmente, utilizam léxico específico e têm um propósito comunicativo em comum.

Tendo em vista a estrutura retórica da resenha, Biasi-Rodrigues, Araújo e Sousa (2009), levantam as seguintes questões para facilitar a análise/compreensão desse gênero: a) O que faz um modelo ser “bom”? b) Quais são as relações entre modelos e discursos associados a eles? c) Qual o papel dos modelos na análise do discurso?

Para Bezerra (p. 25, 2001), “o exame da estrutura retórica de exemplares de gênero assumiu, através de Swales (1984, 1990), a forma de um modelo constituído por *moves* que são as unidades maiores e *steps*, que são as subunidades dos *moves*”. O modelo CARS, conforme aponta Bezerra (2001), pode ser adaptado para subsidiar a compreensão/análise de variados gêneros acadêmicos e, também, profissionais. Destarte, tal modelo pode ser utilizado na investigação e no mapeamento do gênero resenha, que é o objeto desta pesquisa.

Irmanado a essas assertivas, no próximo tópico, abordar-se-á a estrutura léxico-gramatical do gênero.

### **1.3.2 Estrutura léxico-gramatical**

Um dos critérios indicados por Swales (1990) para a caracterização de uma comunidade discursiva refere-se ao léxico, ou seja, ao uso específico de palavras ou expressões que constituem o perfil dos seus integrantes. Segundo Bernardino (2000), a constituição de um perfil de um grupo social por meio do uso do léxico contribui para o estabelecimento da coesão dos textos produzidos por essa comunidade.

Os autores Reiff e Bawarshi (2013) são enfáticos ao conceberem a retórica como ação simbólica sob a qual os seres humanos se apropriam plenamente da linguagem a fim de estabelecer interação e cooperação. Nesse sentido, o processo de interatividade da retórica altera diretamente a realidade social. Logo, o exame da maneira como os gêneros atuam como meios simbólicos fundem-se como uma cooperação social.

Logo, o que se percebe é que a organização retórica de um gênero é sinalizada por marcadores léxico-gramaticais na superfície do texto (ARAÚJO, 1996; MOTTA-ROTH, 1995; BIASI-RODRIGUES, 1998). Nas palavras de BIASI-RODRIGUES (1998, p. 10), “a dimensão social da linguagem e as suas funções de uso [...] vêm sendo colocadas em evidência por diversas teorias que se ocupam do texto como produto de uma atividade linguística”. Swales (1990) assinala que os mecanismos léxico-gramaticais que estabelecem a rede de relações na superfície do texto são largamente investigados para compor o quadro teórico-descritivo da linguagem em uso.

Diante das características que definem os gêneros, Miller (2012) defende o argumento de que uma noção de gênero, quando essa é retórica, deve privilegiar não a substância ou a forma do discurso, mas a ação empregada em sua realização. Como sugestão, a fim de validar o argumento, Miller (2012) pede para que sejam analisadas as relações entre gênero e situação recorrente e a maneira como o gênero pode expressar uma situação retórica tipificada.

Para Bakhtin (1988), somente no contexto real de sua enunciação se torna possível a concretização da palavra. Smith (1989), por sua vez, afirma ser impossível definir-se a estrutura gramatical de sentenças inteiras sem o conhecimento anterior de sua significação. Nesse sentido, uma resenha não pode ser vista como uma peça isolada, nem analisado apenas na manifestação da individualidade de quem o produz (FIORIN, 1990, p. 12).

Além disso, investigar-se-á a utilização de marcadores ou rótulos discursivos e o uso frequente de verbos no presente do indicativo (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Verbos esses que são chamados de enunciativos, de elocução ou *dicendi*, ou seja, verbos “de dizer”.

Tais verbos representam as ações atribuídas ao texto como, por exemplo: mostra, conta, apresenta, entre outros. Segundo Neves (2010), esses verbos são introdutores de discurso (discurso direto e discurso indireto). Para essa autora, os verbos de dizer ou verbos *dicendi*, que são os verbos de elocução propriamente ditos, são verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz.

De acordo com Garcia (2010), os verbos *dicendi* ou de elocução têm como principal função indicar o interlocutor que está com a palavra. Eles pertencem a nove áreas semânticas: a) de dizer (afirmar, declarar); b) de perguntar (indagar, interrogar); c) de responder (retrucar, replicar); d) de contestar (negar, objetar); e) de

concordar (assentir, anuir); f) de exclamar (gritar, bradar); g) de pedir (solicitar, rogar); h) de exortar (animar, aconselhar); i) de ordenar (mandar, determinar).

Nas resenhas acadêmicas, os verbos de dizer são, portanto, aqueles usados para indicar a opinião de um autor. Em tal gênero, são recorrentes os seguintes dicendi: falar, declarar, proferir, comentar, opinar, argumentar, observar, pontuar, destacar, salientar, sublinhar, ponderar, obtemperar, informar, notificar, revelar, retificar, corrigir, ratificar, confirmar, repetir, reiterar, assegurar, garantir, asseverar, ressaltar, ressalvar, frisar, enfatizar, narrar, contar, relatar, explicar, esclarecer, insinuar, evidenciar, contrapor etc.

Os rótulos discursivos, também escolhidos como foco de investigação desta pesquisa, indicam as estratégias de referência, articulação e organização dos discursos nas resenhas (FRANCIS, 1994). Os rótulos discursivos podem ser utilizados para permitir ao leitor a predição exata da informação que se seguirá. Para Motta-Roth (1997), os termos de elogio e crítica que partem do gênero resenha, normalmente, são lexicalizados por meio dos rótulos tidos como avaliativos. Além disso, eles ligam os tópicos, como aponta Francis (1994).

Para Bezerra (2001), ao utilizar as expressões rotuladoras, o resenhista pode indicar a articulação entre as diversas unidades de informação, no nível léxico-gramatical. Pode ainda revelar uma postura engajada e avaliativa. Nessa direção, Conte (1996) afirma que as expressões rotuladoras atuam como fatores de organização de tópicos no interior dos textos, ao oferecerem uma avaliação dos tópicos abordados, podendo até mesmo manipular o leitor.

Os rótulos discursivos, portanto, possuem função textual seja cognitiva, metadiscursiva ou argumentativa. Tais expressões nominais são utilizadas para categorizar ou recategorizar segmentos do texto que, segundo Conte (1996), podem sumarizar ou encapsular, atribuindo-lhe um rótulo. Refere-se a termos que podem ser tanto anafóricos quanto catafóricos e que se realizarão lexicalmente no contexto, comumente introduzidos por demonstrativo, despontando um novo objeto do discurso. Sendo a linguagem uma prática social que ocorre por meio de situações discursivas social e cultural, os referentes denominados objetos do discurso constituem-se na interação.

A referência, portanto, opera e seleciona o material linguístico da atividade discursiva relevante na construção do sentido. Assim, o que se observa é que a construção do objeto do discurso depende de estratégias da referência

(expressões nominais rotuladoras), cujas escolhas conduzem o interlocutor a construir determinada imagem, ou seja, observar por certo ângulo.

A anáfora e catáfora fazem parte da construção discursiva. A anáfora, chamada de retrospectiva, se reporta a expressões que, no texto, se referem a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais, contribuindo para a continuidade tópica ou referencial. Já a catáfora, que é prospectiva, sumariza e amplia a perspectiva da informação dada ou que virá a seguir no texto (MARCUSCHI, 2005).

Pontualmente serão analisados os problemas na utilização de marcadores e rótulos discursivos, a não utilização de verbos no presente do indicativo, a ausência ou escassez de verbos dicendi ou de elocução e a não conjugação dos verbos na 3ª pessoa.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda os caminhos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Inicialmente apresenta-se a caracterização da pesquisa, do espaço em que as resenhas-córpus desta pesquisa foram produzidas e do questionário socioeconômico aplicado para conhecer os sujeitos produtores das resenhas. Num segundo momento, explana-se acerca dos procedimentos utilizados para as coletas dos dados. Segue-se com uma explicação sobre a Linguística de Córpus, abarcando o córpus da pesquisa e o Programa *WordSmith Tool*. Encerrando o tópico, abordam-se os procedimentos utilizados para análise de dados.

### 2.1 Tipo da Pesquisa

Esta pesquisa objetiva descrever a organização retórica das resenhas produzidas pelos acadêmicos do curso de Letras da UEG, Unidade Universitária de Jussara, mediante investigação da distribuição das informações contidas nesses textos. Foi aplicada uma adaptação do modelo CARS (*Create a Research Space*), de John M. Swales (1990), feita por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Para o tratamento da distribuição das informações das resenhas, foi empregado o processo de segmentação e os aspectos formais foram tratados qualitativa e quantitativamente. Nesse sentido, a pesquisa é delineada diante do método misto, por combinar abordagem metodológica quantitativo-qualitativa e interpretativa.

Para Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de um fenômeno, que no caso desta pesquisa compreende as resenhas elaboradas por um grupo social (uma comunidade discursiva) pertencente à universidade. À luz dos apontamentos de Lima (2008), a pesquisa qualitativa valoriza a ideia de intensidade, em detrimento da ideia de quantidade, assim como a interpretação e a compreensão são pautadas na observação participante e na descrição densa. Mas também se faz relevante nesta pesquisa a abordagem quantitativa, que assim é explicada por Lima (2008, p. 27).

São pesquisas cujo propósito está orientado pela necessidade de verificar hipóteses previamente formuladas e identificar a existência ou não de relações entre variáveis privilegiadas. Ainda hoje grande parte da literatura disponível sobre metodologia de pesquisa reconhece os processos

intrínsecos aos métodos de vertente quantitativa como condição *sine qua non* de cientificidade para a investigação dos fenômenos físicos e culturais.

Segundo Lima (2008), o método qualitativo pode ser propício para a realização de pesquisas exploratórias cujos resultados favoreçam a identificação de hipóteses que valham a pena ser verificadas e/ou de variáveis que mereçam ser quantificadas.

Lima (2008, p. 41) ainda aponta a “crescente valorização de pesquisas acadêmicas que combinam o uso de recursos metodológicos típicos de métodos quantitativos e qualitativos”. Pesquisas quantitativas sem os aspectos qualitativos podem trazer limitações ao que está sendo investigado.

Por conseguinte, esta pesquisa é caracterizada como pesquisa mista (qualitativa-quantitativa). A utilização do método misto justifica-se pelo fato de os resultados poderem ser mais bem interpretados. No escopo deste estudo, dados qualitativos por si só não seriam suficientes para apresentar os resultados da investigação de forma relevante. Segundo Denzin (1970), a combinação de diferentes teorias, métodos e fontes de dados podem ajudar a superar o viés natural que atinge estudos com abordagens singulares.

Ainda no que diz respeito à abordagem qualitativa e quantitativa, acrescente-se que, em geral, elas são utilizadas com propósitos distintos. A vantagem da integração consiste em retirar o melhor de cada uma para responder a uma questão específica. A importância dessa integração se dá para confirmação e complementariedade dos resultados, o que neste estudo se dará por meio tanto da investigação qualitativa quanto quantitativa das resenhas acadêmicas. Creswell e Plano Clark (2011) definem métodos mistos como procedimento de coleta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo desenho de pesquisa.

Denomina-se procedimento de triangulação nas pesquisas a combinação do uso de recursos metodológicos típicos de métodos quantitativos e qualitativos (LIMA, 2008). A modalidade mista de investigação nas pesquisas, de acordo com Lima (2008), tem oferecido aos pesquisadores uma interpretação mais articulada de diferentes pontos de vista, o estabelecimento de ligações entre descobertas obtidas por fontes distintas, tornando a investigação mais compreensível.

Para Downey e Ireland (1979), existem vários pontos favoráveis em relação ao emprego da abordagem mista na pesquisa, a saber:

- a) Amplia a possibilidade de o pesquisador alcançar algum controle sobre os vieses resultantes do uso de métodos quantitativos sem comprometer o qualitativo;
- b) Aumenta a possibilidade de identificar variáveis específicas;
- c) Viabiliza a possibilidade de o pesquisador enriquecer constatações obtidas pelos métodos quantitativos com materiais conseguidos por meio dos métodos qualitativos;
- d) Amplia a validade e a confiabilidade das descobertas conquistadas pela pesquisa concluída por intermédio do emprego de técnicas diferenciadas.

No caso deste estudo, a investigação mista poderá auxiliar na manipulação das resenhas visando observá-las pelo viés qualitativo e quantitativo. Propõe-se a apresentação da quantidade de resenhas que fogem ao gênero e que são divergentes em relação às formas prototípicas propostas por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Para tanto, combinar-se-ão uma análise e uma segmentação do gênero, com o propósito de ser observado cada um dos movimentos retóricos realizados (representados por *moves*, subfunções ou passos).

No próximo tópico, far-se-á uma caracterização da pesquisa.

### **2.1.1 Caracterização da pesquisa**

Como já mencionado, a pesquisa empreendida para este estudo caracteriza-se como do tipo quali-quantitativo e abarca a análise e a segmentação do gênero resenha, segundo o modelo CARS de Swales (1990). O cópulo da investigação é constituído por vinte resenhas produzidas por acadêmicos do 5º período do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara.

A escolha dos acadêmicos recaiu, sobretudo, na disponibilidade dos docentes do 5º período em colaborar com a coleta de dados para este estudo, disponibilizando as resenhas produzidas pelos alunos no primeiro semestre de 2019. As resenhas foram coletadas de duas disciplinas e numeradas de 1 a 20 sendo 15 de Literatura Brasileira II e as demais de Psicologia da Educação. Elencamos, a seguir, as obras que foram resenhadas, com as respectivas referências:

Resenha	Livro	Referência
1	Madame Bovary	FLAUBERT, Gustave. <i>Madame Bovary</i> . Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2003.
2		
3		
4	Dom Casmurro	ASSIS, Machado. <i>Dom Casmurro</i> . 2ª edição. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
5		
6	O Cortiço	AZEVEDO, Aluísio. <i>O Cortiço</i> . São Paulo: Martin Claret, 2004.
7		
8	Dom Casmurro	ASSIS, Machado. <i>Dom Casmurro</i> . 2ª edição. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
9	O Crime do Padre Amaro	QUEIRÓS, Eça. <i>O Crime do Padre Amaro</i> . 15ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
10	O Cortiço	AZEVEDO, Aluísio. <i>O Cortiço</i> . São Paulo: Martin Claret, 2004.
11		
12	O Crime do Padre Amaro	QUEIRÓS, Eça. <i>O Crime do Padre Amaro</i> . 15ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
13		
14	Dom Casmurro	ASSIS, Machado. <i>Dom Casmurro</i> . 2ª edição. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
15	Psicologia da Aprendizagem	PILLETI, N.; ROSSATO, S.M. <i>Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo</i> . 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
16		
17		
18		
19		
20		

Fonte: elaboração própria. **Em azul** – Literatura Brasileira II/ **Em amarelo** – Psicologia da Educação.

Tendo em vista que a composição dos alunos por disciplina é de, em média, catorze alunos (participantes), foi necessário solicitar os textos a dois docentes. A pesquisa conta com um total de 14 participantes do 5º período de Letras, das disciplinas Literatura Brasileira II e Psicologia da Educação. Mesmo que o número de alunos matriculados no 5º Período seja superior ao número de resenhas coletadas por disciplina, apenas farão parte do estudo aqueles que responderam ao questionário e entregaram as resenhas para a análise.

Portanto, reiterando, nem todos os alunos matriculados nas disciplinas participaram desta pesquisa. Isto porque não atenderam às formalidades

regulamentares, como preencher o questionário socioeconômico elaborado, assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) ou entregar as resenhas para análise.

A não participação de alguns alunos já é algo previsível em pesquisas acadêmicas, até porque o engajamento em atividades como essa deve ser espontâneo. Ademais, trata-se de fenômeno natural tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, pois nem sempre os alunos realizam todas as atividades que lhes são solicitadas.

O próximo tópico tem como função caracterizar o espaço de produção das resenhas, neste caso a UEG da Unidade Universitária de Jussara.

### **2.1.2 Caracterização do Espaço de Produção das Resenhas**

A pesquisa foi realizada na Unidade Universitária de Jussara da Universidade Estadual de Goiás, situada na Rodovia GO-418, km 1, Setor Alto da Boa Vista. Essa unidade atende a alunos desse município e de toda a região circunvizinha (Matrinchã, Montes Claros, Fazenda Nova, Santa Fé de Goiás, Britânia, Bacilândia, Jacilândia, Novo Brasil, Itapirapuã, Aruanã, entre outras cidades). Tal unidade fica localizada há, aproximadamente, três quilômetros do centro da cidade e o seu espaço físico possibilita a criação de um ambiente propício para desenvolvimento das atividades intelectuais, garantindo a formação dos futuros profissionais. A área construída é de 1.500 m<sup>2</sup> e divide-se em quatro blocos, todos eles com pavimento térreo e superior. O restante do terreno é ocupado por um pátio jardimado e gramado, um estacionamento e uma quadra poliesportiva.

O prédio da Unidade Universitária é constituído por quatorze salas de aula, três delas utilizadas pelo curso de Letras, também três pelo curso de Matemática e ainda três pelo curso de Pedagogia. Cinco salas estão desativadas no momento. Há dois banheiros para os professores: um feminino e um masculino. Para os alunos há dois sanitários masculinos no térreo e também dois sanitários masculinos na parte superior, sendo também esse o número de sanitários femininos em ambos os andares. No térreo, há um banheiro adaptado para pessoas com necessidades especiais.

Há uma sala onde funcionam as coordenações dos cursos de Letras e Matemática e outra para a coordenação de Pedagogia, uma copa, uma cantina, uma

xerocopiadora, uma biblioteca, um miniauditório, um laboratório de informática,<sup>10</sup> um laboratório de Matemática, um almoxarifado, um centro de idiomas, uma sala da direção, uma coordenação administrativa, uma coordenação pedagógica, uma sala de recursos humanos, uma sala do estágio e uma secretaria acadêmica.

A Unidade Universitária dispõe de trinta computadores, todos com acesso à internet, quatorze televisores, três DVDs, três aparelhos de som portáteis, nove projetores (datashow) e duas caixas de som. Além disso, possui rede wi-fi, o que permite o acesso à internet a todos os servidores e alunos a partir de seus dispositivos móveis.

Seu corpo administrativo, em 2019, era composto por vinte e um funcionários – dezesseis deles temporários e cinco efetivos: um é secretário de direção, oito são auxiliares de serviços gerais, três são auxiliares de coordenação, um é secretário de registro acadêmico, um é auxiliar de biblioteca, três são auxiliares acadêmicos, um é encarregado de recursos humanos, um é assessor acadêmico, um é técnico de laboratório e um é coordenador administrativo.

O corpo docente era formado por dezenove professores que atuavam nos três cursos – Letras, Matemática e Pedagogia, dos quais dez eram efetivos e nove temporários. Quanto à formação, quatro eram especialistas, doze eram mestres e três doutores. No curso de Letras, atuavam doze professores: quatro especialistas, sete mestres e um doutor, dos quais sete eram temporários e cinco efetivos.

O corpo discente do Curso de Letras, em 2019, contava com 89 acadêmicos e sua preocupação era com uma formação de qualidade não restrita apenas à graduação, mas também à pós-graduação. Desde o ano de 2003, a Unidade Universitária de Jussara tem, de fato, interiorizado o acesso à pós-graduação na macrorregião do Vale do Araguaia, segundo o PPC (UEG, 2019) do Curso.

Essa instituição é referência na prestação de serviços à comunidade nas áreas de Matemática, Letras e Pedagogia. Seu princípio é de que o acadêmico é a peça mais importante da instituição, assim como enfatiza o respeito a si próprio e ao outro.<sup>11</sup>

Como sua atuação é no preparo de licenciados em Matemática, Letras e Pedagogia, a instituição desponta como instrumento fundamental na formação de

---

<sup>10</sup> O laboratório de informática com acesso à internet é local e utilizado pelos acadêmicos/professores para realização de pesquisas relacionadas ao processo ensino-aprendizagem.

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <[www.jussara.ueg.br](http://www.jussara.ueg.br)>.

professores dessas três áreas para a educação básica da rede pública e privada da região. Além disso, o estágio supervisionado realizado em seu ambiente acadêmico possibilita a relação universidade e sociedade, mediante o trabalho desempenhado por seus alunos nas escolas da cidade.

### **2.1.3 O questionário socioeconômico na pesquisa**

Para a coleta de dados nesta pesquisa, que envolve a observação direta da realidade, fez-se uso de um questionário. Trata-se, segundo Lima (2008), de uma técnica que pode conter diversas configurações, desde a elaboração das perguntas até a aplicação. Segundo M. M. Hill e A. Hill (2012), quando se aplica um questionário, pode-se ter vários objetivos gerais e buscar respostas para perguntas visando levantar fatos, perguntas gerais e específicas. Rea e Parker (2002), por sua vez, afirmam que um questionário possibilita a coleta de dados a respeito do tema, uma discussão em grupo, sobre as questões e informações acerca dos envolvidos na pesquisa.

Neste estudo, a aplicação do questionário buscou somente levantar dados sobre o perfil dos acadêmicos autores das resenhas do Curso de Letras. Trata-se de um questionário socioeconômico que foi empregado como suporte metodológico para coleta de dados e conseqüente levantamento de informações sobre a formação escolar, acadêmica, no que diz respeito ao acesso à educação, aos bens culturais, como literatura e textos diversos, oportunidades e incentivos para a busca de conhecimento formal, entre outros aspectos. Tais dados permitem traçar o perfil do sujeito envolvido, objetivando verificar como as conjunturas apontadas podem ser utilizadas para a compreensão da capacidade de escrita dos acadêmicos do Curso de licenciatura em Letras, da Unidade Universitária de Jussara da Universidade Estadual de Goiás. Em síntese, o questionário permite compreender melhor o perfil dos alunos do 5º período do Curso de Letras dessa instituição.

### **2.1.4 Caracterização dos sujeitos autores das resenhas**

Os sujeitos autores das resenhas são estudantes do 5º período do curso de graduação em Letras: Português/Inglês da Unidade Universitária de Jussara da Universidade Estadual de Goiás.

O número de autores envolvidos é de catorze acadêmicos, onze deles do sexo feminino e três do sexo masculino. Como já mencionado anteriormente, o número de autores é menor que a quantidade de resenhas-cópus coletadas. Isso porque as resenhas são de alunos que cursam as duas disciplinas no mesmo período. Desses catorze autores, sete são goianos, um nasceu em outro estado e seis deles não responderam a questão. Como residência, indicaram a cidade de Jussara e municípios circunvizinhos, como Fazenda Nova, Santa Fé de Goiás, Itapirapuã, Novo Brasil, Britânia, Betânia, Córrego do Ouro e Montes Claros. Para chegarem à universidade, os residentes em Jussara utilizam transporte próprio. Aqueles que moram em outros municípios dependem do transporte escolar oferecido pelas prefeituras.

No tocante à formação básica, nota-se que eles são egressos de escolas públicas e seus pais têm pouca ou nenhuma escolarização.

Em relação ao acesso à cultura digital e letrada, os autores possuem computadores conectados à internet, o que facilita o acesso à informação. Embora estudem em uma universidade pública, poucos deles tiveram acesso a bolsas nas modalidades Permanência, Monitoria, Ações Extensionistas, Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e Iniciação Científica.

Esses autores vivenciaram poucas leituras de livros, jornais e gibis na educação básica. Nesse sentido, nota-se que a universidade tem cumprido um importante papel em oportunizar ao acadêmico em formação o contato com o saber científico, promovendo em sala de aula e fora dela práticas leitoras. Ressalta-se também que o contato desses alunos com o gênero resenha ocorreu tanto no ambiente da educação básica quanto no Ensino Superior.

Em relação à proficiência escrita, os autores pontuaram que suas dificuldades podem estar associadas à formação nas séries iniciais diante da escassez de leituras, práticas de escrita textual e uso de bibliotecas. Na universidade, esses acadêmicos frequentam a biblioteca e os principais assuntos que despertam o interesse deles são os livros literários (contos, romances, entre outros gêneros), bem como temáticas concernentes à cultura africana, ao feminismo e leitura de *best sellers*. É importante ressaltar que, além dessas leituras, eles também gostam de assuntos variados, tais como política, diversidade, educação, moda, fofoca, relacionamentos etc. Como se vê, a formação leitora dos acadêmicos é permeada de uma diversidade de gêneros e temas que estão ligados, de certa forma, às

disciplinas nas quais foram coletadas as resenhas, sendo esses os aspectos que podem influenciar ou não na produção da resenha.

## 2.2 Coleta de dados

A coleta de dados seguiu os apontamentos da Linguística de Córpus – LC (SARDINHA, 2004), visando constituir um córpus por meio da língua em uso em formato digital. Para tanto, considerou-se o fato de a LC conceber a língua como algo em construção e romper com o conceito “acabado e hermeticamente fechado contra influências externas” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 23). Além disso, a LC se ocupa

[...] da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador (SARDINHA, 2004, p. 3).

Esses apontamentos orientaram a constituição do córpus – já caracterizado aqui anteriormente, em coleta feita nos meses de maio e junho de 2019.

A coleta só teve início após a correspondente aprovação no Comitê de Ética da instituição, por se tratar de pesquisa que envolve recursos humanos, devendo, dessa maneira, ser acompanhada e avaliada de acordo com as diretrizes éticas internacionais.

Para tanto, percorreram-se os seguintes caminhos:

- a. Submissão do projeto de pesquisa e do questionário socioeconômico ao Comitê de Ética no segundo semestre de 2018 (a realização da pesquisa foi aprovada no primeiro semestre de 2019, após cumprimento de todas as diligências);
- b. Produção das resenhas pelos alunos, após a solicitação dos professores;
- c. Autorização concedida pelos alunos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), para a coleta das resenhas e a aplicação do questionário socioeconômico;
- d. Consulta aos professores acerca da disponibilidade de coletar as resenhas produzidas em suas disciplinas em formato digital;

- e. Aplicação do questionário socioeconômico visando conhecer o perfil dos alunos produtores das resenhas-cópus;
- f. Coleta das resenhas pelos professores em formato versão digital (.doc e PDF).

Embora tenha sido aplicado um questionário socioeconômico com questões fechadas e abertas, esse instrumento não se constitui em cópus de análise desta pesquisa. Os dados coletados por ele visam apenas caracterizar os sujeitos produtores das resenhas.

A pesquisa contou com o auxílio de dois docentes da Unidade Universitária de Jussara que atuam no 5º Período de Letras. Os textos foram produzidos em situação cotidiana de sala de aula e sem qualquer tipo de monitoramento dos professores. Além disso, os alunos compuseram as resenhas sem conhecimento de que os textos constituiriam um cópus de uma pesquisa. Essa decisão foi tomada para evitar interferência na escrita, sendo que a autorização foi solicitada após a produção dos textos.

Ao solicitar as resenhas, os professores das disciplinas propuseram que, individualmente, os alunos fizessem uma resenha acadêmica de um livro ou um capítulo de livro.

Como destacado anteriormente, a quantidade de alunos-matriculados não é a mesma de alunos-participantes. Isso porque alguns alunos que responderam ao questionário e assinaram o TCLE não entregaram a resenha, também porque outros alunos que entregaram a resenha não estavam presentes no dia da aplicação do questionário e TCLE e ainda porque alguns alunos que estão matriculados não são frequentes na disciplina.

Assim, consideraram-se válidas para este estudo somente as resenhas dos alunos que responderam ao questionário socioeconômico e assinaram o TCLE, compondo um grupo de catorze alunos-participantes. Para a análise, estabeleceu-se um cópus de vinte resenhas dos acadêmicos do 5º Período do Curso de Letras. Atentou-se para a necessidade de preservar a identidade dos produtores das resenhas, substituindo os respectivos nomes por números e, assim, resguardando a origem e a identificação de cada texto.

### 2.2.1 O Córpus

O uso de computadores tem sido um instrumento revolucionário na área dos estudos linguísticos (SARDINHA, 2005). A invenção do computador possibilitou a realização de tarefas mais complexas e foi muito útil para a pesquisa em linguagem, fato concretizado em 1964, quando surge o primeiro córpus linguístico eletrônico denominado *Brown University Standard Córpus of Present-Day American English*, compilando um milhão de palavras (SARDINHA, 2004).

Nesse contexto, surge a Linguística de Córpus, que tem como pressuposto o estudo da linguagem verbal mediante grandes quantidades de dados empíricos, compilados com o auxílio do computador. O conjunto de dados coletados é o que se denomina córpus.

Portanto, córpus é uma coletânea de textos naturais (*naturally occurring*), escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de linguagem. Portanto, diz respeito à produção em atividade de interação humana (SINCLAIR, 1991). Segundo uma definição mais completa, um córpus linguístico é um conjunto de dados linguísticos, sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade. Por conseguinte, são representativos da totalidade do uso linguístico (SARDINHA, 2004).

Para ser considerado um córpus, são necessários alguns critérios (SYNCLAIR, 1991):

- a) a origem – os dados devem ser autênticos e escritos por falantes nativos;
- b) o propósito – é necessário que os dados sejam objeto de estudo linguístico;
- c) a composição – os dados precisam ser escolhidos e colhidos com critério;
- d) a formatação – é indispensável que os dados sejam legíveis por computadores;
- e) a representatividade – é essencial que os dados sejam típicos de uma língua ou variedade linguística; e
- f) a extensão – para ser representativo, é fundamental que o material seja vasto. Um córpus pode ser classificado por meio da quantidade de palavras, como se apresenta no quadro que segue:

### QUADRO 3: TAMANHO DO CÓRPUS

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
De 80 a 250 mil	Pequeno-médio
De 250 mil a 1 milhão	Médio
De 1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Fonte: ASSIS (2017, p.106).

No caso desta pesquisa, o cópús constitui-se de 20 resenhas, compondo 21.431 palavras. Mesmo considerado pequeno, esse cópús é suficiente para apresentar a análise descritiva da resenha que é proposta, que no caso é investigar as fugas, divergências e desvios em relação ao padrão associado à normalidade do gênero.

O cópús selecionado é constituído de textos breves de, em média, três páginas. Identificaram-se resenhas com 640 palavras e de até, no máximo, 1.895 palavras. Em geral, as peças textuais analisadas seguem a seguinte estruturação: a) referência bibliográfica; b) identificação do acadêmico e a instituição; c) a resenha de fato.

No caso deste trabalho, o cópús é de uma comunidade discursiva acadêmica e constituído de temas variados, concernentes a disciplinas do curso de Letras. Os textos foram produzidos em Língua Portuguesa e a acessibilidade ao material foi feita, reiterando, mediante autorização legal expressa pelo diretor, docentes e acadêmicos da instituição.

### 2.3 Procedimentos para a análise de dados

Para verificar as divergências, as fugas e os desvios nas resenhas foram utilizados o modelo CARs, de Swales (1990), adaptados por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996).

A análise descritiva do cópús dar-se-á por meio da segmentação das resenhas produzidas pelos acadêmicos, da análise dos movimentos retóricos com

seus respectivos passos e do exame dos rótulos e marcadores metadiscursivos, das estratégias de referência catafórica e anafórica e do tempo/modo dos verbos e a não utilização de verbos dicendi. Essa decisão foi tomada com base no apontamento de Swales (1984), que defende a segmentação como um procedimento adequado para análise da distribuição das informações em gêneros acadêmicos, categorizadas como unidades ou subunidades dos textos.

Nesse sentido, as resenhas passaram pela análise e segmentação objetivando verificar quais seguiam a forma prototípica. A segmentação é um procedimento recorrente na análise descritiva de gênero e já vem tendo sucesso desde o trabalho de Swales (1984) com as resenhas. Bezerra (2001) ressalta que o processo de segmentação pode ser marcado por idas e vindas e sujeito a revisões, uma vez que algumas hipóteses poderão ser confirmadas e outras refutadas ao longo da pesquisa.

Após a leitura e segmentação das resenhas-cópus, a análise dos dados segue as seguintes etapas:

- a. Verificar as fugas – nessa etapa, buscou-se observar se realmente os acadêmicos elaboraram o gênero resenha, ou se fugiram da proposta, fazendo um resumo, por exemplo;
- b. Mapear as divergências – nessa etapa, analisou-se se as resenhas produzidas pelos acadêmicos seguem a estrutura retórica proposta por Motta-Roth (1995) e/ou Araújo (1996). Para isso, valeu-se dos “pontos de maior conformidade com um ou outro modelo, ou divergências em relação a ambos” (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO, SOUSA, 2009, p. 98).
- c. Analisar os desvios em relação aos aspectos léxico-gramaticais – nessa terceira e última etapa, buscou-se demonstrar os desvios léxico-gramaticais em relação à rotulação meta(discursiva), às estratégias de referência e ao tempo/modo verbal utilizados ao longo do texto e a ausência/escassez de verbos dicendi. Para tal, utilizou-se o software *WordSmith Tools*, valendo-se das ferramentas *Concord* e *WordList*. Com base nos postulados de Biasi-Rodrigues (1998), muitas escolhas lexicais são evidenciadas e tratadas qualitativa e quantitativamente, como instrumentos funcionalmente determinados na condução das informações nas resenhas.

Para verificar se o acadêmico fugiu ao gênero solicitado, os textos foram analisados e comparados com a estrutura retórica postulada por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Na análise das divergências em relação à forma prototípica do gênero resenha, buscou-se detectar os movimentos retóricos e as estratégias utilizadas pelos acadêmicos autores das resenhas.

Para verificar os desvios em relação aos aspectos léxico-gramaticais, as resenhas-cópus foram analisadas com o auxílio do software *WordSmith Tools*, de modo a evidenciar as imprecisões ou a ausência de pistas lexicais explícitas que comprometeram o alcance dos propósitos comunicativos.

Destaca-se, contudo, que nesta pesquisa não se discutiu a qualidade das resenhas acadêmicas. Buscou-se, na verdade, a verificação de convenções e/ou acordos praticados pela comunidade discursiva acadêmica em relação ao gênero resenha, observando se tais acordos foram respeitados com maior ou menor margem de liberdade, no que diz respeito às questões de estilo (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO; SOUSA, 2009). Constata-se, diante disso, que os “gêneros não se constituem aleatoriamente, eles são determinados nas situações de uso, decorrentes de uma rotina interacional que influi na sua construção” (BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO; SOUSA, 2009, p. 75).

É neste sentido que esta pesquisa é do tipo quali-quantitativo., considerando que a abordagem qualitativa identifica a organização retórica por meio dos *moves*, das estratégias e dos traços de regularidades nos textos. Também se constitui quantitativa porque se refere à frequência de ocorrência de elementos obrigatórios ou opcionais.

No próximo tópico será abordado o Programa *WordSmith Tools* da Linguística de Córpus, instrumento fundamental para análise dos desvios referentes aos aspectos léxico-gramaticais neste estudo.

### **2.3.1 Programa *WordSmith Tools***

A utilização do *WordSmith Tools* como ferramenta para tabulação de dados linguísticos pode ser muito útil para o pesquisador, haja vista que algumas tarefas podem ser realizadas de forma rápida e com resultados surpreendentes.

O Programa *WordSmith Tools* “é o conjunto de programas integrados (suíte) destinados à análise linguística” (SARDINHA, 2009, p. 8). Foi criado, em 1996, pelo professor Mike Scott da *Oxford University Press*. Suas versões são distribuídas pela *Lexical Analysis Software Limited* e são executadas pelo *Windows*. Utiliza-se, nesta pesquisa, a versão 7.0.

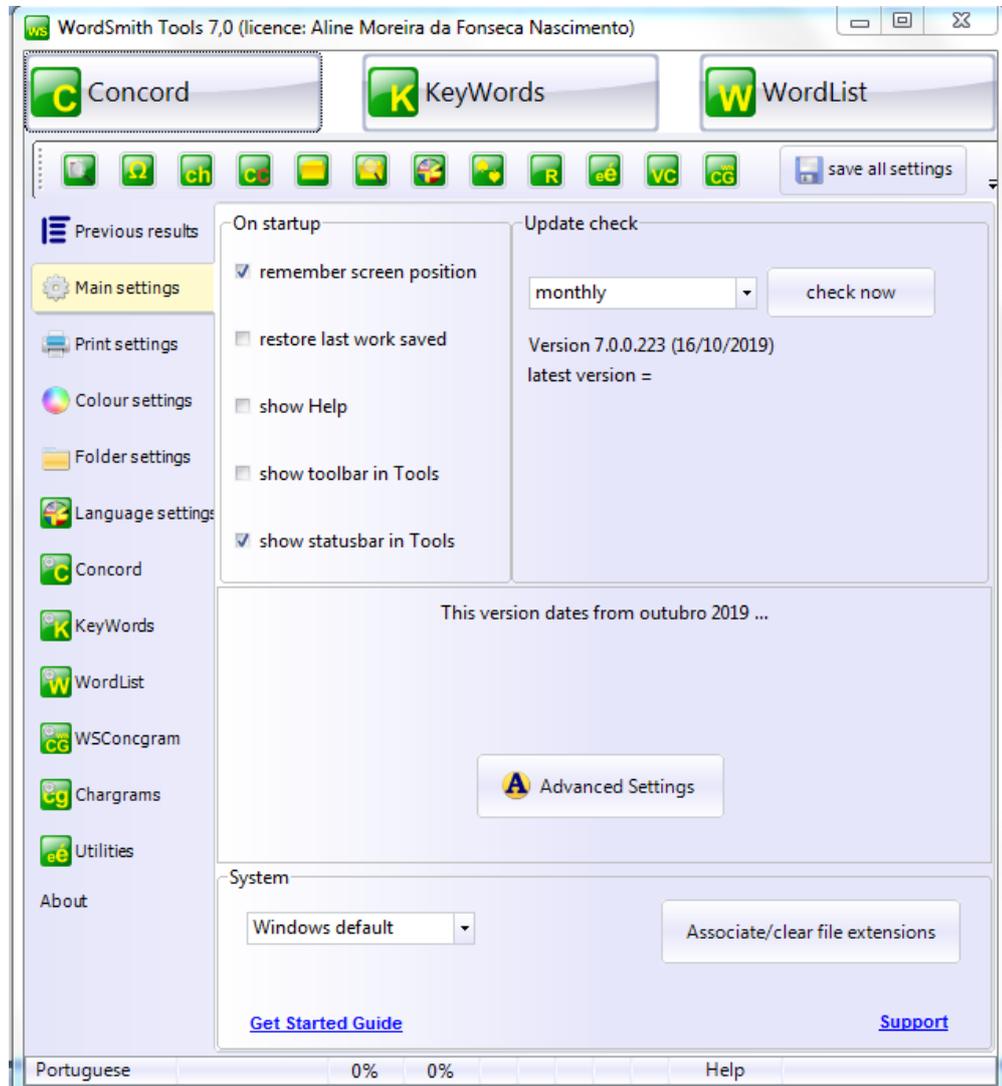
Trata-se de um software que possibilita a análise lexical, por ser uma ferramenta potencializadora na análise de vários aspectos da linguagem (SARDINHA, 2004). O software *WordSmith* ganhou grande destaque quando passou a auxiliar o linguista de cópua a lidar com grandes volumes de dados, por possibilitar a organização de listas de palavras e o levantamento de concordâncias e palavras-chave (SARDINHA, 2005).

Nesta pesquisa, o *WordSmith Tools* serve como objeto de análise, pelas seguintes vantagens, como apresentado por Sardinha (2005, p. 284):

O *WordSmith Tools* é rápido, também, devido ao fato de ter sido programado, em boa parte, em linguagem de máquina. Ele é abrangente, colocando à disposição do usuário ferramentas que podem ser usadas para tratar de um amplo leque de questões linguísticas. Mesmo as ferramentas básicas, como a lista de palavras e concordância, vêm com recursos extras (colocados, palavras de contexto, comparação de listas). Ele inova também ao introduzir ferramentas para análise textual (palavras-chave, bem como seus complementos, palavras chave-chave e associados) e para o estudo da fraseologia e colocação (“clusters” e listas de multipalavras). Finalmente, ele é relativamente barato e trata com fidelidade os caracteres acentuados da língua portuguesa (além, até mesmo, de outros alfabetos).

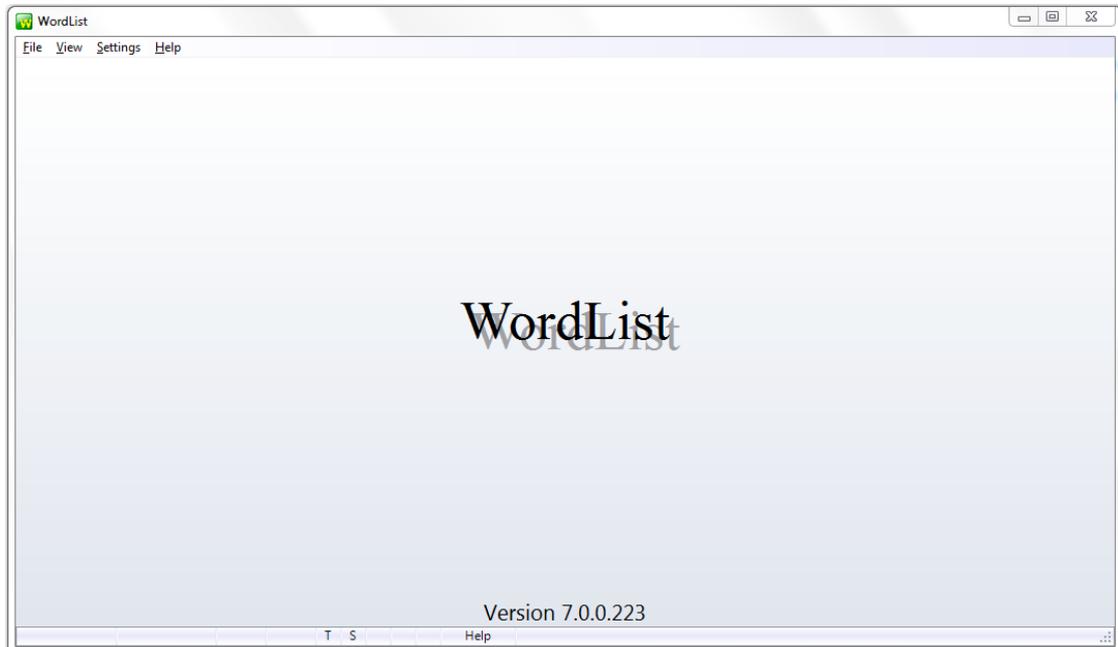
A seguir, apresenta-se a imagem que representa o software em sua versão 7.0:

**FIGURA 01: Representação do software *WordSmith Tools*, versão 7.0**



Fonte: Captura de tela (*WordSmith Tools*)

O *WordSmith Tools* possui ferramentas básicas: *WordList* e *Concord*. Entre os seus recursos básicos está o extrator de frequências *WordList*, que com facilidade “permite a confecção de listas de frequência de um texto ou cópús ordenadas sequencialmente por ordem alfabética ou de frequência” (SARDINHA, 2005, p. 275). Observa-se, na sequência deste estudo, a página inicial do *Wordlist*:

**FIGURA 02: PÁGINA INICIAL DO WORDLIST**

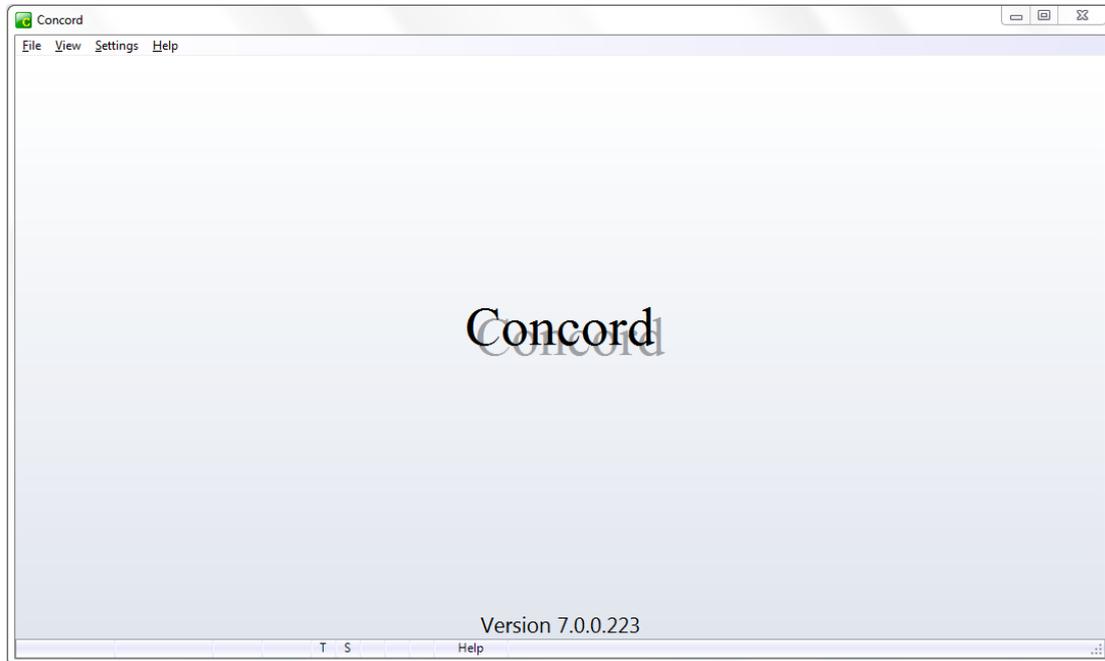
Fonte: Captura de tela (*Wordlist*)

Seguindo-se os comandos, essa ferramenta do programa processa os textos e, ao final, disponibiliza na tela as listas produzidas, que poderão ser salvas, impressas e reordenadas.

Registra-se que a lista do *cópus* de referência deve ser maior que a do *cópus* de estudo, de modo que é preciso dispor de listas prontas, que podem ser feitas no WordList, já que a ferramenta não as produz.

A terceira ferramenta básica é o *Concord*, que permite ao usuário buscar por palavras que estejam próximas das palavras de busca, os chamados colocados, bastando para tanto apenas digitá-las em *Context Word*. Outro aspecto que merece destaque nessa ferramenta “é que o usuário pode saber à qual posição dentro do texto corresponde a palavra de busca” (SARDINHA, 2005, p. 283).

**FIGURA 03: Tela inicial da ferramenta *Concord***



Fonte: Captura de tela (WordSmith Tools)

É importante destacar que os “colocados” são palavras que ocorrem na vizinhança de sua palavra de busca, oportunizando analisar padrões lexicais característicos ou comuns de coocorrência na língua (ASSIS, 2017).

O *WordSmith Tools* será usado neste estudo para analisar questões léxico-gramaticais nos textos coletados. Para tanto, serão utilizadas as ferramentas *WordList*, *Keywords* e *Concord*. Elas serão úteis para a organização de dados e a análise do cópuz em estudo. Com a ferramenta *WordList* será elaborada a lista de verbos mais utilizados nas resenhas pelos acadêmicos.

Aspectos como referência anafórica e catafórica serão apresentados com a ferramenta *Concord*. Essa ferramenta tem a capacidade de demonstrar as sentenças e os “colocados”, ou seja, palavras próximas às palavras de busca. O estudo da anáfora por computador já é uma prática totalmente plausível (SARDINHA, 2005). Por meio de um cópuz é possível levantar probabilidades de ocorrências de diversos tipos de anáforas. Afinal, “conhecer as probabilidades de

ocorrência dos eventos linguísticos é de suma importância para o desenvolvimento de sistemas computacionais para o entendimento da linguagem” (SARDINHA, 2005, p. 15).

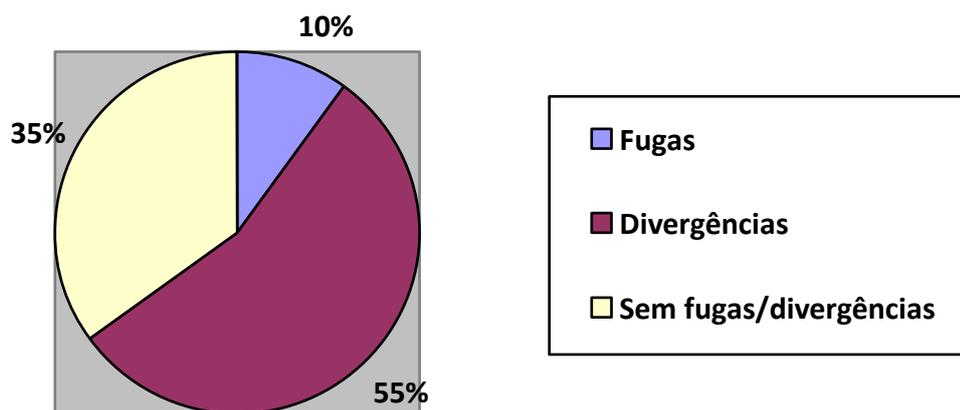
Serão observadas as *keywords*, o que será viabilizado pelo programa mediante “critério estatístico, quantitativo, para identificar as palavras-chave” (SARDINHA, 2004, p. 162). As chamadas palavras-chave são aquelas palavras individuais, sequência de palavras ou *clusters* cuja frequência é alta em um cópulo de estudo em comparação com outro cópulo (SCOTT, 2013). O uso frequente de um item lexical por um grupo de pessoas já representa a constituição de uma norma (BIDERMAN, 2001). A frequência lexical se constitui como uma das escolhas feitas pelos usuários da língua, que no caso desta pesquisa são os verbos mais utilizados pela comunidade acadêmica entre as 21.431 palavras do cópulo.

### 3 AS FUGAS, AS DIVERGÊNCIAS E OS DESVIOS NAS RESENHAS ACADÊMICAS

Neste capítulo, será apresentada a análise das fugas e das divergências em relação à estrutura retórica do gênero, bem como os desvios léxico-gramaticais das resenhas-cópus desta pesquisa. Como já citado, no segundo capítulo, o cópus desta dissertação é constituído de 20 resenhas. Os resultados da análise e descrição de tal cópus são representados nos gráficos a seguir.

Ao analisar o cópus, seguindo o modelo proposto por Motta-Roth (1995), observa-se que 2 (duas) resenhas fugiram à forma prototípica do gênero, 11 (onze) apresentaram divergências em relação à estrutura retórica e 7 (sete) foram produzidas de acordo ao que se espera para o gênero. Tais constatações podem ser feitas mediante observação do gráfico abaixo, que representa esses dados quantitativamente.

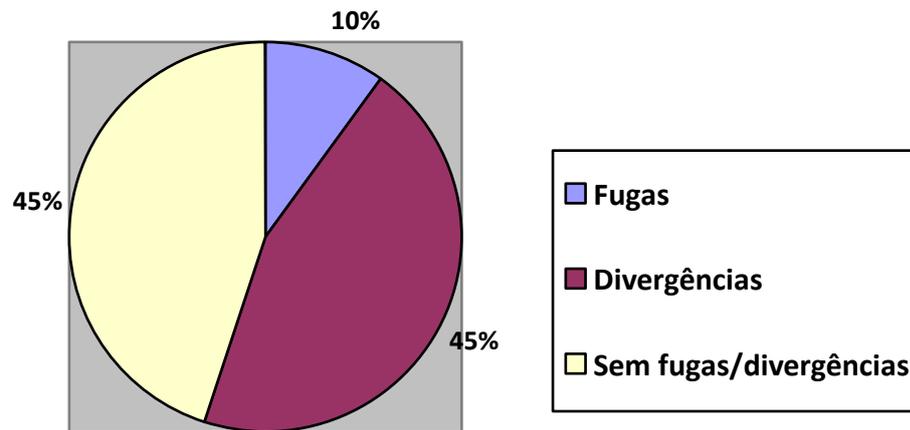
**Gráfico 01 – Análise segundo o modelo de Motta-Roth (1995)**



Fonte: elaboração própria, a partir do estudo de Motta-Roth (1995)

Já em relação ao modelo proposto por Araújo (1996), depois de submeter esse cópus à análise e descrição, observa-se que 2 (duas) resenhas fugiram à forma prototípica do gênero, 9 (nove) apresentaram divergências em relação à estrutura retórica e 9 (nove) foram produzidas de acordo ao que se espera para o gênero. Observe o gráfico a seguir, com os dados quantitativos.

**Gráfico 02: Análise segundo o modelo de Araújo (1996)**



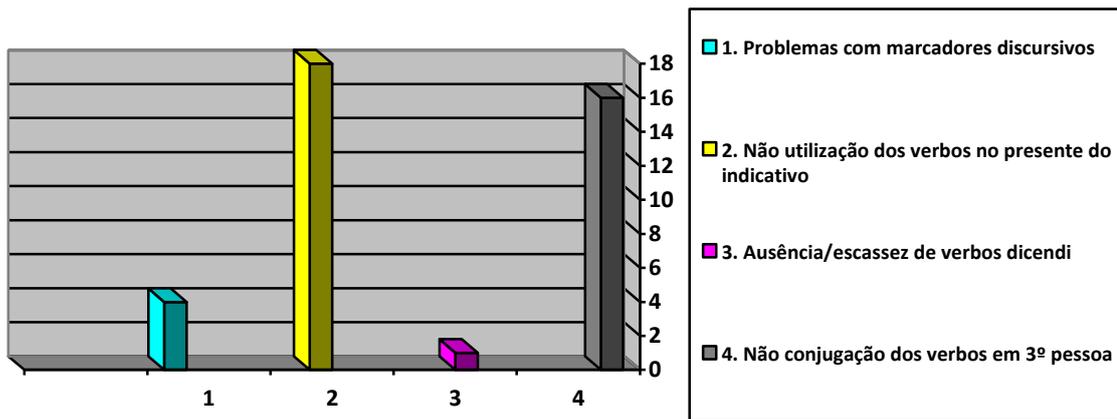
Fonte: elaboração própria, a partir do modelo de Araújo (1996).

Esses dados apresentados nos gráficos 01 e 02 serão analisados nos tópicos 3.1 e 3.2 deste capítulo, de modo a descrever o que possibilitou caracterizar o texto como fuga, bem como apontar as divergências em relação à estrutura retórica prototípica do gênero resenha.

A análise, conforme apresenta o tópico 3.3, possibilitou também mapear os desvios recorrentes no corpus que interferem no projeto comunicativo do gênero. Essa análise aponta quantas resenhas apresentam desvios léxico-gramaticais e quais são esses desvios.

Ao excluir os dois textos que fugiram ao gênero resenha, passa-se à análise do restante do corpus, tendo em vista que (04) quatro textos apresentam problemas na utilização de marcadores ou rótulos discursivos, em (18) dezoito textos não foram utilizados os verbos no presente do indicativo; um (01) texto apresentou ausência/escassez de verbos dicendi; e em dezesseis (16) textos os verbos não foram conjugados na terceira pessoa do discurso. Veja o gráfico abaixo:

**Gráfico 03: Desvios léxico-gramaticais nas resenhas**



Fonte: elaboração própria.

Embora no cópuz haja problemas léxico-gramaticais relativos à ortografia, pontuação, norma padrão, entre outros; conforme discutido no tópico 1.3.2, nesta pesquisa só serão analisados os desvios apresentados no gráfico acima.

### 3.1 As fugas

Entende-se por fuga, nesta pesquisa, o texto elaborado para ser uma resenha, mas que não se caracteriza como esse gênero, tendo em vista a sua organização retórica (cf. MOTTA-ROTH, 1995; ARAÚJO, 1996) e os seus elementos léxico-gramaticais.

O texto de número 1, apesar de o autor tentar apresentar textualmente todos os movimentos, não é caracterizado como resenha, haja vista que ele está escrito em tópicos e em primeira pessoa, critérios utilizados nesta pesquisa para avaliar se o texto é ou não uma resenha. Já o texto de número 2 tem uma estrutura de um resumo indicativo, conforme será apresentado posteriormente. Diante da análise da forma composicional e da estilística, esperadas para o gênero resenha, é que ambos os textos não foram reconhecidos quanto a tais características prototípicas do gênero acadêmico e, em virtude disso, foi preciso a retirada do cópuz estimado.

No texto 1, embora o autor tenha tido aparentemente o intuito de fazer uma resenha, ele escreve o texto em tópicos, característica que destoa muito da forma esperada para o gênero resenha. Além disso, o acadêmico empregou verbos em primeira pessoa, sendo poucos deles dicendi ou de elocução, marca verbal comumente utilizada no gênero resenha para torná-lo polifônico, considerando o já

exposto nesta dissertação quanto aos estudos bakhtinianos e a inscrição dialógica e interativa no cruzamento de vozes de um gênero como a resenha.

Observe a estrutura retórica do texto abaixo. Destaca-se que os movimentos retóricos apontados no texto não se referem à organização retórica da resenha proposta por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), mas sim aos diferentes movimentos retóricos que o autor utilizou na construção do texto.

### Texto nº 1

Esta análise crítica, a ser configurada segundo a obra de Madame Bovary de Gustavo Flaubert. Um verdadeiro marco do **realismo**, foi muito polêmico na sua época, é um clássico da literatura mundialmente conhecido. Então já que li está obra agora com meus 34 anos. Não fico surpresa com tamanha semelhança com os dias de hoje! Ou poderia ficar né? Passaram-se tantos anos e ainda acontece o mesmo é um caso a ser pensado.

Gustavo Flaubert foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez. Wikipédia. Nascimento: 12 de dezembro de 1821, Rouen, França Falecimento: 8 de maio de 1880, Croisset, Canteleu, França Formação: Lycée Pierre-Corneille Movimento literário: Realismo Influenciado por: Honoré de Balzac, Voltaire, e outros.

O livro Madame Bovary foi inicialmente publicado em episódios na revista Revue de Paris a partir de outubro de 1856, no entanto as cenas mais fortes e picantes foram cortadas. Ela é uma narrativa descritiva, onde o narrador é onisciente, que aborda a moral, a religião, as mulheres, a própria França, o adultério feminino, o clero, a sociedade burguesa e os aspectos de seu cotidiano no século XIX. Quis retratar isso bem aqui no início, pois foi o que mais foi discorrido em sala de aula com a interação da leitura feita em casa e o ponto de vista de cada colega de sala e o ponto de vista da nossa professora. Então podemos vê de vários ângulos sem contar o poder de persuasão do próprio autor do início ao fim da obra.

#### **Resumo da Obra**

##### **O casamento de Charles e Emma**

O médico rural Charles Bovary conhece Emma, uma jovem formosa da cidade, que está com o pai Rouault, paciente de Charles. Quando Charles fica viúvo, pede ao senhor Rouault a mão de Emma, que concede, e os dois se casam.

**Move 1**  
**Subfunção 1**  
Apresentação do texto ao leitor

**Move 1**  
**Subfunção 2**  
Comentários sobre a experiência de leitura

**Move**  
**Subfunção 3**  
Apresentação do autor da obra

**Move 2**  
**Subfunção 4**  
Comentários sobre a obra

**Move 3**  
**Subfunção 5**  
Resumo indicativo do primeiro capítulo do romance

Charles se sente muito satisfeito, mas Emma não se considera feliz.

### As leituras de Emma

A primeira parte do romance conta com nove capítulos, que transcorrem em um ritmo lento e descrevem minuciosamente a psicologia de Emma. Assim, o leitor logo descobre a fixação de Emma pela leitura desde a adolescência, já que ela a ajuda a imaginar uma vida mais apaixonada, agitada e exótica que a sua.

**Emma Bovary se entedia** Madame Bovary, quadro de Joan Vilagrau (1962).

A tranquila vida rural de Emma não satisfaz de maneira nenhuma suas expectativas. Cada vez ela se irrita mais com a simplicidade de Charles, sua falta de ambição e inquietude e seus costumes ordinários.

Além disso, Emma se sente muito sozinha, porque não encontra ninguém para dividir seus pensamentos e sentimentos. O tédio e a monotonia desesperam a protagonista.

### O primeiro amante

Na segunda parte, a ação do romance se acelera. Emma fica grávida e tem uma filha. Apesar de conhecer algumas pessoas do povoado onde vive como o farmacêutico Homais, continua entediada e cansada do marido.

Em uma ocasião, Rodolphe Boulanger, jovem latifundiário e conquistador, tem a oportunidade de vê-la ao visitar o médico e decide seduzi-la. Quando consegue, Emma sente que finalmente algo emocionante pode romper o tédio de sua vida.

### O segundo amante

Emma e Rodolphe planejam ficar juntos, mas ele na verdade não quer se comprometer, por isso abandona o plano e foge sem Emma. A protagonista cai doente com a notícia.

A terceira parte da novela retoma o ritmo pausado da primeira. Emma se apaixona por Leon, um jovem romântico, e com ele mantém uma idílica relação durante a temporada em que os dois se sentem felizes.

### A decepção

Apesar do romantismo da relação com Leon, Emma se dá conta de que esse amor também não aplaca suas necessidades. Ela se decepciona.

### As dívidas

A situação de Emma é cada vez pior: à insatisfação que Leon lhe causa, somam-se dívidas cada vez maiores, motivadas pelo enorme gasto que sua infidelidade gera.

Chega um momento em que os credores encontram Emma desesperada, já que ela tem de esconder as dívidas de seu marido.

### O suicídio

As dívidas fazem com que Emma sofra a ameaça de um bloqueio de bens. Inutilmente, ela pede ajuda a Leon, que é incapaz de proporcionar o dinheiro de que ela necessita. Pede dinheiro a Rodolphe, seu antigo amante, que nega.

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo  
do segundo  
capítulo do  
romance

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo do  
terceiro  
capítulo do  
romance

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo  
do quarto  
capítulo do  
romance

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo do  
quinto capítulo  
do romance

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo do  
sexto  
capítulo do  
romance

#### Move 3 Subfunção 5

Resumo  
indicativo do  
sétimo  
capítulo do  
romance

Desesperada, ela se envenena e morre. Charles Bovary cai na miséria por causa das dívidas da mulher e em pouco tempo morre também.

Então esse foi um pouco de tudo que aconteceu na obra mais comentada da época do realismo. De acordo com a análise feita em sala de aula, chegamos à conclusão que o autor remete uma mulher cheia de desejos, vontades e poder. Na obra existe varias situações onde o autor começa a dar espaço pra Emma, com isso Charles vai ficando mais reservado vivendo seu mundo pacto. Na verdade o que eu penso dessa obra, o autor da voz a mulher. Porém de uma forma que ela não fique tão bem diante da sociedade, mas para Bovary, isso pouco importava o que ela mais queria era ser feliz da forma ela lia nos livros de romance e tudo que ela estava vivendo ainda era pouco diante de tantas sensações que existia dentro dela de viver o mundo com muita força. Com isso ela foi fazendo o que tinha vontade, gastando o que não tinha, adulterando por falta de amor extremamente intenso em casa, ela não gostava das coisas calmas e tranquilas ela vivia em constante mudança de comportamento. Ora era esposa boazinha ora era adúltera que a cidade inteira condenava. Por fim no meu ponto vista o autor queria mostrar para todos daquela época o tipo de mulher que Emma era e escandalizar ainda mais o sexo da mulher. Na minha visão a maioria dos autores gosta de fazer isso sempre.

E mais, super concordo que ela tenha feito tudo o que fez, temos que viver nossas emoções como quisermos claro que não venha ferir nosso interior. A grande importância dessa obra na minha concepção é mostrar realmente a realidade das pessoas e não fantasiar algo que esta longe de acontecer com os seres humanos, queremos mostra para o mundo um ser que não somos. E mais, força um conduta exemplar, uma religião, status e poder que as vezes nem temos.

**Move 3  
Subfunção  
5**  
Resumo  
indicativo do  
oitavo  
capítulo do  
romance

**Move 4  
Subfunção  
9**  
Comentários  
gerais sobre  
a obra

**Move 4  
Subfunção 10**  
Impressões  
do autor  
sobre a obra

**Move 5  
Subfunção  
11**  
Avaliação  
da obra

**Move 5  
Subfunção  
12**  
Desejo do  
autor

Esse texto, conforme afirma o acadêmico-autor no primeiro parágrafo, enquadra-se em uma análise crítica. Tendo como base tal assertiva, que emerge das condições de produção devidamente enunciadas pelo autor, já observa-se que o texto não é uma resenha acadêmica. Isso se reafirma a partir da análise de sua estrutura retórica. Nessa análise, observa-se que os movimentos são divergentes em relação à estrutura prototípica do gênero resenha, conforme propõe o modelo de CARS (SWALES, 1990) adaptado por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996).

O primeiro parágrafo desse texto é dividido em *move* 1 e subfunções 1 e 2, apresentação do texto e comentários sobre as experiências de leitura

respectivamente. O autor do texto, nesse primeiro movimento, deveria introduzir o livro e definir o tópico geral, *move 1* subfunção 1. Segundo Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), os comentários de experiências de leitura não estão previstos em uma estrutura retórica do gênero resenha. Em seguida, é feito comentário sobre o autor e a obra.

Na sequência, ao invés de o autor apresentar a descrição da obra, ele faz uma síntese topicalizada de cada capítulo. Tal estruturação corrobora a não classificação de tal texto como resenha, uma vez que todos estudos sobre esse gênero apontam que não pode ser dividido em tópicos. Observa-se que cada tópico apresenta uma mera síntese dos capítulos do romance. Sob a plêiade de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), o autor deveria simplesmente sumarizar o livro resenhado.

Após a síntese topicalizada, observa-se que há comentários gerais sobre a obra e as impressões do autor. Isso, além de romper com a estrutura retórica da resenha, corrobora o surgimento de um desvio léxico-gramatical. Ao trazer suas impressões para o texto, o autor encaminha uma subjetividade e emprega a primeira pessoa do discurso.

No último parágrafo do texto, o autor continua apresentado suas impressões sobre a obra, faz uma breve avaliação e conclui destacando seus desejos. Tomando como base o modelo CARS de (SWALES, 1990), adaptado por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), o acadêmico-autor deveria apenas avaliar a obra para posteriormente recomendar, apesar das falhas ou desqualificá-la.

Já no texto número 2, conforme pode-se observar abaixo, o autor produziu um resumo indicativo.

## Texto nº 2

Madame Bovary é um livro do gênero romance de Gustave Flaubert publicado no ano de 1857 na França. A obra é considerada como um dos livros pioneiros quando se trabalha a questão do realismo na Literatura. Um termo denominado “bovarismo” que é utilizado na Psicologia provém da obra tendo origem das características psicológicas da protagonista da obra.

Gustave Flaubert nasceu em Rouen na França no ano de 1821 e faleceu no mesmo local aos 58 anos. Vivendo no período que seu país natal deixa de ser o Reino da França e se torna a República Francesa. Suas obras

### Move 1 Subfunção 1

Apresentação  
texto ao leitor

### Move 2 Subfunção 3

Apresentaçã  
o do autor da  
obra

ficaram marcadas por grandes análises de consciência, por trabalhar com a temática da realidade e explicar o comportamento social de forma que as pessoas se reconhecessem dentro da obra.

Quando Madame Bovary foi publicada na França foi um motivo de grande escândalo por retratar temas que pouco eram comentados na época: tédio, desilusão e adultério feminino. Fazendo com que seu autor e o dono da revista onde o romance foi publicado fossem levados a julgamento, sendo posteriormente absolvidos.

O livro de Flaubert conta a história de Emma, que foi criada em uma zona rural, porém, dentro dela acaba por carregar ilusões burguesas. A personagem central da obra tem um grande apego aos seus livros e idealiza que a sua vida será como a dos romances que ela diariamente, no entanto não possui senso crítico em relação aos seus livros e por isso acaba ficando frustrada em sua vida.

O livro conta a história de Emma que é uma moça sonhadora, que acreditando nas leituras realiza a felicidade acontece através do amor.

Quando o casal se conheceu, Charles ainda era um homem casado e tinha o pai de Emma, Rouault, como seu paciente. Ao enviuvar, Charles acaba por pedir a mão de Emma em casamento e é concedida por seu pai. O casamento é motivo de muita satisfação para Charles, já sua esposa não se considera uma pessoa feliz e suas ilusões logo são frustradas pelo seu matrimônio.

Apesar das restrições em relação a leitura, Emma desde a adolescência gostava de ler e com a ajuda de seus livros tinha uma visão mais apaixonada do mundo onde teria uma existência agitada e exótica totalmente diferente da que ela vivia com o seu marido.

Charles era um médico do interior que não tinha grandes ambições em sua vida e se contentava em ser somente o provedor da mulher lhe dando pouca atenção e não se preocupando com as suas necessidades. A vida que Emma levava no interior não conseguia atender as expectativas que ela possuía em relação a vida e ficando cada vez mais irritada com a forma simples de Charles, a sua falta de inquietação e seus costumes.

Outro fator que causa tédio em Emma é o fato dela se sentir muito sozinha e ter convívio com qualquer pessoa com quem possa compartilhar os pensamentos e sentimentos que desenvolve ao longo do tempo.

Logo depois Emma fica grávida e tem uma filha, porém continua com o sentimento de que tem uma vida entediante e o cansaço em relação ao marido aumenta constantemente

Posteriormente, o latifundiário Rodolphe Boulanger conhece Emma durante uma visita ao médico e resolve que irá seduzi-la. Quando acontece o

**Move 2**  
**Subfunção 4**  
Comentários  
sobre a obra

**Move 3**  
**Subfunção**  
**5**  
Resumo  
indicativo  
dos  
capítulos do  
romance

adultério, Emma finalmente sente uma emoção em sua vida. Emma e Rodolphe planejam fugir juntos, mas o latifundiário não possui o desejo de ter uma relação séria com sua amante e a abandona, fazendo com que a protagonista da história ficasse muito doente.

Finalmente, a Sra. Bovary se apaixona pelo romântico Leon, o assistente de um advogado, e leva Emma a fazer dívidas que jamais teria condições de quitar. Diante de tantas dívidas, a personagem central de suicida. Apesar de todo o romantismo que envolve a história, Emma começa a perceber que o sentimento pelo jovem não supre as suas necessidades e acaba por novamente se decepcionar.

As dívidas de Emma para manter sua infidelidade aumentam significativamente e ela necessita esconder tudo isso do marido.

Com muitas dívidas a protagonista sofre a ameaça de ter os seus bens bloqueados e ao pedir ajuda a Leon percebe que ele não tem condições financeiras de quitar suas dívidas. Resolve pedir dinheiro a Rodolphe, que também nega. Desesperada Emma se suicida tomando Arsênio na farmácia de Homais por conta de tantas contas para pagar e ter como conseguir esse dinheiro.

Charles descobre a verdade sobre as relações extraconjugais de sua esposa após a morte dela. Permanecendo pacato as situações que acontecem na sua vida perde todos os seus bens para saldar as dívidas e logo depois morre.

A filha pequena do Casal Bovary é mandada para a casa de sua avó após ficar órfã e quando ela também morre tem que ir morar com sua tia. Para sobreviver passar a trabalhar em uma fábrica de tecidos.

O escritor francês acaba por demonstrar que os casamentos arranjados e sem amor acabam por deteriorar qualquer tipo de relação. Principalmente ao se falar de Emma que possuía muitas idealizações em relação a um casamento baseada nos romances que era incentivada a ler.

O Sr. Bovary é um homem que se dedica de forma integral ao seu trabalho como médico e em ser o provedor de sua esposa e acaba tendo em troca somente o seu desprezo. Cada vez mais inconformada com a vida que levava no interior, Emma começa constantemente a buscar novas experiências: relacionamentos extraconjugais, compras, fugas. A Sra. Bovary não se conformava com a situação de pobreza que vivia naquela época e buscava nos seus amantes o que seu marido não podia lhe oferecer: uma condição financeira de burguesa.

Demonstrando a típica criação daquele período baseada em um princípio romanesco, Emma acredita que ao aceitar casar com Charles Bovary, este acabaria por ser seu herói que iria tirá-la de uma vida de monotonia no

campo. Mas diante do que começa a afrontar logo nos primeiros meses de casamento percebe que seu marido é muito passivo em relação a tudo que envolve, submisso e apático.

Diante das situações que vive, Emma se depara com dois universos completamente diferentes. De um lado o mundo exterior que aparentemente é perfeito, mas está em constante debate com o seu mundo interior que deseja riquezas, dinheiro e uma vida distante do campo.

Por não ter dentro do seu próprio lar todos os desejos que ela anseia busca em amantes uma forma de suprir suas necessidades que sempre acabavam frustradas ao perceber que estes homens somente queriam utilizá-la e depois descartar.

Outra forma de encontrar consolo foi nas compras e conseguiu deixar seu marido totalmente endividado por ser de uma classe que apesar de ter uma vida confortável não chegava a atender as expectativas dos burgueses.

Emma foi uma jovem educada por uma sociedade patriarcal que visualizava o casamento como sendo a única forma possível da existência da mulher e tudo isso acabava por ser complementado com um pensamento machista impregnado nos livros românticos que ela lia constantemente. Os livros eram a oportunidade de manter as mulheres sobre controle e tendo um papel de extrema importância na sociedade burguesa. Emma através das leituras que realiza começa a ter um pensamento cada vez mais definido sobre o que esperar de um casamento, porém acaba por ficar extremamente decepcionada com as atitudes de seu marido e começa seu constante conflito de consciência com a vida que leva com o marido, o que lê nos seus livros e a vida que é proposta por seus amantes.

Flaubert ao escrever o livro realizou uma crítica em relação a como a religião era hipócrita em relação a mulher desempenhando um papel de conter a mulher dentro da dependência em relação ao seu pai e posteriormente em se tornar totalmente dependente de marido e todos os anseios deveriam contar com autorização de seus tutores fazendo com que a mulher ficasse totalmente a margem de sua atuação.

Emma é o típico exemplo de como a educação da mulher era voltada para um casamento tendo sido educada em um convento onde deveria aprender música, costura e religião. Já assuntos que se relacionavam com os estudos de política e filosofia acabavam não sendo destinados as mulheres que deveriam ter uma vida dedicada ao seu papel de dona-de-casa.

Emma consistia em uma pessoa que era considerada irrealizada em sua vida de casada, pois tinha sido educada nos moldes de uma sociedade patriarcal e formada com livros românticos onde a mulher tinha um papel de subserviência em relação ao marido, sendo que ao chegar ao seu casamento

nota que tem um marido que não condiz com os padrões machistas da época, sentindo-se completamente infeliz com o mundo ao seu redor.

Emma contestava os padrões, mas no fundo desejava ter uma vida onde o marido mandasse e ela obedecesse, seguindo ainda com um marido que atendesse todos os seus caprichos tornando ela uma burguesa.

Como naquela época os livros se constituíam como sendo a principal fonte de informação e acabavam orientando a forma de vida de todas aquelas pessoas que muitas vezes quando não se enquadravam vinha a frustração que acumulada tornavam elas destrutivas.

Vai ser através dos romances que Emma vai criando suas conceituações de vida e a forma com a qual ela idealiza tudo o que está ao seu redor: casamento, amor, prazer. Tudo o que a Sra. Bovary deseja vem dos livros que a levam viver de fantasias e tendo uma percepção totalmente distorcida do mundo ao seu redor.

As críticas ao livro são realizadas de forma contundente apesar de muitas vezes serem “veladas” fazendo com que o leitor perceba que tudo foi causado por uma criação de dependência da mulher em relação ao homem e o foco em um casamento arranjado visando agradar aos familiares, a vida era predeterminada desde o nascimento das mulheres, sendo essa a vida que Emma desejava.

**Move 4  
Subfunção  
9**

Comentários  
gerais sobre  
a obra

Como observa-se no texto acima, o acadêmico, ao invés de produzir uma resenha acadêmica, elaborou um resumo indicativo. Ele iniciou o texto apresentando o texto-fonte e seu autor, bem como teceu comentários gerais sobre o romance. Em seguida, ele apresenta o conteúdo do livro. Por fim, ele finaliza o texto com comentários gerais sobre a obra.

Irmanado a essas assertivas, percebe-se que os movimentos retóricos do texto analisado são divergentes ao que propõe Motta-Roth (1995) e Araújo (1996) para o gênero resenha. Convergente, portanto, ao que Leite (2006) aponta para o resumo indicativo. Nesse sentido, esse texto seria adequado para noticiar a publicação de um livro.

Amparados nos estudos de (FIORIN; SAVIOLI, 2006, p. 420), esse texto se caracteriza como resumo por apresentar “uma condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto[-fonte]”, mantendo as partes essenciais do texto, a progressão em que elas ocorrem e a correlação que o texto estabelece entre cada uma das partes. Agora, ao tomar como base os apontamentos de Therezzo (2001, p. 21) é possível afirmar que esse texto é um resumo porque “é a condensação de

um texto, inteligível em si mesma, redigida, em nível padrão de linguagem, com as próprias palavras do leitor resumidor”.

### **3.2 As divergências**

As divergências são analisadas em relação à forma prototípica da resenha, segundo modelo de CARS, de John Swales, adaptado por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Destaca-se que o modelo, proposto por Motta-Roth (1995), define a arquitetura textual das resenhas a partir da presença de 4 (quatro) *moves* e 10 (dez) subfunções, conforme foi discutido no tópico 1.3.1 do primeiro capítulo. Já Araújo (1996) em sua adaptação, já abordada no tópico 1.3.1 do primeiro capítulo, defende que a organização retórica da resenha se estruture a partir de 3 (três) *moves* e 12 (doze) estratégias.

Sob a plêiade de Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), nos tópicos 3.2.1 e 3.2.2, analisa-se as divergências dos textos-cópus. Destaca-se que a ausência de uma subfunção ou uma estratégia não define o texto como divergente. Conforme observa-se nos quadros 01 e 02 desta pesquisa, a divergência se concretiza pela ausência de *moves* e subfunções/estratégias indispensáveis em uma resenha, ou seja, de acordo com o descrito nesses quadros, os autores das resenhas podem optar por algumas subfunções e estratégias.

#### **3.2.1 As divergências em relação à estrutura retórica de Motta-Roth (1995)**

Após elencar as possíveis fugas ocorridas nos textos analisados e apresentados no item 3.1 neste tópico, analisa-se as divergências em relação à forma prototípica estabelecida por Motta-Roth (1995). Conforme já citado no primeiro capítulo, para essa autora, a forma prototípica é dividida em *moves* e subfunções.

Como foi apresentado no início deste capítulo, 11 (onze) resenhas divergiram ao modelo prototípico defendido por Motta-Roth (1995). Para levantar as divergências, as resenhas foram submetidas a um processo de análise e descrição. Após esse processo, os movimentos e as subfunções de cada texto-cópus foram destacados em cores diferentes e descritos por um balão de comentários.

Eis a apresentação da legenda indicada com cores, as quais expressam cada movimento e subfunção no quadro abaixo:

**Quadro 04 – Moves e subfunções – Motta-Roth (1995)**

<b>MOVE 1 – INTRODUIZIR O LIVRO</b>	
	Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro
	Subfunção 3 – Informando sobre o autor
	Subfunção 5 – Inserindo o livro na área
<b>MOVE 2 – SUMARIAR O LIVRO</b>	
	Subfunção 6 – Provendo uma visão geral da organização do livro
	Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo
<b>MOVE 3 – DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>	
	Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada
<b>MOVE 4 – PROVER AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>	
	Subfunção 10 A – Recomendando/desqualificando o livro completamente
	Subfunção 10 B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações

A análise e descrição do *cópus* apontaram a presença/ausência de *moves* e subfunções. Destaca-se que o foco desta pesquisa não é a presença, mas sim a ausência desses elementos que constituem a organização retórica da resenha. Observe a tabela abaixo que sistematiza tais dados.

**Tabela 01 – Ausência de *moves***

<b>MOVE</b>	<b>Quantidade de textos que não possui cada <i>move</i></b>	<b>Porcentagem (%)</b>
1. Introduzir o livro	0	0%
2. Sumariar o livro	0	0%
3. Destacar partes do livro	6	33,33%
4. Prover avaliação final do livro	6	33,33%

Ao analisar os textos, tendo em vista os *moves* e as subfunções das resenhas acadêmicas, propostas por Motta-Roth (1995), conforme apresentado na tabela acima, observou-se que dos 18 textos-*cópus* classificados como resenha, 0% apresentaram

divergências em relação aos *moves* 1 “introduzir o livro” e 2 “sumariar o livro”, enquanto 33,33% apresentaram divergências por não configurar o *move* 3 “Destacar partes do livro” ou o *move* 4 “Prover avaliação final do livro”. Diante desses dados, nota-se que 33,33% não apresentaram divergências, ou seja, os textos-cópus apresentam os 4 *moves*.

Embora a tabela não descreva, torna-se necessário apontar que os textos 9, 10, 11, 14, 15, 18 não contêm o *move* 3 e o *move* 4 os textos 6, 8, 16, 17, 19 e 20. Destarte, torna-se relevante detalhar as subfunções ausentes nas resenhas-cópus. Antes de apresentar as resenhas que apresentam ausência de subfunções, faz-se necessário destacar que as resenhas não necessitam conter todas as subfunções do *move* 1 e 2.

Tal constatação segue detalhada na tabela abaixo:

**Tabela 02 – Ausência de Subfunções**

<b>MOVE 1 – INTRODUIZIR O LIVRO</b>	<b>Textos</b>	<b>(%)</b>
Subfunção 1 – Definindo o tópico geral do livro	10	55,55%
Subfunção 2 – Informando sobre leitores em potencial	18	100%
Subfunção 3 – Informando sobre o autor	4	22,22%
Subfunção 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico	18	100%
Subfunção 5 – Inserindo o livro na área	16	88,88%
<b>MOVE 2 – SUMARIAR O LIVRO</b>		
Subfunção 6 – Provendo uma visão geral	12	66,66%
Subfunção 7 – Apresentando o tópico de cada capítulo	0	0%
Subfunção 8 – Citando material extratextual	18	100%
<b>MOVE 3 – DESTACAR PARTES DO LIVRO</b>		
Subfunção 9 – Provendo avaliação direcionada	6	33,33%
<b>MOVE 4 – PROVER AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>		
Subfunção 10A – Recomendando/desqualificando o livro completamente	8	44,44%
Subfunção 10B – Recomendando o livro apesar de indicar limitações	16	88,88%

Ao analisar a tabela acima, observa-se que há ausência de subfunções dos *moves* 1 e 2. Nota-se, por exemplo, que as subfunções 2 “Informando sobre leitores em potencial” e

4 “fazendo generalizações sobre o tópico” do move 1 não aparecem em nenhum dos textos, bem como em apenas 2 (dois) dos 18 (dezoito) textos-cópus há a subfunção 5 “Inserindo o livro na área”. Nas resenhas-cópus não há subfunção 8 “citando material extratextual do *move* 2. Isso, no entanto, não se caracteriza como um problema, já que o acadêmico-autor podia optar por uma ou mais subfunções do *move* 1, bem como do *move* 2.

Destarte, ressalta-se que as resenhas com ausência das subfunções referentes ao *moves* 1 e 2 não se caracteriza como divergência, porém a ausência de subfunções dos *moves* 3 e 4 caracteriza-se como divergência. Irmanados a essa assertiva, apresenta-se, na sequência deste estudo, a análise das resenhas-cópus 10, 14 e 20. Observa-se que foram selecionadas apenas três das 12 resenhas que apresentaram divergências. Esse recorte deve-se ao fato de optar pela apresentação da análise de uma resenha para cada tipo de divergência. Esclarece-se, portanto, que as demais resenhas mapeadas com suas respectivas divergências se encontram no anexo II.

Os textos divergentes estarão separados a partir dos critérios: resenhas divergentes que contêm o *move* 3, porém não contêm o *move* 4 (ANEXO 1); resenhas divergentes que contêm o *move* 4, porém não contêm o *move* 3 subfunção 9 (ANEXO 2);

Segue abaixo a análise do texto 10 (dez), “resenha com ausência de *move* 3, o texto 20 (vinte) “resenha com ausência de *move* 4, porém, com *move* 3 com ressalvas”, o texto 14 (catorze) “ resenha que contém o *move* 4, subfunção 10 B, porém não possui o *move* 3.

#### Texto nº 10

Aluísio Azevedo (1857-1913) foi um escritor brasileiro. Criou o naturalismo no Brasil. "O Mulato" foi o romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. Foi também caricaturista, jornalista e diplomata. É membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Em 1871 matriculou-se no Liceu Maranhense e dedicou-se ao estudo da Pintura. Com 19 anos foi levado pelo irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro. Começou a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, onde revelou seus dons para o desenho. Logo passou a colaborar, com caricaturas para os jornais "O Mequetrefe", "Fígaro" e "Zig-Zag".

O Cortiço (1890), expressão máxima do naturalismo brasileiro, foi publicado em 1890 sob a influencia do Realismo/Naturalismo. Sua

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção  
3**  
Informando  
sobre o  
autor

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção  
6**

coordenação editorial foi feita por Cristian Muniz e a revisão feita por Simoni Ri vai Garcia e Geovana Muniz Tiltsther, publicado pela editora PAE no ano de 2009. O livro *o cortiço* retrata o cotidiano de famílias pobres, humildes, excluídas, em meio a burguesia onde todos são obrigados a conviver juntos com seus vícios e problemas determinados pelo lugar em que vivem num cortiço na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

A obra é dividida em 23 capítulos, onde é narrada em 3º pessoa cuja o narrador é onisciente. São explorados dois espaços. O primeiro onde se passa a história que é um amontoado de casebres, ou seja, o próprio cortiço. O segundo é o sobrado do comerciante e negociante português Miranda, e sua família.

O livro primeiramente retrata a vida de João Romão e seu demasiado enriquecimento. Ele usa de atos ilícitos como o furto para alcançar seus objetivos. João Romão é um imigrante português grosseiro, avarento, esperto, ambicioso e é dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Sua mulher Bertoleza a quem ele engana com uma falsa carta de alforria trabalha incansavelmente o ajudando.

Miranda seu vizinho é um comerciante muito rico eles entram em atrito por um pedaço de terra que João Romão vive para trabalhar de domingo a domingo, onde o dinheiro é a única coisa que interessa para conseguir comprar mais bens. O mesmo com inveja de seu vizinho, começa a trabalhar e em seu empenho conseguir ganhar dinheiro, faz muitos sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada para conseguir mais bens e status que ele.

Miranda ganha o título de barão e isso fez com que a inveja de seu vizinho aumentasse, então ele percebe que não bastava ter só dinheiro e não ter status ou posição social. No cortiço também vivem a Rita Baiana, o capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade. O romance retrata a exploração do homem pelo homem. A relação entre os vizinhos começa a melhorar devido ao título de superioridade que Miranda recebeu.

Com isso o cortiço, deixa de ser desorganizado e miserável, e passa a chamar Vila João Romão. João Romão se interessa pela filha de Miranda e a pede em casamento com a intenção de entrar para família e conseguir status social pois o dinheiro ele já possuía. Então ele precisa se livrar da amante Bertoleza para estar livre para o casamento, ele tem a ideia de denunciar Bertoleza para seus legítimos donos já que ela é uma escrava fugida (que pensa ser alforriada) com a chegada dos seus donos Bertoleza enfia uma faca no próprio ventre, deixando assim João Romão desamarrado.

A obra retrata a influencia do naturalismo/romantismo, cujo período

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

se caracteriza pelo determinismo, isto é, a ideia de que a natureza escolhe o destino dos personagens e suas condições dos valores sociais.

O cortiço é um dos romances mais importantes, e com grande importância para a literatura, é um livro indicado para todos que apreciam romances e aventuras, mas também retrata a miséria e a tristeza das pessoas. A obra faz uma dura crítica social, denuncia preconceitos raciais e a exploração do homem pelo homem. O Cortiço é uma das maiores críticas à sociedade fluminense que se formava.

Aluísio, como abolicionista, conta a história de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e subtratamento da escrava perante todos. O livro salienta o cortiço como uma comunidade onde os moradores moram em quartos que são alugados por preços abusivos e os moradores são humilhados, principalmente os negros que sofrem com preconceito racial e de classes superiores como a burguesia. Retrata também os infortúnios da época como a prostituição, assédio, adultério, inveja, traição e a hipocrisia.

Não só recomendo a leitura do livro como acho de extrema necessidade que as pessoas tenham a oportunidade de ter contato com a obra citada.

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

Constata-se, à luz da análise, que a resenha de número 10 contém os *moves* 1, 2 e 4 e suas respectivas subfunções 3, 6, 7, 10A, mas é considerada divergente por não apresentar o *move* 3. Como o livro foi recomendado sem ressalva, o autor necessitaria ter feito uma avaliação positiva da obra, ou seja, apresentar o *move* 3.

Abaixo, apresenta-se a análise do texto 20. Nessa resenha, há o *move* 3, com ausência, no entanto, do *move* 4.

#### Texto nº 20

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo norte-americano, seguidor do Behaviorismo de J. B. Watson, e na década de 40, criou o Behaviorismo Radical com uma proposta filosófica sobre o comportamento humano. Nasceu em Susquehanna, Pensilvânia, Estados Unidos, no dia 20 de março de 1904. Filho de um advogado e de uma dona de casa desde cedo despertou o interesse sobre o comportamento dos animais. Ingressou no Hamilton College em Nova Iorque, com o objetivo de se tornar escritor. Em 1926 concluiu o bacharelado em Literatura Inglesa e Línguas Românicas. Durante dois anos se dedicou a escrever, mas

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

concluiu que lhe faltava habilidades literárias.

Sobre o behaviorismo ou comportamentalismo, Skinner se destaca por compreender o comportamento e os processos de aprendizagem considerados relevantes para a educação. O behaviorismo segundo o teórico estuda e observa e descreve o comportamento observável como forma de ajustá-lo ao meio. O behaviorismo constituiu um conjunto de teorias, que focalizam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia.

Na busca por métodos precisos e eficazes, embasados na experimentação Edward Lee Thorndike (1874-1949) ficou conhecido por criar a “Lei do efeito”, onde o indivíduo surtirá efeitos satisfatórios de aprendizagem seja a punições ou recompensas. Para Edward Lee, a punição pode surtir efeito satisfatório para que melhore seu comportamento e desempenho, e a recompensa é que incentive a continuar no caminho certo da aprendizagem. O primeiro a usar o termo behaviorismo foi John Broadus Watson (1878-1958), este declarava que o grande foco da psicologia enquanto ciência objetiva deveria ser o comportamento concreto do ser humano, visando a sua previsão e controle. Há quem discorde de Watson, dizem que o behaviorismo não é uma ciência em si, mas sim, uma filosofia da ciência.

O condicionamento Clássico de Ivan P. Pavlov (1849-1936), este fez experimentos e estudou o comportamento reflexo, que é descrito pelo autor com o exemplo como o bebê arrepia involuntariamente, suga algo quando se coloca algo em sua boca, e deu o nome de estímulo neutro, que são estímulos naturais que uma criança desenvolve, frio, fome, sede etc. A importância do condicionamento clássico para a escola behaviorista foi demonstrando que é possível controlar respostas involuntárias-reflexas associando-as a determinado estímulos.

Adiante temos o condicionamento operante de skinner, também conhecido como condicionamento respondente. Essa teoria surgiu quando o teórico fazia experimentos com ratos, colocados em gaiolas eles tinham que apertar alavancas para poder beber e se alimentar, então os animais associavam o ato de apertar para poder comer, eles desenvolviam seus estímulos respondentes.

Há ainda neste capítulo uma abordagem voltada a educação enquanto aquisição de novos conhecimentos onde os autores mostram, através da concepção de Skinner, que a educação é vista como algo importante na vida da pessoa, levando em consideração que a educação compreende o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o sujeito e para outros em algum tempo futuro. A educação trabalha

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

muito mais voltada para a aquisição de novos comportamentos do que com a sua própria manutenção. Seguindo essa linha de perspectiva entendemos que a educação prepara seus alunos para situações futuras e para as mais variadas circunstâncias.

Após tratar a respeito da aquisição de conhecimentos pela educação, o capítulo traz à tona a estreita relação ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva teórica de Skinner. Para analisar a relevância dessa relação é preciso proceder com uma avaliação adequada que propõe emitir respostas sobre a prática, ou seja, que demonstra o alcance ou não dos resultados em relação ao que a docência espera. Portanto, é preciso analisar o comportamento do aluno a fim de verificar suas necessidades de aprendizagem, pois só assim o repertório de comportamentos e aprendizagens mostrará se o resultado é ou não satisfatório.

Ao falar em repertório de comportamentos os autores propõem um diálogo sobre determinados comportamentos dos alunos em sala de aula, comportamentos estes que devem ser mantidos, como é o caso do comportamento do leitor. Se houver algum valor reforçador, como o elogio, a expressão, o sorriso do professor, dos pais, o comportamento é mantido. A leitura pode promover a habilidade de decifrar novas palavras e com o tempo promove o prazer.

O próprio Skinner deixa claro que há uma diferença considerável entre manter um aluno lendo pelo valor reforçador no comportamento de ler ou pela possibilidade de ser reprovado se não o fizer. Desse modo, o ensino carece de ser cuidadosamente planejado para que gradativamente o aluno consiga emitir o comportamento desejado mesmo sem que ocorram os reforçadores externos.

Há diversas críticas implícitas, nas entrelinhas, destinados ao campo docente, voltadas para a atividade do professor. Como quando os autores citam que se o aluno não aprende, possivelmente é porque o modo como ele aprende e o que faz com que ele aprenda de alguma maneira, não foram compreendidos pelos responsáveis pelo ensino. Justificando essa afirmação o próprio Skinner defende que toda criança possui potencial biológico quando nasce, potencial este que permite que ela aprenda alguma coisa, porém essa afirmação não significa necessariamente que o conhecimento nasça junto com ela.

Skinner defende ainda a aplicação de um programa que se resume na sequência de um material educativo, nada mais que textos programados, através dos quais nascerá um aluno adequadamente esforçado. Essa programação compreende alguns elementos básicos

como o fato de que os alunos precisam a proceder diante de observações, análises e avaliações, se preparando para obter conhecimentos prévios. É preciso que o professor conheça e considera as dificuldades dos alunos, ou seja, organizando a sequência de ensino de uma forma progressista correspondente às dificuldades de cada um.

Esse planejamento proposto por Skinner requer a atenção para que se organizem etapas pequenas e que só se avance com o domínio de etapas anteriores, haja vista que um acúmulo de dificuldades pode resultar em desestímulo para o aluno. Assim, como os próprios autores mencionaram durante o capítulo e agora reforçam, para que o aluno possa se tornar competente em determinada matéria, é fundamental que os reforços sejam contingente ao fim de cada passo. Portanto, concluímos que uma programação de ensino, a partir do momento em que é bem conduzida e possui real planejamento, poderá levar ao sucesso do aluno.

Logo, finalizamos concluindo que, segundo a leitura do pensamento de Skinner, a educação precisa seguir etapas de um progresso, precisa estar embasa em um planejamento. Uma das possibilidades de aprender está destinada ao que o autor chama de máquinas de ensinar, que são aparelhos com a utilização de passos graduais no processo de aprendizagem. Um método que busca levar o aluno a estudar individualmente, sem intervenção direta do professor, com apoio de um material previamente elaborado.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**

Provendo avaliação direcionada

A resenha de número 20 não possui o *move* 4, porém o acadêmico-autor faz uma breve avaliação, o que é denominado, nesta pesquisa, de avaliação direcionada da obra – *move* 3, subfunção 9. A ausência do *move* 4 é observada devido ao fato de o autor não ter recomendado a obra com ressalva.

Por fim, é apresentado o texto 14, que se configura uma resenha que contém *move* 4 subfunção 10B, porém não tem o *move* 3, conforme se observa do detalhamento apresentado a seguir:

#### Texto nº 14

Joaquim Maria Machado de Assis, popular Machado de Assis, filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nascido no Rio

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

de Janeiro em 21 de junho de 1839, foi considerado um dos maiores autores da literatura brasileira, com obras que abrangem praticamente todos os gêneros literários.

O livro Dom Casmurro de Machado de Assis traz a história de Bento Santiago mais conhecido como dom casmurro, a trama se passa entre 1857 e 1875, conta uma história de amor obsessivo de um personagem ranzinza e prepotente e sua companheira Capitu e seus famosos olhos de ressaca, o clímax acontece quando o personagem principal tem dúvidas de que seu filho seja realmente seu, trazendo a tona uma suposta traição de sua esposa com seu melhor amigo, Escobar, e tal dúvida se arrasta até o fim do livro sem um parecer concreto e se torna uma pergunta para seus leitores, houve ou não uma traição.

O Livro Dom Casmurro de Machado de Assis conta em primeira pessoa a história do personagem principal, Bento Santiago, mas conhecido como Dom Casmurro, o livro se inicia contando como ele recebe esse apelido, quando um jovem tenta ler alguns versos para ele mas não obtém sucesso pois o seu ouvinte pestanejava, então o jovem se irrita e começa a chama-lo de Casmurro o que é o mesmo de ranzinza ou rabugento desde então fica conhecido pelo apelido.

Então começa seus relatos de amor por sua então amiga Capitu que mais tarde se tornaria sua esposa, e a grande pergunta da obra; o drama começa quando bentinho descobre que era prometido ao celibato, desde então tenta se desviar da promessa, vai a casa de Capitu e deixa ela a parte de tudo, e juntos tentam resistir a separação e se prometem em casamento.

Bentinho é enviado ao seminário porém não segue o celibatário, mas conhece um grande amigo, Escobar, que juntos decidem deixar o seminário, Já bacharel em direito bentinho retorna e se casa com Capitu e Escobar com a melhor amiga de Capitu Sancha, e levavam uma vida próxima os casais, logo eles tem filhos, Escobar de uma menina e Bento um menino, Ezequiel.

Pouco tempo depois Escobar morre em um acidente no mar, e em seu velório Bento percebe um ar estranho em Capitu. A viúva se muda e com o tempo Ezequiel se tornava idêntico a Escobar aos olhos de Bento, por tanta semelhança se inicia as dúvidas se ele era mesmo seu filho, o que traz a tona uma suposta traição, o que acarreta uma onda de ciúmes, para não sofrer com a imagem do filho e a lembrança da traição deixa mulher e filho na Europa. Quando Ezequiel retorna Capitu já havia morrido, mesmo depois de anos Bento não suportava a presença de Ezequiel, e mesmo assim financia uma viagem para ele com destino a Grécia, Ezequiel morre

### Move 2

Sumariar o livro

### Subfunção 6

Promovendo uma visão geral do livro

### Move 2

Sumariar o livro

### Subfunção 7

Apresentando o tópico de cada capítulo

de febre tifoide e é enterrado em Jerusalém.

O enredo da história nos traz uma visão da época, onde se passa a trama, a sociedade machista, e seus costumes, como o de prometer os filhos ao celibato, nos mostra também um recurso interessante usado pelo autor que é a mistura entre passado e presentes dos personagens, tornando a história mais interessante e com uma maior facilidade de compreensão.

Porém em toda história só podemos entrar em contato, apenas com o personagem principal e todos os outros conhecemos através da ótica de Casmurro, através do narrador personagem, o que é um pesar para os leitores que adorariam “ouvir” Capitu e conhecer a história por outro ponto de vista.

Em suma a obra, tem muito a ser analisada, como a linguagem de época os recursos usados pelo autor, e o excitante enredo em si, portanto é um ótimo conteúdo a ser aplicado a estudantes do ensino médio.

Em tal resenha, há o *move* 4, porém não há o *move* 3, ou seja, “uma avaliação direcionada da obra”. Observa-se, nesse texto, que o acadêmico-autor recomenda a obra com ressalvas, embora de forma subjetiva. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho: “Em suma a obra, tem muito a ser analisada, como a linguagem de época os recursos usados pelo autor, e o excitante enredo em si, portanto é um ótimo conteúdo a ser aplicado a estudantes do ensino médio.” Ao ler esse trecho percebe-se que, segundo o autor da resenha, a obra pode ser lida, porém somente para alunos do Ensino Médio.

#### **Move 4**

Prover uma avaliação final do livro

#### **Subfunção 10 B**

Recomendando o livro apesar de indicar limitações

### **3.2.2 As divergências em relação à estrutura retórica de Araújo (1996)**

A organização retórica do gênero resenha acadêmica proposta por Araújo (1996), diferentemente de Motta-Roth (1995), estrutura-se a partir de três *moves* e 12 estratégias. Destaca-se que, na produção de uma resenha, o resenhista pode fazer a opção por uma ou mais estratégias dentro de cada *move*.

Após analisar as 18 (dezoito) resenhas-cópus que não apresentaram fuga ao gênero, verificou-se os seguintes dados:

**Tabela 03 – Ausência de *moves***

<b>MOVE</b>	<b>Quantidade de textos que não possui cada move</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
1. Estabelecer o campo	0	0%
2. Sumariar o conteúdo	0	0%
3. Prover uma avaliação final do livro	9	50%

Tendo em vista os dados da tabela acima, nota-se que 50% das resenhas analisadas apresentaram divergências por não conter o *move* 3 “Prover uma avaliação final do livro”. Embora a estrutura retórica proposta por Araújo (1996) seja diferente da de Motta-Roth (1995), as divergências nos dois modelos recaem sobre a ausência de avaliação da obra. Espaço destinado para o autor da resenha se posicionar criticamente diante do texto resenhado.

É importante salientar que as divergências estão presentes nos textos-cópus 6, 8, 11, 12, 13, 16, 17, 19 e 20. Esses textos são considerados divergentes por não conter o *move* 3 “prover avaliação final do livro”. Na tabela abaixo apresenta-se o detalhamento das estratégias ausentes nos resenhas-cópus. Observe-se:

**Tabela 04 – Ausência de estratégias**

<b>MOVE 1 – ESTABELEECER O CAMPO</b>	<b>Textos</b>	<b>(%)</b>
Estratégia 1 – Fazendo generalizações sobre o tópico	18	100%
Estratégia 2 – Alegando centralidade	18	100%
Estratégia 3 – Indicando a audiência pretendida	18	100%
Estratégia 4 – Informando o leitor sobre a origem do livro	1	0,18%
Estratégia 5 – Apresentando o objetivo do livro	15	83,33%
Estratégia 6 – Referindo-se a publicações anteriores	18	100%
<b>MOVE 2 – SUMARIAR O CONTEÚDO</b>		
Estratégia 7 – Descrevendo a organização do livro	12	66,66%
Estratégia 8 – Apresentando/discutindo o conteúdo do livro	0	0%
Estratégia 9 – Avaliando o livro	4	22,22%
Estratégia 10 – Apresentando sugestões para aperfeiçoamento	18	100%

<b>MOVE 3 – PROVER UMA AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO</b>		
Estratégia 11 – Recomendando/desqualificando o livro	10	50%
Estratégia 12 – Sugerindo futuras aplicações	17	94,44%

Ao contrapor a estrutura retórica do gênero resenha proposta por Araújo (1996) aos dados apresentados na tabela acima, observa-se que as divergências vão recair sobre a ausência das estratégias do *move* 3, uma vez que o resenhista pode optar por uma ou mais estratégia dos *moves* 1 e 2. Irmanados a essa assertiva, comprova-se que 50% dos textos são divergentes.

Para compreendermos melhor esses apontamentos, a seguir apresentaremos uma resenha divergente, com ausência do *move* 3 “Prover uma avaliação final do livro”:

#### Texto nº 6

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Foi um grande escritor Brasileiro, suas obras teve o marco Naturalista da época.

O livro “ O cortiço” de Aluísio de Azevedo é um romance naturalista publicado pela primeira em vem em 1890, ao decorrer dos anos o livro teve diversas adaptações e edições, em 1970 o livro foi transformado em filme pela direção de Francisco Ramalho Jr.

O livro inicia-se com a historia de João Romão imigrante português, um Homem trabalhador por sinal porem carregava uma ambiciosidade tamanha, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre os quatros paredes de uma escura taberna de botafogo, João Romão economizara bastante durante anos de trabalho, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe pagou os vencidos e ainda deixou em suas mãos a venda com tudo que estava dentro e um conto e quinhentos em dinheiro, João Romão agora trabalhava incansavelmente no desejo de enriquecer-se a todo custo, abrindo mão de privações dormia no balcão da venda, comia com quatrocentos reis por dia de uma quitandeira e vizinha Bertoleza escrava de um velho cego e amigada com um português que tinha uma coroa de mão que fazia frete na cidade, Bertoleza que também trabalhava e juntava suas economias para pagar sua carta de alforria, um dia, porém o homem Bertoleza puxando uma carga superior as suas forças caiu morto, João Romão tomou as dores da amiga e foi falar com seu senhor, pedindo ele que a partir de então cuidasse de sua escrava e cuidasse de suas

**Move 1**  
Estabelecer campo

**Estratégia 4**  
Informando ao leitor sobre a origem do livro

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo

economias, diante há esse dia João Romão tornou se o caixa procurador e conselheiro da crioula, em pouco tempo ele cuidava de tudo que entrava e saia nas produções da quitanda de Bertoleza, ganhando assim confiança da mulher que aceitou a proposta de morarem juntos, João Romão então passou então comprou uma terra ao lado da quitada e lá construiu uma casinha de duas portas, depois de um longo dia na Rua João Romão chegou a casa com um papel debaixo dos braços e leu à crioula, que ela já não tivera mais senhor a partir dai seria livre, os dias de trabalho aumentaram trabalham dia e noite até que João Romão por meio de furtos durante a noite com Bertoleza roubavam matérias de construções próximas, construíram casinhas para alugar ponto de partida do grande cortiço de São Romão, o vendeiro aos poucos foi possuindo todo terreno perto de sua quitanda, na qual se multiplicava os números de moradores, até comprar uma boa parte de uma velha pedreira que tinha por perto, a historia também apresenta o personagem Miranda, interessado numa parte de terra de João Romão para aumentar seu quintal, os vizinhos se estranham mais quando Miranda recebe o titulo de barão fazendo João Romão se encher de inveja com o novo titulo social do vizinho, assim o cortiço crescia cada vez mais, os moradores das casinhas de João eram os mesmos que trabalhavam para ele na pedreira, e também almoçavam na quitanda de Bertoleza, fazendo que todo seu dinheiro expandisse cada vez mais, o cortiço assim passou ser cenário de historias nada convencionais, cheio de confusões e paixões proibidas, rodeado de vidas rotineiras, com problemas sócias refletindo a época que se passava, mesmo com algumas privações a gente do cortiço tinha lá seus momentos festejantes cheio de danças e comidas e muita bebida, cada personagem tem sua historia simples porem cheio de devaneios, entrelaçando entre si, fazendo do livro o cortiço único e até uma grande crítica na época.

O livro o “ O cortiço” não e apenas uma obra qualquer, retrata um contexto social que passava no Rio de Janeiro, especialmente onde acontece toda historia do livro em Botafogo, sendo um grande marco do Naturalismo brasileiro, a ambiciosidade de João Romão lembra bastante o Capitalismo na exploração que da uma impressão de drama social e econômico que os personagens se encontravam, a presença de zoomorfização na obra uma figura de linguagem, onde aproxima o comportamento do homem ao animal, muito influenciado pelo Darwismo que o homem e um ser instintivo que se comporta pelo instinto aproximando do modo irracional.

Há também realidade das classes sociais, exploração do homem pelo homem no caso João Romão fazendo Bertoleza trabalhar cada vez

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o livro

mais privando cada vez mais de uma vida digna, exploração de João Romão na quitanda de Bertoleza cobrando e roubando cada vez mais dos seus clientes.

No livro a presença de adultério se passa quase como um fato quase que rotineiro, no caso de Rita Baiana cheio de sensualidade por onde passa e notada e desejada, no cortiço era idolatrada por todos, que tinha um romance com firmo mais logo se viu metida com português que João Romão acabara de contratar na pedreira, Jeronimo homem bem honroso e trabalhador, bom marido e pai de família mais se invocou com Rita acabou caindo em adultério e se modificou.

A presença de determinismo na obra de Aluísio na qual o meio determina o homem, essa caracteriza está presente em toda obra, adultério escravidão acontecem quase como se tudo já estivesse determinado pelo meio social e que as historias de cada personagem só mudaria se o contexto fosse outro, outra raça ou ate sexualidade.

Nota-se que a resenha 6 representa um dos textos que compõe os 50% de textos divergentes em Araújo (1996). Esse texto contém a estratégia 4 “informando o leitor sobre a origem do livro” do *move* 1 e as estratégias 8 e 9, respectivamente “apresentando/discutindo o conteúdo” e “avaliando o livro” do *move* 2. No entanto, não apresenta a recomendação ou desqualificação do livro, conforme está disposto no *move* 3. Observa-se que o texto 19 também é divergente porque não apresenta o *move* 3, como pode ser confirmado a seguir.

### Texto nº 19

Neste capítulo nós estamos, enquanto leitores e pesquisadores, diante da definição e estudos sobre construtivismo e alfabetização. Logo de início somos apresentados ao argumento de que o construtivismo não deve ser entendido enquanto um método de ensino, pois construtivismo é na verdade uma teoria a respeito do aprendizado. Embora o construtivismo tenha sido adotado por Piaget, quem de fato adotou e tornou conhecida a expressão foi uma aluna de Jean Piaget, a psicóloga Emília Ferreiro, nascida na Argentina em 1936. Emília Ferreiro usou da teoria do seu mestre para pesquisar o processo mental pelo qual as crianças aprendem

<p><b>Move 1</b> Estabelecer o campo</p> <p><b>Estratégia 4</b> Informando o leitor sobre a origem do livro</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

a ler e a escrever, ou seja, para aprofundar seu conhecimento sobre a alfabetização.

Para entender a importância que tem o estudo do construtivismo sobre o olhar de Emilia Ferreiro é interessante conhecer sua biografia. A autora Emilia Ferreiro é também uma psicóloga, pesquisadora e escritora argentina, radicada no México. Faz o uso da psicolinguística para desvendar os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever. Seu nome completo é Emilia Beatriz Maria Ferreiro Schavi, nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936.

No fim dos anos 60, Emilia Ferreiro formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Concluiu seu doutorado na Suíça, sob a orientação do psicopedagogo Jean Piaget, dentro da linha de pesquisa inaugurada por Hermine Sinclair, que Piaget chamou de Psicolinguística Genética. Portanto, diante de uma biografia extremamente didática percebe-se a importância da leitura deste capítulo para os pesquisadores do construtivismo e da alfabetização.

Emilia tem notoriedade na área da educação por ter se destacado grandemente com contribuições, tendo desenvolvido uma concepção diferente acerca do processo de alfabetização. Diferente porque a autora inverte o foco da didática alfabetizadora, as velhas metodologias de como se deve ensinar o aluno, reinventando os modos tradicionais de como se deve aprender. As ideias de Emilia contribuíram para que os educadores revissem revisitassem os próprios métodos e concepções, reconhecendo que estes poderiam ser considerados tradicionais de ensino. Durante o primeiro tópico deste capítulo os autores traçam um panorama histórico de como Emilia Ferreiro se consolidou na educação e da maneira como teve seus trabalhos e obras lançadas e reconhecidas.

No segundo tópico há uma série de críticas aos métodos tradicionais de ensino. Cabe tornar válido que nessa parte do capítulo não há referência restrita aos estudos de Emilia Ferreira, porém há menções a diversos outros autores como Teberosky (1991), Decroly (1991) e referência a Noam Chomsky. Entre os métodos tradicionais transcritos há o método sintético ou alfabético, através do qual parte de unidades mínimas ou menores que as palavras, neste caso as letras, buscam a correspondência entre o que é oral, o som, e o que de fato está escrito, como a grafia. Esta é uma versão tradicional e um método que caiu em desuso devido a influência linguística.

Outro erro dos métodos tradicionais e que é duramente criticado é a concepção mecanicista e associacionista, sob a qual busca-se superar a afirmação de que a leitura trata-se de uma tarefa fundamentalmente visual

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 5**  
Apresentando o objetivo do livro

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando/discutindo o conteúdo do livro

e não auditiva. A crítica surge porque a percepção global do significado das palavras ou da oração vem primeiro se comparado à análise dos componentes ou das unidades alfabéticas. E já que estão falando sobre alfabetização, ressaltam que no cenário da educação infantil as visões de conjunto precedem a análise.

Para os métodos tradicionais o ato de escrever sem erros e a habilidade de pronunciar as palavras corretamente criaram os estereótipos de “falar bem” e de possuir “boa articulação”. Essas falácias passaram a ser requisitos indispensáveis para se escrever num sistema alfabético. Por essa mesma razão iniciava-se o aprendizado do aluno com a didática do professor totalmente voltado ao léxico, obrigando as crianças a reaprenderem a pronunciar começando pelas vogais, passando pelas sílabas até serem capazes de formar as primeiras palavras e diferenciar os sons da fala ou os fonemas.

O alfabetizando é considerado, segundo teoria de Emilia, um sujeito que ao interagir com a escrita é capaz de formular hipóteses, propondo e solucionando problemas no sentido de compreender a natureza, a função e o valor desse objeto cultural. Obviamente, não deve-se esperar que uma criança consiga formular e construir teorias sobre o universo e a origem do homem tendo apenas meros 4 ou 6 anos, mas através da aplicação da teoria do construtivismo a criança pode ter uma alfabetização que a ajude e facilite na criação da aprendizagem.

A criança, quando vista como sujeito do processo de alfabetização, não é simplesmente um receptor de dados iniciais, mas ao contrário, é um sujeito ativo. A criança alfabetizante é um construtor e produtor de seu próprio conhecimento, pautada sobre o que os autores chamam de “erros construtivos ou pedagógicos”, os quais são totalmente passíveis de compreensão. Entendendo que Piaget é basicamente o mestre da formação de Emilia, os autores fazem uso de suas colocações para fundamentar o embasamento do capítulo, ressaltando que os erros pedagógicos, na visão do próprio Piaget, são na verdade os pré-requisitos necessários para que a criança possa chegar ao conhecimento necessário e na resposta correta.

Esses erros pedagógicos, que muitas vezes podem ser construtivos, ocorrem porque uma criança não consegue regularizar verbos irregulares de modo mecânico, por imitação ou reforçamento externo, já que entendemos que tal feito só é alcançado porque adultos comumente convivem com as crianças e ensinam. Porém, as crianças possuem internamente desenvolvida uma estrutura lógica cognitiva através da qual se possibilita um surpreendente grau de conhecimento sobre seu próprio

idiota.

Embora o capítulo seja destinado às revisitações de Emilia Ferreiro sobre as pesquisas e teorias de Piaget, há um espaço no capítulo destinado a influência da psicolinguística contemporânea de Noam Chomsky. Chomsky criou a psicolinguística contemporânea em 1960, teoria essa que posteriormente os psicólogos tomaram como modelo de ponto de partida, a usando para provar determinadas realidades psicológicas.

Por fim, o capítulo encerra tratando sobre os princípios básicos da psicogênese da língua escrita, três fundamentos utilizados para compreender a escrita enquanto um sistema de representação da realidade. O primeiro princípio volta-se para a não identificação do ato de ler com decifrar, defendendo a ideia de que não se trata somente de decodificar as grafias. O segundo princípio básico é a não identificação da escrita com cópia de um modelo, o que ocorre quando a alfabetização não mais é vista como a aquisição de uma técnica voltada à reprodução gráfica da língua falada. E, por fim, o último princípio diz respeito a não identificar progressos na conceptualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

<p><b>Move 2</b> Sumariar o conteúdo</p> <p><b>Estratégia 9</b> Avaliando o livro</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------

Nota-se que nessa resenha, embora apresente a estratégia 9 - 'avaliando a obra', o autor-acadêmico não se posiciona criticamente sobre a obra, nem mesmo aponta a quem ela se destina, tampouco recomenda ou sugere aplicações.

Tendo em vista que esta pesquisa se propôs a analisar as resenhas acadêmicas produzidas pelos alunos do 5º período do curso de Letras, a partir do modelo CARS (SWALES, 1990), adaptado por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), observa-se que o cópús se apresentou mais prototípico em relação à estrutura retórica proposta por Araújo (1996). Isso deve-se ao fato de apenas 50% das resenhas se apresentarem divergentes a esse modelo, enquanto 66,66% se apresentaram divergentes em relação ao modelo proposto por Motta-Roth (1995).

### 3.3 Os desvios

Os desvios, nesta pesquisa, objetivam analisar os elementos formais que sinalizam a organização das resenhas acadêmicas no nível léxico-gramatical. Conforme destacado na introdução, a análise recairá sobre os problemas que

comprometem sobremaneira o projeto comunicativo dos textos-córpus. Tendo em vista os estudos de vários autores (SWALES, 1990; ARAÚJO, 1996; MOTTA-ROTH, 1995; BIASI-RODRIGUES 1998 entre outros), apresentados no tópico 1.3.2, a análise recairá sobre (1) Problema na utilização de marcadores e rótulos discursivos; (2) Não utilização de verbos no presente do indicativo; (3) Ausência/escassez de verbos dicendi ou de elocução; (4) Não conjugação dos verbos na 3ª pessoa.

Para realizar uma análise ancorada em dados quantitativos e qualitativos, utilizou-se o programa *WordSmith Tools*, mais especificamente as ferramentas *WordList* e *Concord*, que possibilitaram a criação de listas de palavras para identificar os desvios, bem como a seleção e o contexto em que ocorreram tais desvios.

A tabela abaixo apresenta os desvios detectados nas resenhas:

**Tabela 05 – Desvios léxico-gramaticais**

Número da resenha	Problemas na utilização de marcadores e rótulos discursivos	Não utilização de verbos no presente do indicativo	Ausência/escassez de verbos dicendi ou de elocução	Não conjugação dos verbos na 3ª pessoa
3	X	X		X
4		X	X	X
5		X		X
6		X		
7	X	X		X
8	X	X		X
9		X		X
10	X	X		X
11		X		X
12		X		X
13		X		X
14		X		X
15		X		
16		X		X
17		X		X

18		X		X
19		X		X
20		X		X

Destaca-se que as resenhas podem ter outros desvios léxico-gramaticais. Tendo em vista, no entanto, os objetivos desta pesquisa, a análise recairá somente nos desvios apontados na tabela acima.

### 3.3.1 Problema na utilização de marcadores e rótulos discursivos

A análise dos marcadores e rótulos discursivos, conforme foi discutido no tópico 1.3.2, recai sobre o processo de referenciação. Processo esse que se concretiza nas atividades discursivas por meio da introdução de novos elementos do texto e também, como referentes são retomados no texto. Destaca-se que tanto a introdução de novos elementos como a retomada dos referentes precisam produzir sentido.

Amparados nos estudos de Cavalcante e Santos (2012), nota-se que é preciso penetrar no sentido do texto. Nesse movimento, necessariamente, torna indispensável engendrar pelos diversos processos referenciais que sua construção perpassou por um processo dinâmico, estabelecendo relações intertextuais e interdiscursivas.

Ao analisar os 18 textos-cópus, observa-se que um dos desvios léxico-gramaticais está relacionado à coesão textual, mais especificamente à análise de anáfora e catáfora, consoante se constata no excerto a seguir:

“**Emma procura**, fora do casamento, à satisfação que sua vida diária não seria capaz de trazer. Assim **ela** se apaixona por um escrívão jovem, **Léon**, que depois se muda para Rouen e a deixa deprimida. Após, **Emma** então, se vê seduzida por um aristocrata, Rodolphe, com quem vivem ardentes aventuras, assim, **ela** se apaixona perdidamente e deseja fugir com **ele**, como acontece nos romances. Porém, **ele** a rejeita com uma carta de despedida escrita com muito cinismo. Após sofrer essa desilusão amorosa e ser abandonada por **ele**, a personagem volta a reencontrar o escrívão, agora mais velho, e vive com **ele** também um caso de adúltero. Enquanto isso, a personagem acaba envolvendo-se em empréstimos a fim de satisfazer sua luxúria e seu consumismo. No fim, sem amante e arruinada financeiramente, **Emma** toma veneno e morre e Charles, de amor, não suportando a realidade da traição da esposa, acaba morrendo também.” (Resenha 3 - Parágrafo 5º).

No trecho acima, observa-se que a utilização somente dos pronomes pessoais “ele” e “ela” como elemento de substituição acaba se transformando em redundância. Para resolver esse problema, o autor da resenha poderia utilizar sinônimos, hiperônimos, hipônimos, entre outros. Além desse desvio, observa-se também:

Além disso, o romance conta a história do casal *Bovary*, composto de Charles e Emma Bovary. **Ele** é apresentado como uma pessoa extremamente limitada e conformada com sua mediocridade, nas expressões do narrador: “Cumpria suas pequenas tarefas cotidianas como um cavalo de circo” (Resenha 3 - Parágrafo 4º).

Miranda ganha o título de barão e isso fez com que a inveja de seu vizinho aumentasse, então **ele** percebe que não bastava ter só dinheiro e não ter status ou posição social. (Resenha 10 - Parágrafo 7º).

No primeiro caso, a utilização do pronome “ele” pode remeter a dois referentes - “o romance” e a personagem “Charles”. Enquanto, no segundo exemplo, esse pronome pode referir à “Miranda” e ao “vizinho”. Em outras palavras, pode-se dizer que a utilização inadequada desse marcador discursivo torna os trechos dos dois textos ambíguos. No trecho abaixo, também há um problema em relação à utilização do pronome pessoal oblíquo, conforme pode ser observado no excerto:

Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês que escreveu o romance "Madame Bovary" que **o** fez levar aos tribunais. (Resenha 3 - Parágrafo 1º).

Nesse caso, não fica claro se o pronome “o” refere-se à Gustave Flaubert ou ao romance.

O segundo desvio léxico-gramatical observado nas resenhas-cópus foi a não utilização dos rótulos avaliativos. Isso se deve ao fato de 50% das resenhas analisadas não apresentarem nenhuma avaliação da obra resenhada, constatação que se ampara diante dos estudos de Araújo (1996). Para comprovar essa assertiva observe a resenha 3, que está no anexo III.

Outro problema detectado em relação aos marcadores discursivos relaciona-se à utilização inadequada dos recursos de coesão por conexão, mas especificamente, à conjunção aditiva “e”, conforme se observa do excerto:

Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês que escreveu o romance "Madame Bovary" que o fez levar aos tribunais, pois foi acusado de ofensa a moral **e** a religião. Foi absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena **e** condenado pelos puritanos, pelo tema adultério, pela crítica ao clero **e** à burguesia. Na adolescência se apaixona por Elisa Schlesinger, mulher casada **e** onze anos mais velha que ele. Entre 1837 **e** 1845 escreve o drama "Luís XI" **e** as novelas "Fantasia de Inferno",

"Paixão e Virtude". O amor impossível inspirou-lhe os livros "Memórias de um Louco", "Novembro" e "Educação Sentimental".

Assim, o autor faz, com seu texto, uma reflexão e decisiva análise crítica da sociedade francesa daquela época. No entanto, para atingir esse objetivo, o autor constrói o universo da obra de forma binária, expondo sempre dois lados: o campo e a cidade, o tédio e as diversões, a mediocridade e os sonhos, o burguês e o aristocrata e assim por diante. Deste modo, ao analisarmos o livro percebemos uma reflexão sobre o passado da literatura até os dias atuais (Resenha 3 - Parágrafos 1º, 2º, 8º).

Nele surge representações de comportamentos tidos como promíscuos e viciosos, atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços, trazendo duras críticas à sociedade da época e retratando o ser humano como um ser animalesco, que é movido apenas pelas suas vontades e seus desejos (Resenha 7 - Parágrafo 3º).

No Romantismo os triângulos amorosos eram formados basicamente pelo mocinho, pela mocinha e pelo vilão, que lutava contra a união do mocinho com a mocinha, no Realismo nós temos o Bentinho o seu melhor amigo, que não é vilão e nem mocinho e a Capitu que não é vilã e nem a mocinha (Resenha 8 - Parágrafo 6º).

Foi director do periódico O Distrito de Évora e colaborou em publicações periódicas como a Renascença (1878-1879?), A Imprensa (1885-1891), Ribaltas e gambiarras (1881) e postumamente na Revista de turismo iniciada em 1916 e na Feira da Ladra (1929-1943). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida (Resenha 12 - Parágrafo 2º).

Nos trechos acima, a repetição demasiadamente do conector aditivo “e” compromete as relações de sentido necessárias na construção da resenha. Esse excesso de repetição altera diretamente no nível de linguagem culta que deve ser utilizada em resenhas acadêmicas. Isso porque a utilização excessiva da conjunção “e” aponta para uma marca de oralidade inadequada ao projeto comunicativo das resenhas acadêmicas. Problemas semelhantes a esse podem também ser localizados nas resenhas 5 e 10 que estão no anexo III.

### 3.3.2 Não utilização de verbos no presente do indicativo

A utilização dos verbos no presente do indicativo, conforme aponta Motta-Roth (2010) e já discutido no tópico 1.3.2, é indispensável nas resenhas acadêmicas, uma vez que esse modo e tempo verbal são responsáveis por atribuir atualidade aos textos resenhados.

Ao analisar o cópulus desta pesquisa observou que vários acadêmicos do Curso de Letras não utilizaram os verbos no presente do indicativo. A lista de

palavras gerada pela *WordList* do Programa *WordSmith Tools* aponta que verbos foram utilizados no pretérito. Observe:

**Tabela 06 – Verbos no pretérito utilizados nas resenhas**

<b>WordSmith Tools: Word list (lista de palavras.lst)</b>						
<b>N</b>	<b>Word</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Qtd. Textos</b>	<b>%</b>	<b>Textos em que estão presentes</b>
1	FOI	57	0,30	15	83,33	3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20
2	ERA	26	0,14	9	50,00	4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 14
3	TINHA	12	0,06	7	38,89	3, 5, 6, 8, 11, 12, 13
4	FEZ	11	0,06	9	50,00	3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 20
5	NASCEU	9	0,05	9	50,00	3, 6, 8, 10, 11, 12, 17, 19, 20
6	FORAM	9	0,05	5	27,78	3, 9, 11, 12
7	TEVE	8	0,04	6	33,33	5, 6, 9, 12, 15, 19
8	PASSOU	8	0,04	6	33,33	5, 6, 8, 9, 10, 12
9	ESTAVA	6	0,03	4	22,22	3, 6, 11, 12
10	PODERIAM	5	0,03	4	22,22	8, 13, 18, 19
11	INGRESSOU	4	0,02	3	16,67	12, 17, 20
12	HAVIA	4	0,02	4	22,22	4, 9, 12, 14
13	GOSTAVA	4	0,02	4	22,22	3, 5, 8, 11
14	ESTUDOU	4	0,02	4	22,22	3, 12, 15, 20
15	ERAM	4	0,02	4	22,22	4, 5, 6, 8
16	DEIXOU	4	0,02	3	16,67	5, 6, 7
17	CONSEGUIU	4	0,02	2	11,11	3, 13
18	TRAIU	3	0,02	2	11,11	5, 8
19	TORNOU	3	0,02	3	16,67	6, 11, 19
20	PASSAVA	3	0,02	2	11,11	6, 11
21	FORMOU	3	0,02	3	16,67	5, 15, 19
22	FICOU	3	0,02	3	16,67	9, 12, 20
23	FAZIA	3	0,02	3	16,67	6, 12, 20
24	FALECEU	3	0,02	3	16,67	8, 11, 15
25	CRIOU	3	0,02	3	16,67	10, 19, 20
26	CONCLUIU	3	0,02	2	11,11	19, 20
27	CHEGOU	3	0,02	3	16,67	6, 11, 12
28	CAIU	3	0,02	3	16,67	5, 6, 19
29	VIVIA	2	0,01	2	11,11	7, 9
30	VIVEU	2	0,01	2	11,11	19, 20
31	TRABALHAVA	2	0,01	1	5,56	6
32	TINHAM	2	0,01	2	11,11	16, 20
33	SURGIU	2	0,01	2	11,11	5, 20
34	SAIU	2	0,01	1	5,56	12

35	PUBLICOU	2	0,01	1	5,56	11
36	HOUVE	2	0,01	2	11,11	8, 14
37	GANHOU	2	0,01	1	5,56	3
38	FORMAVA	2	0,01	2	11,11	7, 10
39	ESTUDARAM	2	0,01	2	11,11	5, 16
40	DEU	2	0,01	2	11,11	4, 20
41	DEDICOU	2	0,01	2	11,11	10, 20
42	CUMPRIU	2	0,01	2	11,11	9, 12
43	CRESCIA	2	0,01	2	11,11	5, 6
44	CONSTRUIU	2	0,01	2	11,11	4, 6
45	CONHECEU	2	0,01	1	5,56	5
46	CASOU	2	0,01	2	11,11	11, 12
47	ACONTECEU	2	0,01	2	11,11	8, 12
48	ACABOU	2	0,01	2	11,11	3, 6
49	VIVIAM	1	0,01	1	5,56	7
50	VIVENCIOU	1	0,01	1	5,56	15
51	VIU	1	0,01	1	5,56	6
52	VISITARAM	1	0,01	1	5,56	12
53	VALIA	1	0,01	1	5,56	17
54	UTILIZOU	1	0,01	1	5,56	15
55	USOU	1	0,01	1	5,56	19
56	TOMOU	1	0,01	1	5,56	6
57	TOMARAM	1	0,01	1	5,56	19
58	TERMINOU	1	0,01	1	5,56	12
59	TERIAM	1	0,01	1	5,56	12
60	TEMIA	1	0,01	1	5,56	5
61	SUPOORTAVA	1	0,01	1	5,56	14
62	SOFREU	1	0,01	1	5,56	9
63	SIGNIFICAVAM	1	0,01	1	5,56	3
64	ROUBAVAM	1	0,01	1	5,56	6
65	REVELOU	1	0,01	1	5,56	10
66	RESOLVEU	1	0,01	1	5,56	12
67	REPRESENTAVA	1	0,01	1	5,56	13
68	REESCREVIA	1	0,01	1	5,56	3
69	RECEBEU	1	0,01	1	5,56	10
70	REALIZARAM	1	0,01	1	5,56	16
71	QUERIAM	1	0,01	1	5,56	5
72	QUEBROU	1	0,01	1	5,56	11
73	PERMANECEU	1	0,01	1	5,56	12
74	PERDEU	1	0,01	1	5,56	9
75	PASSARAM	1	0,01	1	5,56	19
76	PARTIU	1	0,01	1	5,56	5
77	PARECIAM	1	0,01	1	5,56	8
78	OLHAVA	1	0,01	1	5,56	12
79	OFERECEU	1	0,01	1	5,56	15

80	OCUPOU	1	0,01	1	5,56	8
81	OCORRERAM	1	0,01	1	5,56	11
82	MOSTROU	1	0,01	1	5,56	3
83	MORREU	1	0,01	1	5,56	12
84	MORAVA	1	0,01	1	5,56	4
85	MODIFICOU	1	0,01	1	5,56	6
86	MIMAVAM	1	0,01	1	5,56	4
87	MENCIONOU	1	0,01	1	5,56	12
88	MENCIONARAM	1	0,01	1	5,56	20
89	MATRICULOU	1	0,01	1	5,56	10
90	LUTAVA	1	0,01	1	5,56	8
91	LEVAVAM	1	0,01	1	5,56	14
92	LEVARAM	1	0,01	1	5,56	17
93	INVOCOUCO	1	0,01	1	5,56	6
94	INTERESSOU	1	0,01	1	5,56	17
95	INICIOU	1	0,01	1	5,56	10
96	INICIAVA	1	0,01	1	5,56	19
97	GOSTEI	1	0,01	1	5,56	9
98	FIZERAM	1	0,01	1	5,56	5
99	EXERCEU	1	0,01	1	5,56	12
100	ESTUDAVA	1	0,01	1	5,56	8
101	ESCREVIA	1	0,01	1	5,56	3
102	ENTREGOU	1	0,01	1	5,56	12
103	ENRIQUECEU	1	0,01	1	5,56	6
104	ENCONTRAVAM	1	0,01	1	5,56	6
105	DESPERTOUCO	1	0,01	1	5,56	20
106	DESENVOLVIAM	1	0,01	1	5,56	20
107	DEFENDEU	1	0,01	1	5,56	3
108	DECLARAVA	1	0,01	1	5,56	20
109	CONVIVEU	1	0,01	1	5,56	4
110	CONTRIBUÍRAM	1	0,01	1	5,56	19
111	CONTRAIU	1	0,01	1	5,56	5
112	CONTINUOU	1	0,01	1	5,56	5
113	CONSTRUÍRAM	1	0,01	1	5,56	6
114	CONSTITUIU	1	0,01	1	5,56	20
115	CONSOLIDOU	1	0,01	1	5,56	19
116	CONCLUÍMOS	1	0,01	1	5,56	20
117	COMPROU	1	0,01	1	5,56	6
118	COMIA	1	0,01	1	5,56	6
119	COMEÇOU	1	0,01	1	5,56	10
120	COLABOROU	1	0,01	1	5,56	12
121	CHAMOU	1	0,01	1	5,56	19
122	CAUSOU	1	0,01	1	5,56	9
123	BUSCAVA	1	0,01	1	5,56	3

124	BEIJOU	1	0,01	1	5,56	12
125	ARRENDAVA	1	0,01	1	5,56	12
126	ARRASTAVA	1	0,01	1	5,56	8
127	APROVEITOU	1	0,01	1	5,56	12
128	ADOTOU	1	0,01	1	5,56	19
129	ADAPTOU	1	0,01	1	5,56	11
130	ACREDITAVA	1	0,01	1	5,56	15
131	ACONSELHOU	1	0,01	1	5,56	12
132	ACEITOU	1	0,01	1	5,56	6

Os dados apresentados na tabela acima apontam que 132 verbos foram utilizados no pretérito. Destaca-se, portanto, que esses verbos podem aparecer em mais de um texto. Tal constatação pode ser confirmada diante da análise de alguns excertos:

[...] em 1789 **publicou** sua primeira obra literária (uma lagrima de mulher) (Resenha 11 - Parágrafo 2º).

Em 1870 **ingressou** na Administração Pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria (Resenha 12 - Parágrafo 2º).

**Vivenciou** períodos de grande turbulência mundial, pois de 1914 a 1945 eclodiram duas grandes guerras, quer dizer o avanço fascista e revolução socialista (Resenha 15 - Parágrafo 1º).

Chomsky **criou** a psicolinguística contemporânea em 1960, teoria essa que posteriormente os psicólogos tomaram como modelo de ponto de partida, a usando para provar determinadas realidades psicológicas (Resenha 19 - Parágrafo 11º).

Na busca por métodos precisos e eficazes, embasados na experimentação Edward Lee Thorndike (1874-1949) **ficou** conhecido por criar a “Lei do efeito”, onde o indivíduo surtirá efeitos satisfatórios de aprendizagem seja a punições ou recompensas (Resenha 20 - Parágrafo 3º).

Nesta pesquisa, a utilização dos verbos no pretérito constitui-se um desvio por atribuir o sentido de ultrapassado aos textos resenhados. Como já foi exposto por Motta-Roth (2010), o presente do indicativo é o tempo indicado para ser utilizado nas resenhas acadêmicas, uma vez que esse tempo verbal destaca a atualidade e relevância da obra/texto resenhado. Já o modo verbal indica também a posição do sujeito diante da ação verbal.

### 3.3.3 Ausência/escassez de verbos dicendi ou de elocução

A análise da ausência/escassez de verbos dicendi ou de elocução recairá sobre os verbos que foram ou poderiam ter sido usados para garantir a polifonia das resenhas. Nesse sentido, a análise do cópuz desta pesquisa permitiu levantar a quantidade e variedade de verbos dicendi empregados pelos acadêmicos do curso de Letras na produção das resenhas. Observou-se a ocorrência de 53 verbos dicendi em 18 resenhas, conforme se comprova diante dos dados da tabela abaixo, gerados pelo Programa *WordSmith Tools*:

**Tabela 07 – Verbos dicendi**

<b>WordSmith Tools: Word list (lista de palavras.lst)</b>						
<b>N.</b>	<b>Word</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Qtd. textos</b>	<b>%</b>	<b>Nº dos textos-Cópus<sup>12</sup></b>
1	CONTA	16	0,08	12	66,67	3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18
2	MOSTRA	12	0,06	7	38,89	5, 9, 11, 12, 14, 16, 18
3	RETRATA	10	0,05	4	22,22	6, 7, 10, 11
4	APRESENTA	9	0,05	5	27,78	5, 6, 12, 13, 17
5	FALA	7	0,04	5	27,78	5, 13, 16, 18, 19
6	TRATA	6	0,03	5	27,78	5, 11, 12, 18, 19
7	REPRESENTA	6	0,03	3	16,67	9, 11, 16
8	DIZ	6	0,03	4	22,22	3, 8, 18, 19
9	EXPLORA	5	0,03	5	27,78	3, 5, 8, 11, 16
10	COMPLETA	5	0,03	5	27,78	7, 11, 17, 20
12	DESCREVE	4	0,02	4	22,22	9, 11, 20
13	DEMONSTRA	4	0,02	3	16,67	15, 16, 20
14	DEFENDE	4	0,02	3	16,67	6, 9, 10, 18
15	CARACTERIZA	4	0,02	4	22,22	11, 16, 18
16	DETERMINAM	3	0,02	3	16,67	19, 20
17	CONCLUIU	3	0,02	2	11,11	17, 20
18	COMPREENDE	3	0,02	2	11,11	16, 19
19	RESSALTAM	2	0,01	2	11,11	9, 16
20	REGEM	2	0,01	2	11,11	11, 20
21	PROPÕE	2	0,01	2	11,11	5, 20
22	OBSERVA	2	0,01	2	11,11	11, 19
23	ENCERRA	2	0,01	2	11,11	17, 18

<sup>12</sup> Coluna inserida pela autora, tendo em vista que a tabela gerada pelo WST não trazia em quais textos apareciam esses verbos.

24	CORRESPONDEM	2	0,01	2	11,11	18, 20
25	CONSIDERA	2	0,01	2	11,11	3, 7
26	COMPÕE	2	0,01	2	11,11	5, 20
27	CITAM	2	0,01	2	11,11	12, 15
28	AFIRMA	2	0,01	2	11,11	8, 15
29	ABORDA	2	0,01	2	11,11	10
30	SALIENTA	1	0,01	1	5,56	10
31	REVELOU	1	0,01	1	5,56	17
32	REVELA	1	0,01	1	5,56	20
33	RESUME	1	0,01	1	5,56	16
34	RESULTA	1	0,01	1	5,56	13
35	REPRESENTAVA	1	0,01	1	5,56	13
36	REMETE	1	0,01	1	5,56	5
37	RELATA	1	0,01	1	5,56	20
38	REFORÇAM	1	0,01	1	5,56	12
39	REFEREM	1	0,01	1	5,56	11
40	REFERE	1	0,01	1	5,56	3
41	REESCREVIA	1	0,01	1	5,56	3
42	PROPÕEM	1	0,01	1	5,56	20
43	MOSTROU	1	0,01	1	5,56	3
44	MENCIONOU	1	0,01	1	5,56	12
45	MENCIONARAM	1	0,01	1	5,56	20
46	EXPÕE	1	0,01	1	5,56	3
47	DIZEM	1	0,01	1	5,56	20
48	DETERMINA	1	0,01	1	5,56	6
49	DENOTA	1	0,01	1	5,56	17
50	DEFINE	1	0,01	1	5,56	16
51	DECLARAVA	1	0,01	1	5,56	20

Os dados apontam que os verbos mais frequentes no corp us são: contar (16 ocorrências), mostrar (12 ocorrências), retratar (10 ocorrências), apresentar (9 ocorrências) e falar (7 ocorrências). Todos aparecem conjugados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. A seguir, constam alguns trechos das resenhas que comprovam tal assertiva:

**Tabela 08 – Exemplos de verbos dicendi mais utilizados nas resenhas**

N	Concordance	File
1	“O Cortiço” (1890), <b>conta</b> a história de João Romão	7.txt
2	Casmurro de Machado de Assis <b>conta</b> em primeira pessoa a história...	14.txt
3	a entender mais, Dom Casmurro <b>conta</b> uma história de um homem muito...	8.txt

4	pouco a própria obra. O autor <b>mostra</b> seus pontos negativos e positivos...	5.txt
5	as suas formas. Essa obra nos <b>mostra</b> como até hoje a sociedade...	12.txt
6	no de 2009. O livro O Cortiço <b>retrata</b> o cotidiano de famílias pobres...	10.txt
7	conhecimento de tudo) a obra <b>retrata</b> o tempo é trabalhado de maneira...	11.txt

Tal número de ocorrência desses verbos caracteriza-se como um aspecto positivo. O verbo “contar”, por exemplo, deveria aparecer em todas as resenhas sobre o romance *Madame Bovary*.

Entretanto, essa análise também identificou que 23 verbos só aparecem em apenas um texto e 11 em dois textos. Dentre os verbos que são pouco utilizados nas resenhas, cita-se: relatar, afirmar e definir. O verbo “relatar”, por exemplo, deveria ter mais ocorrências, tendo em vista que a maior parte dos textos resenhava um romance, que é um gênero predominantemente narrativo. A seguir, destacam-se trechos em que esses verbos aparecem:

**Tabela 09 – Exemplos de verbos dicendi menos utilizados nas resenhas**

N	Concordance	File
1	os quais se encontra, procura <b>relatar</b> a história de sua vida...	4.txt
2	Em vista disso, é possível <b>afirmar</b> que este livro é um expoente...	7.txt
3	da leitura, cada princípio se <b>define</b> pela função que desempenha...	16.txt

É importante salientar que pela quantidade de textos analisados, os verbos dicendi ou os chamados verbos de elocução não são muito utilizados pelos acadêmicos, o que é considerado um desvio léxico-gramatical, já que os verbos dicendi são os verbos de dizer característicos do gênero resenha. Além disso, destaca-se a utilização de poucos verbos pelos acadêmicos, pelos dados da tabela observa-se que apenas 7 verbos foram utilizados em mais de 5 resenhas.

Sabendo que os verbos dicendi são usados para inserir o discurso do outro no texto (OLIVEIRA, 2004), a baixa incidência desses verbos no cópús desta pesquisa pode apontar para uma dificuldade dos acadêmicos em se posicionar e trazer a voz do outro para o texto acadêmico.

### 3.3.4 Não conjugação dos verbos na 3ª pessoa

A resenha, como já discutido anteriormente, caracteriza-se pela impessoalidade da linguagem, ou seja, pelo afastamento autor-leitor, motivo pelo qual a 1ª pessoa do singular e do plural deve ser evitada. Nesse sentido, é indicado que o resenhista utilize, nesse gênero acadêmico, a 3ª pessoa do singular ou do plural.

O emprego de uma linguagem impessoal nas resenhas acadêmicas omite os agentes do discurso para ocultar a opinião pessoal do resenhista e as diversas vozes que compõem o texto. Essa postura atenua a dialogia e contribui para a posição impessoal do resenhista sobre a obra/texto resenhada.

Ao processar o corpus, a ferramenta WordList do WST levantou 26 verbos conjugados na primeira pessoa, sendo que alguns verbos aparecem até oito vezes nas 18 resenhas. Observe na tabela abaixo:

**Tabela 10 – Verbos conjugados na 1ª pessoa - WordList**

<b>WordSmith Tools: Word list (lista de palavras.lst)</b>						
<b>N.</b>	<b>Word</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Qtd. de Textos</b>	<b>%</b>	<b>Nº dos textos que aparecem</b>
1	PODEMOS	11	0,06	8	44,44	4, 5, 7, 8, 9, 12, 14, 16
2	TEMOS	8	0,04	6	33,33	7, 8, 12, 16, 18, 20
3	PERCEBEMOS	4	0,02	4	22,22	3, 5, 16, 18
4	VEMOS	3	0,02	2	11,11	9, 16
5	RECOMENDO	3	0,02	3	16,67	4, 7, 10
6	CONHECEMOS	3	0,02	3	16,67	11, 14, 16
7	SOMOS	2	0,01	2	11,11	18, 19
8	ESTAMOS	2	0,01	2	11,11	18, 19
9	ENTENDEMOS	2	0,01	2	11,11	19, 20
10	ANALISARMOS	2	0,01	2	11,11	3, 7
11	SERMOS	1	0,01	1	5,56	16
12	REALIZARMOS	1	0,01	1	5,56	18
13	PRECISAMOS	1	0,01	1	5,56	18
14	JULGAMOS	1	0,01	1	5,56	12
15	INTERPRETAMOS	1	0,01	1	5,56	16

17	FAZEMOS	1	0,01	1	5,56	18
18	ESPERAMOS	1	0,01	1	5,56	18
19	ESFORÇAMOS	1	0,01	1	5,56	18
20	ENCONTRAMOS	1	0,01	1	5,56	16
21	CONCLUÍMOS	1	0,01	1	5,56	20
22	COMEÇAMOS	1	0,01	1	5,56	13
23	BUSCAMOS	1	0,01	1	5,56	17
24	AGIMOS	1	0,01	1	5,56	18
25	ADQUIRIMOS	1	0,01	1	5,56	17
26	ABORDAMOS	1	0,01	1	5,56	7

Ao analisar dos dados da tabela acima, nota-se que em 83.33% das resenhas foram utilizados verbos em primeira pessoa. No texto 18, por exemplo, há 10 verbos conjugados na primeira pessoa. Tais contextos em que esses verbos aparecem, gerados pela ferramenta Concord do WST, são indicados a seguir:

**Tabela 11 – Verbos conjugados na 1ª pessoa - Concord**

N	Concordance	File
1	olhos de ressaca"; "Traziam não <b>sei</b> que fluido misterioso	8.txt
2	tem que ser lida por prazer <b>Gostei</b> muito da obra.	9.txt
3	determinado estímulos. Adiante <b>temos</b> o condicionamento operante de	20.txt
4	na obra de Aluísio Azevedo, <b>temos</b> o típico da burguesia	7.txt
5	Logo, quando vemos as formas <b>temos</b> a tendência a percebê-las	16.txt
6	com a mocinha, no Realismo nós <b>temos</b> o Bentinho o seu melhor amigo	8.txt
7	Ele cita no texto que nós <b>temos</b> necessidades que variam desde	18.txt
8	Segundo Aristóteles todos nós <b>temos</b> um impulso natural	18.txt
9	expressos na obra, <b>temos</b> de forma explícita	7.txt
10	crítica, afinal de contas se <b>temos</b> uma sociedade crítica capaz	12.txt
11	modo, ao analisarmos o livro <b>percebemos</b> uma reflexão sobre o passado	3.txt
12	proximidade, através do qual <b>percebemos</b> as partes que estão mais próximas	16.txt
13	necessidade, a medida em que <b>percebemos</b> que os resultados de nossas	18.txt
14	mais importantes do romance, <b>percebemos</b> que há uma grande análise	5.txt
15	devotos na época. Além disso <b>vemos</b> a participação da Igreja	9.txt
16	e mais regular. Logo, quando <b>vemos</b> as formas temos a tendência	16.txt
17	com o interpretamos o que <b>vemos</b> . Antes de sermos apresentados	16.txt

18	fora essa obrigação escolar, <b>recomendo</b> este livro para todos	7.txt
19	criando assim uma traição. Eu <b>recomendo</b> a leitura do clássico da Literatura	4.txt
20	traição e a hipocrisia. Não só <b>recomendo</b> a leitura do livro como acho	10.txt
21	principal e todos os outros <b>conhecemos</b> através da ótica de Casmurro,	14.txt
22	de cada um dos princípios, <b>conhecemos</b> a lei da boa forma que anuncia	16.txt
23	passado, hoje similares ao que <b>conhecemos</b> por favelas. Quando lançado,	11.txt
24	alfabetização. Logo de início <b>somos</b> apresentados ao argumento de	19.txt
25	e estímulos externos, ou seja <b>somos</b> motivados a agir por conta do	18.txt
26	fazemos as coisas conforme <b>estamos</b> com vontade de as fazer, por	18.txt
27	Neste capítulo nós <b>estamos</b> , enquanto leitores e pesquisadores	19.txt
28	quando essa linha de perspectiva <b>entendemos</b> que a educação prepara seus a	20.txt
29	reforçamento externo, já que <b>entendemos</b> que tal feito só é alcançado	19.txt
30	os raciais e de classe. Já ao <b>analisarmos</b> a Burguesia da época retratada	7.txt
31	por diante. Deste modo, ao <b>analisarmos</b> o livro percebemos uma reflexão	3.txt
32	o que vemos. Antes de <b>sermos</b> apresentados às definições de	16.txt
33	de reconhecimento, ou seja ao <b>realizarmos</b> determinadas atividades sempre	18.txt
34	para nós são a nossa essência <b>precisamos</b> delas para sobreviver, quando	18.txt
35	as informações gerais que <b>julgamos</b> necessárias para o conhecimento	12.txt
36	ao pensamento, ou seja, com o <b>interpretamos</b> o que vemos. Antes de sermos	16.txt
37	das informações que possui, <b>fazemos</b> as coisas conforme estamos	18.txt
38	determinadas atividades sempre <b>esperamos</b> méritos pelos nossos esforços	18.txt
39	nossas ações e compensatório, <b>esforçamos</b> para ter um desempenho eficaz	18.txt
40	mentais da teoria da Gestalt” <b>encontramos</b> percepções de como a Gestalt	16.txt
41	de casa passo. Portanto, <b>concluimos</b> que uma programação de ensino	20.txt
42	É por meio da leitura que <b>começamos</b> a formar-se posicionamentos,	13.txt
43	pulsões básicas, em que <b>buscamos</b> a satisfação imediata de nossa	17.txt
44	cada indivíduo, sendo assim <b>agimos</b> inteiramente a fim de obter	18.txt
45	ideais internalizados que <b>adquirimos</b> com nossos pais e com a sociedade	17.txt
46	oração do pobre pelo rico. Ao <b>abordarmos</b> os determinismos expressos	7.txt

Nota-se que, em alguns trechos levantados pela WST, embora o resenhista tenha uma opinião formada sobre o conteúdo do texto resenhado, ele acaba comentando um desvio ao defender seu ponto de vista em primeira pessoa. Isso significa que ele (o autor da resenha) não deixou a narrativização de lado e utilizou uma conjugação verbal que traz para seu texto as emoções e a subjetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar as fugas, as divergências e os desvios nas resenhas acadêmicas produzidas por alunos do 5º período do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Jussara. A análise das fugas e divergências recaiu-se sobre a estrutura retórica, tendo como base o modelo de CARS de John Swales (1990), adaptado por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996). Já a análise dos desvios ancorou-se sobre os aspectos léxico-gramaticais, mais especificamente nos problemas com marcadores e rótulos discursivos, bem como no que concerne a não utilização de verbos no presente do indicativo, na ausência/escassez de verbos dicendi e na não conjugação dos verbos na 3ª pessoa do discurso.

Assim, a busca pelas fugas e divergências sugere que as resenhas acadêmicas, segundo Motta-Roth (1995), se estruturam a partir de *moves* e subfunções; e, para Araújo (1996), a arquitetura textual desse gênero acadêmico se organiza a partir de *moves* e estratégias. Enquanto a descrição dos desvios aponta que o *córpus* desta pesquisa deveria utilizar adequadamente os marcadores e rótulos discursivos, verbos no presente do indicativo conjugados na 3ª pessoa e variados verbos dicendi.

A opção por utilizar a pesquisa quantitativa e qualitativa possibilitou segmentar as resenhas para analisar e descrever as fugas, as divergências e os desvios. Já a opção por empregar a Linguística de *Córpus*, mais especificamente o Programa *WordSmith Tools* como base metodológica permitiu a construção de listas de palavras com os desvios léxico-gramaticais, bem como levantar o contexto das resenhas em que tais desvios aparecem.

A análise dos dados demonstrou que, dos 20 textos-*córpus*, 02 (dois) fugiram à estrutura prototípica de uma resenha, tanto ao considerar os estudos de Motta-Roth (1995) quanto para Araújo (1996). Observou-se que os dois textos não continham os movimentos retóricos do gênero resenha e que, apesar de os autores tentarem produzir uma resenha, o primeiro texto foi caracterizado como resumo indicativo, de acordo com a sua estrutura; já o segundo, conforme o próprio autor caracteriza, trata-se de uma análise crítica.

Constata-se, assim, que dos 18 (dezoito) textos que apresentaram estrutura prototípica da resenha 66,66% divergiram em relação à Motta-Roth (1995) e 50 % divergiram em relação à Araújo (1996). A descrição apontou que as divergências recaíram somente nos *moves* 3 e 4 do modelo proposto por Motta-Roth (1995) e *move* 3 do modelo defendido por Araújo (1996). Diante dessas evidências, torna-se notório que a dificuldade na produção da resenha pelos acadêmicos do Curso de Letras recaí-se sobre a avaliação e a recomendação da obra resenhada.

O levantamento dos desvios apontou que os textos-cópus apresentaram problemas na utilização de marcadores e rótulos discursivos, verbos no presente do indicativo, verbos dicendi e conjugação dos verbos em 3ª pessoa. A análise revelou que os maiores desvios estão relacionados à utilização dos verbos no presente do indicativo e a sua conjugação em 3ª pessoa.

Observou-se que quanto aos marcadores e rótulos discursivos utilizados incorretamente revelaram problemas como redundância, ambiguidade e repetições que induziram a inadequações ao projeto comunicativo das resenhas acadêmicas.

Em relação a não utilização dos verbos no presente do indicativo, a análise revelou que em todos os textos há verbos que estão no pretérito do indicativo, tal conjuntura aponta para um desvio, haja vista que as resenhas acadêmicas devem ser escritas com verbos no presente do indicativo para demarcar a atualidade e relevância da obra resenhada.

Ademais, a ausência/escassez de verbos dicendi nas resenhas foi comprovada pela quantidade de verbos listados, apenas 53 verbos dicendi em um cópus de 18 resenhas, sendo que em uma das resenhas não foi registrado o uso de verbo dicendi.

Já em relação à conjugação dos verbos na 3ª pessoa, nas resenhas acadêmicas analisadas observa-se uma quantidade relevante de verbos conjugados na 1ª pessoa. Esse aspecto aponta que os autores realizaram avaliações pessoais e subjetivas das obras resenhadas.

Vale lembrar que este trabalho está vinculado à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, denominada Estudos de Língua e Interculturalidade. Nesse sentido, o que se espera é que esta dissertação apresente ao estudioso da linguagem – e, mais especificamente, da Língua Portuguesa – um caminho para o entendimento do gênero textual ‘resenha acadêmica’, na perspectiva de contribuir

com a análise das dificuldades que os acadêmicos apresentam ao produzir esse importante gênero textual, dada a recorrência de tal prática de escrita nas universidades na solicitação de professores. Ao evidenciar as dificuldades dos alunos na produção desse gênero, esta pesquisa pode apontar caminhos teórico-metodológicos para os professores universitários trabalharem esse gênero em sala de aula.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa apresenta limites e esses limites podem apontar para a necessidade de realizar novas pesquisas, que possam ampliar o alcance dos dados apresentados nesta dissertação. Entre os limites, aponta-se a necessidade de compreender porque os acadêmicos produtores das resenhas apresentaram dificuldades na estrutura retórica do gênero que se relaciona à avaliação e à recomendação da obra. Além disso, torna-se relevante compreender porque os alunos conjugaram os verbos em 1ª pessoa, bem como no passado – ou seja, empregaram marcas de subjetivação e modo temporal que divergem, conforme outrora dito, das formas composicionais e da estilística prototípica de tal gênero acadêmico.

Portanto, tais limites delineiam, ainda, o contorno desta pesquisa acadêmica, tendo em vista que nenhum tema ou viés teórico-metodológico pode ser plenamente esgotado em nenhuma pesquisa, mas a teia acadêmica é justamente tecida diante de vários estudos, diferentes abordagens, métodos e práticas.

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6022: informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003a.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003b.

ANDRADE, M. M. *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. São Paulo: Atlas, 1995.

ARANHA, S. The development of a genre-based writing course for graduate students in two fields. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. (Ed.). *Genre in a Changing World*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse, 2009.

ARAÚJO, A. D. *Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

ARAÚJO, A. D. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais e comunidade discursivas: um diálogo com Jonh Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARAÚJO, A. D. Resenha crítica acadêmica: relações entre termos específicos e não específicos. In: CONGRESSO NACIONAL DE ABRALIN, 2., 1997, Florianópolis, SC. *Anais...* Florianópolis, SC, 1997.

ASSIS, E. F. de. *Iconicidade lexical: o insólito em "Sombras de Reis Barbudos"*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal: os gêneros do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M.. *The dialogic imagination: four essays*. In: HOLQUIST, M. (Org.). *M. M. BAKHTIN*. Trad.: C. Emerson e M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero: história, teoria, pesquisa*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra et al. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividade: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BERNADINO, C. G. *Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

BERNSTEIN, B. *Class, Codes and control 4: the structuring of pedagogic discourse*. London; New York: Routledge, 1990.

BEZERRA, B. G. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

BEZERRA, B. G. *Gêneros introdutórios em livros acadêmicos*. 2006. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BEZERRA, B. G. ;BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009.

BHATIA, V. K. Análises de gêneros hoje. Trad. Benedito Gomes Bezerra. [*Revue Belge de Philologie et d' Histoire*, Bruxelles, n. 75, p. 629-652, 1997]. *Revista de Letras*, n. 23, v. 1-2, p. 102-115, jan.-dez. 2001.

BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. New York: Longman, 1993.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BIASI-RODRIGUES, B.;ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. de (Org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BIDERMAN, M T. C. Fundamentos da lexicologia. In: \_\_\_\_\_. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo sóciodiscursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

BRONCKART, J. P. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências: por uma renovação do ensino da produção escrita. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p.163-176, jan.-jun. 2010.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bezerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CONTE, M.-E. Anaphoric encapsulation. *Belgian Journal of Linguistics*, n. 10, p. 1-7, out. 1996.

CORACINI, M. J. R. F. Concepções de leitura na (pós-modernidade). In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. *Designing and conducting mixed methods research*. 2<sup>nd</sup>. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

CRISMORE, A. *Talking with readers: metadiscourse as rhetorical act*. New York: Longman, 1989.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1988.

DENZIN, N. K. *The values of social sciences*. Nueva York: Aldine, 1970.

DOLZ, J.; PASQUIER, A.; BRONCKART, J-P. L'acquisition des discours: emergence d'une compétence ou apprentissage de capacités langagières? *ÉLA – Études de Linguistique Appliquée*, n. 92, p. 23-37, 1993.

DOWNEY, K.; IRELAND, D. Quantitative versus qualitative: the case of environmental assessment in organizational study. *Administrative Science Quartely*, v. 24, n. 4, p. 630-637, Dec. 1979.

FEAK, C. B.; SWALES, J. M. *Telling a research story: writing the literature review*. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Para entender o texto – Leitura e redação. 16<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2006.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994. p. 83-101.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

GOIÁS. Universidade Estadual de Goiás. Unidade Universitária de Jussara. *Aluno*. Disponível em: <[http://www.jussara.ueg.br/conteudo/893\\_aluno](http://www.jussara.ueg.br/conteudo/893_aluno)>. Acesso em: 20 jun. 2019.

HALLIDAY, M. A. *An introduction to functional grammar*. 2ª ed. London: E. Arnold, 1994.

HYLAND, K. *Applying a Gloss: Exemplifying and Reformulating in Academic Discourse*. Applied Linguistics, Vol. 28. N. 2, Oxford University Press, 2007.

HASAN, R. Society Language and the mind: the meta-dialogism of Basil Bernstein's Theory. In: CHRISTIE, F. (Org.), *Pedagogy and the shaping of consciousness: linguistic and social processes*. London; New York: Continuum, 1999.

HILL, M. M.; HILL, A. *Investigação por questionário*. 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2012.

HYLAND, K. *Genre and second language writing*. 4ª ed. Michigan: University of Michigan Press, 2007.

KERSCH, D. F. O letramento acadêmico na formação continuada: constituição de autoria e construção de identidades. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 10, n. 1, p. 53-63, jan.-jun. 2014.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore V. ELIAS, Vanda. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2012.

KRESS, G.; VANLEEUEWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEECH, G. Corpora and theories of Linguistic Performance. In: SVARTVIK, J. (Ed.). *Directions in Corpus Linguistics: Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 48 August 1991*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

LIMA, M. A. de. *A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Natal: IFRN, 2011.

LIMA, M. C. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MACHADO, A. R. A perspectiva sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L. et al.; (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

MACHADO, A. R. Os textos de alunos como índices para avaliação das capacidades de linguagem. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 215-229.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATENCIO, M. de L. M. *Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo*. Scripta, Belo Horizonte, v.6, n.11, 2002, p. 109-122.

MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: CHRISTIE, F. (Ed.). *Children writing: a reader*. Geelong: Deakin University Press, 1984. p. 21-29.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 2013.

MEDEIROS, J. B. *Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 2004.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MEURER, J. L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTCAMP, M. B. (Org.). *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

MILLER, C. Genre as social action. *Quartely Journal of Speech*, v. 70, p. 151-157, 1984.

MILLER, C. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (Org.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MAURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 77-116.

MOTTA-ROTH, D.. Escritura, gêneros acadêmicos e construção do conhecimento. *Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras*, Santa Maria, n. 17, p. 93-110, jul-dez. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11501/6967>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 6, Especial, p. 495-517, 2006. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/07.htm>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MOTTA-ROTH, D. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A; MEDWAY, P. (Org.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, 1994.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics: chemistry and economics*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, D. *Termos de elogio e crítica em resenhas acadêmicas em lingüística, química e economia*. Intercâmbio, São Paulo: LAEL, PUCSP. v. 6, n. 2, p. 793-813, 1997.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de “Estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, J. L. de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e pesquisa científica*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RAJAGOPALAN, K. A linguística de Córpus no tempo e no espaço: visão reflexiva. In: GERBER, M.; VASILÉVSKI, V. (Org.). *Um percurso para pesquisas com base em Córpus*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

REA, L. M.; PARKER, R. A. *Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RIBEIRO, A. L. Resumo acadêmico: uma tentativa de definição. *Revista Científica da FAMINAS*, Muriaé, v.2, n.1, p. 67-77, 2006.

RIESTRA, D. La concepción del lenguaje como actividad y sus derivaciones en la Didáctica de las lenguas. In: \_\_\_\_\_. *Saussure, Vigotski y Volóshinov revisitados: estudios históricos y epistemológicos*. Buenos Aires: Miño & Dávila, 2010. p. 129-159.

ROJO, R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 73-108.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANCHEZ, A. et al. (Org.). *Corpus linguístico del español contemporáneo: fundamentos, metodología, y aplicaciones*. Madrid: SGEL, 1995.

SANTOS, D. *Processamento computacional da língua portuguesa: documento de trabalho*. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/KqUzTA>>. Acesso em:

SANTOS, M. B. dos. *Academic abstracts: a genre analysis*. 1995. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, SC, 1995.

SARDINHA, A. P. B. *Pesquisa em linguística de córpus com Wordsmith Tools*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SARDINHA, T. B. (Org.). *A língua portuguesa no computador*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo, Fapesp, 2005.

SARDINHA, T. B. *Linguística de córpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SARDINHA, T. B. *Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. Direct Paper*, São Paulo; Liverpool, v. 40, 1999.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. 10ª ed. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos; adaptação de Ana Luísa Marcondes Garcia. São Paulo: Globo, 2000.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (As Faces da Linguística Aplicada).

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVEIRA, M. I. M. *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SINCLAIR, J. McH. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SOUZA, M. G.; BASSETTO, L. M. T. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* [online], v.14, n.1, p.83-110, 2014.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura – uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research setting*. Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. Research into structure of introductions to journal and its application to the teaching of academic writing. *Common ground: shares interests in ESP and communication studies. ELT Documents*, USA: Pergamon Press, v. 117, p. 77-86, 1984.

THEREZZO, G. P. *O resumo como prática de leitura e de produção de texto*. R. LETRAS, PUC-Campinas, v. 20, n.1, p. 20-43, 2001.

TODOROV, T. A origem dos gêneros. In: TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. *Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos*. 2002. Mimeografado.

UEG. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas Respectivas Literaturas*. Unidade Universitária de Jussara, 2019. Disponível em: <[www.jussara.ueg.br](http://www.jussara.ueg.br)>. Acesso em:

VASILÉVSKI, V. A linguística de cópús no tempo e no espaço: visão reflexiva. In: GERBER, R. M.; VASILÉVSKI, V. (Ed.). *Um percurso para pesquisas com base em corpus*. Florianópolis, SC: Ed. UFSC, 2007. p. 23-44.

WILSON, V. A construção discursiva e identitária na escrita acadêmica. In: ALMEIDA, F. A. de; GONÇALVES, J. C. (Org.). *Interação, contexto e identidade em práticas sociais*. Niterói, RJ: Eduff, 2009. p. 97-112.

## **ANEXO I**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

---

**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

Nome: \_\_\_\_\_

Nº da matrícula: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Prezado(a) aluno(a), este questionário tem como objetivo conhecer os aspectos socioeconômicos que caracterizam os alunos da UEG – Unidade Universitária de Jussara, visando compreender um pouco mais sobre as questões que permeiam a escrita acadêmica de tais estudantes.

**1. Dados pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

Nº de Identidade: \_\_\_\_\_

Órgão Expedidor: \_\_\_\_\_ Data da Expedição: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

**Estado Civil:**

( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( ) União estável

( ) Divorciado/separado ( ) separado não judicialmente

**Etnia:**

( ) Branco ( ) Negro ( ) Indígena

( ) Pardo ( ) Mulato ( ) Amarelo

**Cidade/Estado em que nasceu:**

\_\_\_\_\_

**2. Dados Socioeconômicos:**

Onde você morava (cidade/estado/país) antes de ingressar na Universidade?

---

**Onde você mora atualmente?**

- Em casa com a família
- Em casa sozinho
- Em casa de outros familiares
- Em quarto, cômodo alugado, sozinho
- Em casa de amigos
- Em habitação coletiva: hotel, quitinete etc.
- Em casa mantida pela família para moradia de estudante
- Outra situação

**Quem mora com você?**

- Moro sozinho
- Filhos
- Moro com pai
- Irmãos
- Moro com mãe
- Outros parentes
- Esposa, marido, companheiro(a)
- Amigos ou colegas

**Quantas pessoas moram com você?**

- Uma
- Duas
- Três

- Quatro
- Cinco
- Mais de cinco

**Qual é o transporte que você utiliza para chegar à Universidade?**

- Carona
- Bicicleta
- Transporte coletivo
- Transporte escolar
- Transporte próprio (carro/moto)

**Qual a sua participação na vida econômica de sua família?**

- Você não trabalha e seus gastos são custeados
- Você trabalha e é independente financeiramente
- Você trabalha, mas não é independente financeiramente
- Você trabalha e é responsável pelo sustento da família

**Caso você desenvolva alguma atividade remunerada, qual é o vínculo?**

- Estágio
- Emprego fixo particular
- Emprego autônomo
- Emprego fixo federal/ estadual/ municipal

**Qual é a sua renda mensal individual?**

- Nenhuma
- Até 2 salários mínimos
- de 2 até 4 salários mínimos

**ESCOLARIDADE**

**Onde você concluiu o Ensino Fundamental?**

- Escola Pública
- Escola Particular
- Com bolsa de estudos integral – fornecida por \_\_\_\_\_.
- Com bolsa de estudos parcial – fornecida por \_\_\_\_\_.
- Sem bolsa

**Onde você concluiu o Ensino Médio?**

- Escola Pública
- Escola Particular
- Com bolsa de estudos integral – fornecida por \_\_\_\_\_.
- Com bolsa de estudos parcial – fornecida por \_\_\_\_\_.
- Sem bolsa

**Você frequentou curso pré-vestibular?**

- Sim
- Não

Em caso afirmativo:  Particular  Particular com bolsa parcial  Particular com bolsa integral  Público.

**INFORMAÇÕES FAMILIARES****Você tem pais ou cônjuge/companheiro(a) falecidos(as)?**

- Sim
- Não

Quem: \_\_\_\_\_.

**A situação conjugal dos seus pais é:**

- Vivem juntos

( ) Separados

**Você tem filhos?**

( ) Sim

( ) Não

Se sim, informe quantos filhos você tem: \_\_\_\_\_

**Você paga pensão alimentícia a filhos ou ex-cônjuge?**

( ) Sim – Valor: R\$ \_\_\_\_\_

( ) Não

**Você recebe pensão alimentícia para seus filhos?**

( ) Sim – Valor: R\$ \_\_\_\_\_

( ) Não

**Composição familiar, inclusive você:**

Nome	Grau de Parentesco	Idade	Estado Civil	Grau de Instrução	Profissão	Salário

**Quem é a pessoa que mais contribui com a renda familiar?**

( ) Você mesmo

( ) Cônjuge ou companheiro(a)

( ) Pai

( ) Mãe

( ) Outra pessoa. Qual: \_\_\_\_\_

**Qual a renda mensal da sua família? (Considere a renda de todos os integrantes, inclusive você)**

- ( ) Até 2 salários mínimos  
 ( ) De 2 a 4 salários mínimos  
 ( ) Superior a 5 salários mínimos

**Quantidade de pessoas que vivem da renda familiar (incluindo você):**

- ( ) Uma  
 ( ) Duas  
 ( ) Três  
 ( ) Quatro  
 ( ) Cinco ou mais pessoas.

**Existe em seu grupo familiar membro portador de doença física ou mental que necessite de acompanhamento terapêutico sistemático? (Comprovada por atestado médico).**

- ( ) Não  
 ( ) Sim: Quem? \_\_\_\_\_

Qual doença? \_\_\_\_\_

**Informe a escolaridade de:**

		Pai	Mãe	Companheiro (a)
( )	Não estudou.	( )	( )	( )
( )	De 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).	( )	( )	( )
( )	De 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).	( )	( )	( )
( )	Ensino Médio (2º Grau) incompleto.	( )	( )	( )
( )	Ensino Médio (2º Grau) completo.	( )	( )	( )

<input type="checkbox"/>	Ensino Superior incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Ensino Superior completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Pós-Graduação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Em que trabalha ou trabalhou na maior parte da vida?**

		Pai	Mãe	Companheiro (a)
<input type="checkbox"/>	Na agricultura, no campo, em fazenda.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Na indústria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	No comércio, banco ou outros serviços.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Funcionário público, federal, estadual, municipal ou militar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Profissional liberal, professor, técnico do nível superior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Trabalhador do setor informal, autônomo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Trabalha em casa, em serviços (costura, cozinha, aulas particulares)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	No lar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Qual a posição em tal trabalho, na maior parte do tempo?**

		Pai	Mãe	Companheiro(a)
<input type="checkbox"/>	Gerente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Administrador ou diretor de empresa privada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Funcionário público (federal, estadual, municipal) com funções de direção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

<input type="checkbox"/>	Militar (guarda civil, polícia estadual ou Forças Armadas) sem posto de comando.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Trabalho temporário, informal, sem carteira assinada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Funcionário público (federal, estadual, municipal) sem função de direção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Militar (guarda-civil, polícia estadual ou Forças Armadas) com posto de direção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Desempregado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Aposentado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	Beneficiário da Previdência Social.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**A casa em que você reside é:**

- Emprestada ou cedida
- Própria, em pagamento
- Alugada
- Própria, já quitada.

**Quais dos itens abaixo há na sua casa?**

		<b>Quantidade</b>
<input type="checkbox"/>	TV	
<input type="checkbox"/>	Computador	
<input type="checkbox"/>	Carro	
<input type="checkbox"/>	Máquina de Lavar	
<input type="checkbox"/>	Geladeira	

<input type="checkbox"/>	Telefone fixo	
<input type="checkbox"/>	Celular	
<input type="checkbox"/>	Acesso à internet	
<input type="checkbox"/>	TV por assinatura	
<input type="checkbox"/>	Empregada Mensalista	

**Você possui algum plano de assistência médica?**

- Sim
- Não
- Se sim, informe qual: \_\_\_\_\_

**Você já participou de algum programa de Bolsa Acadêmica na Universidade?**

- Não
- Sim
- Se sim, informe qual: \_\_\_\_\_.

Use este espaço para alguma observação que julgue necessária.

\_\_\_\_\_

**Gostaria de concorrer às bolsas do Programa de Assistência Estudantil? Você pode escolher 2 (duas) modalidades de bolsas para concorrer, mas poderá obter apenas 1 (uma) bolsa.**

- Bolsa Auxílio-Moradia
- Bolsa Auxílio-Transporte
- Bolsa Auxílio-Alimentação

**Você gosta de ler?**

- Sim

Não

**Quantos livros você lê por ano?**

Nenhum

Entre 2 e 4

Mais de 5

**O que você mais gostava de ler até o Ensino Médio?**

Nenhum tipo de leitura

Gibis

Revistas

Jornais

Livros

Outros. Qual: \_\_\_\_\_

**Seus pais/outra pessoa do círculo familiar gostavam de ler?**

Somente o pai

Somente a mãe

Outra pessoa da família. Quem? \_\_\_\_\_

Ambos não gostavam de ler

**Você foi incentivado a ler por quem ou por qual instituição?**

Na escola

Pela família

Na Universidade

Não teve incentivo

**Quando você teve o primeiro contato com o gênero resenha?**

Na escola

( ) Na Universidade

**Você tem dificuldade na escrita? A que você atribui essa dificuldade?**

( ) Falta de leitura

( ) Falta da prática de escrita

( ) Problemas nas séries iniciais

( ) Não tenho dificuldade

**Quando criança/jovem, com que frequência você frequentava a biblioteca?**

( ) Não frequentava

( ) Uma vez na semana

( ) Uma vez no mês

( ) Sempre

**Atualmente, você frequenta a biblioteca? Se sim, quais os livros que você mais lê?**

( ) Sim. \_\_\_\_\_

( ) Não

( ) Às vezes

Responda quanto à sua frequência de leitura dos seguintes documentos:

	<b>Todos os dias</b>	<b>Uma vez por semana</b>	<b>De 15 em 15 dias</b>	<b>Nunca</b>
Artigos científicos				
Revistas				
Jornais				
Livros sobre				

trivialidades				
Livros em geral				

**Considera que o seu tempo dedicado à leitura é:**

- ( ) Suficiente  
 ( ) Insuficiente

**Você tem livros em casa?**

- ( ) Sim. Quantos aproximadamente? \_\_\_\_\_  
 ( ) Não

**Você tem acesso à internet em casa?**

- ( ) Sim  
 ( ) Não

**Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:**

- ( ) Ficar no início  
 ( ) Parar na metade  
 ( ) Ler até o final

**Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?**

---



---



---

**Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler:**

---

---

---

**Você procura um livro para ler:**

- ( ) Por iniciativa própria
- ( ) Por indicação do professor
- ( ) Por indicação de um amigo
- ( ) Pelo título ou nome do livro
- ( ) Quando o vê na biblioteca
- ( ) Outro jeito: \_\_\_\_\_

**Nas suas horas de folga o que você mais faz:**

- ( ) Assistir TV
- ( ) Ler
- ( ) Trabalhar
- ( ) Praticar esporte
- ( ) Descansar
- ( ) Outra coisa: \_\_\_\_\_

## ANEXO II

### Texto nº 3

Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês que escreveu o romance "Madame Bovary" que o fez levar aos tribunais, pois foi acusado de ofensa a moral e a religião. Foi absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena e condenado pelos puritanos, pelo tema adultério, pela crítica ao clero e à burguesia. Para tanto, é um dos representantes mais importantes do realismo francês. Gustave Flaubert nasceu em Ruão, Normandia, França, no dia 21 de dezembro de 1821. Filho do médico cirurgião Achille-Cléophas Flaubert e Justine Caroline Fleuriot. Em 1832, entra para o Colégio Real, desatento e desinteressado não gostava de estudar, preferia devorar romances. Compõe o semanário escolar "Arte e Progresso". Aos 15 anos é fascinado pelas peças de Shakespeare, Dumas e Vitor Hugo.

Na adolescência se apaixona por Elisa Schlesinger, mulher casada e onze anos mais velha que ele. Entre 1837 e 1845 escreve o drama "Luís XI" e as novelas "Fantasia de Inferno", "Paixão e Virtude". O amor impossível inspirou-lhe os livros "Memórias de um Louco", "Novembro" e "Educação Sentimental". Ele também estudou Direito em Paris, para satisfazer a vontade do pai. Mais tarde, conhece Louise Collet, separada do marido e mãe de uma jovem de 16 anos, vive uma aventura amorosa. Porém, em 1848, rompe o romance com Louise. Após, em 1851, por um longo período sem produzir, inicia "Madame Bovary", a mais famosa de suas obras, foram cinco anos de trabalho incessante, no qual escrevia e reescrevia a mesma página varias vezes. Em 1856, o romance começa a ser publicado na Revue de Paris, com alguns cortes, em vista da austeridade dos costumes da época.

Para tanto, a obra de Gustave Flaubert está dividida em três grandes partes e cada parte em capítulos, cada qual delas contará uma parte da trajetória da personagem: a apresentação e os primeiros amores, as aventuras e a ruína, nessa ordem. Nesta perspectiva, o autor expõe de forma crítica e reflexiva sobre o tema de sentimentos dos mais diversos, como o amor, o adultério, o desejo, o tédio e a tristeza. O romance de caráter psicológico, típico do romance do século XIX, época em que foi escrito. Flaubert foi um autor muito preocupado com o rigor formal de suas obras, demorando em torno de cinco anos na escritura do livro. No período de seu lançamento, em 1857, a obra foi considerada um escândalo e acabou sendo processado por imoralidade, por lidar com o tema do adultério. Mas diante disso, Marie-Antoine-Jules Sénard, advogado que defendeu o livro, ganhou uma dedicatória de Flaubert na abertura da obra, em que o autor diz que, com esse caso, o livro ganhou

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção 3**  
Informando  
sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 6**  
Provendo uma  
visão geral da  
organização  
do livro

uma autoridade inesperada por ele.

Além disso, o romance conta a história do casal *Bovary*, composto de Charles e Emma Bovary. Ele é apresentado como uma pessoa extremamente limitada e conformada com sua mediocridade, nas expressões do narrador: “Cumpria suas pequenas tarefas cotidianas como um cavalo de circo” (MB, p.19). Ao contrario dele está Emma Bovary, que procura viver os romances com que tanto sonhara em sua juventude, nunca se conformando com apenas o que tinha, em uma busca constante por uma satisfação plena de seu ser. Assim, diz o narrador; “[...] Emma buscava saber o que significavam exatamente as palavras felicidade, paixão e embriaguez, que tão belas lhe pareceram nos livros.” (MB, p.42). Diante disso, Emma Bovary, se entrega a sucessivos casos de adultério para fugir da vida medíocre que julga levar ao lado do marido, um médico de província. O romance, que termina com o suicídio de Bovary, causa escândalo na França.

Emma procura, fora do casamento, à satisfação que sua vida diária não seria capaz de trazer. Assim ela se apaixona por um escrivão jovem, Léon, que depois se muda para Rouen e a deixa deprimida. Após, Emma então, se vê seduzida por um aristocrata, Rodolphe, com quem vivem ardentes aventuras, assim, ela se apaixona perdidamente e deseja fugir com ele, como acontece nos romances. Porém, ele a rejeita com uma carta de despedida escrita com muito cinismo. Após sofrer essa desilusão amorosa e ser abandonada por ele, a personagem volta a reencontrar o escrivão, agora mais velho, e vive com ele também um caso de adultério. Enquanto isso, a personagem acaba envolvendo-se em empréstimos a fim de satisfazer sua luxúria e seu consumismo. No fim, sem amante e arruinada financeiramente, Emma toma veneno e morre e Charles, de amor, não suportando a realidade da traição da esposa, acaba morrendo também.

O texto é de suma importância, *Madame Bovary* é uma leitura essencial, sendo considerado um dos melhores romances da literatura, constituindo, possivelmente, o melhor dos livros do romance realista de caráter psicológico do século XIX. Sua grande importância está na qualidade estética e na profundez que o autor conseguiu atingir com seu texto, fortemente elaborado. Ademais, para revelar seu mundo, Flaubert coloca em cena uma personagem em total desacordo com sua realidade, com sua posição social e com seu sexo. É por meio dessa personagem que as ações desenvolvidas na narrativa são centradas e com os principais dilemas da obra.

Assim, Emma, mais do que uma adúltera, é uma personagem que

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 5**  
Inserindo o livro na área

**Move 2**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 6**  
Promovendo uma visão geral do livro

busca a liberdade, almejando romper com os limites sociais de seu sexo, pois na sociedade francesa daquele período, o direito da busca de satisfação intelectual e carnal estava limitado aos homens, ficando as mulheres em posição secundária. Diante dessa busca por libertação e desespero da personagem em procurar uma vida completa para si, ela transita pelos valores do casamento, pela fé, pela filosofia, pelos desejos carnis e pelos luxos materiais, não alcançando, jamais, satisfazer-se. Por fim, a morte de Emma, por envenenamento.

Assim, o autor faz, com seu texto, uma reflexão e decisiva análise crítica da sociedade francesa daquela época. No entanto, para atingir esse objetivo, o autor constrói o universo da obra de forma binária, expondo sempre dois lados: o campo e a cidade, o tédio e as diversões, a mediocridade e os sonhos, o burguês e o aristocrata e assim por diante. Deste modo, ao analisarmos o livro percebemos uma reflexão sobre o passado da literatura até os dias atuais. No qual o autor, conseguiu expor com clareza os resultados da obra, pois o mesmo mostrou os pontos importantes sobre o assunto abordado.

Portanto ao propor na obra, os temas relacionados aos mais diversos sentimentos, como o adultério o autor conseguiu mostrar esses pontos bem claros, suas ideias e intenções foram percebidas ao longo do texto.

Dessa forma, o texto é claro e objetivo, pois a obra é uma leitura essencial para qualquer amante da literatura, principalmente para aqueles que optam por leituras mais realistas, mais elaboradas em seu universo. Por ser um romance altamente complexo e de linguagem rebuscada, acredito que sua leitura ideal deve ser feita após uma respectiva maturidade intelectual, pois um leitor que não tem maturidade com esse tipo de texto, pode ter grandes problemas na leitura, não atingindo o nível de leitura recomendável a apreciação dessa obra.

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

#### Texto nº 4

Machado de Assis,(Joaquim Maria Machado de Assis) que foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Em suas obras abrange, praticamente, todos os gêneros literários e, Dom Casmurro,(1890), é um dos maiores romances da literatura brasileira, que em 1880 sofre uma grande mudança estilística e temática vindo a inaugurar o realismo no Brasil com a publicação de Memórias póstumas de Brás Cubas(1881), é um dos mais polêmicos, mais lidos e analisado. Nesta

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

época, Machado de Assis já alcançara um grande prestígio e reconhecimento dos seus leitores e da crítica especializada.

A obra possui 148 capítulos curtos, em sua maioria, a narrativa é contada em primeira pessoa por Bento Santiago, mais conhecido por Bentinho, o qual recebera mais tarde o apelido de Dom Casmurro, pelo fato de ser visto como um homem calado, introspectivo. Sendo considerado como narrador personagem, pois é contada pelo próprio Bentinho, um homem de idade avançada, e que em meio a solidão e o isolamento nos quais se encontra, procura relatar a história de sua vida, ou melhor, ele faz uma retrospectiva sobre os fatos que lhe marcaram desde sua juventude até a fase adulta, a história de Bentinho que, por circunstância várias, vai se fechando em si mesmo e passa a ser conhecido como Dom Casmurro.

Tudo começa no ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Bentinho inicia falando acerca de sua infância, quando ele morava com a família na rua de Matacavalos. Órfão de pai, uma mimado, criado com desvelo pela mãe em Matacavalos (D. Glória, viúva), a matriarca, dominadora e protetora de seu filho, seu projeto de vida era claro, sua mãe havia feito uma promessa, em que Bentinho iria para um seminário e tornar-se-ia um padre, sofre com a ideia de separar-se do filho único, interno no seminário.

José Dias (o agregado), Tio Cosme (advogado e viúvo) e prima Justina (viúva), todos mimavam e manipulavam o Bentinho eram falsos, estavam apegados aos seus próprios interesses. Possuía uma vizinha que conviveu como "irmã-namorada" dele, Capitolina - a Capitu.

José Dias, que sempre foi contra ao namoro de Bentinho e Capitu, é quem consegue retirar Bentinho seminário, quase convencendo D. do Glória que o jovem deveria ir estudar no exterior. Ele era fascinado por direito e pelos estudos no exterior.

Capitu era pobre com um temperamento forte, dissimulada, perversa e manipuladora, fazendo todas as artimanhas para que Bentinho não cumprisse a promessa de ir para o seminário, não conseguindo fez de tudo sendo calculista, inteligente e criativa para que não permanecesse lá, pois se tornando padre não poderia casar com ela, demonstrando ser muito ambiciosa e sedutora, acaba por conseguir persuadi-lo, acaba por conseguir e casa com ele tendo um filho, o Ezequiel.

Destacando, assim, como pontos positivos do romance quase que proibido de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente; os questionamentos do protagonista acabam nos confundindo também, e por isso, a curiosidade por compreender o desenrolar dos conflitos da trama. E podemos considerar como negativos alguns exageros nos detalhes, que se

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 6**

Provendo  
uma visão  
geral do livro

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

retirados da obra, não dificultariam sua compreensão.

Sendo uma crítica à sociedade da época pois, a obra era em relato considerado como adultério do ponto de vista do marido, passando se os anos a recepção ao livro com os direitos da mulher se tornando maior no mundo, surgindo outras possibilidades de interpretação, sendo analisada também como ciúme doentio ao ponto de cegar o narrador e na situação imaginária criando assim uma traição.

Eu recomendo a leitura do clássico da Literatura Dom Casmurro por que é um dos livros que o leitor ao embarcar nesse romance de Machado de Assis, percebe a sua maestria na forma em que construiu a história, e o mesmo deu um ar de ambiguidade à trama, fazendo com que o leitor ora acaba concordando com os argumentos de Bentinho, ora acaba desconfiando dos seus pensamentos neuróticos e cercados de ciúmes, e isso fez com que a obra se tornasse interessante. Sempre instigará os leitores a ter vontade de ler, primeiramente pelo fato do seu grande reconhecimento nacional, e também, pelas questões em volta do suposto adultério de Capitu, fato que ainda intriga várias pessoas, as quais buscam uma resposta louvável para tal questionamento.

### Texto nº 5

Dom Casmurro é o nome de um romance escrito por Machado de Assis no ano seguinte pela Livraria Garnier. Após Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, esta obra completa a chamada "trilogia realista" de Machado de Assis. Dom Casmurro está dividido em 148 capítulos, na sua maioria curtos. O enredo não é dinâmico e a narrativa é interrompida a todo momento por pensamentos ou lembranças fragmentadas. A narração é feita em primeira pessoa por Bento Santiago, que relata a história de sua vida. Trata-se de uma pseudo-biografia de um homem envelhecido que parece preencher sua solidão com a recordação de um passado que marca seu sofrimento pessoal. É uma visão amarga e doída de quem foi machucado e traído pela vida, e por isso, vai-se isolando e ensimesmando. O título da obra reflete tal ideia: Casmurro é um termo referente ao homem calado e metido consigo. O "Dom" é uma ironia, pois atribui importância, destaque a este homem isolado. A história se passa por volta de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. O narrador realiza uma trajetória pelos bairros e ruas do Rio, desde o Engenho Novo, onde escreve sua obra, até a Rua de Matacavalos, onde passou sua infância e conheceu Capitu (Capitolina). Bentinho e Capitu casam-se em 1865 e separam-se 1872. Depois de alguns anos tentando ter um filho, Capitu dera à luz Ezequiel, cujo nome é uma homenagem ao melhor amigo de

#### Move 3

Destacar partes do livro

#### Subfunção 9

Provendo avaliação direcionada

#### Move 4

Prover uma avaliação final do livro

#### Subfunção 10 A

Recomendendo completamente o livro

#### Move 1

Introduzir o livro

#### Subfunção 1

Definindo o tópico geral do livro

#### Move 2

Sumariar o livro

#### Subfunção 6

Provendo uma visão geral do livro

Bentinho, Ezequiel Escobar, a quem conheceu quando estudaram juntos no seminário. Bento enxerga no filho a figura do amigo recém-falecido, afogado na praia, e fica convencido de que fora traído pela mulher, o que faz Bento recorrer ao suicídio. Neste momento Ezequiel entra em seu escritório, e Bento decide matar a criança, desistindo no último momento. Ao invés disso, fala ao garoto que não é seu pai, e Capitu escuta tudo, lamentando-se escrever outro livro, agora sobre "a história dos subúrbios".

Dom Casmurro é de autoria de Joaquim Maria Machado de Assis. Importante obra da literatura brasileira, o livro é composto por capítulos curtos acompanhados por títulos que explicam com a leitura. É importante realizar uma apreciação geral da obra abordando os aspectos para discussões. Para manter o romance mais próximo da realidade, o narrador cria rompimentos com a história linear, e Bentinho no decorrer da narrativa, lembra de pequenas histórias paralelas, quebrando o ritmo, dando um aspecto quebradiço a obra. Fica claramente a impressão de que a história realmente foi contada por alguém, já que isso é muito comum quando uma história é narrada a alguém, pois um fato faz lembrar-se de outro, e assim por diante. Dom Casmurro apresenta as memórias corroídas de Bento, o personagem narrador, cujo título é explicado no capítulo I.

No decorrer da narrativa, Bentinho lembra fatos de seu passado, da infância e todas as etapas até chegar ao seminário. Fato esse justificado no Capítulo em que cita a Promessa já que aos seus quinze anos é acometido a ir para o seminário, a fim de tornar-se padre, como queria por promessa sua mãe, que a fez após uma complicação na gravidez. Por outro lado, ele tinha a convicção de que a sua vocação não era se tornar um indivíduo. Completando essa certeza, nutria uma paixão por Capitolina, sua vizinha, então com quatorze anos, com quem passou toda a infância. Além disso, Capitu e Bentinho eram muito amigos e ambos se queriam por perto. Bentinho caiu em si, mas foi com o seu primeiro beijo que teve a total confirmação.

Surge então um embaraço psicológico em Bentinho, ele não queria ir para o seminário, mas se recusasse a vontade da mãe, temia que ela se desesperasse, devido à promessa realizada. Mesmo assim, Capitu e Bento fizeram um juramento que iriam se casar, independente do que houvesse de acontecer. Mesmo com todos os esforços, a ida era certa, e assim partiu Bentinho para o Seminário. Foi neste cenário que ele percebe que não foi tão mal assim sua estadia lá, uma vez que conhece seu melhor amigo, Escobar, também seminarista.

Já no seminário, a amizade entre Bento e Escobar aumentava cada dia mais, inclusive com trocas de segredos e visitas a sua casa, nos

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

dias de folga. Surgiu então dele, a idéia que remendaria a situação, D. Glória daria ao seminário, um filho adotivo, para que fosse este padre. Aceitada a proposta pela mãe, Bentinho deixou o seminário. E assim feito, foi então estudar Direito em São Paulo, formou-se então no Dr. Bento Santiago e logo após, contraiu matrimônio com Capitu, assim como fizera em promessa. Mesmo assim, continuou intensamente sua amizade com Escobar, agora um sucedido comerciante. Bento e Capitu, mesmo felizes, desejavam ter um filho, e embora demorando a chegar, nasce Ezequiel, nome dado em homenagem ao amigo Escobar. Com um salto no tempo, anos depois, em uma tragédia, Escobar morre afogando-se no mar. Durante o enterro, Bento observa algo que lhe deixou pensativo: a forma com que Capitu olha o falecido ao caixão. E surge uma dúvida que nunca mais esquecerá: *Será que ela gostava de Escobar?*

A partir disso, Bento começa a notar que seu filho Ezequiel tem traços de Escobar e, a medida que crescia, a semelhança aumentava. Ele até planeja se matar e ao filho, mas acaba por tomar outra solução, e a história se desenlaça ao mandar Capitu e o filho para a Europa. A comunicação passa a ser somente via cartas, de modo secamente. Anos depois, morre Capitu e Ezequiel vem ao Brasil. Já moço é o perfeito Escobar, com poucas diferenças relevantes. Daí ele vai ao Egito com amigos e acaba por morrer de febre. E o livro chega então ao fim, com o Sr. Bento, velho, solitário, e rabugento, em outras palavras, um verdadeiro Dom Casmurro.

Analisando os personagens mais importantes do romance, percebemos que há uma grande análise psicológica de cada um deles, principalmente de Bentinho e daqueles que mais exercem influência sobre ele. Podemos notar que Machado dá uma grande ênfase aos olhos, como sendo o espelho da alma. Este é o porquê da definição de José Dias sobre Capitu.

Bentinho acaba tendo uma conversa franca com o leitor, e se intromete em vários pontos da história para emitir sua opinião ou fazer uma observação. Além disso, ele deixa claro como ele se sente em cada momento, suas alegrias, suas diversões, seus medos, suas angústias, tudo isso é transmitido ao leitor a cada passagem do livro. Além disso, ele não tem certeza de tudo o que ocorre ao seu redor, muita coisa é deixada no ar, propositadamente subtendidas. As emoções que ocorrem com outros personagens muitas vezes são um mistério e acabam passando despercebidas.

Também existem os fatos que cercam Capitu, que durante sua infância mostra ser visivelmente mais pobre que Bentinho. Será que sua

luta por não deixar Bentinho era por amor ou por dinheiro? Capitu traiu Bento, ou ele fantasiara tudo isso em sua crise de ciúme? Estas e as outras perguntas não são resolvidas no fim da história e muitas vezes causam polêmica até hoje.

Dom Casmurro apresenta ser bastante verdadeiro, já que apresenta a sociedade brasileira do século XIX e seus costumes. Mostra o amor, através dos olhos de um adolescente, mostra o jogo de interesses no cumprimento de promessas, os interesses sociais que cercam a vida eclesiástica. Dom Casmurro, é um excelente livro, elegante e ao mesmo tempo de prazerosa leitura, que nos envolve do começo ao fim, incumbindo o leitor de tirar suas próprias conclusões, no melhor estilo machadiano, onde o leitor cria uma certa dúvida “ será que Capitu traiu mesmo ?”. Pelo ciúmes de Bentinho, que, segundo ela, fora despertado pela casualidade. Após inúmeras discussões, o casal decide separar-se e o protagonista se torna, pouco a pouco, o amargo Dom Casmurro. Capitu morre no exterior e Ezequiel tenta reatar relações com ele, mas a semelhança extrema com Escobar faz com que Bento Santiago continue rejeitando-o. Ezequiel acaba por morrer de febre tifóide durante uma pesquisa arqueológica em Jerusalém. Ao final, o narrador parece menosprezar um pouco a própria obra.

O autor mostra seus pontos negativos e positivos na obra, onde ele mesmo aparenta menosprezar a própria história, na história o autor deixa bem claro que a relação central não é nem tanto o adultério mas sim como o Machado introduz a história na literatura, onde ele cita também as ordens das classes.

No meu ponto de vista o ponto positivo e o romance de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente, os questionamentos do protagonista acabam as vezes nos confundindo e a curiosidade de desenrolar o conflito da história. O ponto negativo alguns exageros nos detalhes que eles citam onde dificultaria a compreensão da história, mas Dom Casmurro é uma obra muito boa de ler, interessante, onde o leitor cria sim uma certa dúvida, mas por mais que essa dúvida a vezes deixa por parecer, a obra é ótima.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 B**  
Recomendando o livro apesar de indicar limitações

**Texto nº 6**

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Foi um grande escritor Brasileiro, suas obras teve o marco Naturalista da época.

O livro “ O cortiço” de Aluísio de Azevedo é um romance naturalista publicado pela primeira em vem em 1890, ao decorrer dos anos o livro teve diversas adaptações e edições, em 1970 o livro foi transformado em filme pela direção de Francisco Ramalho Jr.

O livro inicia-se com a historia de João Romão imigrante português, um Homem trabalhador por sinal porem carregava uma ambiciosidade tamanha, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre os quatros paredes de uma escura taberna de botafogo, João Romão economizara bastante durante anos de trabalho, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe pagou os vencidos e ainda deixou em suas mãos a venda com tudo que estava dentro e um conto e quinhentos em dinheiro, João Romão agora trabalhava incansavelmente no desejo de enriquecer-se a todo custo, abrindo mão de privações dormia no balcão da venda, comia com quatrocentos reis por dia de uma quitandeira e vizinha Bertoleza escrava de um velho cego e amigada com um português que tinha uma coroa de mão que fazia frete na cidade, Bertoleza que também trabalhava e juntava suas economias para pagar sua carta de alforria, um dia, porém o homem Bertoleza puxando uma carga superior as suas forças caiu morto, João Romão tomou as dores da amiga e foi falar com seu senhor, pedindo ele que a partir de então cuidasse de sua escrava e cuidasse de suas economias, diante há esse dia João Romão tornou se o caixa procurador e conselheiro da crioula, em pouco tempo ele cuidava de tudo que entrava e saia nas produções da quitanda de Bertoleza, ganhando assim confiança da mulher que aceitou a proposta de morarem juntos, João Romão então passou então comprou uma terra ao lado da quitada e lá construiu uma casinha de duas portas, depois de um longo dia na Rua João Romão chegou a casa com um papel debaixo dos braços e leu à crioula, que ela já não tivera mais senhor a partir dai seria livre, os dias de trabalho aumentaram trabalham dia e noite até que João Romão por meio de furtos durante a noite com Bertoleza roubavam matérias de construções próximas, construíram casinhas para alugar ponto de partida do grande cortiço de São Romão, o vendeiro aos poucos foi possuindo todo terreno perto de sua quitanda, na qual se multiplicava os números de moradores, até comprar uma boa parte de uma velha pedreira que tinha por perto, a historia também apresenta o personagem Miranda, interessado numa parte de terra de João Romão para aumentar seu quintal, os vizinhos se estranham mais quando Miranda recebe o titulo de barão fazendo João Romão se encher de inveja com o novo titulo social do vizinho, assim o cortiço crescia cada vez mais, os moradores das casinhas de João eram os

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 5**  
Inserindo o livro na área

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

mesmos que trabalhavam para ele na pedreira, e também almoçavam na quitanda de Bertoleza, fazendo que todo seu dinheiro expandisse cada vez mais, o cortiço assim passou ser cenário de histórias nada convencionais, cheio de confusões e paixões proibidas, rodeado de vidas rotineiras, com problemas sócias refletindo a época que se passava, mesmo com algumas privações a gente do cortiço tinha lá seus momentos festejantes cheio de danças e comidas e muita bebida, cada personagem tem sua história simples porém cheio de devaneios, entrelaçando entre si, fazendo do livro o cortiço único e até uma grande crítica na época.

O livro o “ O cortiço” não e apenas uma obra qualquer, retrata um contexto social que passava no Rio de Janeiro, especialmente onde acontece toda história do livro em Botafogo, sendo um grande marco do Naturalismo brasileiro, a ambição de João Romão lembra bastante o Capitalismo na exploração que da uma impressão de drama social e econômico que os personagens se encontravam, a presença de zoomorfização na obra uma figura de linguagem, onde aproxima o comportamento do homem ao animal, muito influenciado pelo Darwismo que o homem e um ser instintivo que se comporta pelo instinto aproximando do modo irracional.

Há também realidade das classes sociais, exploração do homem pelo homem no caso João Romão fazendo Bertoleza trabalhar cada vez mais privando cada vez mais de uma vida digna, exploração de João Romão na quitanda de Bertoleza cobrando e roubando cada vez mais dos seus clientes.

No livro a presença de adultério se passa quase como um fato quase que rotineiro, no caso de Rita Baiana cheio de sensualidade por onde passa e notada e desejada, no cortiço era idolatrada por todos, que tinha um romance com firmo mais logo se viu metida com português que João Romão acabara de contratar na pedreira, Jeronimo homem bem honroso e trabalhador, bom marido e pai de família mais se invocou com Rita acabou caindo em adultério e se modificou.

A presença de determinismo na obra de Aluísio na qual o meio determina o homem, essa caracteriza está presente em toda obra, adultério escravidão acontecem quase como se tudo já estivesse determinado pelo meio social e que as histórias de cada personagem só mudaria se o contexto fosse outro, outra raça ou ate sexualidade.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

## Texto nº 7

“O Cortiço” (1890), conta a história de João Romão, proprietário do cortiço, imigrante português, grosseiro, avarento, esperto e ambicioso. Em seu empenho de ganhar dinheiro, faz inúmeros sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada: engana, explora os outros e até rouba com a ajuda de sua companheira Bertoleza, uma escrava fugida. E através destes pequenos furtos de materiais de construção, o cortiço de João Romão vai aumentando.

A nível da linguagem, como é comum na escola naturalista, o narrador surge na terceira pessoa e é onisciente. Tendo acesso às ações e pensamentos de todos os personagens, podendo julgar e analisar os mesmos para comprovar a sua tese. Além disso, através dos ensinamentos de Zola, Aluísio Azevedo faz uso de descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. E para muitos estudiosos o personagem principal de “O Cortiço” é precisamente o Cortiço, uma entidade coletiva, o que faz sentido à luz do Naturalismo, que valoriza mais o coletivo que o individual.

O cortiço São Romão descrito na obra, é habitado pelas classes mais baixas e marginalizadas: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas, entre outras. Nele surge representações de comportamentos tidos como promíscuos e viciosos, atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços, trazendo duras críticas à sociedade da época e retratando o ser humano como um ser animalesco, que é movido apenas pelas suas vontades e seus desejos. Daí o autor ao longo da obra descreve casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal.

Descrições estas que de fato fazem a obra ser considerada um romance de tese (romance naturalista), que pretende provar uma teoria: que o indivíduo é produto da sua hereditariedade, do meio e do momento histórico em que vive, sendo determinado por esses fatores e se esgotando neles. Porém, analisando a obra com o meu olhar atual, classificaria que estes determinismos nada mais são do que formas de tentar justificar, cientificamente, preconceitos raciais e de classe.

Já ao analisarmos a Burguesia da época retratada na obra de

### Move 1

Introduzir o livro

### Subunção 1

Definindo o tópico geral do livro

### Move 2

Sumariar livro

### Subfunção 7

Apresentando o tópico de cada capítulo

Aluísio Azevedo, temos o típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, representando o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. Estes aspectos são expressos na obra através do personagem Miranda que vivia em um sobrado próximo ao cortiço São Romão, e mesmo vivendo nas proximidades deste cortiço, a vida de Miranda era o oposto total da vida dos habitantes que lá viviam.

Com estes aspectos expressos na obra, Aluísio Azevedo traz um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da consequente exploração das camadas mais frágeis da população. De fato, fica evidente a exploração do pobre pelo rico. Ao abordarmos os determinismos expressos na obra, temos de forma explícita a transformação que Jerônimo sofre durante a sua estadia no cortiço. Sendo no começo descrito como um trabalhador esforçado e cumpridor dos seus deveres, mas ao decorrer da história vai se “abrasileirando” graças a comida e a bebida do Rio de Janeiro. A boa imagem que o autor passara de Jerônimo se destorce quando o mesmo não resiste aos encantos de Rita Baiana. Atingindo o seu ápice quando já contagiado pela malandragem e a violência do local, Jerônimo mata Firmino e foge com Rita.

De fato, a obra *O Cortiço* é revolucionária para a época tendo em vista que ela retrata a homossexualidade e quebra diversos padrões, retratando o ser humano com os seus maiores defeitos, como a cobiça de João Romão, o adultério de D. Estela, visto que o adultério no Brasil deixou de ser crime só em 2005, o desejo desenfreado de Jerônimo pela Rita Baiana, o caso de Henrique com uma das lavadeiras, Pombinha tornando-se prostituta. Aluísio, também como abolicionista, retrata por meio da obra o caso de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e subtratamento da escrava perante todos.

Sendo assim, efetivamente, *O Cortiço* é uma das maiores críticas à sociedade Carioca que se formava. Aluísio Azevedo através de sua obra destaca o que há de mais sórdido no ser humano. Porém não a partir de dramas pessoais, mas pelo estabelecimento de um enredo que parece uma pintura panorâmica, em que cada cena compõe uma dor existencial distinta. Em vista disso, é possível afirmar que este livro é um expoente máximo do movimento naturalista, portanto “*O Cortiço*”, de Aluísio de Azevedo, torna-se leitura obrigatória para quem vai fazer ENEM e vestibular no Brasil. Mas, fora essa obrigação escolar, recomendo este livro para todos que apreciam a boa literatura brasileira clássica.

Partindo do meu ponto de vista, acredito que obras como *O Cortiço* e outras do gênero merecem maior espaço na leitura juvenil, pois obras

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

como estas trazem em seu conteúdo um caráter universal, podendo ser lida em qualquer época e ainda tendo em vista que, diante da leitura de obras deste nível podemos encontrar males do século XIX que ainda estão presentes no século XXI.

### Texto nº 8

Esta obra é uma proposta pedagógica de Literatura escrita por o autor Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhe-se o nome do autor de O Guarani para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Para entender mais, Dom Casmurro conta uma história de um homem muito velho, já no final da sua vida, lembrando desde a infância até a vida inteira. O personagem é conhecido como Bento/Bentinho, o apelido vai se tornando dom casmurro, como já diz José Dias no livro: *“Não consulte dicionários, casmurro está aqui não no sentido que eles dão, mas no que pões o povo, de homem calado se metido consigo mesmo, Dom veio por ironia mesmo, para atribuir os ares de fidalgo”* ele ganha esse apelido por causa da casmurrice dele, isso era raiva, rancor um peso no coração.

O Bentinho foi uma criança muito esperada a mãe dele fez promessa para ele nascer com saúde, sua promessa era que quando Bentinho crescesse ia ser Padre no final das contas, Bentinho foi uma criança muito mimada e muita amada. Ao crescer começa se apaixonar por sua vizinha, segundo José Dias, Capitu possuía “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, mas para Bentinho os olhos pareciam “olhos de ressaca”; “Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”, Capitu era moleca, gostava de brincar de aprontar, faladeira más muito inteligente. Bento e Capitu se apaixonaram, eles poderiam ficar juntos? Não, pois Bentinho tinha que ir para seminário estudar para ser Padre e não poderiam ficar juntos. No decorrer da história Bentinho faz amizade com Escobar no seminário, juntos eles conseguem convencer os pais para eles saírem do seminário. Bentinho se forma em Direito e se casa

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção 3**  
Informando  
sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção  
7**  
Apresentand  
o o tópico de  
cada  
capítulo

com Capitu, e a melhor amiga de Capitu se casa com Escobar. A felicidade de Bentinho se completa ainda mais com o nascimento de seu filho Ezequiel e um fato começa a levantar a desconfiança de Bentinho, seu filho começa cada vez mais ficar parecido com seu amigo Escobar, no entanto uma fatalidade ocorre e muda completamente o rumo da história, Escobar vai nadar e acaba morrendo afogado, durante o velório Capitu se comporta de maneira muito estranha, como se alimentasse um amor secreto por Escobar.

A partir desse momento Bentinho começa a suspeitar de um adultério de sua esposa com seu melhor amigo, o tempo passa e nada muda as convicções Bentinho, ele é um personagem tão importante do Realismo porque ele vai contra tudo o que aconteceu no Romantismo, Bentinho é um homem possessível, obcecado, ciumento, tinha vários pensamentos escuros.

O tempo passa e nada muda as convicções de Bentinho, que acaba enviando sua esposa e seu filho para Europa, com a desculpa de um suspeito tratamento de saúde, Capitu morre um tempo depois seu filho morre também em Jerusalém onde estudava artefatos arqueológicos. Por fim Bentinho vai em uma peça de Shakespeare, que conta uma tragédia ocorrida por ciúme, e suspeita de traição injusta, que termina com a morte da mulher inocente, Bentinho nunca mais consegue aceitar sua vida, e se torna uma pessoa endurecida e amarga.

Dom Casmurro é uma obra do Realismo, ele é caracterizado personagens com mais defeitos do que qualidades, e as temáticas, são bastantes distintas daquelas que aborda o Romantismo por exemplo, dentro dessas temáticas podemos destacar o adultério, ambição e à vaidade. No Romantismo os triângulos amorosos eram formados basicamente pelo mocinho, pela mocinha e pelo vilão, que lutava contra a união do mocinho com a mocinha, no Realismo nós temos o Bentinho o seu melhor amigo, que não é vilão e nem mocinho e a Capitu que não é vilã e nem a mocinha, além disso a obra Dom Casmurro trabalha com uma possível traição feminina, o que quebra completamente com os paradigmas do Romantismo onde a mulher é idealizada, também podemos perceber na obra que ela é narrada em ordem cronológica ou seja os eventos e fatos possui datas e uma cronologia bem definida.

Além disso o Romance é narrado em primeira pessoa e funciona como uma espécie de pseudo-biografia de Bentinho, podemos perceber também que o enredo da obra não é dinâmico, mas predominam fator psicológico da narrativa de Bentinho, e talvez o traço mais marcante da obra Dom Casmurro que não há comprovação da traição de Capitu, em

**Move 3**  
Destacar  
partes do  
livro

**Subfunção 9**  
Provedo  
avaliação  
direcionado

nenhuma parte do texto está escrito efetivamente que ela traiu ele, e por isso a conclusão se houve ou não a traição fica a cargo do leitor.

### Texto nº 9

Publicado pela primeira vez em 1875, “O Crime do Padre Amaro”, denuncia a corrupção dos padres, que manipulam a população em favor da elite, e a questão do celibato clerical. É com esse livro que Eça de Queirós inaugura, na prosa, a estética do realismo-naturalismo em Portugal. A obra caracteriza-se pelo combate ao idealismo romântico que se estabelecia até então, em prol de uma visão mais crítica da sociedade. Sua versão definitiva foi publicada em 1880.

Amaro Vieira, o personagem principal, ordena-se padre para obedecer ao testamento deixado pela patroa de sua mãe a Marquesa de Alegros que fora desde sempre sua protetora. Ele, na verdade, não teve uma infância que permitisse outra escolha, já que, como órfão, esteve sempre ligado às questões eclesiásticas. Viva na igreja e entre beatas. Após o período de clausura, é mandado para uma cidadezinha muito pobre, calma até demais. Amaro não aguenta e pede pra sair. Com a ajuda de sua tia rica, consegue transferência para Leiria, e lá as tramas desenrolam-se.

Amaro é mentalmente fraco, não suporta pressões e quando conhece Amélia, essa condição fica cada vez mais explícita e difícil de administrar. Sua posição de “homem da Igreja” não permite paixões mundanas, contudo, consegue livre acesso à casa de São-Joaneira que é o recanto das beatas, e com isso, também a influência que beira a manipulação entre as senhoras. Esses dois lados (homem X padre) entram em conflito e Pe. Amaro demonstra não ter escrúpulos, culpa ou remorso. Deixa-se levar pela situação.

Acerca da linguagem do livro, “O Crime do Padre Amaro” Conta com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de uma narração onisciente que delineia os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

#### Move 1

Introduzir o livro

#### Subfunção 1

Definindo o tópico geral do livro

#### Move 2

Sumariar o livro

#### Subfunção 7

Apresentando o tópico de cada capítulo

#### Move 2

Sumariar o livro

#### Subfunção 6

Provendo uma visão geral da organização do livro

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido.

Quando publicado, *O Crime do Padre Amaro* causou rebuliço na sociedade, principalmente por conta dos movimentos da igreja, revoltada com a forma da representação moldada por Eça de Queirós. Aclamado, o romance é tido como um documento humano da sociedade portuguesa da época.

De fato, podemos considerar que o personagem Amaro Vieira representa os jovens que foram obrigados a serem padres, sem ter vocação nenhuma. Ainda jovem perdeu os pais e ficou sob os cuidados dos tios que não lhe davam sossego, entrar para o seminário seria cumprir uma promessa imposta pela mãe, além de poder usufruir dos benefícios que os padres detinham naquela época.

Naquela época (segunda metade do século XIX), o ocidente vivia um período de grandes transformações, com a Segunda Revolução Industrial. O cientificismo passou a predominar, com novas correntes filosóficas e teorias, entre as quais o positivismo de Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Darwin e o socialismo científico de Marx e Engels. Daí a substituição do romance de entretenimento pelo romance de tese, que visa descrever e explicar os problemas sociais sob a luz das novas idéias. Neles há crítica, muitas vezes feroz, às instituições que servem de base para a sociedade burguesa, como o Estado, a Igreja e a família. Portugal, que muito tempo antes havia deixado de acompanhar o progresso de outras nações europeias, passa nesse momento a servir de palco para a mobilização de jovens que ansiavam por mudanças radicais. É nesse contexto que Eça de Queirós começa a se destacar.

O autor, além da crítica feroz que desfere contra o clero, toca também em outro tabu da época: a sexualidade. É comum que os escritores vinculados à corrente naturalista, como era Eça na época em que escreveu esse romance, darem ênfase ao erotismo que domina os personagens. Isso faz parte de sua caracterização, como apregoa o determinismo de Taine, segundo o qual os seres humanos são submetidos ao condicionamento pela herança, pelo meio social e pelo contexto histórico, que regem seu comportamento. Isso significa que, embora os personagens tentem, num primeiro momento, se prender a um padrão moral mediado pela consciência, acabam agindo pelos impulsos naturais de sobrevivência da espécie, principalmente o desejo sexual.

**Move 3**  
Destacar  
partes do  
livro

**Subfunção 9**  
Provendo  
avaliação  
direcionada

A trama apresentada por Eça de Queirós é bem construída e amarrada, trazendo algumas surpresas pontuais. As descrições dos ambientes não são aprofundadas. Existe toda uma construção psicológica dos personagens, mostrando suas angústias e dramas. Durante a leitura podemos ver o envolvimento político da Igreja, sua força e influência sobre os devotos na época. Além disso, vemos a participação da Igreja na construção da sociedade, bem como sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade. Existe ainda toda uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade da época.

“O Crime do Padre Amaro” é uma história de agarrar qualquer leitor, oferece uma crítica dura, mas lúcida do egoísmo humano e é um dos mais interessantes tratados sobre a hipocrisia do machismo, lido hoje em dia, no século 21, fica explícito o universo machista e patriarcal que gera monstros como Amaro e vítimas como Amélia. É uma bela obra representante do realismo-naturalismo, que mostra o comportamento de Amaro como resultado do meio em que viveu e das influências que sofreu. Pena que as pessoas forcem a leitura de “O Crime do Padre Amaro” por causa dos vestibulares pelo Brasil. Odeio essa pressão, literatura tem que ser lida por prazer

Gostei muito da obra. A coragem de abordar o tema e a forma como Eça de Queiros o fez.

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

## Texto nº 10

Aluísio Azevedo (1857-1913) foi um escritor brasileiro. Criou o naturalismo no Brasil. "O Mulato" foi o romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. Foi também caricaturista, jornalista e diplomata. É membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Em 1871 matriculou-se no Liceu Maranhense e dedicou-se ao estudo da Pintura. Com 19 anos foi levado pelo irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro. Começou a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, onde revelou seus dons para o desenho. Logo passou a colaborar, com caricaturas para os jornais "O Mequetrefe", "Fígaro" e "Zig-Zag".

O Cortiço (1890), expressão máxima do naturalismo brasileiro, foi publicado em 1890 sob a influência do Realismo/Naturalismo. Sua coordenação editorial foi feita por Cristian Muniz e a revisão feita por

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 6**  
Promovendo uma visão geral do livro

Simoni Ri vai Garcia e Geovana Muniz Tiltsther, publicado pela editora PAE no ano de 2009. O livro *O Cortiço* retrata o cotidiano de famílias pobres, humildes, excluídas, em meio a burguesia onde todos são obrigados a conviver juntos com seus vícios e problemas determinados pelo lugar em que vivem num cortiço na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

A obra é dividida em 23 capítulos, onde é narrada em 3ª pessoa cuja o narrador é onisciente. São explorados dois espaços. O primeiro onde se passa a história que é um amontoado de casebres, ou seja, o próprio cortiço. O segundo é o sobrado do comerciante e negociante português Miranda, e sua família.

O livro primeiramente retrata a vida de João Romão e seu demasiado enriquecimento. Ele usa de atos ilícitos como o furto para alcançar seus objetivos. João Romão é um imigrante português grosseiro, avarento, esperto, ambicioso e é dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Sua mulher Bertoleza a quem ele engana com uma falsa carta de alforria trabalha incansavelmente o ajudando.

Miranda seu vizinho é um comerciante muito rico eles entram em atrito por um pedaço de terra que João Romão vive para trabalhar de domingo a domingo, onde o dinheiro é a única coisa que interessa para conseguir comprar mais bens. O mesmo com inveja de seu vizinho, começa a trabalhar e em seu empenho conseguir ganhar dinheiro, faz muitos sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada para conseguir mais bens e status que ele.

Miranda ganha o título de barão e isso fez com que a inveja de seu vizinho aumentasse, então ele percebe que não bastava ter só dinheiro e não ter status ou posição social. No cortiço também vivem a Rita Baiana, o capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade. O romance retrata a exploração do homem pelo homem. A relação entre os vizinhos começa a melhorar devido ao título de superioridade que Miranda recebeu.

Com isso o cortiço, deixa de ser desorganizado e miserável, e passa a chamar Vila João Romão. João Romão se interessa pela filha de Miranda e a pede em casamento com a intenção de entrar para família e conseguir status social pois o dinheiro ele já possuía. Então ele precisa se livrar da amante Bertoleza para estar livre para o casamento, ele tem a ideia de denunciar Bertoleza para seus legítimos donos já que ela é uma escrava fugida (que pensa ser alforriada) com a chegada dos seus donos Bertoleza enfia uma faca no próprio ventre, deixando assim João Romão desamarrado.

A obra retrata a influência do naturalismo/romantismo, cujo período se caracteriza pelo determinismo, isto é, a ideia de que a natureza escolhe

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

o destino dos personagens e suas condições dos valores sociais.

O cortiço é um dos romances mais importantes, e com grande importância para a literatura, é um livro indicado para todos que apreciam romances e aventuras, mas também retrata a miséria e a tristeza das pessoas. A obra faz uma dura crítica social, denuncia preconceitos raciais e a exploração do homem pelo homem. O Cortiço é uma das maiores críticas à sociedade fluminense que se formava.

Aluísio, como abolicionista, conta a história de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e sub tratamento da escrava perante todos. O livro salienta o cortiço como uma comunidade onde os moradores moram em quartos que são alugados por preços abusivos e os moradores são humilhados, principalmente os negros que sofrem com preconceito racial e de classes superiores como a burguesia. Retrata também os infortúnios da época como a prostituição, assédio, adultério, inveja, traição e a hipocrisia.

Não só recomendo a leitura do livro como acho de extrema necessidade que as pessoas tenham a oportunidade de ter contato com a obra citada.

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

### Texto nº 11

O presente trabalho acadêmico irá abordar os principais pontos da obra literária de , Aluizio Azevedo, CORTIÇO. Através de uma resenha crítica da obra . Biografia do autor, resumo do conteúdo, parecer crítico da obra de acordo com os conhecimentos aprendidos na academia de letra da presente unidade, e avaliação da obra, e sua importância para determinadas áreas : ensino entretenimento e formação.

O autor Aluizio Azevedo nasceu no em São Luiz do Maranhão sendo um escritor nacional, mulato que viveu numa época que o preconceito estava a flor da pele , mesmo assim o mesmo quebrou paradigmas de sua época, foi caricaturista, diplomata, e jornalista, publicou inúmeros contos , crônicas e romances , em 1789 publicou sua primeira obra literária ( uma lagrima de mulher) . A sua obras mais importantes foram: o homem, livro de uma sogra, o cortiço e a casa de pensão, as mesmas representa uma fase do autor onde o preconceito era algo na evidência , bem com o adultério os vícios e o povo humilde. Depois de grande lutas o mulato Azevedo como é chamado pela crítica literária, faleceu-me Buenos Aires no dia 21 de janeiro de 1913 .

RESUMO DO LIVRO O CORTIÇO: conta a historia de João Romão rumo ao enriquecimento através da exploração do trabalho , sendo o dono do cortiço ,entretanto um fato nova vai mudar sua vida por completo , com

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 1**  
Definindo o tópico geral do livro

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

a chegada do comerciante Miranda bem estabelecido e disputava com João Romão o título de mais rico do local. O que fez com que João Romão trabalhasse cada vez mais, tal situação ficaria mais difícil para ele quando Miranda ganha o título plebeu de barão, isso ira mudar o comportamento de João que passara a se vestir melhor ir ao teatro, freqüentar lugares importantes da época visando ganhar o titulo de barão, inclusive no cortiço que era um ambiente de hostilidade e pobreza há uma transformação que agora passa a ostentar ares de aristocrático. O Enredo demonstra a luta por posição social da época que estava acima de tudo, realidade vivenciada na nossa atual conjuntura social. O mesmo demonstra os moradores do cortiço entre os quais Rita Baiana um negra sensual que namorava o truculento firmo que gostava de beber e fumar., e neste contexto de mudança que Aluizio Azevedo

**PARECER CRÍTICO DA OBRA:** Nesta obra mostra como influência o maior romance de Aluísio Azevedo que prescreve um rigor científico na representação da realidade. Porém Aluísio combatem, como princípio teórico, a uma degradação causada pelas misturas de raças. Aparentemente, o caso do cortiço, que se projeta na obra mais do que os próprios personagens que ali vivem. Afins apresentam em um do trecho do romance o narrador compara o cortiço a uma estrutura biológica, na obra mostra práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Frequentemente, o burguês Miranda, de projeção social mais elevada que João Romão vive em seu palacete com ares aristocráticos e teme o crescimento do cortiço. “Assim, pode-se dizer que O cortiço” não é somente um romance naturalista, mas sim uma representação ou interpretação do Brasil. O autor tinha uma estratégia de uma tese a sustentar sua história. A intenção do mesmo era provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam á destruição que desagrada. Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio de cumprir com sucesso, na mistura sexual, moral e na completa moral humano. Porém a obra é narrada em terceira pessoa, com narrador onisciente ( que tem conhecimento de tudo) a obra retrata o tempo é trabalhado de maneira linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. Já o espaço são duas obras: o primeiro é o cortiço, amontoado de casebres mal-arranjados, onde os pobres vivem. A obra conta o ponto que é apresentado de que o próprio cortiço acaba se tornando, de certa forma, uma personagem do livro o principal da obra devido a uma personificação do espaço. “Em “um momento que o narrador cita que os olhos do cortiço se abrem”, “ao invés de dizer” as janelas do cortiço se abrem”. Essa característica tem bastante a ver com o fato de, para a corrente naturalista,

o meio ter grande influência na ação das personagens. Porém outro exemplo dito na obra o cortiço é o próprio sol. Em certo momento, a esposa de Jerônimo culpa o sol por todas as desgraças que ocorreram em sua vida. Trata-se de um livro icônico e que continua tendo relevância nos dias de hoje, pois mostra os desequilíbrios e contrastes entre ricos e pobres que dividem o mesmo espaço urbano. Além de tudo isso retratado Em nível da linguagem, Aluísio segue os ensinamentos de Zola, com descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. O cortiço São Romão é conhecido como habitado pelas classes mais baixas e marginais: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas, entre outras. Representa os comportamentos tidos como promíscuos preguiçosos e viciosos atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços. Aí, o autor descreve casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal. Já a análise do Miranda, típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado á cultura e ao lazer, representa o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. O cortiço tem como base as duras condições de vida a que os personagens estão sujeitos. Espelhando o espírito da época, é um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da conseqüente exploração das camadas mais frágeis da população. É evidente a exploração do pobre pelo rico, do negro pelo branco. Durante a confusão obtida, o cortiço arde, sendo posteriormente transformado no edifício Avenida São Romão, que passa a ser habitado por uma população de melhor condição financeira. Não deixa de ser curioso notar que quando João Romão consegue escalar a Pirâmide social, o próprio cortiço parece subir de classe. Essa obra, no entanto, os moradores mais pobres se mudam para uma outra moradia coletiva, o cabeça de gato. Desta forma, Aluísio encerra o romance demonstrando que sempre existirão lugares tóxicos e corruptores e que as desigualdades sociais e econômicas serão sempre perpetuadas por esse ciclo vicioso.

Tendo como pano de fundo um cortiço, o romance difunde as teses naturalistas, que buscam uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, os conflitos interiores do ser humano, as relações sociais, a crise das instituições. Ao longo do romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Aluísio combate, como princípio teórico, a degradação causada pela misturas de

raça. Com críticas sociais focadas na corrupção de determinados valores, o estilo naturalista como análise da realidade e investiga a sociedade recorrendo às observações de fora para dentro, com personagens que tendem a se tornar planos, simplórios.

Cortiços: caixas cilíndricas de cortiça, na qual as abelhas fabricam o mel e a cera. Definição dicionarizada da palavra que também se refere a habitações coletivas que foram muito comuns no passado, hoje similares ao que conhecemos por favelas. Quando lançado, em 1890, o Brasil passava por reconfigurações na ordem social, tal como várias nações ao redor do planeta. A formação de novos mercados, o trabalho assalariado, o desenvolvimento dos setores secundários e terciários e a definição de novas categorias sociais demarcam os principais acontecimentos do período. Os cortiços servem de arautos das questões naturalistas que vigoravam na literatura brasileira no período. A importância da obra foi publicado em 1890, o cortiço é o romance mais exemplar da estética realista-naturalista. Nele pode-se perceber que o processo de formação das elites brasileiras passa por dois momentos: O primeiro deles é o da conquista do poder por determinados grupos que se utilizam basicamente da exploração e do furto, no segundo momento, a necessidade de não só se manterem no poder, mas também de se elevarem socialmente, transformando-se em elites. Ao longo do Romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Miranda e João Romão são figuras que representam momentos distintos do processo de constituição das elites brasileiras. Miranda foi o português que chegou antes, se adaptou rapidamente ao País, casou-se com a filha do patrão e tornou-se rico. João Romão rouba, engana e explora para torna-se rico. A história de João Romão é a vida de um dono de cortiço no Rio de Janeiro do século XIX que consegue enriquecer e ganhar status social graças à exploração da miséria alheia. João Romão representa a elite brasileira.

**Move 4**  
Prover uma  
avaliação final  
do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando  
completamente  
o livro

### Texto nº 12

Antes de postular as qualificações da obra *Educação: do senso comum à consciência filosófica* é preciso situar a respeito do criador do livro, exibindo as credenciais do autor e as informações gerais que julgamos necessárias para o conhecimento amplo da escrita. Esta obra é

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção  
3**  
Informando  
sobre o  
autor

escrita por José Maria de Eça de Queiroz, nasceu em 25 de novembro de 1845, numa casa da Praça do Almada na Póvoa de Varzim, no então número 1 ao 3 do Largo de São Sebastião (hoje Largo Eça de Queiroz), no centro da cidade, em casa de um parente de sua mãe, Francisco Augusto Pereira Soromenho, um dos funcionários aduaneiros da Póvoa de Varzim. Eça era filho de José Maria Teixeira de Queiroz, nascido no Rio de Janeiro em 1820 e delegado do procurador régio em Viana do Castelo, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1827. Eça, por sua vez, apresenta episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa de Verdemilho em Aradas, Aveiro, a casa da sua avó paterna. Nessa altura, foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezasseis anos, para a Universidade de Coimbra, onde estudou Direito.<sup>[4]</sup> Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos. Em Coimbra, Eça foi amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título Prosas Bárbaras. Eça veraneava na Póvoa de Varzim, quando matriculado na Universidade de Coimbra. Sua tia materna, Carlota, arrendava casa na Póvoa, de verão e com ela, além do sobrinho José Maria, iam também os seus quatro filhos, três rapazes e uma rapariga.

Em 1866, Eça de Queiroz terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo. Foi director do periódico O Distrito de Évora e colaborou em publicações periódicas como a Renascença (1878-1879?), A Imprensa (1885-1891), Ribaltas e gambiarras (1881) e postumamente na Revista de turismo iniciada em 1916 e na Feira da Ladra (1929-1943). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a Revista de Portugal. Em 1869 e 1870, Eça de Queiroz fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no Egito à inauguração do canal do Suez: os jornais do Cairo referem Le Comte de Resende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queiroz». Visitaram, igualmente, a Palestina. Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais O Mistério da Estrada de

Sintra, em 1870, e A Relíquia, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino. Em 1870 ingressou na Administração Pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queiroz escreveu a sua primeira novela realista, O Crime do Padre Amaro, publicada em 1875. Tendo ingressado na carreira diplomática, em 1873 foi nomeado cônsul de Portugal em Havana. Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em Inglaterra, entre 1874 e 1878, durante os quais exerceu o cargo em Newcastle e Bristol. Escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, como A Capital, escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Manteve a sua actividade jornalística, publicando esporadicamente no Diário de Notícias, em Lisboa, a rubrica Cartas de Inglaterra. Mais tarde, em 1888 seria nomeado cônsul em Paris. Seu último livro foi A Ilustre Casa de Ramires, sobre um fidalgão do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem.

É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por Gonçalo Mendes Ramires, o protagonista. Trata-se de uma novela chamada A Torre de D. Ramires, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz. Aos 40 anos casou com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto (16-4-1894), António (28-12-1889), José Maria (26 -2 -1888) e Maria (16-1-1887) Morreu em 16 de Agosto de 1900 na sua casa de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris. Teve funeral de Estado, foi sepultado em Cemitério dos Prazeres de Lisboa, mas mais tarde foi trasladado para o cemitério de Santa Cruz do Douro em Baião. Foi também o autor da Correspondência de Fradique Mendes e A Capital, obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. Fradique Mendes, aventureiro fictício imaginado por Eça e Ramalho Ortigão, aparece também no Mistério da Estrada de Sintra. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Após a morte do pároco José Miguéis, foi transferido para Leiria um padre jovem chamado Amaro Vieira. Aconselhado pelo cônego Dias, seu mestre de moral no seminário, Amaro foi instalar-se na casa da D. Joaneira. À noite na casa, havia encontros entre beatos e o clero, marcados por jantares, músicas, conversas, jogos e discussões sobre fé. É nesse cenário que padre Amaro encanta-se por Amélia, uma jovem muito

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o  
tópico de cada  
capítulo

bonita e passam a trocar olhares, despertando o ciúme de João Eduardo, noivo da moça.

O narrador, através de uma retrospectiva, conta que Amaro ingressou no seminário aos 15 anos, por obediência a sua tia que lhe criara com os preceitos cristãos. Porém, não era esse o seu desejo. Desejava mesmo era estar com uma mulher, chegando até associar a imagem de Nossa Senhora a uma, sentindo desejo por ela. Sendo assim, não por vocação e mais por comodismo, Amaro tornou-se padre. Em Leiria, rezava missas por costume, mas seu pensamento e sua ocupação era Amélia.

O primeiro contato físico entre o casal aconteceu numa fazenda da família; Amaro beijou o pescoço de Amélia, e ela saiu correndo. Amaro, com receio de se envolver mais intimamente e todos descobrirem, resolveu se mudar para outra casa. Enciumado pelas visitas de padre Amaro, o então noivo de Amélia escreveu o comunicado “Os modernos fariseus”, onde fez várias acusações contra os padres, inclusive mencionou que o padre Amaro estaria se envolvendo com uma “donzela inexperiente”. Após isso, o pároco aconselhou que Amélia desfizesse seu noivado, pois João Eduardo não seria digno. João Eduardo fica sem emprego e, revoltado, dá um soco no jovem padre.

Amaro volta a frequentar as reuniões na casa de D. Joaneira e se aproximar de Amélia, sem os olhos enciumados de João Eduardo. Numa oportunidade, voltando de uma visita à casa do cônego que estava doente, os dois param na casa do padre e tem ali sua primeira noite de amor. Dionísia, criada, aconselha ao padre a se encontrar com a jovem na casa do sineiro, onde seria mais discreto. Para o sineiro Tio Esguelhas, Amaro disse que Amélia queria se tornar freira e que ele iria ajuda-la nessa missão. Para a família, Amélia iria ajudar a Totó nas lições religiosas. Os dois passam então a se encontrar várias vezes na semana. Ela começa a sentir-se culpada, mas não recusa o padre. Amélia acaba ficando grávida. Aconselhado pelo cônego, a primeira saída seria casa-la com João Eduardo. Este, porém, tinha vindo para o Brasil. A alternativa é então mandar Amélia junto a D. Josefa, que estava doente, ao interior até chegar a hora do parto. Quando a hora chegou, Amaro entregou a criança a uma família que tem a fama de matar as crianças que lhe são entregues. E a criança realmente morre. Amélia não suporta ficar longe do filho, acaba também por morrer. Padre Amaro, sem saber o que fazer e tentando fugir dos acontecimentos, muda-se da cidade. Depois de algum tempo, encontra-se casualmente com o cônego Dias e afirma que “tudo passa”.

Em seu romance de estreia, *Eça de Queirós* explora um tema altamente polêmico, mesmo nos dias de hoje: Clero X Sociedade X Política. É

**Move 3**  
Destacar partes  
do livro

**Subfunção 9**  
Provendo  
avaliação  
direcionada

importante salientar que o livro foi escrito em 1875, portanto, apesar de algumas mudanças comportamentais, ainda é possível fazer um paralelo entre o século XIX e o XXI.

A crítica em foco era a corrupção do catolicismo e a quebra do celibato, mas entre aos demais temas, podemos destacar a maledicência, o vazio interior de seus personagens, o poder exercido pela religião na vida das pessoas, ao reger comportamentos, bem como a contraposição dos pobres em relação aos abastados pobres que circulavam pela sociedade, clamando por assistência.

Eça trouxe essa obra para mostrar uma sociedade cega que fecham os olhos para os erros e defeitos que tem na sociedade mas para julgar o próximo são muito rápidos. Ele veio para quebrar toda estigma social daquela época para participar e abrir caminhos ao novo movimento realismo. O realismo é o movimento que vem depois do romantismo e tenta quebrar com quase todos os paradigmas do romantismo. Uma das suas características é ser objetivo e claro, uma literatura meramente descritiva, ou seja, tem detalhamento das cenas e do cenário e também um retrato fiel da personagem, a personagem não vai ser mais idealizada, uma personagem realmente como ela deveria ser e como ela é na sociedade. Esse livro apresenta uma crítica a sociedade da época e também a hipocrisia do clero vigente naquela época, o clero era submetido a interesses políticos.

O clero mandava e desmandava e ninguém fazia nada para mudar isso, o que inspirou Eça a criar essa obra. E logo a sociedade faz parte desse processo de corrupção porque se ela se deixa corromper passivamente, então a sociedade requer que haja um processo de reflexão e uma mudança crítica, afinal de contas se temos uma sociedade crítica capaz de perceber os mandos e os desmandos do poder do clero sobre ela é claro que essa sociedade vai se revoltar em algum momento e vai agir para mudar essa realidade, era isso que ele queria principalmente.

Com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de um narrador onisciente que delineia os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre

**Move 4**  
Prover uma  
avaliação final do  
livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando  
completamente o  
livro

Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido. Sensuais desde jovens, os personagens mesclam religiosidade e sexualidade, sem a distinção dicotômica típica do ambiente cristão. Amaro desde criança olhava para as imagens da Virgem Santa e se excitava com as suas formas.

Essa obra nos mostra como até hoje a sociedade se comporta de forma parecida mesmo a igreja católica não controlando tudo mais, porque de fato as pessoas fecham os olhos para não acreditarem no que acontece dentro das igrejas, existem várias Amélias e vários Amaros também nos dias de hoje.

### Texto nº 13

José Maria de Eça de Queirós foi um escritor e diplomata português. É considerado um dos mais importantes escritores portugueses da história. Foi autor de romances de reconhecida importância. Os Maias e O Crime do Padre Amaro, o primeiro e considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

O Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós, foi publicado originalmente em 1875, é o primeiro romance do autor. Eça conta a história de Amaro filho de um empregado de uma Marquesa que após a morte de seus pais, passa a ser cuidado por eles. Assim escolhendo a ele uma profissão de fé, para que Amaro tornasse-se um padre, com isso ele foi enviado ao seminário. Depois de um tempo de seminário Amaro torna-se pároco em uma cidadezinha de uma província. Porém, ele tinha proteção de alta influência, e assim conseguiu que o transferisse para Leiria sede do bispado. Ao chegar em Leiria o padre torna-se hóspede de uma pensão na rua das misericórdias. A dona do local tendo uma boa relação com clero, promove com frequência encontros religiosos, onde discutem a fé cristã.

Em um desses encontros o padre conhece Amélia. Amélia é jovem e uma bela mulher, que com tempo acaba retribuindo os olhares do padre. Porém a jovem e noiva de João Eduardo ao perceber os olhares de interesse entre ambos, e fica enciumado. No decorrer da leitura Amaro beija o pescoço da moça e ela se assusta e corre fugindo de Amaro. Amaro recomenda que Amélia não se case com João Eduardo. Sendo assim Eça nos leva a acompanhar os anseios e destinos dos seus protagonistas.

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

A trama que se apresenta no livro é bem construída trazendo algumas surpresas. As descrições do ambiente não são aprofundadas. Existe todo um trabalho psicológico dos personagens onde remete suas angustias e dramas. Durante a leitura do livro pode-se perceber o envolvimento político que há na igreja e a força que tinha nos devotos da época. É possível notar a participação da igreja na construção da sociedade onde sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade e a opinião da igreja quanto a figura de Deus. E notável a figura da “persona, superego, sombra e o ego”. Existe também uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade. E o comportamento e falhas dos que representava a religião, como o padre Amaro e o Cônego dias.

Narrado em terceira pessoa, o livro apresenta, no geral, o tema central como o relacionamento impróprio de um jovem padre com uma devota, a jovem mais bonita da região. O que mais chama a atenção é o fato de o autor publicar uma obra onde transmite tantas críticas à igreja católica. Com pontos negativos os diálogos deixaram a desejar, por alguns instantes foi como se deixasse algo sem ser esclarecido. A linguagem um pouco rebuscada e compreensível. Com ritmo lento muitos detalhes cansativos, talvez por gostar mais de “O Primo Basílio”. As traduções das palavras também poderiam acontecer, sem que a identidade visual do romance fosse alterada, como: “cousa e não coisa”. E exemplificar melhor o espaço e o tempo. O crime do Padre Amaro explora um tema de grande polêmica, mesmo nos dias de hoje. Faz uma exemplificação da sociedade o clero e a política. Fala da forte presença da moral religiosa e de como é causador de imoralidades que nos fazem acreditar que a influência da religião não seja um aparelho satisfatório para a devida manutenção da ordem social. A ordem social exige um certo distanciamento de uma moral que se coloque de forma tão íntima e pessoal;

A leitura do livro “O Crime do Padre Amaro” é responsável na contribuição, de forma significativa, dos indivíduos, influenciando a analisar o comportamento da sociedade, de modo que a leitura é responsável por auxiliar, na formação do sujeito, influenciando-o a analisar a sociedade, em seu dia a dia e, no particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. É por meio da leitura que começamos a formar-se posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões de autores e assim refletir nos nossos próprios conceitos e visão.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

**Texto nº 14**

Joaquim Maria Machado de Assis, popular Machado de Assis, filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nascido no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, foi considerado um dos maiores autores da literatura brasileira, com obras que abrangem praticamente todos os gêneros literários.

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

O livro Dom Casmurro de Machado de Assis traz a história de Bento Santiago mais conhecido como dom casmurro, a trama se passa entre 1857 e 1875, conta uma história de amor obsessivo de um personagem ranzinza e prepotente e sua companheira Capitu e seus famosos olhos de ressaca, o clímax acontece quando o personagem principal tem dúvidas de que seu filho seja realmente seu, trazendo a tona uma suposta traição de sua esposa com seu melhor amigo, Escobar, e tal dúvida se arrasta até o fim do livro sem um parecer concreto e se torna uma pergunta para seus leitores, houve ou não uma traição.

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 6**  
Promovendo uma visão geral do livro

O Livro Dom Casmurro de Machado de Assis conta em primeira pessoa a história do personagem principal, Bento Santiago, mas conhecido como Dom Casmurro, o livro se inicia contando como ele recebe esse apelido, quando um jovem tenta ler alguns versos para ele mas não obtém sucesso pois o seu ouvinte pestanejava, então o jovem se irrita e começa a chama-lo de Casmurro o que é o mesmo de ranzinza ou rabugento desde então fica conhecido pelo apelido.

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

Então começa seus relatos de amor por sua então amiga Capitu que mais tarde se tornaria sua esposa, e a grande pergunta da obra; o drama começa quando bentinho descobre que era prometido ao celibato, desde então tenta se desviar da promessa, vai a casa de Capitu e deixa ela a parte de tudo, e juntos tentam resistir a separação e se prometem em casamento.

Bentinho é enviado ao seminário porem não segue o celibatário, mas conhece um grande amigo, Ecoabar, que juntos decidem deixar o seminário, Já bacharel em direito bentinho retorna e se casa com Capitu e Escobar com a melhor amiga de Capitu Sancha, e levavam uma vida próxima os casais, logo eles tem filhos, Escobar de uma menina e Bento um menino, Ezequiel.

Pouco tempo depois Escobar morre em um acidente no mar, e em seu velório Bento percebe um ar estranho em Capitu. A viúva se muda e

com o tempo Ezequiel se tonava idêntico a Escobar aos olhos de Bento, por tanta semelhança se inicia as duvidas se ele era mesmo seu filho, oque traz a tona uma suposta traição, o que acarreta uma onda de ciúmes, para não sofrer com a imagem do filho e a lembrança da traição deixa mulher e filho na Europa. Quando Ezequiel retorna Capitu já havia morrido, mesmo depois de anos bento não suportava a presença de Ezequiel, e mesmo assim financia uma viagem para ele com destino a Grécia, Ezequiel morre de febre tifoide e é enterrado em Jerusalém.

O enredo da historia nos traz uma visão da época, onde se passa a trama, a sociedade machista, e seus costumes, como o de prometer os filhos ao celibato, nos mostra também um recurso interessante usado pelo autor que é a mistura ente passado e presentes dos personagens, tornado a historia mais interessante e com uma maior facilidade de compreensão.

Porem em toda historia só podemos entra em contato, apenas com o personagem principal e todos os outros conhecemos através da ótica de Casmurro, através do narrador personagem, o que é um pesar para os leitores que adorariam “ouvir” Capitu e conhecer a historia por outro ponto de vista.

Em suma a obra, tem muito a ser analisada, como a linguagem de época os recursos usado pelo autor, e o excitante enredo em si, portanto é um ótimo conteúdo a ser aplicado a estudantes do ensino médio.

**Move 4**  
Prover uma  
avaliação final  
do livro

**Subfunção 10**  
**B**

Recomendando  
o livro apesar de  
indicar  
limitações

**Texto nº 15**

Henri Wallon Nascido na França em 1879 estudou Filosofia, Medicina e Psicologia aplicada a educação. E aos 23 anos formou-se em filosofia pela Escola Normal Superior. É encarregado de conferências sobre psicologia da criança na Universidade de Sorbone e outras intuições de 1920 a 1937. E se dedica ao atendimento de crianças ditas deficientes em 1925 publica a tese de doutorado “A Criança Turbulenta”. E com isso, inicia as publicações voltadas as crianças sendo ultimo “Origens do Pensamento na Criança” em 1945. Vivenciou períodos de grande turbulência mundial, pois de 1914 a 1945 eclodiram duas grandes guerras, quer dizer o avanço fascista e revolução socialista. Embora também tenha gosto pelo estudo neural analisando traumas, apesar da perseguição sofrida pela gestapo na segunda guerra e teve que viver clandestinamente. Foi médico psiquiatra em 1931 em diversas repartições particulares. Se utiliza do “marxismo” como corrente filosófica. Filiado ao partido comunista em 1942 ao qual manteve contato até sua morte. E em 1948 cria a revista “Enface” a qual segue até hoje tentando reafirmar a linha editorial. E faleceu em 1962 com grande contribuição para psicologia.

Neste capítulo, o autor aborda sobre Henri Paul Hyacinthe Wallon, um francês graduado em Medicina, Filosofia e Psicologia que ofereceu uma nova maneira de pensar o homem buscando conhece-lo por meio da criança, pois acreditava que através destas, ter-se o acesso à gênese dos processos psíquicos. Em suas teorias, utilizou o materialismo dialético onde defende que a escola deveria promover uma formação integral do aluno, mostrando a importância das emoções

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção 3**  
Informando  
sobre o autor

que traz um trabalho educativo. A escola e todos que a integram é sem dúvida nenhuma indispensável para a educação das crianças, ou seja, o sucesso da criança quando adulto na sociedade depende de uma boa educação e um bom currículo, é impossível pensar na criança fora da sociedade a que constrói uma boa determinação. A escola é um espaço que proporciona ao aluno condições para uma boa aprendizagem e conhecimento, de forma segura e saudável. Sendo um processo cultural, social e até mesmo político econômico, onde é preciso uma boa administração. Existe variáveis funções elaboradas por projetos onde se organiza o currículo. Trabalha -se também a oralidade do aluno de forma educacional que se processa na família, igreja empresas e meios de comunicação social.

Segundo Wallon, existem quatro elementos básicos que se comunicam, a afetividade, ou a síntese entre o orgânico e o social, aparecendo um movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa, com o organismo humano a primeira condição do pensamento e o mundo externo, o objeto mental. Com isso, há um pensamento infantil que é marcado pela descontinuidade, crises e conflitos tendo como base um fator biológico e um social, o que separa a formação do pensamento e da inteligência que, diferente da concepção de Piaget, surgiria depois da afetividade, apresentando assim, as dimensões afetivas e as capacidades ligadas.

O primeiro estágio impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano), após o nascimento a criança depende de si em relação a respiração e a auto regulação da temperatura de seu organismo, onde, os bebês de até três meses, realizam movimentos reflexos, involuntários, daí surgem os primeiros sorrisos. O estágio emocional é por volta dos 6 meses quando a criança começa a engatinhar é capaz de expressar emoções, raiva, dor, tristeza, alegria e etc. Aos 9 meses desenvolve o humor. Até aproximadamente um ano a criança é totalmente dependente do contato com o outro. O segundo estágio é o sensório-motor a criança explora o mundo a seu redor, é projetivo, que vai até os três anos, caracterizado pela exploração dos objetos e dos espaços físicos, ganhando maior autonomia com a preensão e a marcha, tornando-se um ser cognitivo. O terceiro estágio é o do personalismo que dura de três a seis anos, onde, palavras e o pensamento da criança está voltado quase que exclusivamente para o próprio e, até os cinco anos, vai transpondo seus interesses do eu para as coisas. O quarto estágio categorial, onde ocorre a diferenciação simbólica da personalidade, a inteligência avança no seu desenvolvimento e procura diferenciar o eu

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

do não eu. O último estágio é o da adolescência onde há uma quebra no equilíbrio afetivo e busca por mudança, por sua transformação.

O presente capítulo auxilia levando em consideração a relação professor-aluno e o papel da escola, o professor não deve ser autoritário, e a escola deve ser a expressão concreta da unidade adulto-criança-sociedade, buscando o equilíbrio entre o atendimento do que necessita do desenvolvimento da criança, o atendimento da criança trabalhando também as necessidades do desenvolvimento da sociedade. O autor afirma ainda que as crianças aprendem mais quando gostam do professor, por isso é tão importante trabalhar a afetividade com os alunos. Sendo assim, sua leitura é de fundamental importância para estudantes da área visando minuciosamente suas etapas de estágios.

**Move 4**  
Prover uma avaliação final do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando completamente o livro

### Texto nº 16

Nesta resenha crítica discutiremos acerca da “Teoria da Gestalt: Percepção e Aprendizagem”, cujo título é parte da obra “Psicologia da aprendizagem: da teoria do conhecimento ao construtivismo”, livro dos autores Nelson Piletti e Solange Marques. O autor Nelson Piletti, além de ser graduado em Pedagogia, o que mostra sua tamanha destreza no assunto, ainda possui graduação em Filosofia e Jornalismo. Piletti é ainda mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Segundo seu currículo, é autor de Aprendizagem: teoria e prática e coautor de Dom Helder Camara: o profeta da paz, Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo, História da educação: de Confúcio a Paulo Freire, enfoque para a obra Psicologia da Aprendizagem com Solange Marques Rossato, além de outros três.

Em parceria com Piletti nesta obra está Rossato. A autora Solange Marques Rossato, por sua vez, é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia por essa mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Um dos motivos de sua excelência na escrita e desenvolvimento do capítulo a ser analisado nesta resenha, é que Rossato tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior; e como psicóloga clínica e escolar.

O capítulo se inicia rotulando a teoria de Gestalt como sendo

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 1**  
Definindo o tópico geral do livro

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

oposta ao behaviorismo, antes mesmo de defini-la. Na sequência, os autores mostram que tal teoria é na verdade um ramo da psicologia que também é conhecida por Psicologia da Gestalt, destinada aos estudos que consideram os fenômenos psicológicos um conjunto autônomo e indivisível em sua configuração e organização. Em um contexto histórico o leitor passa a saber que os fundadores e difusores da Gestalt, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka estudaram Filosofia e Psicologia na Universidade de Berlim. Os idealizadores desta psicologia realizaram diversos estudos experimentais da percepção do movimento, tendo analisado a cognição dos chimpanzés para chegarem a solução de problemas de comportamento tal qual a Psicologia Gestalt defende.

Ainda situando a Teoria da Gestalt em uma análise histórica e estrutural, os autores ressaltam que somente nos anos de 1920 a Gestalt foi especificamente desenvolvida sob olhar do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, já sendo pioneiramente usufruída por um dos mais bem equipados laboratórios do mundo, com pesquisas acerca de diversos problemas psicológicos.

Ao longo da leitura é possível observar que os autores fazem uso de curiosidades, ou informações detalhadas, sobre a Gestalt. Podemos exemplificar tal afirmação com a descrição sobre a definição da palavra Gestalt em outras línguas, as quais muitas são difíceis ou inexistentes. Na língua alemã, por exemplo, não há definição equivalente e, conseqüentemente, os pesquisadores ficam impossibilitados de compreender o que de fato o movimento representa.

Quando há o subtópico “Princípios fundamentais da teoria da Gestalt” encontramos percepções de como a Gestalt é relacionada a elementos sensoriais em sua totalidade. Desse modo, o leitor é levado a entender que a percepção da forma como vive leva em conta que a própria experiência perceptiva imediatamente organiza e dá significado à percepção, abrindo espaço um novo sentido, uma nova ordem. Em conclusão, o objetivo da Psicologia da Gestalt é descrever e esclarecer de forma concreta a organização intrínseca, precisa, do percebido.

O estudo da Gestalt deve ser visto de forma muito mais abrangente que apenas o conhecimento dos princípios básicos, sendo importante ressaltar que a maioria dos desdobramentos da Gestalt irá envolver ao menos um dos princípios fundamentais da própria teoria. Como é possível verificar através da leitura, cada princípio se define pela função que desempenha na estrutura sob a qual está colocada. Os autores ainda usam de exemplos para fortificar a colocação: a identidade dos objetos resulta do modo como os seus componentes são combinados e não apenas dos

componentes isolados. Quando se fala em componentes se fala em princípios.

Ainda sobre os princípios, segundo os próprios teóricos e pesquisadores da Gestalt, os princípios são definidos como regras ou leis com os quais são organizadas as percepções, facilitando a compreensão de imagens e de ideias. Aqui o leitor passa a conhecer o termo “gestaltistas”, usado para definir os simpatizantes da psicologia Gestalt. Para Piletti e Rossato, os gestaltistas tinham a preocupação em definir as leis que regem a percepção das totalidades e que são aplicáveis à percepção e ao pensamento, ou seja, com o interpretamos o que vemos.

Antes de sermos apresentados às definições de cada um dos princípios, conhecemos a lei da boa forma que anuncia a organização das estruturas e que essas tendem a serem as responsáveis por revelar as características que a distinguem de uma forma tão completa quanto as condições do momento permitem. Essa organização tende a se aproximar da estrutura que for mais equilibrada, mais simétrica e mais regular. Logo, quando vemos as formas temos a tendência a percebê-las em seu caráter mais simples, já que há uma simplificação que facilita sua assimilação.

O primeiro dentre os princípios deste capítulo é o princípio do fechamento, também chamado de princípio da complementação, segundo o qual nossa percepção costuma completar as figuras as quais se encontram incompletas. Para proporcionar uma melhor compreensão aos leitores, os autores disponibilizam uma figura de linhas retas, a fim de auxiliar na percepção de imediato de situações e objetos. O mesmo ocorre com a definição do princípio da proximidade, através do qual percebemos as partes que estão mais próximas como agrupadas, como um todo, de modo a parecerem que são uma unidade. Mais uma vez, para exemplificar, há uma série de figuras com bolinhas que auxiliam na compreensão.

Concluindo as características dos princípios, enfim há o princípio da semelhança, também conhecido como princípio da similaridade, e o princípio da figura. No primeiro os objetos similares tendem a se agrupar e a ser percebidos como relacionados entre si. Enquanto a figura permite que na organização do objeto partes do campo perceptivo sejam combinadas juntas de maneira a formar estruturas que são distintas do fundo. Já no final do capítulo os autores determinam o espaço da Psicologia da Gestalt dentro da Educação e enquanto motivadora para a conciliação da indisciplina em sala de aula

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

**Texto nº 17**

**FREUD: INSCONSCIENCIA E APRENZAGEM** é um capítulo do livro *Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao Construtivismo*, do autor Nelson Piletti, que apresenta ideias de Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) permitindo uma melhor compreensão do funcionamento do psiquismo humano do pensamento, sentimentos e comportamento que repercutem nas relações produzidas no cotidiano escolar. O capítulo inicia contando a história do próprio Freud, que nasceu em Freiberg, e em 1873, ingressou em medicina, interessou-se pelos estudos de Psiquiatria passando a estudar mais especificamente, a histeria (as psiconeuroses) que levaram a fundar a Psicanálise. Em princípio, nos seus estudos sobre a histeria (transtorno com sintomas físicos, mas sem que se constate uma causa física) emprega a hipnose (em transe, o paciente recorda um evento traumático, nunca descarga emocional) com o intuito de explicar e eliminar os sintomas histéricos.

Nelson descreve resumidamente que a Psicanálise é uma teoria da personalidade que concentra-se na relação entre os desejos inconscientes e os comportamentos e sentimentos vividos pelas pessoas. Também é descrito pelo autor as vertentes da Psicanálise, destacando-a em Instâncias do Psiquismo em forma de três vertentes integradoras e necessárias para o aprendizado: consciente, pré-consciente e inconsciente. O Aparelho Psíquico, como Freud denota de “Caixa Surpresa Imaginária”; os Mecanismos de Defesa como equilíbrio humano; Fases do Desenvolvimento Psicoafetivo da criança e, por fim, a Psicanálise e a Educação (no processo do ensino aprendizagem), são pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação. O capítulo inteiro é apresentado sob o “Olhar Freudiano”.

São os Mecanismos de Defesa e as Fases que compõem a infância e adolescência para uma eficácia ao ensino aprendizagem. A relação professor/aluno, estará sujeita não só ao processo de Identificação, mas aos demais como: Negação; Projeção; Rejeição e os demais. O professor tem que se dar conta, que os afetos direcionados dos alunos não são exclusivamente evocados por ele. O Ego em si é para se proteger das ameaças e das ansiedades, geradas pela dificuldade de equilíbrio constante, diante das necessidades e exigências do mundo externo (sociedade), fazendo uso de estratégias de enfrentamento, ou seja, dos Mecanismos de Defesa. Estes atenuam os fatos de modo a distorcer a realidade, pois seu enfrentamento poderia ser doloroso. Tudo isso é

**Move 1**

Introduzir o livro

**Subfunção 1**

Definindo o tópico geral do livro

**Move 2**

Sumariar o livro

**Subfunção 7**

Apresentando cada capítulo

explanado no capítulo em conjunto com tais Mecanismos de Defesa, como: a Repressão; Negação; Deslocamento; Racionalização; Identificação e o Mecanismo da Fantasia. Para Freud, o Id contém o que é herdado com o nascimento, compreende os instintos. É um complexo de excitação insaciável, operando em referência ao princípio do prazer. É a fonte de todas as pulsões básicas, em que buscamos a satisfação imediata de nossas necessidades (alívio e diminuição de tensão) e de nossos desejos (como se alimentar), sem considerar a realidade. É definida como a parte mais primitiva e de mais acesso da personalidade. Ou seja, o Id não conhece nenhum julgamento de valores, não conhece o bem, nem o mal, nem a moralidade. Já o Superego, segundo Freud, é o componente da personalidade composto por nossos ideais internalizados que adquirimos com nossos pais e com a sociedade. Ele trabalha para suprimir os impulsos do id e tenta forçar o ego à agir moralmente.

Segundo Freud, em cada fase de desenvolvimento psicoafetivo da criança, uma zona específica (área do corpo) se destaca o prazer, numa busca por objetos ou modos de gratificação correspondente. Além do prazer, é possível, ao mesmo tempo, encontrar conflitos que correspondem a fixações em determinadas fases, em que a criança fica detida na mesma, ou seja, uma parte da libido fica investida num nível de desenvolvimento específico. Uma fixação pode ocorrer se a criança experimentar uma excessiva frustração (desejo do que falta) ou uma excessiva gratificação das necessidades da respectiva fase, com relutância em seguir adiante. Essas fases desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade. São elas: Fase Oral (0 a 1 ano); Fase Anal (1 a 3 anos); Fase Fálica (3 a 5 anos); Fase de Latência (5 a 11 anos) e a Fase Genital (adolescência e fase adulta). Para Freud, a aquisição de conhecimento depende da relação professor-aluno, relação esta que ganha destaque no período de latência quando, em geral, os professores “tomam” o lugar dos pais, em vista disso, a Psicanálise e a Educação se tornam pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação.

De fato, a análise das práticas educativas com base psicanalítica ajuda a reflexão e permite ao professor que ele faça suas escolhas de atuação em sala de aula. Portanto, o educador precisa ajudar o educando a buscar o equilíbrio na construção do eu (Ego), para que a aprendizagem possa ocorrer com melhor eficácia, mas para isso, é necessário conhecer o processo de funcionamento e interação cognitiva de seu aluno e não excluir esse processo. O capítulo em si, chama atenção para a

necessidade de que os educadores sejam psicanaliticamente orientados, de modo que busquem em seu educando, o ideal equilíbrio entre o prazer individual - o prazer à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais, a repressão e a sublimação destas pulsões. Pois, esclarecer o desenvolvimento da infância, desejos, as estruturas do pensamento até então desconhecidas, para uma melhor compreensão e aplicação do ensino aprendizagem, revela grande valia e importância para a educação, pois educarão as crianças, aqueles que conseguirem sondar as suas mentes.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

### Texto nº 18

A motivação é um processo que está presente em todas as áreas de nossas vidas, no trabalho, na escola, nas atividades de lazer, e de certa forma interfere tanto nas ações como nos resultados.

Nelson Piletti é graduado em Filosofia, Jornalismo e Pedagogia mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); ex-professor de ensino fundamental e médio; professor aposentado do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

Solange Marques Rossato é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia também pela mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior e como psicóloga clínica e escolar.

Segundo Lefrançois, 2008 o termo motivação vem do verbo latino e que significa “movere”, que é o mesmo que ação, dando a entender a ideia de movimento, deixando claro que é algo que incita no indivíduo a agir, podendo ajudá-lo a fazer ou não alguma coisa, mantendo a todo momento em um movimento e ajudando a completar tarefas. Diz ainda que esse estudo da motivação possibilita conhecer o que nos movimenta e que nessa caminhada sempre tem alguma meta, objetivo com pensamento voltado à satisfação de nossas necessidades e desejos, ela nos direciona para um alvo, mantendo em ação.

Para Bzuneck (2002), a motivação se trata de um processo e não de um produto, ficando assim inferida a partir dos seus comportamentos e não ser observada diretamente. Devido ao fato de o ser humano, passar por várias situações e condições.

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 1**  
Definindo o tópico geral do livro

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 3**  
Informando sobre o autor

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Subfunção 7**  
Apresentando o tópico de cada capítulo

Já no ambiente escolar ela tem um papel importante na hora da aprendizagem, de como tanto professores como alunos poderiam receber esses estímulos e incentivos, sendo favoráveis ao ensino da aprendizagem e que sem ela dificulta a aprendizagem, com alguns fatores que podem somar a está motivação que é o fato da escola onde o aluno estude seja de qualidade em seu ensino. Ficando assim a desmotivação sendo justificada com o fato de o aluno não achar que o estudo é de qualidade, causando uma evasão ou até mesmo o desinteresse desse aluno, alguns outros fatores podem ser vistos também como forma de desmotivação, como o fato de que as pessoas possuem mais ou menos desejo de conhecer ou aprender, isso pode variar.

Segundo Aristóteles todos nós temos um impulso natural para adquirir esse conhecimento, como exemplo fala de uma criança que com a curiosidade se mostra faminta por explorar tudo com as mãos ou até mesmo a boca, e que essa mesma criança pode perder o desejo de seu início na escola.

De acordo com Siqueira e Wechesler, 2006 em pesquisas fala que isso vai depender da relação entre a aprendizagem e a motivação já que como diz em estudos ela é recíproca. Ficando assim ao motivar posso produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho enquanto a aprendizagem pode interferir na motivação.

Em relação a motivação e educação escolar, tem sido um dos objetos de pesquisas e das investigações dos psicólogos educacionais nesses últimos anos. Devido a essa falta que vem sido constatada nos estudantes ficando assim um dos maiores desafios à eficácia do ensino, levando-os a refletir sobre criar as condições para que esse aluno venha a ficar “ a fim de aprender”, de uma forma que ele se envolva na atividade da aprendizagem, e que se torne assim um persistente nessa tarefa desafiadora, fazendo de forma efetiva, e valorizando a educação e de alguma maneira ajudar a buscar condições para que tudo ocorra de maneira satisfatória. Para que não torne a acontecer esse desempenho do aluno em aprender e dos professores desmotivados com aulas que não estão planejadas de acordo, apáticos, ficando assim difícil dele ensinar.

De acordo com behavioristas, como skinner, a aprendizagem ocorre com dependências de estímulos externos, ou seja somos motivados a agir por conta dos resultados de nosso comportamento, neste caso a motivação está diretamente ligada a incentivos externos, extrínsecos de cada indivíduo, sendo assim agimos inteiramente a fim de obter reforços que vai satisfazer uma certa necessidade, a medida em que percebemos que os resultados de nossas ações e compensatório, esforçamos para ter

um desempenho eficaz, a recompensa vem acompanhada da necessidade de reconhecimento, ou seja ao realizarmos determinadas atividades sempre esperamos méritos pelos nossos esforços.

Na teoria cognitiva, o que ganha destaque e importância são as motivações intrínsecas. Há, portanto, uma grande difusão de que o indivíduo possui internamente as forças que o levam a agir, conhecer, a aprender, a trabalhar, além de uma visão mais ativa do comportamento. São considerados os aspectos racionais, como objetivos, intenções, expectativas e planos do indivíduo. Considera-se assim, que o homem é capaz de fazer escolhas racionais (Lefrançois, 2008).

Nessa teoria o homem age de forma com o que sente e das informações que possui, fazemos as coisas conforme estamos com vontade de as fazer, por nossos motivos intrínsecos. E desta forma nossos comportamentos e motivações são diferentes para cada pensamento nosso, são os fatores internos que determinam nosso comportamento. Quanto Abraham Maslow (1908-1970), um psicólogo humanista norte-americano, o ser humano possui diversas necessidades (elementos motivacionais) que podem ser separadas em categorias hierarquizadas, que seguem uma determinada escala de valores, uma ordem. E, à medida que o homem realiza uma necessidade, outra surge em seu lugar, cabendo a ele buscar os meios para satisfazê-las. No entanto, as necessidades básicas devem ser satisfeitas antes de outras mais elevadas se tornarem importantes (Glassman e Hadad, 2006).

Ele cita no texto que nós temos necessidades que variam desde as fisiológicas consideradas básicas até a autor realização. Entre elas de modo crescente estão: Necessidades fisiológicas: Que se relacionam com a sobrevivência e preservação da espécie (sono, alimentação, ar, abrigo, descanso, sexo). Necessidades de segurança: Constituem tanto as físicas (imunidade ou perigo) quanto a segurança psicológica busca pela estabilidade, ou seja, correspondem à nossa necessidade de proteção. Necessidades sociais: Incluem o imperativo de dar e receber afeição e aceitação, sentimento de pertencer envolvem amizades, os relacionamentos o amor.

Necessidade de auto estima: Constitui um sentimento de respeito próprio, a autoconfiança, a aprovação emocional, o prestígio, o sentimento de competência e de capacidade no que faz. Necessidade do auto realização: Que estaria no topo da hierarquia, caracteriza-se pelo processo para o qual não há um fim por não se definir a pernas por um objetivo específico.

Essas necessidades humanas são de total importância para nós

são a nossa essência precisamos delas para sobreviver, quando o indivíduo se percebe eficaz, melhor serão suas construções cognitivas de ações efetivas.

Geralmente as pessoas não tem consciência, não sabem os motivos, as forças que a levam a agir de uma ou de outra forma, grande maioria das motivações seriam então movidas pelo inconsciente, quando criança todo indivíduo tem uma serie de impulsos e desejos que procura satisfazer, entretanto muitos desses desejos não podem ser satisfeitos, em virtudes de proibições sócias, sendo assim todos são reprimidos e armazenados no inconsciente, lá se reorganizam a fim de se manifestarem de outa forma que possa ser aceita no meio social.

De acordo com os autores tem se tornado difícil aliar os desejos e necessidades dos alunos às exigências escolares. Exigências que se constituem em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender, em formas e meios específicos de ensinar que nem sempre atendem à diversidade presente em sala de aula.

Uma das boas virtudes da motivação em sala de aula, é melhorar a atenção e a concentração do aluno, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades de maneira satisfatória.

A Motivação para ensinar pode ser fortalecida pelo resultado de ensino, o que fica difícil diante de tamanho desinteresse dos alunos e da constante desvalorização dos professores.

É importante que o professor conheça o processo de aprendizagem e esteja interessado nos alunos, como seres humanos em desenvolvimento intelectual e social. O professor precisa saber como são seus alunos com suas famílias, dependendo da relação social do aluno com o seu meio fora da escola, percebe-se o porquê do atraso escolar ou o bom desempenho na sala de aula.

O livro é uma ótima leitura para quem quer entender sobre a motivação dos alunos e suas variáveis, e tentar mudar a forma de trabalhar em sala de aula, com base no escrito, pois dá várias dicas, informações relevantes sobre um problema que é tão frequente como a falta de motivação, e exemplos de ferramentas úteis nesse processo como o que pode ser melhorado para manter a motivação.

**Move 4**  
Prover uma  
avaliação final  
do livro

**Subfunção 10 A**  
Recomendando  
completamente o  
livro

**Texto nº 19**

Neste capítulo nós estamos, enquanto leitores e pesquisadores, diante da definição e estudos sobre construtivismo e alfabetização. Logo de início somos apresentados ao argumento de que o construtivismo não deve ser entendido enquanto um método de ensino, pois construtivismo é na verdade uma teoria a respeito do aprendizado. Embora o construtivismo tenha sido adotado por Piaget, quem de fato adotou e tornou conhecida a expressão foi uma aluna de Jean Piaget, a psicóloga Emília Ferreiro, nascida na Argentina em 1936. Emília Ferreiro usou da teoria do seu mestre para pesquisar o processo mental pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, ou seja, para aprofundar seu conhecimento sobre a alfabetização.

**Move 1**  
Introduzir o livro

**Subfunção 1**  
Definindo o  
tópico geral do  
livro

Para entender a importância que tem o estudo do construtivismo sobre o olhar de Emilia Ferreiro é interessante conhecer sua biografia. A autora Emilia Ferreiro é também uma psicóloga, pesquisadora e escritora argentina, radicada no México. Faz o uso da psicolinguística para desvendar os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever. Seu nome completo é Emilia Beatriz Maria Ferreiro Schavi, nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936.

**Move 1**  
Introduzir o  
livro

**Subfunção 3**  
Informando  
sobre o autor

No fim dos anos 60, Emilia Ferreiro formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Concluiu seu doutorado na Suíça, sob a orientação do psicopedagogo Jean Piaget, dentro da linha de pesquisa inaugurada por Hermine Sinclair, que Piaget chamou de Psicolinguística Genética. Portanto, diante de uma biografia extremamente didática percebe-se a importância da leitura deste capítulo para os pesquisadores do construtivismo e da alfabetização.

Emilia tem notoriedade na área da educação por ter se destacado grandemente com contribuições, tendo desenvolvido uma concepção diferente acerca do processo de alfabetização. Diferente porque a autora inverte o foco da didática alfabetizadora, as velhas metodologias de como se deve ensinar o aluno, reinventando os modos tradicionais de como se deve aprender. As ideias de Emilia contribuíram para que os educadores revissem revisitassem os próprios métodos e concepções, reconhecendo que estes poderiam ser considerados tradicionais de ensino. Durante o primeiro tópico deste capítulo os autores traçam um panorama histórico de como Emilia Ferreiro se consolidou na educação e da maneira como teve seus trabalhos e obras lançadas e reconhecidas.

No segundo tópico há uma série de críticas aos métodos tradicionais de ensino. Cabe tornar válido que nessa parte do capítulo não

há referência restrita aos estudos de Emilia Ferreira, porém há menções a diversos outros autores como Teberosky (1991), Decroly (1991) e referência a Noam Chomsky. Entre os métodos tradicionais transcritos há o método sintético ou alfabético, através do qual parte de unidades mínimas ou menores que as palavras, neste caso as letras, buscam a correspondência entre o que é oral, o som, e o que de fato está escrito, como a grafia. Esta é uma versão tradicional e um método que caiu em desuso devido a influência linguística.

Outro erro dos métodos tradicionais e que é duramente criticado é a concepção mecanicista e associacionista, sob a qual busca-se superar a afirmação de que a leitura trata-se de uma tarefa fundamentalmente visual e não auditiva. A crítica surge porque a percepção global do significado das palavras ou da oração vem primeiro se comparado à análise dos componentes ou das unidades alfabéticas. E já que estão falando sobre alfabetização, ressaltam que no cenário da educação infantil as visões de conjunto precedem a análise.

Para os métodos tradicionais o ato de escrever sem erros e a habilidade de pronunciar as palavras corretamente criaram os estereótipos de “falar bem” e de possuir “boa articulação”. Essas falácias passaram a ser requisitos indispensáveis para se escrever num sistema alfabético. Por essa mesma razão iniciava-se o aprendizado do aluno com a didática do professor totalmente voltado ao léxico, obrigando as crianças a reaprenderem a pronunciar começando pelas vogais, passando pelas sílabas até serem capazes de formar as primeiras palavras e diferenciar os sons da fala ou os fonemas.

O alfabetizando é considerado, segundo teoria de Emilia, um sujeito que ao interagir com a escrita é capaz de formular hipóteses, propondo e solucionando problemas no sentido de compreender a natureza, a função e o valor desse objeto cultural. Obviamente, não deve-se esperar que uma criança consiga formular e construir teorias sobre o universo e a origem do homem tendo apenas meros 4 ou 6 anos, mas através da aplicação da teoria do construtivismo a criança pode ter uma alfabetização que a ajude e facilite na criação da aprendizagem.

A criança, quando vista como sujeito do processo de alfabetização, não é simplesmente um receptor de dados iniciais, mas ao contrário, é um sujeito ativo. A criança alfabetizante é um construtor e produtor de seu próprio conhecimento, pautada sobre o que os autores chamam de “erros construtivos ou pedagógicos”, os quais são totalmente passíveis de compreensão. Entendendo que Piaget é basicamente o mestre da formação de Emilia, os autores fazem uso de suas colocações para

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

fundamentar o embasamento do capítulo, ressaltando que os erros pedagógicos, na visão do próprio Piaget, são na verdade os pré-requisitos necessários para que a criança possa chegar no conhecimento necessário e na resposta correta.

Esses erros pedagógicos, que muitas vezes podem ser construtivos, ocorrem porque uma criança não consegue regularizar verbos irregulares de modo mecânico, por imitação ou reforçamento externo, já que entendemos que tal feito só é alcançado porque adultos comumente convivem com as crianças e ensinam. Porém, as crianças possuem internamente desenvolvida uma estrutura lógica cognitiva através da qual se possibilita um surpreendente grau de conhecimento sobre seu próprio idioma.

Embora o capítulo seja destinado às revisitações de Emilia Ferreiro sobre as pesquisas e teorias de Piaget, há um espaço no capítulo destinado a influência da psicolinguística contemporânea de Noam Chomsky. Chomsky criou a psicolinguística contemporânea em 1960, teoria essa que posteriormente os psicólogos tomaram como modelo de ponto de partida, a usando para provar determinadas realidades psicológicas.

Por fim, o capítulo encerra tratando sobre os princípios básicos da psicogênese da língua escrita, três fundamentos utilizados para compreender a escrita enquanto um sistema de representação da realidade. O primeiro princípio volta-se para a não identificação do ato de ler com decifrar, defendendo a ideia de que não se trata somente de decodificar as grafias. O segundo princípio básico é a não identificação da escrita com cópia de um modelo, o que ocorre quando a alfabetização não mais é vista como a aquisição de uma técnica voltada à reprodução gráfica da língua falada. E, por fim, o último princípio diz respeito a não identificar progressos na conceptualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

**Move 3**

Destacar partes do livro

**Subfunção 9**

Provendo avaliação direcionada

**Texto n° 20**

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo norte-americano, seguidor do Behaviorismo de J. B. Watson, e na década de 40, criou o Behaviorismo Radical com uma proposta filosófica sobre o comportamento humano. Nasceu em Susquehanna, Pensilvânia, Estados Unidos, no dia 20 de março de 1904. Filho de um advogado e de uma dona

**Move 1**

Introduzir o livro

**Subfunção 3**

Informando sobre o autor

de casa desde cedo despertou o interesse sobre o comportamento dos animais. Ingressou no Hamilton College em Nova Iorque, com o objetivo de se tornar escritor. Em 1926 concluiu o bacharelado em Literatura Inglesa e Línguas Românicas. Durante dois anos se dedicou a escrever, mas concluiu que lhe faltava habilidades literárias.

Sobre o behaviorismo ou comportamentalismo, Skinner se destaca por compreender o comportamento e os processos de aprendizagem considerados relevantes para a educação. O behaviorismo segundo o teórico estuda e observa e descreve o comportamento observável como forma de ajustá-lo ao meio. O behaviorismo constituiu um conjunto de teorias, que focalizam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia.

Na busca por métodos precisos e eficazes, embasados na experimentação Edward Lee Thorndike (1874-1949) ficou conhecido por criar a “Lei do efeito”, onde o indivíduo surtirá efeitos satisfatórios de aprendizagem seja a punições ou recompensas. Para Edward Lee, a punição pode surtir efeito satisfatório para que melhore seu comportamento e desempenho, e a recompensa é que incentive a continuar no caminho certo da aprendizagem. O primeiro a usar o termo behaviorismo foi John Broadus Watson (1878-1958), este declarava que o grande foco da psicologia enquanto ciência objetiva deveria ser o comportamento concreto do ser humano, visando a sua previsão e controle. Há quem discorde de Watson, dizem que o behaviorismo não é uma ciência em si, mas sim, uma filosofia da ciência.

O condicionamento Clássico de Ivan P. Pavlov (1849-1936), este fez experimentos e estudou o comportamento reflexo, que é descrito pelo autor com o exemplo como o bebê arrepia involuntariamente, suga algo quando se coloca algo em sua boca, e deu o nome de estímulo neutro, que são estímulos naturais que uma criança desenvolve, frio, fome, sede etc. A importância do condicionamento clássico para a escola behaviorista foi demonstrando que é possível controlar respostas involuntárias-reflexas associando-as a determinado estímulos.

Adiante temos o condicionamento operante de Skinner, também conhecido como condicionamento respondente. Essa teoria surgiu quando o teórico fazia experimentos com ratos, colocados em gaiolas eles tinham que apertar alavancas para poder beber e se alimentar, então os animais associavam o ato de apertar para poder comer, eles desenvolviam seus estímulos respondentes.

Há ainda neste capítulo uma abordagem voltada a educação enquanto aquisição de novos conhecimentos onde os autores mostram,

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Subfunção 7**  
Apresentando  
o tópico de  
cada capítulo

através da concepção de Skinner, que a educação é vista como algo importante na vida da pessoa, levando em consideração que a educação compreende o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o sujeito e para outros em algum tempo futuro. A educação trabalha muito mais voltada para a aquisição de novos comportamentos do que com a sua própria manutenção. Seguindo essa linha de perspectiva entendemos que a educação prepara seus alunos para situações futuras e para as mais variadas circunstâncias.

Após tratar a respeito da aquisição de conhecimentos pela educação, o capítulo traz à tona a estreita relação ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva teórica de Skinner. Para analisar a relevância dessa relação é preciso proceder com uma avaliação adequada que propõe emitir respostas sobre a prática, ou seja, que demonstra o alcance ou não dos resultados em relação ao que a docência espera. Portanto, é preciso analisar o comportamento do aluno a fim de verificar suas necessidades de aprendizagem, pois só assim o repertório de comportamentos e aprendizagens mostrará se o resultado é ou não satisfatório.

Ao falar em repertório de comportamentos os autores propõem um diálogo sobre determinados comportamentos dos alunos em sala de aula, comportamentos estes que devem ser mantidos, como é o caso do comportamento do leitor. Se houver algum valor reforçador, como o elogio, a expressão, o sorriso do professor, dos pais, o comportamento é mantido. A leitura pode promover a habilidade de decifrar novas palavras e com o tempo promove o prazer.

O próprio Skinner deixa claro que há uma diferença considerável entre manter um aluno lendo pelo valor reforçador no comportamento de ler ou pela possibilidade de ser reprovado se não o fizer. Desse modo, o ensino carece de ser cuidadosamente planejado para que gradativamente o aluno consiga emitir o comportamento desejado mesmo sem que ocorram os reforçadores externos.

Há diversas críticas implícitas, nas entrelinhas, destinados ao campo docente, voltadas para a atividade do professor. Como quando os autores citam que se o aluno não aprende, possivelmente é porque o modo como ele aprende e o que faz com que ele aprenda de alguma maneira, não foram compreendidos pelos responsáveis pelo ensino. Justificando essa afirmação o próprio Skinner defende que toda criança possui potencial biológico quando nasce, potencial este que permite que ela aprenda alguma coisa, porém essa afirmação não significa necessariamente que o conhecimento nasça junto com ela.

Skinner defende ainda a aplicação de um programa que se resume na sequência de um material educativo, nada mais que textos programados, através dos quais nascerá um aluno adequadamente esforçado. Essa programação compreende alguns elementos básicos como o fato de que os alunos precisam a proceder diante de observações, análises e avaliações, se preparando para obter conhecimentos prévios. É preciso que o professor conheça e considera as dificuldades dos alunos, ou seja, organizando a sequência de ensino de uma forma progressista correspondente às dificuldades de cada um.

Esse planejamento proposto por Skinner requer a atenção para que se organizem etapas pequenas e que só se avance com o domínio de etapas anteriores, haja vista que um acúmulo de dificuldades pode resultar em desestímulo para o aluno. Assim, como os próprios autores mencionaram durante o capítulo e agora reforçam, para que o aluno possa se tornar competente em determinada matéria, é fundamental que os reforços sejam contingente ao fim de cada passo. Portanto, concluímos que uma programação de ensino, a partir do momento em que é bem conduzida e possui real planejamento, poderá levar ao sucesso do aluno.

Logo, finalizamos concluindo que, segundo a leitura do pensamento de Skinner, a educação precisa seguir etapas de um progresso, precisa estar embasa em um planejamento. Uma das possibilidades de aprender está destinada ao que o autor chama de máquinas de ensinar, que são aparelhos com a utilização de passos graduais no processo de aprendizagem. Um método que busca levar o aluno a estudar individualmente, sem intervenção direta do professor, com apoio de um material previamente elaborado.

**Move 3**  
Destacar partes do livro

**Subfunção 9**  
Provendo avaliação direcionada

### Segmentação das resenhas, segundo a forma prototípica de Araújo (1996):

#### Texto nº 1

Esta análise crítica, a ser configurada segundo a obra de Madame Bovary de Gustavo Flaubert. Um verdadeiro marco do realismo, foi muito polêmico na sua época, é um clássico da literatura mundialmente conhecido. Então já que li está obra agora com meus 34 anos. Não fico surpresa com tamanha semelhança com os dias de

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

hoje! Ou poderia ficar né? Passaram-se tantos anos e ainda acontece o mesmo é um caso a ser pensado.

Gustavo Flaubert foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre... Wikipédia. Nascimento: 12 de dezembro de 1821, Rouen, França Falecimento: 8 de maio de 1880, Croisset, Canteleu, França Formação: Lycée Pierre-Corneille Movimento literário: Realismo Influenciado por: Honoré de Balzac, Voltaire, e outros.

O livro *Madame Bovary* foi inicialmente publicado em episódios na revista *Revue de Paris* a partir de outubro de 1856, no entanto as cenas mais fortes e picantes foram cortadas. Ela é uma narrativa descritiva, onde o narrador é onisciente, que aborda a moral, a religião, as mulheres, a própria França, o adultério feminino, o clero, a sociedade burguesa e os aspectos de seu cotidiano no século XIX. Quis retratar isso bem aqui no início, pois foi o que mais foi percorrido em sala de aula com a interação da leitura feita em casa e o ponto de vista de cada colega de sala e o ponto de vista da nossa professora. Então podemos vê de vários ângulos sem contar o poder de persuasão do próprio autor do início ao fim da obra.

*Resumo da Obra*

### **O casamento de Charles e Emma**

O médico rural Charles Bovary conhece Emma, uma jovem formosa da cidade, que está com o pai Rouault, paciente de Charles. Quando Charles fica viúvo, pede ao senhor Rouault a mão de Emma, que concede, e os dois se casam. Charles se sente muito satisfeito, mas Emma não se considera feliz.

### **As leituras de Emma**

A primeira parte do romance conta com nove capítulos, que transcorrem em um ritmo lento e descrevem minuciosamente a psicologia de Emma. Assim, o leitor logo descobre a fixação de Emma pela leitura desde a adolescência, já que ela a ajuda a imaginar uma vida mais apaixonada, agitada e exótica que a sua.

Emma Bovary se entedia

*Madame Bovary*, quadro de Joan Vilagrau (1962).

A tranquila vida rural de Emma não satisfaz de maneira nenhuma suas expectativas. Cada vez ela se irrita mais com a simplicidade de Charles, sua falta de ambição e inquietude e seus costumes ordinários.

Além disso, Emma se sente muito sozinha, porque não encontra ninguém para dividir seus pensamentos e sentimentos. O tédio e a monotonia desesperam a protagonista.

#### **Move 1**

Estabelecer o campo

#### **Estratégia 5**

Apresentando o objetivo do livro

#### **Move 2**

Sumariar o livro

#### **Estratégia 8**

Apresentando/discutindo o conteúdo

### **O primeiro amante**

Na segunda parte, a ação do romance se acelera. Emma fica grávida e tem uma filha. Apesar de conhecer algumas pessoas do povoado onde vive como o farmacêutico Homais, continua entediada e cansada do marido.

Em uma ocasião, Rodolphe Boulanger, jovem latifundiário e conquistador, tem a oportunidade de vê-la ao visitar o médico e decide seduzi-la. Quando consegue, Emma sente que finalmente algo emocionante pode romper o tédio de sua vida.

### **O segundo amante**

Emma e Rodolphe planejam ficar juntos, mas ele na verdade não quer se comprometer, por isso abandona o plano e foge sem Emma. A protagonista cai doente com a notícia.

A terceira parte da novela retoma o ritmo pausado da primeira. Emma se apaixona por Leon, um jovem romântico, e com ele mantém uma idílica relação durante a temporada em que os dois se sentem felizes.

### **A decepção**

Apesar do romantismo da relação com Leon, Emma se dá conta de que esse amor também não aplaca suas necessidades. Ela se decepciona.

### **As dívidas**

A situação de Emma é cada vez pior: à insatisfação que Leon lhe causa, somam-se dívidas cada vez maiores, motivadas pelo enorme gasto que sua infidelidade gera.

Chega um momento em que os credores encontram Emma desesperada, já que ela tem de esconder as dívidas de seu marido.

### **O suicídio**

As dívidas fazem com que Emma sofra a ameaça de um bloqueio de bens. Inutilmente, ela pede ajuda a Leon, que é incapaz de proporcionar o dinheiro de que ela necessita. Pede dinheiro a Rodolphe, seu antigo amante, que nega.

Desesperada, ela se envenena e morre. Charles Bovary cai na miséria por causa das dívidas da mulher e em pouco tempo morre também.

Então esse foi um pouco de tudo que aconteceu na obra mais comentada da época do realismo. De acordo com a análise feita em sala de aula, chegamos à conclusão que o autor remete uma mulher cheia de desejos, vontades e poder. Na obra existe várias situações onde o autor começa a dar espaço pra Emma, com isso Charles vai ficando mais reservado vivendo seu mundo pacto. Na verdade o que eu penso dessa obra, o autor da voz a mulher. Porém de uma forma que ela não fique tão bem diante da sociedade, mas para Bovary, isso pouco importava o que ela mais queria era ser feliz da forma ela lia nos livros de romance e tudo que ela estava

vivendo ainda era pouco diante de tantas sensações que existia dentro dela de viver o mundo com muita força. Com isso ela foi fazendo o que tinha vontade, gastando o que não tinha, adulterando por falta de amor extremamente intenso em casa, ela não gostava das coisas calmas e tranquilas ela vivia em constante mudança de comportamento. Ora era esposa boazinha ora era adúltera que a cidade inteira condenava. Por fim no meu ponto de vista o autor queria mostrar para todos daquela época o tipo de mulher que Emma era e escandalizar ainda mais o sexo da mulher. Na minha visão a maioria dos autores gosta de fazer isso sempre.

E mais, super concordo que ela tenha feito tudo o que fez, temos que viver nossas emoções como quisermos claro que não venha ferir nosso interior. A grande importância dessa obra na minha concepção é mostrar realmente a realidade das pessoas e não fantasiar algo que está longe de acontecer com os seres humanos, queremos mostra para o mundo um ser que não somos. E mais, força um conduta exemplar, uma religião, status e poder que as vezes nem temos.

### Move 3

Prover uma avaliação final do livro

### Estratégia

11

Recomendando o livro

## Texto nº 2

Madame Bovary é um livro do gênero romance de Gustave Flaubert publicado no ano de 1857 na França. A obra é considerada como um dos livros pioneiros quando se trabalha a questão do realismo na Literatura. Um termo denominado “bovarismo” que é utilizado na Psicologia provém da obra tendo origem das características psicológicas da protagonista da obra.

Gustave Flaubert nasceu em Rouen na França no ano de 1821 e faleceu no mesmo local aos 58 anos. Vivendo no período que seu país natal deixa de ser o Reino da França e se torna a República Francesa. Suas obras ficaram marcadas por grandes análises de consciência, por trabalhar com a temática da realidade e explicar o comportamento social de forma que as pessoas se reconhecessem dentro da obra.

Quando Madame Bovary foi publicada na França foi um motivo de grande escândalo por retratar temas que pouco eram comentados na época: tédio, desilusão e adultério feminino. Fazendo com que seu autor e o dono da revista onde o romance foi publicado fossem levados a julgamento, sendo posteriormente absolvidos.

O livro de Flaubert conta a história de Emma, que foi criada em uma zona rural, porém, dentro dela acaba por carregar ilusões burguesas.

### Move 1

Estabelecer o campo

### Estratégia 4

Informando o leitor sobre a origem do livro

### Move 2

Sumariar o conteúdo

### Estratégia 8

Apresentando/discutindo o conteúdo do livro

A personagem central da obra tem um grande apego aos seus livros e idealiza que a sua vida será como a dos romances que ela diariamente, no entanto não possui senso crítico em relação aos seus livros e por isso acaba ficando frustrada em sua vida.

O livro conta a história de Emma que é uma moça sonhadora, que acreditando nas leituras realiza a felicidade acontece através do amor. Quando o casal se conheceu, Charles ainda era um homem casado e tinha o pai de Emma, Rouault, como seu paciente. Ao enviuvar, Charles acaba por pedir a mão de Emma em casamento e é concedida por seu pai. O casamento é motivo de muita satisfação para Charles, já sua esposa não se considera uma pessoa feliz e suas ilusões logo são frustradas pelo seu matrimônio.

Apesar das restrições em relação a leitura, Emma desde a adolescência gostava de ler e com a ajuda de seus livros tinha uma visão mais apaixonada do mundo onde teria uma existência agitada e exótica totalmente diferente da que ela vivia com o seu marido.

Charles era um médico do interior que não tinha grandes ambições em sua vida e se contentava em ser somente o provedor da mulher lhe dando pouca atenção e não se preocupando com as suas necessidades. A vida que Emma levava no interior não conseguia atender as expectativas que ela possuía em relação a vida e ficando cada vez mais irritada com a forma simples de Charles, a sua falta de inquietação e seus costumes.

Outro fator que causa tédio em Emma é o fato dela se sentir muito sozinha e ter convívio com qualquer pessoa com quem possa compartilhar os pensamentos e sentimentos que desenvolve ao longo do tempo.

Logo depois Emma fica grávida e tem uma filha, porém continua com o sentimento de que tem uma vida entediante e o cansaço em relação ao marido aumenta constantemente

Posteriormente, o latifundiário Rodolphe Boulanger conhece Emma durante uma visita ao médico e resolve que irá seduzi-la. Quando acontece o adultério, Emma finalmente sente uma emoção em sua vida. Emma e Rodolphe planejam fugir juntos, mas o latifundiário não possui o desejo de ter uma relação séria com sua amante e a abandona, fazendo com que a protagonista da história ficasse muito doente.

Finalmente, a Sra. Bovary se apaixona pelo romântico Leon, o assistente de um advogado, e leva Emma a fazer dívidas que jamais teria condições de quitar. Diante de tantas dívidas, a personagem central se suicida. Apesar de todo o romantismo que envolve a história, Emma começa a perceber que o sentimento pelo jovem não supre as suas necessidades e acaba por novamente se decepcionar.

As dívidas de Emma para manter sua infidelidade aumentam significativamente e ela necessita esconder tudo isso do marido.

Com muitas dívidas a protagonista sofre a ameaça de ter os seus bens bloqueados e ao pedir ajuda a Leon percebe que ele não tem condições financeiras de quitar suas dívidas. Resolve pedir dinheiro a Rodolphe, que também nega. Desesperada Emma se suicida tomando Arsênio na farmácia de Homais por conta de tantas contas para pagar e ter como conseguir esse dinheiro.

Charles descobre a verdade sobre as relações extraconjugais de sua esposa após a morte dela. Permanecendo pacato as situações que acontece na sua vida perde todos os seus bens para saldar as dívidas e logo depois morre.

A filha pequena do Casal Bovary é mandada para a casa de sua avó após ficar órfã e quando ela também morre tem que ir morar com sua tia. Para sobreviver passar a trabalhar em uma fábrica de tecidos.

O escritor francês acaba por demonstrar que os casamentos arranjados e sem amor acabam por deteriorar qualquer tipo de relação. Principalmente ao se falar de Emma que possuía muitas idealizações em relação a um casamento baseada nos romances que era incentivada a ler.

O Sr. Bovary é um homem que se dedica de forma integral ao seu trabalho como médico e em ser o provedor de sua esposa e acaba tendo em troca somente o seu desprezo. Cada vez mais inconformada com a vida que levava no interior, Emma começa constantemente a buscar novas experiências: relacionamentos extraconjugais, compras, fugas. A Sra. Bovary não se conformava com a situação de pobreza que vivia naquela época e buscava nos seus amantes o que seu marido não podia lhe oferecer: uma condição financeira de burguesa.

Demonstrando a típica criação daquele período baseada em um princípio romanesco, Emma acredita que ao aceitar casar com Charles Bovary, este acabaria por ser seu herói que iria tirá-la de uma vida de monotonia no campo. Mas diante do que começa a afrontar logo nos primeiros meses de casamento percebe que seu marido é muito passivo em relação a tudo que envolve, submisso e apático.

Diante das situações que vive, Emma se depara com dois universos completamente diferentes. De um lado o mundo exterior que aparentemente é perfeito, mas está em constante debate com o seu mundo interior que deseja riquezas, dinheiro e uma vida distante do campo.

Por não ter dentro do seu próprio lar todos os desejos que ela anseia busca em amantes uma forma de suprir suas necessidades que sempre acabavam frustradas ao perceber que estes homens somente

queriam utilizá-la e depois descartar.

Outra forma de encontrar consolo foi nas compras e conseguiu deixar seu marido totalmente endividado por ser de uma classe que apesar de ter uma vida confortável não chegava a atender as expectativas dos burgueses.

Emma foi uma jovem educada por uma sociedade patriarcal que visualizava o casamento como sendo a única forma possível da existência da mulher e tudo isso acabava por ser complementado com um pensamento machista impregnado nos livros românticos que ela lia constantemente. Os livros eram a oportunidade de manter as mulheres sobre controle e tendo um papel de extrema importância na sociedade burguesa. Emma através das leituras que realiza começa a ter um pensamento cada vez mais definido sobre o que esperar de um casamento, porém acaba por ficar extremamente decepcionada com as atitudes de seu marido e começa seu constante conflito de consciência com a vida que leva com o marido, o que lê nos seus livros e a vida que é proposta por seus amantes.

Flaubert ao escrever o livro realizou uma crítica em relação a como a religião era hipócrita em relação a mulher desempenhando um papel de conter a mulher dentro da dependência em relação ao seu pai e posteriormente em se tornar totalmente dependente de marido e todos os anseios deveriam contar com autorização de seus tutores fazendo com que a mulher ficasse totalmente a margem de sua atuação.

Emma é o típico exemplo de como a educação da mulher era voltada para um casamento tendo sido educada em um convento onde deveria aprender música, costura e religião. Já assuntos que se relacionavam com os estudos de política e filosofia acabavam não sendo destinados as mulheres que deveriam ter uma vida dedicada ao seu papel de dona-de-casa.

Emma consistia em uma pessoa que era considerada irrealizada em sua vida de casada, pois tinha sido educada nos moldes de uma sociedade patriarcal e formada com livros românticos onde a mulher tinha um papel de subserviência em relação ao marido, sendo que ao chegar ao seu casamento nota que tem um marido que não condiz com os padrões machistas da época, sentindo-se completamente infeliz com o mundo ao seu redor.

Emma contestava os padrões, mas no fundo desejava ter uma vida onde o marido mandasse e ela obedecesse, seguindo ainda com um marido que atendessem todos os seus caprichos tornando ela uma burguesa.

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 5**  
Apresentando o objetivo do livro

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo do livro

Como naquela época os livros se constituíam como sendo a principal fonte de informação e acabavam orientando a forma de vida de todas aquelas pessoas que muitas vezes quando não se enquadravam vinha a frustração que acumulada tornavam elas destrutivas.

Vai ser através dos romances que Emma vai criando suas conceituações de vida e a forma com a qual ela idealiza tudo o que está ao seu redor: casamento, amor, prazer. Tudo o que a Sra. Bovary deseja vem dos livros que a levam viver de fantasias e tentam uma percepção totalmente distorcida do mundo ao seu redor.

As críticas ao livro são realizadas de forma contundente apesar de muitas vezes serem “veladas” fazendo com que o leitor perceba que tudo foi causado por uma criação de dependência da mulher em relação ao homem e o foco em um casamento arranjado visando agradar aos familiares, a vida era predeterminada desde o nascimento das mulheres, sendo essa a vida que Emma desejava.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Texto nº 3**

Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês que escreveu o romance "Madame Bovary" que o fez levar aos tribunais, pois foi acusado de ofensa a moral e a religião. Foi absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena e condenado pelos puritanos, pelo tema adultério, pela crítica ao clero e à burguesia. Para tanto, é um dos representantes mais importantes do realismo francês. Gustave Flaubert nasceu em Ruão, Normandia, França, no dia 21 de dezembro de 1821. Filho do médico cirurgião Achille-Cléophas Flaubert e Justine Caroline Fleuriot. Em 1832, entra para o Colégio Real, desatento e desinteressado não gostava de estudar, preferia devorar romances. Compõe o semanário escolar "Arte e Progresso". Aos 15 anos é fascinado pelas peças de Shakespeare, Dumas e Vitor Hugo.

**Move 1**

Estabelecer campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

Na adolescência se apaixona por Elisa Schlesinger, mulher casada e onze anos mais velha que ele. Entre 1837 e 1845 escreve o drama "Luís XI" e as novelas "Fantasia de Inferno", "Paixão e Virtude". O amor impossível inspirou-lhe os livros "Memórias de um Louco", "Novembro" e "Educação Sentimental". Ele também estudou Direito em Paris, para satisfazer a vontade do pai. Mais tarde, conhece Louise Collet, separada do marido e mãe de uma jovem de 16 anos, vive uma aventura amorosa. Porém, em 1848, rompe o romance com Louise. Após, em 1851, por um

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**

Apresentando o conteúdo do livro

longo período sem produzir, inicia "Madame Bovary", a mais famosa de suas obras, foram cinco anos de trabalho incessante, no qual escrevia e reescrevia a mesma página várias vezes. Em 1856, o romance começa a ser publicado na *Revue de Paris*, com alguns cortes, em vista da austeridade dos costumes da época.

Para tanto, a obra de Gustave Flaubert está dividida em três grandes partes e cada parte em capítulos, cada qual delas contará uma parte da trajetória da personagem: a apresentação e os primeiros amores, as aventuras e a ruína, nessa ordem. Nesta perspectiva, o autor expõe de forma crítica e reflexiva sobre o tema de sentimentos dos mais diversos, como o amor, o adultério, o desejo, o tédio e a tristeza. O romance de caráter psicológico, típico do romance do século XIX, época em que foi escrito. Flaubert foi um autor muito preocupado com o rigor formal de suas obras, demorando em torno de cinco anos na escritura do livro. No período de seu lançamento, em 1857, a obra foi considerada um escândalo e acabou sendo processado por imoralidade, por lidar com o tema do adultério. Mas diante disso, Marie-Antoine-Jules Sénard, advogado que defendeu o livro, ganhou uma dedicatória de Flaubert na abertura da obra, em que o autor diz que, com esse caso, o livro ganhou uma autoridade inesperada por ele.

Além disso, o romance conta a história do casal *Bovary*, composto de Charles e Emma Bovary. Ele é apresentado como uma pessoa extremamente limitada e conformada com sua mediocridade, nas expressões do narrador: "Cumpria suas pequenas tarefas cotidianas como um cavalo de circo" (MB, p.19). Ao contrário dele está Emma Bovary, que procura viver os romances com que tanto sonhara em sua juventude, nunca se conformando com apenas o que tinha, em uma busca constante por uma satisfação plena de seu ser. Assim, diz o narrador; "[...] Emma buscava saber o que significavam exatamente as palavras felicidade, paixão e embriaguez, que tão belas lhe pareceram nos livros." (MB, p.42). Diante disso, Emma Bovary, se entrega a sucessivos casos de adultério para fugir da vida medíocre que julga levar ao lado do marido, um médico de província. O romance, que termina com o suicídio de Bovary, causa escândalo na França.

Emma procura, fora do casamento, à satisfação que sua vida diária não seria capaz de trazer. Assim ela se apaixona por um escrivão jovem, Léon, que depois se muda para Rouen e a deixa deprimida. Após, Emma então, se vê seduzida por um aristocrata, Rodolphe, com quem vivem ardentes aventuras, assim, ela se apaixona perdidamente e deseja fugir com ele, como acontece nos romances. Porém, ele a rejeita com uma carta

de despedida escrita com muito cinismo. Após sofrer essa decepção amorosa e ser abandonada por ele, a personagem volta a reencontrar o escritor, agora mais velho, e vive com ele também um caso de adultério. Enquanto isso, a personagem acaba envolvendo-se em empréstimos a fim de satisfazer sua luxúria e seu consumismo. No fim, sem amante e arruinada financeiramente, Emma toma veneno e morre e Charles, de amor, não suportando a realidade da traição da esposa, acaba morrendo também.

O texto é de suma importância, *Madame Bovary* é uma leitura essencial, sendo considerado um dos melhores romances da literatura, constituindo, possivelmente, o melhor dos livros do romance realista de caráter psicológico do século XIX. Sua grande importância está na qualidade estética e na profundidade que o autor conseguiu atingir com seu texto, fortemente elaborado. Ademais, para revelar seu mundo, Flaubert coloca em cena uma personagem em total desacordo com sua realidade, com sua posição social e com seu sexo. É por meio dessa personagem que as ações desenvolvidas na narrativa são centradas e com os principais dilemas da obra.

Assim, Emma, mais do que uma adúltera, é uma personagem que busca a liberdade, almejando romper com os limites sociais de seu sexo, pois na sociedade francesa daquele período, o direito da busca de satisfação intelectual e carnal estava limitado aos homens, ficando as mulheres em posição secundária. Diante dessa busca por libertação e desespero da personagem em procurar uma vida completa para si, ela transita pelos valores do casamento, pela fé, pela filosofia, pelos desejos carnavais e pelos luxos materiais, não alcançando, jamais, satisfazer-se. Por fim, a morte de Emma, por envenenamento.

Assim, o autor faz, com seu texto, uma reflexão e decisiva análise crítica da sociedade francesa daquela época. No entanto, para atingir esse objetivo, o autor constrói o universo da obra de forma binária, expondo sempre dois lados: o campo e a cidade, o tédio e as diversões, a mediocridade e os sonhos, o burguês e o aristocrata e assim por diante. Deste modo, ao analisarmos o livro percebemos uma reflexão sobre o passado da literatura até os dias atuais. No qual o autor, conseguiu expor com clareza os resultados da obra, pois o mesmo mostrou os pontos importantes sobre o assunto abordado.

Portanto ao propor na obra, os temas relacionados aos mais diversos sentimentos, como o adultério o autor conseguiu mostrar esses pontos bem claros, suas ideias e intenções foram percebidas ao longo do texto.

**Move 2**  
Estabelecer  
o campo

**Estratégia 9**  
Avaliando o  
livro

Dessa forma, o texto é claro e objetivo, pois a obra é uma leitura essencial para qualquer amante da literatura, principalmente para aqueles que optam por leituras mais realistas, mais elaboradas em seu universo. Por ser um romance altamente complexo e de linguagem rebuscada, acredito que sua leitura ideal deve ser feita após uma respectiva maturidade intelectual, pois um leitor que não tem maturidade com esse tipo de texto, pode ter grandes problemas na leitura, não atingindo o nível de leitura recomendável a apreciação dessa obra.

**Move 3**  
Prover uma avaliação final do livro

**Estratégia 12**  
Sugerindo futuras aplicações

#### Texto nº 4

Machado de Assis,(Joaquim Maria Machado de Assis) que foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Em suas obras abrange, praticamente, todos os gêneros literários e, Dom Casmurro,(1890), é um dos maiores romances da literatura brasileira, que em 1880 sofre uma grande mudança estilística e temática vindo a inaugurar o realismo no Brasil com a publicação de Memórias póstumas de Brás Cubas(1881), é um dos mais polêmicos, mais lidos e analisado. Nesta época, Machado de Assis já alcançara um grande prestígio e reconhecimento dos seus leitores e da crítica especializada.

**Move 1**  
Estabelecer campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

A obra possui 148 capítulos curtos, em sua maioria, a narrativa é contada em primeira pessoa por Bento Santiago, mais conhecido por Bentinho, o qual recebera mais tarde o apelido de Dom Casmurro, pelo fato de ser visto como um homem calado, introspectivo. Sendo considerado como narrador personagem, pois é contada pelo próprio Bentinho, um homem de idade avançada, e que em meio a solidão e o isolamento nos quais se encontra, procura relatar a história de sua vida, ou melhor, ele faz uma retrospectiva sobre os fatos que lhe marcaram desde sua juventude até a fase adulta, a história de Bentinho que, por circunstância várias, vai se fechando em si mesmo e passa a ser conhecido como Dom Casmurro.

**Move 2**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 7**  
Descrivendo a organização do livro

Tudo começa no ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Bentinho inicia falando acerca de sua infância, quando ele morava com a família na rua de Matacavalos. Órfão de pai, uma mimado, criado com desvelo pela mãe em Matacavalos (D. Glória, viúva), a matriarca, dominadora e protetora de seu filho, seu projeto de vida era claro, sua mãe havia feito uma promessa, em que Bentinho iria para um seminário e tornar-se-ia um padre, sofre com a ideia de separar-se do filho único, interno no seminário.

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando o conteúdo do livro

José Dias (o agregado), Tio Cosme (advogado e viúvo) e prima Justina (viúva), todos mimavam e manipulavam o Bentinho eram falsos,

estavam apegados aos seus próprios interesses. Possuía uma vizinha que conviveu como "irmã-namorada" dele, Capitulina - a Capitu.

José Dias, que sempre foi contra ao namoro de Bentinho e Capitu, é quem consegue retirar Bentinho seminário, quase convencendo D. do Glória que o jovem deveria ir estudar no exterior. Ele era fascinado por direito e pelos estudos no exterior.

Capitu era pobre com um temperamento forte, dissimulada, perversa e manipuladora, fazendo todas as artimanhas para que Bentinho não cumprisse a promessa de ir para o seminário, não conseguindo fez de tudo sendo calculista, inteligente e criativa para que não permanecesse lá, pois se tornando padre não poderia casar com ela, demonstrando ser muito ambiciosa e sedutora, acaba por conseguir persuadi-lo, acaba por conseguir e casa com ele tendo um filho, o Ezequiel.

Destacando, assim, como pontos positivos do romance quase que proibido de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente; os questionamentos do protagonista acabam nos confundindo também, e por isso, a curiosidade por compreender o desenrolar dos conflitos da trama. E podemos considerar como negativos alguns exageros nos detalhes, que se retirados da obra, não dificultariam sua compreensão.

Sendo uma crítica à sociedade da época pois, a obra era em relato considerado como adultério do ponto de vista do marido, passando se os anos a recepção ao livro com os direitos da mulher se tornando maior no mundo, surgindo outras possibilidades de interpretação, sendo analisada também como ciúme doentio ao ponto de cegar o narrador e na situação imaginária criando assim uma traição.

Eu recomendo a leitura do clássico da Literatura Dom Casmurro por que é um dos livros que o leitor ao embarcar nesse romance de Machado de Assis, percebe a sua maestria na forma em que construiu a história, e o mesmo deu um ar de ambiguidade à trama, fazendo com que o leitor ora acaba concordando com os argumentos de Bentinho, ora acaba desconfiando dos seus pensamentos neuróticos e cercados de ciúmes, e isso fez com que a obra se tornasse interessante. Sempre instigará os leitores a ter vontade de ler, primeiramente pelo fato do seu grande reconhecimento nacional, e também, pelas questões em volta do suposto adultério de Capitu, fato que ainda intriga várias pessoas, as quais buscam uma resposta louvável para tal questionamento.

### **Move 3**

Prover uma avaliação final do livro

### **Estratégia**

**11**

Recomendando o livro

**Texto nº 5**

Dom Casmurro é o nome de um romance escrito por Machado de Assis no ano seguinte pela Livraria Garnier. Após Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, esta obra completa a chamada "trilogia realista" de Machado de Assis. Dom Casmurro está dividido em 148 capítulos, na sua maioria curtos. O enredo não é dinâmico e a narrativa é interrompida a todo momento por pensamentos ou lembranças fragmentadas. A narração é feita em primeira pessoa por Bento Santiago, que relata a história de sua vida. Trata-se de uma pseudo-biografia de um homem envelhecido que parece preencher sua solidão com a recordação de um passado que marca seu sofrimento pessoal. É uma visão amarga e doída de quem foi machucado e traído pela vida, e por isso, vai-se isolando e ensimesmando. O título da obra reflete tal ideia: Casmurro é um termo referente ao homem calado e metido consigo. O "Dom" é uma ironia, pois atribui importância, destaque a este homem isolado. A história se passa por volta de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. O narrador realiza uma trajetória pelos bairros e ruas do Rio, desde o Engenho Novo, onde escreve sua obra, até a Rua de Matacavalos, onde passou sua infância e conheceu Capitu (Capitolina). Bentinho e Capitu casam-se em 1865 e separam-se 1872. Depois de alguns anos tentando ter um filho, Capitu dera à luz Ezequiel, cujo nome é uma homenagem ao melhor amigo de Bentinho, Ezequiel Escobar, a quem conheceu quando estudaram juntos no seminário. Bento enxerga no filho a figura do amigo recém-falecido, afogado na praia, e fica convencido de que fora traído pela mulher, o que faz Bento recorrer ao suicídio. Neste momento Ezequiel entra em seu escritório, e Bento decide matar a criança, desistindo no último momento. Ao invés disso, fala ao garoto que não é seu pai, e Capitu escuta tudo, lamentando-se escrever outro livro, agora sobre "a história dos subúrbios".

Dom Casmurro é de autoria de Joaquim Maria Machado de Assis. Importante obra da literatura brasileira, o livro é composto por capítulos curtos acompanhados por títulos que explicam com a leitura. É importante realizar uma apreciação geral da obra abordando os aspectos para discussões. Para manter o romance mais próximo da realidade, o narrador cria rompimentos com a história linear, e Bentinho no decorrer da narrativa, lembra de pequenas histórias paralelas, quebrando o ritmo, dando um aspecto quebradiço a obra. Fica claramente a impressão de que a história

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

**Move 2**

Sumariar o livro

**Estratégia 7**

Descrevendo a organização do livro

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**

Apresentando/discutindo o conteúdo do livro

**Move 2**

Sumariar o livro

**Estratégia 7**

Descrevendo a organização do livro

realmente foi contada por alguém, já que isso é muito comum quando uma história é narrada a alguém, pois um fato faz lembrar-se de outro, e assim por diante. Dom Casmurro apresenta as memórias corroídas de Bento, o personagem narrador, cujo título é explicado no capítulo I.

No decorrer da narrativa, Bentinho lembra fatos de seu passado, da infância e todas as etapas até chegar ao seminário. Fato esse justificado no Capítulo em que cita a Promessa já que aos seus quinze anos é acometido a ir para o seminário, a fim de tornar-se padre, como queria por promessa sua mãe, que a fez após uma complicação na gravidez. Por outro lado, ele tinha a convicção de que a sua vocação não era se tornar um indivíduo. Completando essa certeza, nutria uma paixão por Capitulina, sua vizinha, então com quatorze anos, com quem passou toda a infância. Além disso, Capitu e Bentinho eram muito amigos e ambos se queriam por perto. Bentinho caiu em si, mas foi com o seu primeiro beijo que teve a total confirmação.

Surge então um embaraço psicológico em Bentinho, ele não queria ir para o seminário, mas se recusasse a vontade da mãe, temia que ela se desesperasse, devido à promessa realizada. Mesmo assim, Capitu e Bento fizeram um juramento que iriam se casar, independente do que houvesse de acontecer. Mesmo com todos os esforços, a ida era certa, e assim partiu Bentinho para o Seminário. Foi neste cenário que ele percebe que não foi tão mal assim sua estadia lá, uma vez que conhece seu melhor amigo, Escobar, também seminarista.

Já no seminário, a amizade entre Bento e Escobar aumentava cada dia mais, inclusive com trocas de segredos e visitas a sua casa, nos dias de folga. Surgiu então dele, a idéia que remendaria a situação, D. Glória daria ao seminário, um filho adotivo, para que fosse este padre. Aceitada a proposta pela mãe, Bentinho deixou o seminário. E assim feito, foi então estudar Direito em São Paulo, formou-se então no Dr. Bento Santiago e logo após, contraiu matrimônio com Capitu, assim como fizera em promessa. Mesmo assim, continuou intensamente sua amizade com Escobar, agora um sucedido comerciante. Bento e Capitu, mesmo felizes, desejavam ter um filho, e embora demorando a chegar, nasce Ezequiel, nome dado em homenagem ao amigo Escobar. Com um salto no tempo, anos depois, em uma tragédia, Escobar morre afogando-se no mar. Durante o enterro, Bento observa algo que lhe deixou pensativo: a forma com que Capitu olha o falecido ao caixão. E surge uma dúvida que nunca mais esquecerá: *Será que ela gostava de Escobar?*

A partir disso, Bento começa a notar que seu filho Ezequiel tem traços de Escobar e, a medida que crescia, a semelhança aumentava. Ele

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando  
o conteúdo do  
livro

até planeja se matar e ao filho, mas acaba por tomar outra solução, e a história se desenlaça ao mandar Capitu e o filho para a Europa. A comunicação passa a ser somente via cartas, de modo secamente. Anos depois, morre Capitu e Ezequiel vem ao Brasil. Já moço é o perfeito Escobar, com poucas diferenças relevantes. Daí ele vai ao Egito com amigos e acaba por morrer de febre. E o livro chega então ao fim, com o Sr. Bento, velho, solitário, e rabugento, em outras palavras, um verdadeiro Dom Casmurro.

Analisando os personagens mais importantes do romance, percebemos que há uma grande análise psicológica de cada um deles, principalmente de Bentinho e daqueles que mais exercem influência sobre ele. Podemos notar que Machado dá uma grande ênfase aos olhos, como sendo o espelho da alma. Este é o porquê da definição de José Dias sobre Capitu.

Bentinho acaba tendo uma conversa franca com o leitor, e se intromete em vários pontos da história para emitir sua opinião ou fazer uma observação. Além disso, ele deixa claro como ele se sente em cada momento, suas alegrias, suas diversões, seus medos, suas angústias, tudo isso é transmitido ao leitor a cada passagem do livro. Além disso, ele não tem certeza de tudo o que ocorre ao seu redor, muita coisa é deixada no ar, propositadamente subtendidas. As emoções que ocorrem com outros personagens muitas vezes são um mistério e acabam passando despercebidas.

Também existem os fatos que cercam Capitu, que durante sua infância mostra ser visivelmente mais pobre que Bentinho. Será que sua luta por não deixar Bentinho era por amor ou por dinheiro? Capitu traiu Bento, ou ele fantasiara tudo isso em sua crise de ciúme? Estas e as outras perguntas não são resolvidas no fim da história e muitas vezes causam polêmica até hoje.

Dom Casmurro apresenta ser bastante verdadeiro, já que apresenta a sociedade brasileira do século XIX e seus costumes. Mostra o amor, através dos olhos de um adolescente, mostra o jogo de interesses no cumprimento de promessas, os interesses sociais que cercam a vida eclesiástica. Dom Casmurro, é um excelente livro, elegante e ao mesmo tempo de prazerosa leitura, que nos envolve do começo ao fim, incumbindo o leitor de tirar suas próprias conclusões, no melhor estilo machadiano, onde o leitor cria uma certa dúvida “ será que Capitu traiu mesmo?”. Pelo ciúmes de Bentinho, que, segundo ela, fora despertado pela casualidade. Após inúmeras discussões, o casal decide separar-se e o protagonista se torna, pouco a pouco, o amargo Dom Casmurro. Capitu morre no exterior e

Ezequiel tenta reatar relações com ele, mas a semelhança extrema com Escobar faz com que Bento Santiago continue rejeitando-o. Ezequiel acaba por morrer de febre tifóide durante uma pesquisa arqueológica em Jerusalém. Ao final, o narrador parece menosprezar um pouco a própria obra.

O autor mostra seus pontos negativos e positivos na obra, onde ele mesmo aparenta menosprezar a própria história, na história o autor deixa bem claro que a relação central não é nem tanto o adultério mas sim como o Machado introduz a história na literatura, onde ele cita também as ordens das classes.

No meu ponto de vista o ponto positivo é o romance de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente, os questionamentos do protagonista acabam as vezes nos confundindo e a curiosidade de desenrolar o conflito da história. O ponto negativo alguns exageros nos detalhes que eles citam onde dificultaria a compreensão da história, mas dom casmurro é uma obra muito boa de ler, interessante, onde o leitor cria sim uma certa dúvida, mas por mais que essa dúvida a vezes deixa por parecer, a obra é ótima.

**Move 3**

Prover uma avaliação final do livro

**Estratégia 11**  
Desqualificando o livro

**Texto nº 6**

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Foi um grande escritor Brasileiro, suas obras teve o marco Naturalista da época.

O livro “ O cortiço” de Aluísio de Azevedo é um romance naturalista publicado pela primeira vez em 1890, ao decorrer dos anos o livro teve diversas adaptações e edições, em 1970 o livro foi transformado em filme pela direção de Francisco Ramalho Jr.

O livro inicia-se com a história de João Romão imigrante português, um Homem trabalhador por sinal porém carregava uma ambição tamanha, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre os quatro paredes de uma escura taberna de botafogo, João Romão economizara bastante durante anos de trabalho, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe pagou os vencidos e ainda deixou em suas mãos a venda com tudo que estava dentro e um conto e quinhentos em dinheiro, João Romão agora trabalhava incansavelmente no desejo de enriquecer-se a todo custo, abrindo mão de privações dormia no balcão da venda, comia com

**Move 1**

Estabelecer campo

**Estratégia 4**

Informando ao leitor sobre a origem do livro

**Move 2**

Sumariar o livro

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo

quatrocentos reis por dia de uma quitandeira e vizinha Bertoleza escrava de um velho cego e amigada com um português que tinha uma coroa de mão que fazia frete na cidade, Bertoleza que também trabalhava e juntava suas economias para pagar sua carta de alforria, um dia, porém o homem Bertoleza puxando uma carga superior as suas forças caiu morto, João Romão tomou as dores da amiga e foi falar com seu senhor, pedindo ele que a partir de então cuidasse de sua escrava e cuidasse de suas economias, diante há esse dia João Romão tornou se o caixa procurador e conselheiro da crioula, em pouco tempo ele cuidava de tudo que entrava e saia nas produções da quitanda de Bertoleza, ganhando assim confiança da mulher que aceitou a proposta de morarem juntos, João Romão então passou então comprou uma terra ao lado da quitada e lá construiu uma casinha de duas portas, depois de um longo dia na Rua João Romão chegou a casa com um papel debaixo dos braços e leu à crioula, que ela já não tivera mais senhor a partir dai seria livre, os dias de trabalho aumentaram trabalham dia e noite até que João Romão por meio de furtos durante a noite com Bertoleza roubavam matérias de construções próximas, construíram casinhas para alugar ponto de partida do grande cortiço de São Romão, o vendeiro aos poucos foi possuindo todo terreno perto de sua quitanda, na qual se multiplicava os números de moradores, até comprar uma boa parte de uma velha pedreira que tinha por perto, a historia também apresenta o personagem Miranda, interessado numa parte de terra de João Romão para aumentar seu quintal, os vizinhos se estranham mais quando Miranda recebe o titulo de barão fazendo João Romão se encher de inveja com o novo titulo social do vizinho, assim o cortiço crescia cada vez mais, os moradores das casinhas de João eram os mesmos que trabalhavam para ele na pedreira, e também almoçavam na quitanda de Bertoleza, fazendo que todo seu dinheiro expandisse cada vez mais, o cortiço assim passou ser cenário de historias nada convencionais, cheio de confusões e paixões proibidas, rodeado de vidas rotineiras, com problemas sócias refletindo a época que se passava, mesmo com algumas privações a gente do cortiço tinha lá seus momentos festejantes cheio de danças e comidas e muita bebida, cada personagem tem sua historia simples porem cheio de devaneios, entrelaçando entre si, fazendo do livro o cortiço único e até uma grande crítica na época.

O livro o “ O cortiço” não e apenas uma obra qualquer, retrata um contexto social que passava no Rio de Janeiro, especialmente onde acontece toda historia do livro em Botafogo, sendo um grande marco do Naturalismo brasileiro, a ambiciosidade de João Romão lembra bastante o Capitalismo na exploração que da uma impressão de drama social e

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o  
livro

econômico que os personagens se encontravam, a presença de zoomorfização na obra uma figura de linguagem, onde aproxima o comportamento do homem ao animal, muito influenciado pelo Darwismo que o homem é um ser instintivo que se comporta pelo instinto aproximando do modo irracional.

Há também realidade das classes sociais, exploração do homem pelo homem no caso João Romão fazendo Bertoleza trabalhar cada vez mais privando cada vez mais de uma vida digna, exploração de João Romão na quitanda de Bertoleza cobrando e roubando cada vez mais dos seus clientes.

No livro a presença de adultério se passa quase como um fato quase que rotineiro, no caso de Rita Baiana cheio de sensualidade por onde passa e notada e desejada, no cortiço era idolatrada por todos, que tinha um romance com firmo mais logo se viu metida com português que João Romão acabara de contratar na pedreira, Jeronimo homem bem honroso e trabalhador, bom marido e pai de família mais se invocou com Rita acabou caindo em adultério e se modificou.

A presença de determinismo na obra de Aluísio na qual o meio determina o homem, essa caracteriza está presente em toda obra, adultério escravidão acontecem quase como se tudo já estivesse determinado pelo meio social e que as historias de cada personagem só mudaria se o contexto fosse outro, outra raça ou ate sexualidade.

### Texto nº 7

“O Cortiço” (1890), conta a história de João Romão, proprietário do cortiço, imigrante português, grosseiro, avaro, esperto e ambicioso. Em seu empenho de ganhar dinheiro, faz inúmeros sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada: engana, explora os outros e até rouba com a ajuda de sua companheira Bertoleza, uma escrava fugida. E através destes pequenos furtos de materiais de construção, o cortiço de João Romão vai aumentando.

A nível da linguagem, como é comum na escola naturalista, o narrador surge na terceira pessoa e é onisciente. Tendo acesso às ações e pensamentos de todos os personagens, podendo julgar e analisar os mesmos para comprovar a sua tese. Além disso, através dos ensinamentos de Zola, Aluísio Azevedo faz uso de descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase

**Move 1**  
Estabelecer campo

**Estratégia 4**  
Informando ao leitor sobre a origem do livro

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 7**  
Descrevendo a organização do livro

como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. E para muitos estudiosos o personagem principal de “O Cortiço” é precisamente o Cortiço, uma entidade coletiva, o que faz sentido à luz do Naturalismo, que valoriza mais o coletivo que o individual.

O cortiço São Romão descrito na obra, é habitado pelas classes mais baixas e marginalizadas: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas, entre outras. Nele surge representações de comportamentos tidos como promíscuos e viciosos, atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços, trazendo duras críticas à sociedade da época e retratando o ser humano como um ser animalesco, que é movido apenas pelas suas vontades e seus desejos. Daí o autor ao longo da obra descreve casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal.

Descrições estas que de fato fazem a obra ser considerada um romance de tese (romance naturalista), que pretende provar uma teoria: que o indivíduo é produto da sua hereditariedade, do meio e do momento histórico em que vive, sendo determinado por esses fatores e se esgotando neles. Porém, analisando a obra com o meu olhar atual, classificaria que estes determinismos nada mais são do que formas de tentar justificar, cientificamente, preconceitos raciais e de classe.

Já ao analisarmos a Burguesia da época retratada na obra de Aluísio Azevedo, temos o típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, representando o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. Estes aspectos são expressos na obra através do personagem Miranda que vivia em um sobrado próximo ao cortiço São Romão, e mesmo vivendo nas proximidades deste cortiço, a vida de Miranda era o oposto total da vida dos habitantes que lá viviam.

Com estes aspectos expressos na obra, Aluísio Azevedo traz um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da consequente exploração das camadas mais frágeis da população. De fato, fica evidente a exploração do pobre pelo rico. Ao abordarmos os determinismos expressos na obra, temos de forma explícita a transformação que Jerônimo sofre durante a sua estadia no cortiço. Sendo no começo descrito como um trabalhador esforçado e cumpridor dos seus deveres, mas ao decorrer da história vai se “abrasileirando” graças a comida e a bebida do Rio de Janeiro. A boa imagem que o autor passara de Jerônimo se destorce quando o mesmo não resiste aos encantos de Rita Baiana. Atingindo o seu ápice quando já contagiado pela malandragem e a violência do local, Jerônimo mata Firmino e foge com Rita.

### **Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando o conteúdo do livro

De fato, a obra *O Cortiço* é revolucionária para a época tendo em vista que ela retrata a homossexualidade e quebra diversos padrões, retratando o ser humano com os seus maiores defeitos, como a cobiça de João Romão, o adultério de D. Estela, visto que o adultério no Brasil deixou de ser crime só em 2005, o desejo desenfreado de Jerônimo pela Rita Baiana, o caso de Henrique com uma das lavadeiras, Pombinha tornando-se prostituta. Aluísio, também como abolicionista, retrata por meio da obra o caso de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e subtratamento da escrava perante todos.

Sendo assim, efetivamente, *O Cortiço* é uma das maiores críticas à sociedade Carioca que se formava. Aluísio Azevedo através de sua obra destaca o que há de mais sórdido no ser humano. Porém não a partir de dramas pessoais, mas pelo estabelecimento de um enredo que parece uma pintura panorâmica, em que cada cena compõe uma dor existencial distinta. Em vista disso, é possível afirmar que este livro é um expoente máximo do movimento naturalista, portanto “*O Cortiço*”, de Aluísio de Azevedo, torna-se leitura obrigatória para quem vai fazer ENEM e vestibular no Brasil. Mas, fora essa obrigação escolar, recomendo este livro para todos que apreciam a boa literatura brasileira clássica.

Partindo do meu ponto de vista, acredito que obras como *O Cortiço* e outras do gênero merecem maior espaço na leitura juvenil, pois obras como estas trazem em seu conteúdo um caráter universal, podendo ser lida em qualquer época e ainda tendo em vista que, diante da leitura de obras deste nível podemos encontrar males do século XIX que ainda estão presentes no século XXI.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Move 3**

Prover uma avaliação final do livro

**Estratégia 11**

Recomendando o livro

**Texto nº 8**

Esta obra é uma proposta pedagógica de Literatura escrita por o autor Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhe-se o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Para entender mais, Dom Casmurro conta uma história de um homem muito velho, já no final da sua vida, lembrando desde a infância até a vida inteira. O personagem é conhecido como Bento/Bentinho, o apelido vai se tornando dom casmurro, como já diz José Dias no livro: *“Não consulte dicionários, casmurro está aqui não no sentido que eles dão, mas no que pões o povo, de homem calado se metido consigo mesmo, Dom veio por ironia mesmo, para atribuir os ares de fidalgo”* ele ganha esse apelido por causa da casmurrice dele, isso era raiva, rancor um peso no coração.

O Bentinho foi uma criança muito esperada a mãe dele fez promessa para ele nascer com saúde, sua promessa era que quando Bentinho crescesse ia ser Padre no final das contas, Bentinho foi uma criança muito mimada e muita amada. Ao crescer começa se apaixonar por sua vizinha, segundo José Dias, Capitu possuía “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, mas para Bentinho os olhos pareciam “olhos de ressaca”; “Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”, Capitu era moleca, gostava de brincar de aprontar, faladeira más muito inteligente. Bento e Capitu se apaixonaram, eles poderiam ficar juntos? Não, pois Bentinho tinha que ir para seminário estudar para ser Padre e não poderiam ficar juntos. No decorrer da história Bentinho faz amizade com Escobar no seminário, juntos eles conseguem convencer os pais para eles saírem do seminário. Bentinho se forma em Direito e se casa com Capitu, e a melhor amiga de Capitu se casa com Escobar. A felicidade de Bentinho se completa ainda mais com o nascimento de seu filho Ezequiel e um fato começa a levantar a desconfiança de Bentinho, seu filho começa cada vez mais ficar parecido com seu amigo Escobar, no entanto uma fatalidade ocorre e muda completamente o rumo da história, Escobar vai nadar e acaba morrendo afogado, durante o velório Capitu se comporta de maneira muito estranha, como se alimentasse um amor secreto por Escobar.

A partir desse momento Bentinho começa a suspeitar de um adultério de sua esposa com seu melhor amigo, o tempo passa e nada muda as convicções Bentinho, ele é um personagem tão importante do Realismo porque ele vai contra tudo o que aconteceu no Romantismo, Bentinho é um homem possessível, obcecado, ciumento, tinha vários pensamentos escuros.

O tempo passa e nada muda as convicções de Bentinho, que acaba enviando sua esposa e seu filho para Europa, com a desculpa de

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo

um suspeito tratamento de saúde, Capitu morre um tempo depois seu filho morre também em Jerusalém onde estudava artefatos arqueológicos. Por fim Bentinho vai em uma peça de Shakespeare, que conta uma tragédia ocorrida por ciúme, e suspeita de traição injusta, que termina com a morte da mulher inocente, Bentinho nunca mais consegue aceitar sua vida, e se torna uma pessoa endurecida e amarga.

Dom Casmurro é uma obra do Realismo, ele é caracterizado personagens com mais defeitos do que qualidades, e as temáticas, são bastantes distintas daquelas que aborda o Romantismo por exemplo, dentro dessas temáticas podemos destacar o adultério, ambição e à vaidade. No Romantismo os triângulos amorosos eram formados basicamente pelo mocinho, pela mocinha e pelo vilão, que lutava contra a união do mocinho com a mocinha, no Realismo nós temos o Bentinho o seu melhor amigo, que não é vilão e nem mocinho e a Capitu que não é vilã e nem a mocinha, além disso a obra Dom Casmurro trabalha com uma possível traição feminina, o que quebra completamente com os paradigmas do Romantismo onde a mulher é idealizada, também podemos perceber na obra que ela é narrada em ordem cronológica ou seja os eventos e fatos possui datas e uma cronologia bem definida.

Além disso o Romance é narrado em primeira pessoa e funciona como uma espécie de pseudo-biografia de Bentinho, podemos perceber também que o enredo da obra não é dinâmico, mas predominam fator psicológico da narrativa de Bentinho, e talvez o traço mais marcante da obra Dom Casmurro que não há comprovação da traição de Capitu, em nenhuma parte do texto está escrito efetivamente que ela traiu ele, e por isso a conclusão se houve ou não a traição fica a cargo do leitor.

### Texto nº 9

Publicado pela primeira vez em 1875, “O Crime do Padre Amaro”, denuncia a corrupção dos padres, que manipulam a população em favor da elite, e a questão do celibato clerical. É com esse livro que Eça de Queirós inaugura, na prosa, a estética do realismo-naturalismo em Portugal. A obra caracteriza-se pelo combate ao idealismo romântico que se estabelecia até então, em prol de uma visão mais crítica da sociedade. Sua versão definitiva foi publicada em 1880.

Amaro Vieira, o personagem principal, ordena-se padre para obedecer ao testamento deixado pela patroa de sua mãe a Marquesa de

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o livro

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo

Alegros que fora desde sempre sua protetora. Ele, na verdade, não teve uma infância que permitisse outra escolha, já que, como órfão, esteve sempre ligado às questões eclesiais. Viva na igreja e entre beatas. Após o período de clausura, é mandado para uma cidadezinha muito pobre, calma até demais. Amaro não aguenta e pede pra sair. Com a ajuda de sua tia rica, consegue transferência para Leiria, e lá as tramas desenrolam-se.

Amaro é mentalmente fraco, não suporta pressões e quando conhece Amélia, essa condição fica cada vez mais explícita e difícil de administrar. Sua posição de “homem da Igreja” não permite paixões mundanas, contudo, consegue livre acesso à casa de São-Joaneira que é o recanto das beatas, e com isso, também a influência que beira a manipulação entre as senhoras. Esses dois lados (homem X padre) entram em conflito e Pe. Amaro demonstra não ter escrúpulos, culpa ou remorso. Deixa-se levar pela situação.

Acerca da linguagem do livro, “O Crime do Padre Amaro” Conta com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de uma narração onisciente que delinea os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido.

Quando publicado, O Crime do Padre Amaro causou rebuliço na sociedade, principalmente por conta dos movimentos da igreja, revoltada com a forma da representação moldada por Eça de Queirós. Aclamado, o romance é tido como um documento humano da sociedade portuguesa da época.

De fato, podemos considerar que o personagem Amaro Vieira representa os jovens que foram obrigados a serem padres, sem ter vocação nenhuma. Ainda jovem perdeu os pais e ficou sob os cuidados dos tios que não lhe davam sossego, entrar para o seminário seria cumprir uma promessa imposta pela mãe, além de poder usufruir dos benefícios que os padres detinham naquela época.

**Move 2**

Sumariar o livro

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Move 2**

Sumariar o livro

**Estratégia 8**

Apresentando/  
discutindo o conteúdo

Naquela época (segunda metade do século XIX), o ocidente vivia um período de grandes transformações, com a Segunda Revolução Industrial. O cientificismo passou a predominar, com novas correntes filosóficas e teorias, entre as quais o positivismo de Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Darwin e o socialismo científico de Marx e Engels. Daí a substituição do romance de entretenimento pelo romance de tese, que visa descrever e explicar os problemas sociais sob a luz das novas idéias. Neles há crítica, muitas vezes feroz, às instituições que servem de base para a sociedade burguesa, como o Estado, a Igreja e a família. Portugal, que muito tempo antes havia deixado de acompanhar o progresso de outras nações europeias, passa nesse momento a servir de palco para a mobilização de jovens que ansiavam por mudanças radicais. É nesse contexto que Eça de Queirós começa a se destacar.

O autor, além da crítica feroz que desfere contra o clero, toca também em outro tabu da época: a sexualidade. É comum que os escritores vinculados à corrente naturalista, como era Eça na época em que escreveu esse romance, deem ênfase ao erotismo que domina os personagens. Isso faz parte de sua caracterização, como apregoa o determinismo de Taine, segundo o qual os seres humanos são submetidos ao condicionamento pela herança, pelo meio social e pelo contexto histórico, que regem seu comportamento. Isso significa que, embora os personagens tentem, num primeiro momento, se prender a um padrão moral mediado pela consciência, acabam agindo pelos impulsos naturais de sobrevivência da espécie, principalmente o desejo sexual.

A trama apresentada por Eça de Queirós é bem construída e amarrada, trazendo algumas surpresas pontuais. As descrições dos ambientes não são aprofundadas. Existe toda uma construção psicológica dos personagens, mostrando suas angústias e dramas. Durante a leitura podemos ver o envolvimento político da Igreja, sua força e influência sobre os devotos na época. Além disso, vemos a participação da Igreja na construção da sociedade, bem como sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade. Existe ainda toda uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade da época.

“O Crime do Padre Amaro” é uma história de agarrar qualquer leitor, oferece uma crítica dura, mas lúcida do egoísmo humano e é um dos mais interessantes tratados sobre a hipocrisia do machismo, lido hoje em dia, no século 21, fica explícito o universo machista e patriarcal que gera monstros como Amaro e vítimas como Amélia. É uma bela obra representante do realismo-naturalismo, que mostra o comportamento de Amaro como resultado do meio em que viveu e das influências que sofreu.

### Move 2

Sumariar o conteúdo

### Estratégia 9

Avaliando o livro

### Move 3

Prover uma avaliação final do livro

### Estratégia 11

Recomendando o livro

Pena que as pessoas forcem a leitura de “O Crime do Padre Amaro” por causa dos vestibulares pelo Brasil. Odeio essa pressão, literatura tem que ser lida por prazer

Gostei muito da obra. A coragem de abordar o tema e a forma como Eça de Queiros o fez.

### Texto nº 10

Aluísio Azevedo (1857-1913) foi um escritor brasileiro. Criou o naturalismo no Brasil. "O Mulato" foi o romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. Foi também caricaturista, jornalista e diplomata. É membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Em 1871 matriculou-se no Liceu Maranhense e dedicou-se ao estudo da Pintura. Com 19 anos foi levado pelo irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro. Começou a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, onde revelou seus dons para o desenho. Logo passou a colaborar, com caricaturas para os jornais "O Mequetrefe", "Fígaro" e "Zig-Zag".

O Cortiço (1890), expressão máxima do naturalismo brasileiro, foi publicado em 1890 sob a influencia do Realismo/Naturalismo. Sua coordenação editorial foi feita por Cristian Muniz e a revisão feita por Simoni Ri vai Garcia e Geovana Muniz Tiltsther, publicado pela editora PAE no ano de 2009. O livro o cortiço retrata o cotidiano de famílias pobres, humildes, excluídas, em meio a burguesia onde todos são obrigados a conviver juntos com seus vícios e problemas determinados pelo lugar em que vivem num cortiço na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

A obra é dividida em 23 capítulos, onde é narrada em 3ª pessoa cuja o narrador é onisciente. São explorados dois espaços. O primeiro onde se passa a história que é um amontoado de casebres, ou seja, o próprio cortiço. O segundo é o sobrado do comerciante e negociante português Miranda, e sua família.

O livro primeiramente retrata a vida de João Romão e seu demasiado enriquecimento. Ele usa de atos ilícitos como o furto para alcançar seus objetivos. João Romão é um imigrante português grosseiro, avarento, esperto, ambicioso e é dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Sua mulher Bertoleza a quem ele engana com uma falsa carta de alforria trabalha incansavelmente o ajudando.

#### Move 1

Estabelecer o campo

#### Estratégia 4

Informando o leitor sobre a origem do livro

#### Move 2

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 7**  
Descrevendo a organização do livro

#### Move 2

Sumariar o livro

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo

Miranda seu vizinho é um comerciante muito rico eles entram em atrito por um pedaço de terra que João Romão vive para trabalhar de domingo a domingo, onde o dinheiro é a única coisa que interessa para conseguir comprar mais bens. O mesmo com inveja de seu vizinho, começa a trabalhar e em seu empenho conseguir ganhar dinheiro, faz muitos sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada para conseguir mais bens e status que ele.

Miranda ganha o título de barão e isso fez com que a inveja de seu vizinho aumentasse, então ele percebe que não bastava ter só dinheiro e não ter status ou posição social. No cortiço também vivem a Rita Baiana, o capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade. O romance retrata a exploração do homem pelo homem. A relação entre os vizinhos começa a melhorar devido ao título de superioridade que Miranda recebeu.

Com isso o cortiço, deixa de ser desorganizado e miserável, e passa a chamar Vila João Romão. João Romão se interessa pela filha de Miranda e a pede em casamento com a intenção de entrar para família e conseguir status social pois o dinheiro ele já possuía. Então ele precisa se livrar da amante Bertoleza para estar livre para o casamento, ele tem a ideia de denunciar Bertoleza para seus legítimos donos já que ela é uma escrava fugida (que pensa ser alforriada) com a chegada dos seus donos Bertoleza enfia uma faca no próprio ventre, deixando assim João Romão desamarrado.

A obra retrata a influência do naturalismo/romantismo, cujo período se caracteriza pelo determinismo, isto é, a ideia de que a natureza escolhe o destino dos personagens e suas condições dos valores sociais.

O cortiço é um dos romances mais importantes, e com grande importância para a literatura, é um livro indicado para todos que apreciam romances e aventuras, mas também retrata a miséria e a tristeza das pessoas. A obra faz uma dura crítica social, denuncia preconceitos raciais e a exploração do homem pelo homem. O Cortiço é uma das maiores críticas à sociedade fluminense que se formava.

Aluísio, como abolicionista, conta a história de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e subtratamento da escrava perante todos. O livro salienta o cortiço como uma comunidade onde os moradores moram em quartos que são alugados por preços abusivos e os moradores são humilhados, principalmente os negros que sofrem com preconceito racial e de classes superiores como a burguesia. Retrata também os infortúnios da época como a prostituição, assédio, adultério, inveja, traição e a hipocrisia.

Não só recomendo a leitura do livro como acho de extrema

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o  
livro

necessidade que as pessoas tenham a oportunidade de ter contato com a obra citada.

**Move 3**  
Prover uma avaliação final do livro

**Estratégia 11**  
Recomendando o livro

### Texto nº 11

O presente trabalho acadêmico ira abordar os principais pontos da obra literária de , Aluizio Azevedo, CORTIÇO. Através de uma resenha critica da obra . Biografia do autor, resumo do conteúdo, parecer critico da obra de acordo com os conhecimentos aprendidos na academia de letra da presente unidade, e avaliação da obra, e sua importância para determinadas áreas : ensino entretenimento e formação.

O autor Aluizio Azevedo nasceu no em são Luiz do maranhão sendo um escritor nacional, mulato que viveu numa época que o preconceito estava a flor da pele , mesmo assim o mesmo quebrou paradigmas de sua época, foi caricaturista, diplomata, e jornalista, publicou inúmeros contos , crônicas e romances , em 1789 publicou sua primeira obra literária ( uma lagrima de mulher) . A sua obras mais importantes foram: o homem, livro de uma sogra, o cortiço e a casa de pensão, as mesmas representa uma fase do autor onde o preconceito era algo na evidencia , bem com o adultério os vícios e o povo humilde. Depois de grande lutas o mulato Azevedo como é chamando pela critica literária, faleceu-me Buenos Aires no dia 21 de janeiro de 1913 .

**RESUMO DO LIVRO O CORTIÇO:** conta a historia de João Romão rumo ao enriquecimento através da exploração do trabalho , sendo o dono do cortiço ,entretanto um fato nova vai mudar sua vida por completo , com a chegada do comerciante Miranda bem estabelecido e disputava com João Romão o titulo de mais rico do local. O que fez com que João Romão trabalhasse cada vez mais, tal situação ficaria mais difícil para ele quando Miranda ganha o título plebeu de barão, isso ira mudar o comportamento de João que passara a se vestir melhor ir ao teatro, freqüentar lugares importantes da época visando ganhar o titulo de barão, inclusive no cortiço que era um ambiente e hostilidade e pobreza há uma transformação que agora passa a ostentar ares de aristocrático. O Enredo demonstra a luta por posição social da época que estava acima de tudo, realidade vivenciada na nossa atual conjuntura social. O mesmo demonstra os moradores do cortiço entre os quais Rita Baiana um negra sensual que namorava o truculento firmo que gostava de beber e fumar., e neste contexto de mudança que Aluizio Azevedo.

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

**Move 2**  
Sumariar o livro

**Estratégia 8**  
Apresentando /discutindo o conteúdo

**PARECER CRÍTICO DA OBRA:** Nesta obra mostra como influência o maior romance de Aluísio Azevedo que prescreve um rigor científico na representação da realidade. Porém Aluísio combatem, como princípio teórico, a uma degradação causada pelas misturas de raças. Aparentemente, o caso do cortiço, que se projeta na obra mais do que os próprios personagens que ali vivem. Afins apresentam em um do trecho do romance o narrador compara o cortiço a uma estrutura biológica, na obra mostra práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Frequentemente, o burguês Miranda, de projeção social mais elevada que João Romão vive em seu palacete com ares aristocráticos e teme o crescimento do cortiço. “Assim, pode-se dizer que O cortiço” não é somente um romance naturalista, mas sim uma representação ou interpretação do Brasil. O autor tinha uma estratégia de uma tese a sustentar sua história. A intenção do mesmo era provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à destruição que desagrada. Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio de cumprir com sucesso, na mistura sexual, moral e na completa moral humano. Porém a obra é narrada em terceira pessoa, com narrador onisciente ( que tem conhecimento de tudo) a obra retrata o tempo é trabalhado de maneira linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. Já o espaço são duas obras: o primeiro é o cortiço, amontoado de casebres mal-arranjados, onde os pobres vivem. A obra conta o ponto que é apresentado de que o próprio cortiço acaba se tornando, de certa forma, uma personagem do livro o principal da obra devido a uma personificação do espaço. “Em “um momento que o narrador cita que os olhos do cortiço se abrem”, “ao invés de dizer” as janelas do cortiço se abrem”. Essa característica tem bastante a ver com o fato de, para a corrente naturalista, o meio ter grande influência na ação das personagens. Porém outro exemplo dito na obra o cortiço é o próprio sol. Em certo momento, a esposa de Jerônimo culpa o sol por todas as desgraças que ocorreram em sua vida. Trata-se de um livro icônico e que continua tendo relevância nos dias de hoje, pois mostra os desequilíbrios e contrastes entre ricos e pobres que dividem o mesmo espaço urbano. Além de tudo isso retratado Em nível da linguagem, Aluísio segue os ensinamentos de Zola, com descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. O cortiço São Romão é conhecido como habitado pelas classes mais baixas e marginais: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas,

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o livro

entre outras. Representa os comportamentos tidos como promíscuos preguiçosos e viciosos atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços. Aí, o autor descreve casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal. Já a análise do Miranda, típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, representa o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. O cortiço tem como base as duras condições de vida a que os personagens estão sujeitos. Espelhando o espírito da época, é um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da consequente exploração das camadas mais frágeis da população. É evidente a exploração do pobre pelo rico, do negro pelo branco. Durante a confusão obtida, o cortiço arde, sendo posteriormente transformado no edifício Avenida São Romão, que passa a ser habitado por uma população de melhor condição financeira. Não deixa de ser curioso notar que quando João Romão consegue escalar a Pirâmide social, o próprio cortiço parece subir de classe. Essa obra, no entanto, os moradores mais pobres se mudam para uma outra moradia coletiva, o cabeça de gato. Desta forma, Aluísio encerra o romance demonstrando que sempre existirão lugares tóxicos e corruptores e que as desigualdades sociais e econômicas serão sempre perpetuadas por esse ciclo vicioso.

Tendo como pano de fundo um cortiço, o romance difunde as teses naturalistas, que buscam uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, os conflitos interiores do ser humano, as relações sociais, a crise das instituições. Ao longo do romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Aluísio combate, como princípio teórico, a degradação causada pela misturas de raça. Com críticas sociais focadas na corrupção de determinados valores, o estilo naturalista como análise da realidade e investiga a sociedade recorrendo às observações de fora para dentro, com personagens que tendem a se tornar planos, simplórios.

Cortiços: caixas cilíndricas de cortiça, na qual as abelhas fabricam o mel e a cera. Definição dicionarizada da palavra que também se refere a habitações coletivas que foram muito comuns no passado, hoje similares ao que conhecemos por favelas. Quando lançado, em 1890, o Brasil passava por reconfigurações na ordem social, tal como várias nações ao redor do planeta. A formação de novos mercados, o trabalho assalariado, o desenvolvimento dos setores secundários e terciários e a definição de novas categorias sociais demarcam os principais acontecimentos do período. Os cortiços servem de arautos das questões naturalistas que

vigoravam na literatura brasileira no período. A importância da obra foi publicado em 1890, o cortiço é o romance mais exemplar da estética realista-naturalista. Nele pode-se perceber que o processo de formação das elites brasileiras passa por dois momentos: O primeiro deles é o da conquista do poder por determinados grupos que se utilizam basicamente da exploração e do furto, no segundo momento, a necessidade de não só se manterem no poder, mas também de se elevarem socialmente, transformando-se em elites. Ao longo do Romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Miranda e João Romão são figuras que representam momentos distintos do processo de constituição das elites brasileiras. Miranda foi o português que chegou antes, se adaptou rapidamente ao País, casou-se com a filha do patrão e tornou-se rico. João Romão rouba, engana e explora para torna-se rico. A história de João Romão é a vida de um dono de cortiço no Rio de Janeiro do século XIX que consegue enriquecer e ganhar status social graças à exploração da miséria alheia. João Romão representa a elite brasileira.

### Texto nº 12

Antes de postular as qualificações da obra *Educação: do senso comum à consciência filosófica* é preciso situar a respeito do criador do livro, exibindo as credenciais do autor e as informações gerais que julgamos necessárias para o conhecimento amplo da escrita. Esta obra é escrita por José Maria de Eça de Queiroz, nasceu em 25 de novembro de 1845, numa casa da Praça do Almada na Póvoa de Varzim, no então número 1 ao 3 do Largo de São Sebastião (hoje Largo Eça de Queiroz), no centro da cidade, em casa de um parente de sua mãe, Francisco Augusto Pereira Soromenho, um dos funcionários aduaneiros da Póvoa de Varzim. Eça era filho de José Maria Teixeira de Queiroz, nascido no Rio de Janeiro em 1820 e delegado do procurador régio em Viana do Castelo, e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em Monção em 1827. Eça, por sua vez, apresenta episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem ficou até passar para a casa de Verdemilho em Aradas, Aveiro, a casa da sua avó paterna. Nessa altura,

**Move 1**  
Estabelecer  
o campo

**Estratégia 4**  
Informando  
o leitor  
sobre a  
origem do  
livro

foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, de onde saiu em 1861, com dezasseis anos, para a Universidade de Coimbra, onde estudou Direito.<sup>[41]</sup> Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos. Em Coimbra, Eça foi amigo de Antero de Quental. Os seus primeiros trabalhos, publicados na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título Prosas Bárbaras. Eça veraneava na Póvoa de Varzim, quando matriculado na Universidade de Coimbra. Sua tia materna, Carlota, arrendava casa na Póvoa, de verão e com ela, além do sobrinho José Maria, iam também os seus quatro filhos, três rapazes e uma rapariga.

Em 1866, Eça de Queiroz terminou a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e passou a viver em Lisboa, exercendo a advocacia e o jornalismo. Foi director do periódico O Distrito de Évora e colaborou em publicações periódicas como a Renascença (1878-1879?), A Imprensa (1885-1891), Ribaltas e gambiarras (1881) e postumamente na Revista de turismo iniciada em 1916 e na Feira da Ladra (1929-1943). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a Revista de Portugal. Em 1869 e 1870, Eça de Queiroz fez uma viagem de seis semanas ao Oriente (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no Egito à inauguração do canal do Suez: os jornais do Cairo referem Le Comte de Resende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queiroz». Visitaram, igualmente, a Palestina. Aproveitou as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais O Mistério da Estrada de Sintra, em 1870, e A Relíquia, publicado em 1887. Em 1871, foi um dos participantes das chamadas Conferências do Casino. Em 1870 ingressou na Administração Pública, sendo nomeado administrador do concelho de Leiria. Foi enquanto permaneceu nesta cidade, que Eça de Queiroz escreveu a sua primeira novela realista, O Crime do Padre Amaro, publicada em 1875. Tendo ingressado na carreira diplomática, em 1873 foi nomeado cônsul de Portugal em Havana. Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em Inglaterra, entre 1874 e 1878, durante os quais exerceu o cargo em Newcastle e Bristol. Escreveu então alguns dos seus trabalhos mais importantes, como A Capital, escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Manteve a sua actividade jornalística, publicando esporadicamente no Diário de Notícias,

em [Lisboa](#), a rubrica Cartas de Inglaterra. Mais tarde, em 1888 seria nomeado cônsul em Paris. Seu último livro foi [A Ilustre Casa de Ramires](#), sobre um [fidalgo](#) do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem.

É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por [Gonçalo Mendes Ramires](#), o [protagonista](#). Trata-se de uma novela chamada A Torre de D. Ramires, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz. Aos 40 anos casou com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto (16-4-1894), António (28-12-1889), José Maria (26 -2 -1888) e Maria (16-1-1887) Morreu em 16 de Agosto de 1900 na sua casa de [Neuilly-sur-Seine](#), perto de [Paris](#). Teve [funeral de Estado](#), foi sepultado em Cemitério dos Prazeres de Lisboa, mas mais tarde foi trasladado para o cemitério de Santa Cruz do Douro em Baião. Foi também o autor da [Correspondência de Fradique Mendes](#) e [A Capital](#), obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. [Fradique Mendes](#), aventureiro fictício imaginado por Eça e [Ramalho Ortigão](#), aparece também no Mistério da Estrada de Sintra. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Após a morte do pároco José Miguéis, foi transferido para Leiria um padre jovem chamado Amaro Vieira. Aconselhado pelo cônego Dias, seu mestre de moral no seminário, Amaro foi instalar-se na casa da D. Joaneira. À noite na casa, havia encontros entre beatos e o clero, marcados por jantares, músicas, conversas, jogos e discussões sobre fé. É nesse cenário que padre Amaro encanta-se por Amélia, uma jovem muito bonita e passam a trocar olhares, despertando o ciúme de João Eduardo, noivo da moça.

O narrador, através de uma retrospectiva, conta que Amaro ingressou no seminário aos 15 anos, por obediência a sua tia que lhe criara com os preceitos cristãos. Porém, não era esse o seu desejo. Desejava mesmo era estar com uma mulher, chegando até associar a imagem de Nossa Senhora a uma, sentindo desejo por ela. Sendo assim, não por vocação e mais por comodismo, Amaro tornara-se padre. Em Leiria, rezava missas por costume, mas seu pensamento e sua ocupação era Amélia.

O primeiro contato físico entre o casal aconteceu numa fazenda da família; Amaro beijou o pescoço de Amélia, e ela saiu correndo. Amaro, com receio de se envolver mais intimamente e todos descobrirem, resolveu se mudar para outra casa. Enciumado pelas visitas de padre Amaro, o então noivo de Amélia escreveu o comunicado “Os modernos fariseus”,

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo

onde fez várias acusações contra os padres, inclusive mencionou que o padre Amaro estaria se envolvendo com uma “donzela inexperiente”. Após isso, o pároco aconselhou que Amélia desfizesse seu noivado, pois João Eduardo não seria digno. João Eduardo fica sem emprego e, revoltado, dá um soco no jovem padre.

Amaro volta a frequentar as reuniões na casa de D. Joaneira e se aproximar de Amélia, sem os olhos enciumados de João Eduardo. Numa oportunidade, voltando de uma visita à casa do cônego que estava doente, os dois param na casa do padre e tem ali sua primeira noite de amor. Dionísia, criada, aconselha ao padre a se encontrar com a jovem na casa do sineiro, onde seria mais discreto. Para o sineiro Tio Esguelhas, Amaro disse que Amélia queria se tornar freira e que ele iria ajuda-la nessa missão. Para a família, Amélia iria ajudar a Totó nas lições religiosas. Os dois passam então a se encontrar várias vezes na semana. Ela começa a sentir-se culpada, mas não recusa o padre. Amélia acaba ficando grávida. Aconselhado pelo cônego, a primeira saída seria casa-la com João Eduardo. Este, porém, tinha vindo para o Brasil. A alternativa é então mandar Amélia junto a D. Josefa, que estava doente, ao interior até chegar a hora do parto. Quando a hora chegou, Amaro entregou a criança a uma família que tem a fama de matar as crianças que lhe são entregues. E a criança realmente morre. Amélia não suporta ficar longe do filho, acaba também por morrer. Padre Amaro, sem saber o que fazer e tentando fugir dos acontecimentos, muda-se da cidade. Depois de algum tempo, encontra-se casualmente com o cônego Dias e afirma que “tudo passa”.

Em seu romance de estreia, *Eça de Queirós* explora um tema altamente polêmico, mesmo nos dias de hoje: Clero X Sociedade X Política. É importante salientar que o livro foi escrito em 1875, portanto, apesar de algumas mudanças comportamentais, ainda é possível fazer um paralelo entre o século XIX e o XXI.

A crítica em foco era a corrupção do catolicismo e a quebra do celibato, mas entre aos demais temas, podemos destacar a maledicência, o vazio interior de seus personagens, o poder exercido pela religião na vida das pessoas, ao reger comportamentos, bem como a contraposição dos pobres em relação aos abastados pobres que circulavam pela sociedade, clamando por assistência.

*Eça* trouxe essa obra para mostrar uma sociedade cega que fecham os olhos para os erros e defeitos que tem na sociedade mas para julgar o próximo são muito rápidos. Ele veio para quebrar toda estigma social daquela época para participar e abrir caminhos ao novo movimento realismo. O realismo é o movimento que vem depois do romantismo e tenta

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o livro

quebrar com quase todos os paradigmas do romantismo. Uma das suas características é ser objetivo e claro, uma literatura meramente descritiva, ou seja, tem detalhamento das cenas e do cenário e também um retrato fiel da personagem, a personagem não vai ser mais idealizada, uma personagem realmente como ela deveria ser e como ela é na sociedade. Esse livro apresenta uma crítica a sociedade da época e também a hipocrisia do clero vigente naquela época, o clero era submetido a interesses políticos.

O clero mandava e desmandava e ninguém fazia nada para mudar isso, o que inspirou Eça a criar essa obra. E logo a sociedade faz parte desse processo de corrupção porque se ela se deixa corromper passivamente, então a sociedade requer que haja um processo de reflexão e uma mudança crítica, afinal de contas se temos uma sociedade crítica capaz de perceber os mandos e os desmandos do poder do clero sobre ela é claro que essa sociedade vai se revoltar em algum momento e vai agir para mudar essa realidade, era isso que ele queria principalmente.

Com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de um narrador onisciente que delinea os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido. Sensuais desde jovens, os personagens mesclam religiosidade e sexualidade, sem a distinção dicotômica típica do ambiente cristão. Amaro desde criança olhava para as imagens da Virgem Santa e se excitava com as suas formas.

Essa obra nos mostra como até hoje a sociedade se comporta de forma parecida mesmo a igreja católica não controlando tudo mais, porque de fato as pessoas fecham os olhos para não acreditarem no que acontece dentro das igrejas, existem várias Amélias e vários Amaros também nos dias de hoje.

**Texto nº 13**

José Maria de Eça de Queirós foi um escritor e diplomata português. É considerado um dos mais importantes escritores portugueses da história. Foi autor de romances de reconhecida importância. Os Maias e O Crime do Padre Amaro, o primeiro e considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

O Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós, foi publicado originalmente em 1875, é o primeiro romance do autor. Eça conta a história de Amaro filho de um empregado de uma Marquesa que após a morte de seus pais, passa a ser cuidado por eles. Assim escolhendo a ele uma profissão de fé, para que Amaro tornasse-se um padre, com isso ele foi enviado ao seminário. Depois de um tempo de seminário Amaro torna-se pároco em uma cidadezinha de uma província. Porém, ele tinha proteção de alta influência, e assim conseguiu que o transferisse para Leiria sede do bispado. Ao chegar em Leiria o padre torna-se hóspede de uma pensão na rua das misericórdias. A dona do local tendo uma boa relação com clero, promove com frequência encontros religiosos, onde discutem a fé cristã.

Em um desses encontros o padre conhece Amélia. Amélia é jovem e uma bela mulher, que com tempo acaba retribuindo os olhares do padre. Porém a jovem e noiva de João Eduardo ao perceber os olhares de interesse entre ambos, e fica enciumado. No decorrer da leitura Amaro beija o pescoço da moça e ela se assusta e corre fugindo de Amaro. Amaro recomenda que Amélia não se case com João Eduardo. Sendo assim Eça nos leva a acompanhar os anseios e destinos dos seus protagonistas.

A trama que se apresenta no livro é bem construída trazendo algumas surpresas. As descrições do ambiente não são aprofundadas. Existe todo um trabalho psicológico dos personagens onde remete suas angústias e dramas. Durante a leitura do livro pode-se perceber o envolvimento político que há na igreja e a força que tinha nos devotos da época. É possível notar a participação da igreja na construção da sociedade onde sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade e a opinião da igreja quanto a figura de Deus. É notável a figura da “persona, superego, sombra e o ego”. Existe também uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade. E o comportamento e falhas dos que representava a religião, como o padre Amaro e o Cônego dias.

**Move 1**  
Estabelecer  
o campo

**Estratégia 4**  
Informando  
o leitor  
sobre a  
origem do  
livro

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo do  
livro

Narrado em terceira pessoa, o livro apresenta, no geral, o tema central como o relacionamento impróprio de um jovem padre com uma devota, a jovem mais bonita da região. O que mais chama a atenção é o fato de o autor publicar uma obra onde transmite tantas críticas à igreja católica. Com pontos negativos os diálogos deixaram a desejar, por alguns instantes foi como se deixasse algo sem ser esclarecido. A linguagem um pouco rebuscada e compreensível. Com ritmo lento muitos detalhes cansativos, talvez por gostar mais de "O Primo Basílio". As traduções das palavras também poderiam acontecer, sem que a identidade visual do romance fosse alterada, como: "cousa e não coisa". E exemplificar melhor o espaço e o tempo. O crime do Padre Amaro explora um tema de grande polêmica, mesmo nos dias de hoje. Faz uma exemplificação da sociedade o clero e a política. Fala da forte presença da moral religiosa e de como é causador de imoralidades que nos fazem acreditar que a influência da religião não seja um aparelho satisfatório para a devida manutenção da ordem social. A ordem social exige um certo distanciamento de uma moral que se coloque de forma tão íntima e pessoal;

A leitura do livro "O Crime do Padre Amaro" é responsável na contribuição, de forma significativa, dos indivíduos, influenciando a analisar o comportamento da sociedade, de modo que a leitura é responsável por auxiliar, na formação do sujeito, influenciando-o a analisar a sociedade, em seu dia a dia e, no particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. É por meio da leitura que começamos a formar-se posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões de autores e assim refletir nos nossos próprios conceitos e visão.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Texto nº 14**

Joaquim Maria Machado de Assis, popular Machado de Assis, filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nascido no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, foi considerado um dos maiores autores da literatura brasileira, com obras que abrangem praticamente todos os gêneros literários.

O livro Dom Casmurro de Machado de Assis traz a história de Bento Santiago mais conhecido como dom casmurro, a trama se passa entre 1857 e 1875, conta uma história de amor obsessivo de um personagem ranzinza e prepotente e sua companheira Capitu e seus famosos olhos de ressaca, o clímax acontece quando o personagem principal tem dúvidas de que seu filho seja realmente seu, trazendo a tona uma suposta traição de sua esposa com seu melhor amigo, Escobar, e tal dúvida se arrasta até o fim do livro sem um parecer concreto e se torna uma pergunta para seus leitores, houve ou não uma traição.

O Livro Dom Casmurro de Machado de Assis conta em primeira pessoa a história do personagem principal, Bento Santiago, mas conhecido como Dom Casmurro, o livro se inicia contando como ele recebe esse apelido, quando um jovem tenta ler alguns versos para ele mas não obtém sucesso pois o seu ouvinte pestanejava, então o jovem se irrita e começa a chama-lo de Casmurro o que é o mesmo de ranzinza ou rabugento desde então fica conhecido pelo apelido.

Então começa seus relatos de amor por sua então amiga Capitu que mais tarde se tornaria sua esposa, e a grande pergunta da obra; o drama começa quando bentinho descobre que era prometido ao celibato, desde então tenta se desviar da promessa, vai a casa de Capitu e deixa ela a parte de tudo, e juntos tentam resistir a separação e se prometem em casamento.

Bentinho é enviado ao seminário porem não segue o celibatário, mas conhece um grande amigo, Ecobar, que juntos decidem deixar o seminário, Já bacharel em direito bentinho retorna e se casa com Capitu e Escobar com a melhor amiga de Capitu Sancha, e levavam uma vida próxima os casais, logo eles tem filhos, Escobar de uma menina e Bento um menino, Ezequiel.

Pouco tempo depois Escobar morre em um acidente no mar, e

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**

Apresentando o conteúdo do livro

em seu velório Bento percebe um ar estranho em Capitu. A viúva se muda e com o tempo Ezequiel se tonava idêntico a Escobar aos olhos de Bento, por tanta semelhança se inicia as duvidas se ele era mesmo seu filho, o que traz a tona uma suposta traição, o que acarreta uma onda de ciúmes, para não sofrer com a imagem do filho e a lembrança da traição deixa mulher e filho na Europa. Quando Ezequiel retorna Capitu já havia morrido, mesmo depois de anos Bento não suportava a presença de Ezequiel, e mesmo assim financia uma viagem para ele com destino a Grécia, Ezequiel morre de febre tifoide e é enterrado em Jerusalém.

O enredo da história nos traz uma visão da época, onde se passa a trama, a sociedade machista, e seus costumes, como o de prometer os filhos ao celibato, nos mostra também um recurso interessante usado pelo autor que é a mistura entre passado e presentes dos personagens, tornando a história mais interessante e com uma maior facilidade de compreensão.

Porém em toda história só podemos entrar em contato, apenas com o personagem principal e todos os outros conhecemos através da ótica de Casmurro, através do narrador personagem, o que é um pesar para os leitores que adorariam “ouvir” Capitu e conhecer a história por outro ponto de vista.

Em suma a obra, tem muito a ser analisada, como a linguagem de época os recursos usados pelo autor, e o excitante enredo em si, portanto é um ótimo conteúdo a ser aplicado a estudantes do ensino médio.

**Move 3**

Prover uma  
avaliação  
final do livro

**Estratégia  
11**

Recomendando  
o livro

**Texto nº 15**

Henri Wallon Nascido na França em 1879 estudou Filosofia, Medicina e Psicologia aplicada a educação. E aos 23 anos formou-se em filosofia pela Escola Normal Superior. É encarregado de conferências sobre psicologia da criança na Universidade de Sorbone e outras intuições de 1920 a 1937. E se dedica ao atendimento de crianças ditas deficientes em 1925 publica a tese de doutorado “A Criança Turbulenta”. E com isso, inicia as publicações voltadas as crianças sendo ultimo “Origens do Pensamento na Criança” em 1945. Vivenciou períodos de grande turbulência mundial, pois de 1914 a 1945 eclodiram duas grandes guerras, quer dizer o avanço fascista e revolução socialista. Embora também tenha gosto pelo estudo neural analisando traumas, apesar da perseguição sofrida pela gestapo na segunda guerra e teve que viver clandestinamente. Foi médico psiquiatra em 1931 em diversas repartições particulares. Se utiliza do “marxismo” como corrente filosófica. Filiado ao partido comunista em 1942 ao qual manteve contato até sua morte. E em 1948 cria a revista “Enface” a qual segue até hoje tentando reafirmar a linha editorial. E faleceu em 1962 com grande contribuição para psicologia.

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

Neste capítulo, o autor aborda sobre Henri Paul Hyacinthe Wallon, um francês graduado em Medicina, Filosofia e Psicologia que ofereceu uma nova maneira de pensar o homem buscando conhece-lo por meio da criança, pois acreditava que através destas, ter-se o acesso à gênese dos processos psíquicos. Em suas teorias, utilizou o materialismo dialético onde defende que a escola deveria promover uma formação integral do aluno, mostrando a importância das emoções que traz um trabalho educativo. A escola e todos que a integram é sem dúvida nenhuma indispensável para a educação das crianças, ou seja, o sucesso da criança quando adulto na sociedade depende de uma boa educação e um bom currículo, é impossível pensar na criança fora da sociedade a que constrói uma boa determinação. A escola é um espaço que proporciona ao aluno condições para uma boa aprendizagem e conhecimento, de forma segura e saudável. Sendo um processo cultural, social e até mesmo político econômico, onde é preciso uma boa administração. Existe variáveis funções elaboradas por projetos onde se organiza o currículo. Trabalha -se também a oralidade do aluno de forma educacional que se processa na família, igreja empresas e meios de comunicação social.

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando e discutindo o conteúdo

Segundo Wallon, existem quatro elementos básicos que se comunicam, a afetividade, ou a síntese entre o orgânico e o social, aparecendo um movimento, a inteligência e a formação do eu como

pessoa, com o organismo humano a primeira condição do pensamento e o mundo externo, o objeto mental. Com isso, há um pensamento infantil que é marcado pela descontinuidade, crises e conflitos tendo como base um fator biológico e um social, o que separa a formação do pensamento e da inteligência que, diferente da concepção de Piaget, surgiria depois da afetividade, apresentando assim, as dimensões afetivas e as capacidades ligadas.

O primeiro estágio impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano), após o nascimento a criança depende de si em relação a respiração e a auto regulação da temperatura de seu organismo, onde, os bebês de até três meses, realizam movimentos reflexos, involuntários, daí surgem os primeiros sorrisos. O estágio emocional é por volta dos 6 meses quando a criança começa a engatinhar é capaz de expressar emoções, raiva, dor, tristeza, alegria e etc. Aos 9 meses desenvolve o humor. Até aproximadamente um ano a criança é totalmente dependente do contato com o outro. O segundo estágio é o sensório-motor a criança explora o mundo a seu redor, é projetivo, que vai até os três anos, caracterizado pela exploração dos objetos e dos espaços físicos, ganhando maior autonomia com a preensão e a marcha, tornando-se um ser cognitivo. O terceiro estágio é o do personalismo que dura de três a seis anos, onde, palavras e o pensamento da criança está voltado quase que exclusivamente para o próprio e, até os cinco anos, vai transpondo seus interesses do eu para as coisas. O quarto estágio categorial, onde ocorre a diferenciação simbólica da personalidade, a inteligência avança no seu desenvolvimento e procura diferenciar o eu do não eu. O último estágio é o da adolescência onde há uma quebra no equilíbrio afetivo e busca por mudança, por sua transformação.

O presente capítulo auxilia levando em consideração a relação professor-aluno e o papel da escola, o professor não deve ser autoritário, e a escola deve ser a expressão concreta da unidade adulto-criança-sociedade, buscando o equilíbrio entre o atendimento do que necessita do desenvolvimento da criança, o atendimento da criança trabalhando também as necessidades do desenvolvimento da sociedade. O autor afirma ainda que as crianças aprendem mais quando gostam do professor, por isso é tão importante trabalhar a afetividade com os alunos. Sendo assim, sua leitura é de fundamental importância para estudantes da área visando minuciosamente suas etapas de estágios.

**Move 3**  
Prover uma  
avaliação final  
do livro

**Estratégia 11**  
Recomendando  
o livro

**Texto nº 16**

Nesta resenha crítica discutiremos acerca da “Teoria da Gestalt: Percepção e Aprendizagem”, cujo título é parte da obra “Psicologia da aprendizagem: da teoria do conhecimento ao construtivismo”, livro dos autores Nelson Piletti e Solange Marques. O autor Nelson Piletti, além de ser graduado em Pedagogia, o que mostra sua tamanha destreza no assunto, ainda possui graduação em Filosofia e Jornalismo. Piletti é ainda mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Segundo seu currículo, é autor de Aprendizagem: teoria e prática e coautor de Dom Helder Camara: o profeta da paz, Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo, História da educação: de Confúcio a Paulo Freire, enfoque para a obra Psicologia da Aprendizagem com Solange Marques Rossato, além de outros três.

Em parceria com Piletti nesta obra está Rossato. A autora Solange Marques Rossato, por sua vez, é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia por essa mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Um dos motivos de sua excelência na escrita e desenvoltura do capítulo a ser analisado nesta resenha, é que Rossato tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior; e como psicóloga clínica e escolar.

O capítulo se inicia rotulando a teoria de Gestalt como sendo oposta ao behaviorismo, antes mesmo de defini-la. Na sequência, os autores mostram que tal teoria é na verdade um ramo da psicologia que também é conhecida por Psicologia da Gestalt, destinada aos estudos que consideram os fenômenos psicológicos um conjunto autônomo e indivisível em sua configuração e organização. Em um contexto histórico o leitor passa a saber que os fundadores e difusores da Gestalt, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka estudaram Filosofia e Psicologia na Universidade de Berlim. Os idealizadores desta psicologia realizaram diversos estudos experimentais da percepção do movimento, tendo analisado a cognição dos chimpanzés para chegarem a solução de problemas de comportamento tal qual a Psicologia Gestalt defende.

Ainda situando a Teoria da Gestalt em uma análise histórica e estrutural, os autores ressaltam que somente nos anos de 1920 a Gestalt foi especificamente desenvolvida sob olhar do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, já sendo pioneiramente usufruída por um dos mais bem equipados laboratórios do mundo, com pesquisas acerca de diversos

**Move 1**  
Estabelecer  
o campo

**Estratégia 4**  
Informando  
o leitor  
sobre a  
origem do  
livro

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo do  
livro

problemas psicológicos.

Ao longo da leitura é possível observar que os autores fazem uso de curiosidades, ou informações detalhadas, sobre a Gestalt. Podemos exemplificar tal afirmação com a descrição sobre a definição da palavra Gestalt em outras línguas, as quais muitas são difíceis ou inexistentes. Na língua alemã, por exemplo, não há definição equivalente e, conseqüentemente, os pesquisadores ficam impossibilitados de compreender o que de fato o movimento representa.

Quando há o subtópico “Princípios fundamentais da teoria da Gestalt” encontramos percepções de como a Gestalt é relacionada a elementos sensoriais em sua totalidade. Desse modo, o leitor é levado a entender que a percepção da forma como vive leva em conta que a própria experiência perceptiva imediatamente organiza e dá significado à percepção, abrindo espaço um novo sentido, uma nova ordem. Em conclusão, o objetivo da Psicologia da Gestalt é descrever e esclarecer de forma concreta a organização intrínseca, precisa, do percebido.

O estudo da Gestalt deve ser visto de forma muito mais abrangente que apenas o conhecimento dos princípios básicos, sendo importante ressaltar que a maioria dos desdobramentos da Gestalt irá envolver ao menos um dos princípios fundamentais da própria teoria. Como é possível verificar através da leitura, cada princípio se define pela função que desempenha na estrutura sob a qual está colocada. Os autores ainda usam de exemplos para fortificar a colocação: a identidade dos objetos resulta do modo como os seus componentes são combinados e não apenas dos componentes isolados. Quando se fala em componentes se fala em princípios.

Ainda sobre os princípios, segundo os próprios teóricos e pesquisadores da Gestalt, os princípios são definidos como regras ou leis com os quais são organizadas as percepções, facilitando a compreensão de imagens e de ideias. Aqui o leitor passa a conhecer o termo “gestaltistas”, usado para definir os simpatizantes da psicologia Gestalt. Para Piletti e Rossato, os gestaltistas tinham a preocupação em definir as leis que regem a percepção das totalidades e que são aplicáveis à percepção e ao pensamento, ou seja, com o interpretamos o que vemos.

Antes de sermos apresentados às definições de cada um dos princípios, conhecemos a lei da boa forma que anuncia a organização das estruturas e que essas tendem a serem as responsáveis por revelar as características que a distinguem de uma forma tão completa quanto as condições do momento permitem. Essa organização tende a se aproximar da estrutura que for mais equilibrada, mais simétrica e mais regular. Logo,

quando vemos as formas temos a tendência a percebê-las em seu caráter mais simples, já que há uma simplificação que facilita sua assimilação.

O primeiro dentre os princípios deste capítulo é o princípio do fechamento, também chamado de princípio da complementação, segundo o qual nossa percepção costuma completar as figuras as quais se encontram incompletas. Para proporcionar uma melhor compreensão aos leitores, os autores disponibilizam uma figura de linhas retas, a fim de auxiliar na percepção de imediato de situações e objetos. O mesmo ocorre com a definição do princípio da proximidade, através do qual percebemos as partes que estão mais próximas como agrupadas, como um todo, de modo a parecerem que são uma unidade. Mais uma vez, para exemplificar, há uma série de figuras com bolinhas que auxiliam na compreensão.

Concluindo as características dos princípios, enfim há o princípio da semelhança, também conhecido como princípio da similaridade, e o princípio da figura. No primeiro os objetos similares tendem a se agrupar e a ser percebidos como relacionados entre si. Enquanto a figura permite que na organização do objeto partes do campo perceptivo sejam combinadas juntas de maneira a formar estruturas que são distintas do fundo. Já no final do capítulo os autores determinam o espaço da Psicologia da Gestalt dentro da Educação e enquanto motivadora para a conciliação da indisciplina em sala de aula.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Texto nº 17**

**FREUD: INSCONSCIENCIA E APRENDIZAGEM** é um capítulo do livro *Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao Construtivismo*, do autor Nelson Piletti, que apresenta ideias de Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) permitindo uma melhor compreensão do funcionamento do psiquismo humano do pensamento, sentimentos e comportamento que repercutem nas relações produzidas no cotidiano escolar. O capítulo inicia contando a história do próprio Freud, que nasceu em Freiberg, e em 1873, ingressou em medicina, interessou-se pelos estudos de Psiquiatria passando a estudar mais especificamente, a histeria (as psiconeuroses) que levaram a fundar a Psicanálise. Em princípio, nos seus estudos sobre a histeria (transtorno com sintomas físicos, mas sem que se constate uma causa física) emprega a hipnose (em transe, o paciente recorda um evento traumático, nunca descarga emocional) com o intuito de explicar e eliminar os sintomas histéricos.

Nelson descreve resumidamente que a Psicanálise é uma teoria da

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 5**

Descrevendo a organização do livro

personalidade que concentra-se na relação entre os desejos inconscientes e os comportamentos e sentimentos vividos pelas pessoas. Também é descrito pelo autor as vertentes da Psicanálise, destacando-a em Instâncias do Psiquismo em forma de três vertentes integradoras e necessárias para o aprendizado: consciente, pré-consciente e inconsciente. O Aparelho Psíquico, como Freud denota de “Caixa Surpresa Imaginária”; os Mecanismos de Defesa como equilíbrio humano; Fases do Desenvolvimento Psicoafetivo da criança e, por fim, a Psicanálise e a Educação (no processo do ensino aprendizagem), são pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação. O capítulo inteiro é apresentado sob o “Olhar Freudiano”.

São os Mecanismos de Defesa e as Fases que compõem a infância e adolescência para uma eficácia ao ensino aprendizagem. A relação professor/aluno, estará sujeita não só ao processo de Identificação, mas aos demais como: Negação; Projeção; Rejeição e os demais. O professor tem que se dar conta, que os afetos direcionados dos alunos não são exclusivamente evocados por ele. O Ego em si é para se proteger das ameaças e das ansiedades, geradas pela dificuldade de equilíbrio constante, diante das necessidades e exigências do mundo externo (sociedade), fazendo uso de estratégias de enfrentamento, ou seja, dos Mecanismos de Defesa. Estes atenuam os fatos de modo a distorcer a realidade, pois seu enfrentamento poderia ser doloroso. Tudo isso é explanado no capítulo em conjunto com tais Mecanismos de Defesa, como: a Repressão; Negação; Deslocamento; Racionalização; Identificação e o Mecanismo da Fantasia. Para Freud, o Id contém o que é herdado com o nascimento, compreende os instintos. É um complexo de excitação insaciável, operando em referência ao princípio do prazer. É a fonte de todas as pulsões básicas, em que buscamos a satisfação imediata de nossas necessidades (alívio e diminuição de tensão) e de nossos desejos (como se alimentar), sem considerar a realidade. É definida como a parte mais primitiva e de mais acesso da personalidade. Ou seja, o Id não conhece nenhum julgamento de valores, não conhece o bem, nem o mal, nem a moralidade. Já o Superego, segundo Freud, é o componente da personalidade composto por nossos ideais internalizados que adquirimos com nossos pais e com a sociedade. Ele trabalha para suprimir os impulsos do id e tenta forçar o ego à agir moralmente.

Segundo Freud, em cada fase de desenvolvimento psicoafetivo da criança, uma zona específica (área do corpo) se destaca o prazer, numa busca por objetos ou modos de gratificação correspondente. Além do

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 7**  
Descrevendo a organização do livro

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando/discutindo o conteúdo do livro

prazer, é possível, ao mesmo tempo, encontrar conflitos que correspondem a fixações em determinadas fases, em que a criança fica detida na mesma, ou seja, uma parte da libido fica investida num nível de desenvolvimento específico. Uma fixação pode ocorrer se a criança experimentar uma excessiva frustração (desejo do que falta) ou uma excessiva gratificação das necessidades da respectiva fase, com relutância em seguir adiante. Essas fases desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade. São elas: Fase Oral (0 a 1 ano); Fase Anal (1 a 3 anos); Fase Fálica (3 a 5 anos); Fase de Latência (5 a 11 anos) e a Fase Genital (adolescência e fase adulta). Para Freud, a aquisição de conhecimento depende da relação professor-aluno, relação esta que ganha destaque no período de latência quando, em geral, os professores “tomam” o lugar dos pais, em vista disso, a Psicanálise e a Educação se tornam pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação.

De fato, a análise das práticas educativas com base psicanalítica ajuda a reflexão e permite ao professor que ele faça suas escolhas de atuação em sala de aula. Portanto, o educador precisa ajudar o educando a buscar o equilíbrio na construção do eu (Ego), para que a aprendizagem possa ocorrer com melhor eficácia, mas para isso, é necessário conhecer o processo de funcionamento e interação cognitiva de seu aluno e não excluir esse processo. O capítulo em si, chama atenção para a necessidade de que os educadores sejam psicanaliticamente orientados, de modo que busquem em seu educando, o ideal equilíbrio entre o prazer individual - o prazer à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais, a repressão e a sublimação destas pulsões. Pois, esclarecer o desenvolvimento da infância, desejos, as estruturas do pensamento até então desconhecidas, para uma melhor compreensão e aplicação do ensino aprendizagem, revela grande valia e importância para a educação, pois educarão as crianças, aqueles que conseguirem sondar as suas mentes.

**Move 2**  
Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**  
Avaliando o livro

### Texto nº 18

A motivação é um processo que está presente em todas as áreas de nossas vidas, no trabalho, na escola, nas atividades de lazer, e de certa forma interfere tanto nas ações como nos resultados.

**Move 1**  
Estabelecer o campo

**Estratégia 4**  
Informando o leitor sobre a origem do livro

Nelson Piletti é graduado em Filosofia, Jornalismo e Pedagogia; mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); ex-professor de ensino fundamental e médio. Professor aposentado do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação (USP).

Solange Marques Rossato é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia também pela mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior, e como psicóloga clínica e escolar.

Segundo Lefrançois, 2008 o termo motivação vem do verbo latino e que significa “movere”, que é o mesmo que ação, dando a entender a ideia de movimento, deixando claro que é algo que incita no indivíduo a agir, podendo ajudá-lo a fazer ou não alguma coisa, mantendo a todo momento em um movimento e ajudando a completar tarefas. Diz ainda que esse estudo da motivação possibilita conhecer o que nos movimenta e que nessa caminhada sempre tem alguma meta, objetivo com pensamento voltado à satisfação de nossas necessidades e desejos, ela nos direciona para um alvo, mantendo em ação.

Para Bzuneck (2002), a motivação se trata de um processo e não de um produto, ficando assim inferida a partir dos seus comportamentos e não ser observada diretamente. Devido ao fato de o ser humano, passar por várias situações e condições.

Já no ambiente escolar ela tem um papel importante na hora da aprendizagem, de como tanto professores como alunos poderiam receber esses estímulos e incentivos, sendo favoráveis ao ensino da aprendizagem e que sem ela dificulta a aprendizagem, com alguns fatores que podem somar a está motivação que é o fato da escola onde o aluno estude seja de qualidade em seu ensino. Ficando assim a desmotivação sendo justificada com o fato de o aluno não achar que o estudo é de qualidade, causando uma evasão ou até mesmo o desinteresse desse aluno, alguns outros fatores podem ser vistos também como forma de desmotivação, como o fato de que as pessoas possuem mais ou menos desejo de conhecer ou aprender, isso pode variar.

Segundo Aristóteles todos nós temos um impulso natural para adquirir esse conhecimento, como exemplo fala de uma criança que com a curiosidade se mostra faminta por explorar tudo com as mãos ou até mesmo a boca, e que essa mesma criança pode perder o desejo de seu início na escola.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 7**

Descrevendo a organização do livro

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 8**

Apresentando o conteúdo do livro

De acordo com Siqueira e Wechesler, 2006 em pesquisas fala que isso vai depender da relação entre a aprendizagem e a motivação já que como diz em estudos ela é recíproca. Ficando assim ao motivar posso produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho enquanto a aprendizagem pode interferir na motivação.

Em relação a motivação e educação escolar, tem sido um dos objetos de pesquisas e das investigações dos psicólogos educacionais nesses últimos anos. Devido a essa falta que vem sido constatada nos estudantes ficando assim um dos maiores desafios à eficácia do ensino, levando-os a refletir sobre criar as condições para que esse aluno venha a ficar “ a fim de aprender”, de uma forma que ele se envolva na atividade da aprendizagem, e que se torne assim um persistente nessa tarefa desafiadora, fazendo de forma efetiva, e valorizando a educação e de alguma maneira ajudar a buscar condições para que tudo ocorra de maneira satisfatória. Para que não torne a acontecer esse desempenho do aluno em aprender e dos professores desmotivados com aulas que não estão planejadas de acordo, apáticos, ficando assim difícil dele ensinar.

De acordo com behavioristas, como skinner, a aprendizagem ocorre com dependências de estímulos externos, ou seja somos motivados a agir por conta dos resultados de nosso comportamento, neste caso a motivação está diretamente ligada a incentivos externos, extrínsecos de cada indivíduo, sendo assim agimos inteiramente a fim de obter reforços que vai satisfazer uma certa necessidade, a medida em que percebemos que os resultados de nossas ações e compensatório, esforçamos para ter um desempenho eficaz, a recompensa vem acompanhada da necessidade de reconhecimento, ou seja ao realizarmos determinadas atividades sempre esperamos méritos pelos nossos esforços.

Na teoria cognitiva, o que ganha destaque e importância são as motivações intrínsecas. Há, portanto, uma grande difusão de que o indivíduo possui internamente as forças que o levam a agir, conhecer, a aprender, a trabalhar, além de uma visão mais ativa do comportamento. São considerados os aspectos racionais, como objetivos, intenções, expectativas e planos do indivíduo. Considera-se assim, que o homem é capaz de fazer escolhas racionais (Lefrançois, 2008).

Nessa teoria o homem age de forma com o que sente e das informações que possui, fazemos as coisas conforme estamos com vontade de as fazer, por nossos motivos intrínsecos. E desta forma nossos comportamentos e motivações são diferentes para cada pensamento nosso, são os fatores internos que determinam nosso comportamento. Quanto Abraham Maslow (1908-1970), um psicólogo humanista norte-

americano, o ser humano possui diversas necessidades (elementos motivacionais) que podem ser separadas em categorias hierarquizadas, que seguem uma determinada escala de valores, uma ordem. E, à medida que o homem realiza uma necessidade, outra surge em seu lugar, cabendo a ele buscar os meios para satisfazê-las. No entanto, as necessidades básicas devem ser satisfeitas antes de outras mais elevadas se tornarem importantes (Glassman e Hadad, 2006).

Ele cita no texto que nós temos necessidades que variam desde as fisiológicas consideradas básicas até a autor realização. Entre elas de modo crescente estão: Necessidades fisiológicas: Que se relacionam com a sobrevivência e preservação da espécie (sono, alimentação, ar, abrigo, descanso, sexo). Necessidades de segurança: Constituem tanto as físicas (imunidade ou perigo) quanto a segurança psicológica busca pela estabilidade, ou seja, correspondem à nossa necessidade de proteção. Necessidades sociais: Incluem o imperativo de dar e receber afeição e aceitação, sentimento de pertencer envolvem amizades, os relacionamentos o amor.

Necessidade de auto estima: Constitui um sentimento de respeito próprio, a autoconfiança, a aprovação emocional, o prestígio, o sentimento de competência e de capacidade no que faz. Necessidade do auto realização: Que estaria no topo da hierarquia, caracteriza-se pelo processo para o qual não há um fim por não se definir a pernas por um objetivo específico.

Essas necessidades humanas são de total importância para nós são a nossa essência precisamos delas para sobreviver, quando o indivíduo se percebe eficaz, melhor serão suas construções cognitivas de ações efetivas.

Geralmente as pessoas não tem consciência, não sabem os motivos, as forças que a levam a agir de uma ou de outra forma, grande maioria das motivações seriam então movidas pelo inconsciente, quando criança todo indivíduo tem uma serie de impulsos e desejos que procura satisfazer, entretanto muitos desses desejos não podem ser satisfeitos, em virtudes de proibições sócias, sendo assim todos são reprimidos e armazenados no inconsciente, lá se reorganizam a fim de se manifestarem de outa forma que possa ser aceita no meio social.

De acordo com os autores tem se tornado difícil aliar os desejos e necessidades dos alunos às exigências escolares. Exigências que se constituem em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender, em formas e meios específicos de ensinar que nem sempre atendem à diversidade

presente em sala de aula.

Uma das boas virtudes da motivação em sala de aula, é melhorar a atenção e a concentração do aluno, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades de maneira satisfatória.

A Motivação para ensinar pode ser fortalecida pelo resultado de ensino, o que fica difícil diante de tamanho desinteresse dos alunos e da constante desvalorização dos professores.

É importante que o professor conheça o processo de aprendizagem e esteja interessado nos alunos, como seres humanos em desenvolvimento intelectual e social. O professor precisa saber como são seus alunos com suas famílias, dependendo da relação social do aluno com o seu meio fora da escola, percebe-se o porquê do atraso escolar ou o bom desempenho na sala de aula.

O livro é uma ótima leitura para quem quer entender sobre a motivação dos alunos e suas variáveis, e tentar mudar a forma de trabalhar em sala de aula, com base no escrito, pois dá várias dicas, informações relevantes sobre um problema que é tão frequente como a falta de motivação, e exemplos de ferramentas úteis nesse processo como o que pode ser melhorado para manter a motivação.

**Move 3**

Prover uma avaliação final do livro

**Estratégia 11**

Recomendando o livro

**Texto nº 19**

Neste capítulo nós estamos, enquanto leitores e pesquisadores, diante da definição e estudos sobre construtivismo e alfabetização. Logo de início somos apresentados ao argumento de que o construtivismo não deve ser entendido enquanto um método de ensino, pois construtivismo é na verdade uma teoria a respeito do aprendizado. Embora o construtivismo tenha sido adotado por Piaget, quem de fato adotou e tornou conhecida a expressão foi uma aluna de Jean Piaget, a psicóloga Emília Ferreiro, nascida na Argentina em 1936. Emília Ferreiro usou da teoria do seu mestre para pesquisar o processo mental pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, ou seja, para aprofundar seu conhecimento sobre a alfabetização.

Para entender a importância que tem o estudo do construtivismo sobre o olhar de Emilia Ferreiro é interessante conhecer sua biografia. A autora Emilia Ferreiro é também uma psicóloga, pesquisadora e escritora argentina, radicada no México. Faz o uso da psicolinguística para

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 5**

Apresentando o objetivo do livro

desvendar os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever. Seu nome completo é Emilia Beatriz Maria Ferreiro Schavi, nasceu em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936.

No fim dos anos 60, Emilia Ferreiro formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Concluiu seu doutorado na Suíça, sob a orientação do psicopedagogo Jean Piaget, dentro da linha de pesquisa inaugurada por Hermine Sinclair, que Piaget chamou de Psicolinguística Genética. Portanto, diante de uma biografia extremamente didática percebe-se a importância da leitura deste capítulo para os pesquisadores do construtivismo e da alfabetização.

Emilia tem notoriedade na área da educação por ter se destacado grandemente com contribuições, tendo desenvolvido uma concepção diferente acerca do processo de alfabetização. Diferente porque a autora inverte o foco da didática alfabetizadora, as velhas metodologias de como se deve ensinar o aluno, reinventando os modos tradicionais de como se deve aprender. As ideias de Emilia contribuíram para que os educadores revissem revisitassem os próprios métodos e concepções, reconhecendo que estes poderiam ser considerados tradicionais de ensino. Durante o primeiro tópico deste capítulo os autores traçam um panorama histórico de como Emilia Ferreiro se consolidou na educação e da maneira como teve seus trabalhos e obras lançadas e reconhecidas.

No segundo tópico há uma série de críticas aos métodos tradicionais de ensino. Cabe tornar válido que nessa parte do capítulo não há referência restrita aos estudos de Emilia Ferreira, porém há menções a diversos outros autores como Teberosky (1991), Decroly (1991) e referência a Noam Chomsky. Entre os métodos tradicionais transcritos há o método sintético ou alfabético, através do qual parte de unidades mínimas ou menores que as palavras, neste caso as letras, buscam a correspondência entre o que é oral, o som, e o que de fato está escrito, como a grafia. Esta é uma versão tradicional e um método que caiu em desuso devido a influência linguística.

Outro erro dos métodos tradicionais e que é duramente criticado é a concepção mecanicista e associacionista, sob a qual busca-se superar a afirmação de que a leitura trata-se de uma tarefa fundamentalmente visual e não auditiva. A crítica surge porque a percepção global do significado das palavras ou da oração vem primeiro se comparado à análise dos componentes ou das unidades alfabéticas. E já que estão falando sobre alfabetização, ressaltam que no cenário da educação infantil as visões de conjunto precedem a análise.

Para os métodos tradicionais o ato de escrever sem erros e a

**Move 2**  
Sumariar o  
conteúdo

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo do  
livro

habilidade de pronunciar as palavras corretamente criaram os estereótipos de “falar bem” e de possuir “boa articulação”. Essas falácias passaram a ser requisitos indispensáveis para se escrever num sistema alfabético. Por essa mesma razão iniciava-se o aprendizado do aluno com a didática do professor totalmente voltado ao léxico, obrigando as crianças a reaprenderem a pronunciar começando pelas vogais, passando pelas sílabas até serem capazes de formar as primeiras palavras e diferenciar os sons da fala ou os fonemas.

O alfabetizando é considerado, segundo teoria de Emilia, um sujeito que ao interagir com a escrita é capaz de formular hipóteses, propondo e solucionando problemas no sentido de compreender a natureza, a função e o valor desse objeto cultural. Obviamente, não deve-se esperar que uma criança consiga formular e construir teorias sobre o universo e a origem do homem tendo apenas meros 4 ou 6 anos, mas através da aplicação da teoria do construtivismo a criança pode ter uma alfabetização que a ajude e facilite na criação da aprendizagem.

A criança, quando vista como sujeito do processo de alfabetização, não é simplesmente um receptor de dados iniciais, mas ao contrário, é um sujeito ativo. A criança alfabetizante é um construtor e produtor de seu próprio conhecimento, pautada sobre o que os autores chamam de “erros construtivos ou pedagógicos”, os quais são totalmente passíveis de compreensão. Entendendo que Piaget é basicamente o mestre da formação de Emilia, os autores fazem uso de suas colocações para fundamentar o embasamento do capítulo, ressaltando que os erros pedagógicos, na visão do próprio Piaget, são na verdade os pré-requisitos necessários para que a criança possa chegar no conhecimento necessário e na resposta correta.

Esses erros pedagógicos, que muitas vezes podem ser construtivos, ocorrem porque uma criança não consegue regularizar verbos irregulares de modo mecânico, por imitação ou reforçamento externo, já que entendemos que tal feito só é alcançado porque adultos comumente convivem com as crianças e ensinam. Porém, as crianças possuem internamente desenvolvida uma estrutura lógica cognitiva através da qual se possibilita um surpreendente grau de conhecimento sobre seu próprio idioma.

Embora o capítulo seja destinado às revisitações de Emilia Ferreiro sobre as pesquisas e teorias de Piaget, há um espaço no capítulo destinado a influência da psicolinguística contemporânea de Noam Chomsky. Chomsky criou a psicolinguística contemporânea em 1960, teoria essa que posteriormente os psicólogos tomaram como modelo de

ponto de partida, a usando para provar determinadas realidades psicológicas.

Por fim, o capítulo encerra tratando sobre os princípios básicos da psicogênese da língua escrita, três fundamentos utilizados para compreender a escrita enquanto um sistema de representação da realidade. O primeiro princípio volta-se para a não identificação do ato de ler com decifrar, defendendo a ideia de que não se trata somente de decodificar as grafias. O segundo princípio básico é a não identificação da escrita com cópia de um modelo, o que ocorre quando a alfabetização não mais é vista como a aquisição de uma técnica voltada à reprodução gráfica da língua falada. E, por fim, o último princípio diz respeito a não identificar progressos na conceptualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**Texto nº 20**

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo norte-americano, seguidor do Behaviorismo de J. B. Watson, e na década de 40, criou o Behaviorismo Radical com uma proposta filosófica sobre o comportamento humano. Nasceu em Susquehanna, Pensilvânia, Estados Unidos, no dia 20 de março de 1904. Filho de um advogado e de uma dona de casa desde cedo despertou o interesse sobre o comportamento dos animais. Ingressou no Hamilton College em Nova Iorque, com o objetivo de se tornar escritor. Em 1926 concluiu o bacharelado em Literatura Inglesa e Línguas Românicas. Durante dois anos se dedicou a escrever, mas concluiu que lhe faltava habilidades literárias.

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 4**

Informando o leitor sobre a origem do livro

Sobre o behaviorismo ou comportamentalismo, Skinner se destaca por compreender o comportamento e os processos de aprendizagem considerados relevantes para a educação. O behaviorismo segundo o teórico estuda e observa e descreve o comportamento observável como forma de ajustá-lo ao meio. O behaviorismo constituiu um conjunto de teorias, que focalizam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia.

**Move 1**

Estabelecer o campo

**Estratégia 5**

Apresentando o objetivo do livro

Na busca por métodos precisos e eficazes, embasados na experimentação Edward Lee Thorndike (1874-1949) ficou conhecido por criar a “Lei do efeito”, onde o indivíduo surtirá efeitos satisfatórios de aprendizagem seja a punições ou recompensas. Para Edward Lee, a punição pode surtir efeito satisfatório para que melhore seu comportamento

e desempenho, e a recompensa e que incentive a continuar no caminho certo da aprendizagem. O primeiro a usar o termo behaviorismo foi John Broadus Watson (1878-1958), este declarava que o grande foco da psicologia enquanto ciência objetiva deveria ser o comportamento concreto do ser humano, visando a sua previsão e controle. Há quem discorde de Watson, dizem que o behaviorismo não é uma ciência em si, mas sim, uma filosofia da ciência.

O condicionamento Clássico de Ivan P. Pavlov (1849-1936), este fez experimentos e estudou o comportamento reflexo, que é descrito pelo autor com o exemplo como o bebê arrepia involuntariamente, suga algo quando se coloca algo em sua boca, e deu o nome de estímulo neutro, que são estímulos naturais que uma criança desenvolve, frio, fome, sede etc. A importância do condicionamento clássico para a escola behaviorista foi demonstrando que é possível controlar respostas involuntárias-reflexas associando-as a determinado estímulos.

Adiante temos o condicionamento operante de skinner, também conhecido como condicionamento respondente. Essa teoria surgiu quando o teórico fazia experimentos com ratos, colocados em gaiolas eles tinham que apertar alavancas para poder beber e se alimentar, então os animais associavam o ato de apertar para poder comer, eles desenvolviam seus estímulos respondentes.

Há ainda neste capítulo uma abordagem voltada a educação enquanto aquisição de novos conhecimentos onde os autores mostram, através da concepção de Skinner, que a educação é vista como algo importante na vida da pessoa, levando em consideração que a educação compreende o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o sujeito e para outros em algum tempo futuro. A educação trabalha muito mais voltada para a aquisição de novos comportamentos do que com a sua própria manutenção. Seguindo essa linha de perspectiva entendemos que a educação prepara seus alunos para situações futuras e para as mais variadas circunstâncias.

Após tratar a respeito da aquisição de conhecimentos pela educação, o capítulo traz à tona a estreita relação ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva teórica de Skinner. Para analisar a relevância dessa relação é preciso proceder com uma avaliação adequada que propõe emitir respostas sobre a prática, ou seja, que demonstra o alcance ou não dos resultados em relação ao que a docência espera. Portanto, é preciso analisar o comportamento do aluno a fim de verificar suas necessidades de aprendizagem, pois só assim o repertório de comportamentos e aprendizagens mostrará se o resultado é ou não

**Move 2**  
Sumariar o  
livro

**Estratégia 8**  
Apresentando/  
discutindo o  
conteúdo

satisfatório.

Ao falar em repertório de comportamentos os autores propõem um diálogo sobre determinados comportamentos dos alunos em sala de aula, comportamentos estes que devem ser mantidos, como é o caso do comportamento do leitor. Se houver algum valor reforçador, como o elogio, a expressão, o sorriso do professor, dos pais, o comportamento é mantido. A leitura pode promover a habilidade de decifrar novas palavras e com o tempo promove o prazer.

O próprio Skinner deixa claro que há uma diferença considerável entre manter um aluno lendo pelo valor reforçador no comportamento de ler ou pela possibilidade de ser reprovado se não o fizer. Desse modo, o ensino carece de ser cuidadosamente planejado para que gradativamente o aluno consiga emitir o comportamento desejado mesmo sem que ocorram os reforçadores externos.

Há diversas críticas implícitas, nas entrelinhas, destinados ao campo docente, voltadas para a atividade do professor. Como quando os autores citam que se o aluno não aprende, possivelmente é porque o modo como ele aprende e o que faz com que ele aprenda de alguma maneira, não foram compreendidos pelos responsáveis pelo ensino. Justificando essa afirmação o próprio Skinner defende que toda criança possui potencial biológico quando nasce, potencial este que permite que ela aprenda alguma coisa, porém essa afirmação não significa necessariamente que o conhecimento nasça junto com ela.

Skinner defende ainda a aplicação de um programa que se resume na sequência de um material educativo, nada mais que textos programados, através dos quais nascerá um aluno adequadamente esforçado. Essa programação compreende alguns elementos básicos como o fato de que os alunos precisam a proceder diante de observações, análises e avaliações, se preparando para obter conhecimentos prévios. É preciso que o professor conheça e considera as dificuldades dos alunos, ou seja, organizando a sequência de ensino de uma forma progressista correspondente às dificuldades de cada um.

Esse planejamento proposto por Skinner requer a atenção para que se organizem etapas pequenas e que só se avance com o domínio de etapas anteriores, haja vista que um acúmulo de dificuldades pode resultar em desestímulo para o aluno. Assim, como os próprios autores mencionaram durante o capítulo e agora reforçam, para que o aluno possa se tornar competente em determinada matéria, é fundamental que os reforços sejam contingente ao fim de cada passo. Portanto, concluímos que uma programação de ensino, a partir do momento em que é bem

conduzida e possui real planejamento, poderá levar ao sucesso do aluno.

Logo, finalizamos concluindo que, segundo a leitura do pensamento de Skinner, a educação precisa seguir etapas de um progresso, precisa estar embasa em um planejamento. Uma das possibilidades de aprender está destinada ao que o autor chama de máquinas de ensinar, que são aparelhos com a utilização de passos graduais no processo de aprendizagem. Um método que busca levar o aluno a estudar individualmente, sem intervenção direta do professor, com apoio de um material previamente elaborado.

**Move 2**

Sumariar o conteúdo

**Estratégia 9**

Avaliando o livro

**ANEXO III**

### Texto nº 3

Gustave Flaubert (1821-1880) foi um escritor francês que escreveu o romance "Madame Bovary" que o fez levar aos tribunais, pois foi acusado de ofensa a moral e a religião. Foi absolvido pela Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena e condenado pelos puritanos, pelo tema adultério, pela crítica ao clero e à burguesia. Para tanto, é um dos representantes mais importantes do realismo francês. Gustave Flaubert nasceu em Ruão, Normandia, França, no dia 21 de dezembro de 1821. Filho do médico cirurgião Achille-Cléophas Flaubert e Justine Caroline Fleuriot. Em 1832, entra para o Colégio Real, desatento e desinteressado não gostava de estudar, preferia devorar romances. Compõe o semanário escolar "Arte e Progresso". Aos 15 anos é fascinado pelas peças de Shakespeare, Dumas e Vitor Hugo.

Na adolescência se apaixona por Elisa Schlesinger, mulher casada e onze anos mais velha que ele. Entre 1837 e 1845 escreve o drama "Luís XI" e as novelas "Fantasia de Inferno", "Paixão e Virtude". O amor impossível inspirou-lhe os livros "Memórias de um Louco", "Novembro" e "Educação Sentimental". Ele também estudou Direito em Paris, para satisfazer a vontade do pai. Mais tarde, conhece Louise Collet, separada do marido e mãe de uma jovem de 16 anos, vive uma aventura amorosa. Porém, em 1848, rompe o romance com Louise. Após, em 1851, por um longo período sem produzir, inicia "Madame Bovary", a mais famosa de suas obras, foram cinco anos de trabalho incessante, no qual escrevia e reescrevia a mesma página varias vezes. Em 1856, o romance começa a ser publicado na Revue de Paris, com alguns cortes, em vista da austeridade dos costumes da época.

Para tanto, a obra de Gustave Flaubert está dividida em três grandes partes e cada parte em capítulos, cada qual delas contará uma parte da trajetória da personagem: a apresentação e os primeiros amores, as aventuras e a ruína, nessa ordem. Nesta perspectiva, o autor expõe de forma crítica e reflexiva sobre o tema de sentimentos dos mais diversos, como o amor, o adultério, o desejo, o tédio e a tristeza. O romance de caráter psicológico, típico do romance do século XIX, época em que foi escrito. Flaubert foi um autor muito preocupado com o rigor formal de suas obras, demorando em torno de cinco anos na escritura do livro. No período de seu lançamento, em 1857, a obra foi considerada um escândalo e acabou sendo processado por imoralidade, por lidar com o tema do adultério. Mas diante disso, Marie-Antoine-Jules Sénard, advogado que defendeu o livro, ganhou uma dedicatória de Flaubert na abertura da obra, em que o autor diz que, com esse caso, o livro ganhou

Problemas  
com  
marcadores  
e rótulos  
discursivos

Não  
utilização de  
verbos no  
presente do  
indicativo

Verbo  
dicendi

uma autoridade inesperada por ele.

Além disso, o romance conta a história do casal *Bovary*, composto de Charles e Emma Bovary. Ele é apresentado como uma pessoa extremamente limitada e conformada com sua mediocridade, nas expressões do narrador: “Cumpria suas pequenas tarefas cotidianas como um cavalo de circo” (MB, p.19). Ao contrário dele está Emma Bovary, que procura viver os romances com que tanto sonhara em sua juventude, nunca se conformando com apenas o que tinha, em uma busca constante por uma satisfação plena de seu ser. Assim, diz o narrador; “[...] Emma buscava saber o que significavam exatamente as palavras felicidade, paixão e embriaguez, que tão belas lhe pareceram nos livros.” (MB, p.42). Diante disso, Emma Bovary, se entrega a sucessivos casos de adultério para fugir da vida medíocre que julga levar ao lado do marido, um médico de província. O romance, que termina com o suicídio de Bovary, causa escândalo na França.

Emma procura, fora do casamento, à satisfação que sua vida diária não seria capaz de trazer. Assim ela se apaixona por um escrivo jovem, Léon, que depois se muda para Rouen e a deixa deprimida. Após, Emma então, se vê seduzida por um aristocrata, Rodolphe, com quem vivem ardentes aventuras, assim, ela se apaixona perdidamente e deseja fugir com ele, como acontece nos romances. Porém, ele a rejeita com uma carta de despedida escrita com muito cinismo. Após sofrer essa desilusão amorosa e ser abandonada por ele, a personagem volta a reencontrar o escrivo, agora mais velho, e vive com ele também um caso de adultério. Enquanto isso, a personagem acaba envolvendo-se em empréstimos a fim de satisfazer sua luxúria e seu consumismo. No fim, sem amante e arruinada financeiramente, Emma toma veneno e morre e Charles, de amor, não suportando a realidade da traição da esposa, acaba morrendo também.

O texto é de suma importância, *Madame Bovary* é uma leitura essencial, sendo considerado um dos melhores romances da literatura, constituindo, possivelmente, o melhor dos livros do romance realista de caráter psicológico do século XIX. Sua grande importância está na qualidade estética e na profundez que o autor conseguiu atingir com seu texto, fortemente elaborado. Ademais, para revelar seu mundo, Flaubert coloca em cena uma personagem em total desacordo com sua realidade, com sua posição social e com seu sexo. É por meio dessa personagem que as ações desenvolvidas na narrativa são centradas e com os principais dilemas da obra.

Assim, Emma, mais do que uma adúltera, é uma personagem que

busca a liberdade, almejando romper com os limites sociais de seu sexo, pois na sociedade francesa daquele período, o direito da busca de satisfação intelectual e carnal estava limitado aos homens, ficando as mulheres em posição secundária. Diante dessa busca por libertação e desespero da personagem em procurar uma vida completa para si, ela transita pelos valores do casamento, pela fé, pela filosofia, pelos desejos carnis e pelos luxos materiais, não alcançando, jamais, satisfazer-se. Por fim, a morte de Emma, por envenenamento.

Assim, o autor faz, com seu texto, uma reflexão e decisiva análise crítica da sociedade francesa daquela época. No entanto, para atingir esse objetivo, o autor constrói o universo da obra de forma binária, expondo sempre dois lados: o campo e a cidade, o tédio e as diversões, a mediocridade e os sonhos, o burguês e o aristocrata e assim por diante. Deste modo, ao analisarmos o livro percebemos uma reflexão sobre o passado da literatura até os dias atuais. No qual o autor, conseguiu expor com clareza os resultados da obra, pois o mesmo mostrou os pontos importantes sobre o assunto abordado.

Portanto ao propor na obra, os temas relacionados aos mais diversos sentimentos, como o adultério o autor conseguiu mostrar esses pontos bem claros, suas ideias e intenções foram percebidas ao longo do texto.

Dessa forma, o texto é claro e objetivo, pois a obra é uma leitura essencial para qualquer amante da literatura, principalmente para aqueles que optam por leituras mais realistas, mais elaboradas em seu universo. Por ser um romance altamente complexo e de linguagem rebuscada, acredito que sua leitura ideal deve ser feita após uma respectiva maturidade intelectual, pois um leitor que não tem maturidade com esse tipo de texto, pode ter grandes problemas na leitura, não atingindo o nível de leitura recomendável a apreciação dessa obra.

Não  
conjugação  
em 3ª  
pessoa

#### Texto nº 4

Machado de Assis,(Joaquim Maria Machado de Assis) que foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Em suas obras abrange, praticamente, todos os gêneros literários e, Dom Casmurro,( 1890), é um dos maiores romances da literatura brasileira, que em 1880 sofre uma grande mudança estilística e temática vindo a inaugurar o realismo no Brasil com a publicação de Memórias póstumas de Brás Cubas(1881), é um dos mais polêmicos, mais lidos e analisado. Nesta

Não  
utilização de  
verbos no  
presente do  
indicativo

época, Machado de Assis já alcançara um grande prestígio e reconhecimento dos seus leitores e da crítica especializada.

A obra **possui** 148 capítulos curtos, em sua maioria, a narrativa é contada em primeira pessoa por Bento Santiago, mais conhecido por Bentinho, o qual recebera mais tarde o apelido de Dom Casmurro, pelo fato de ser visto como um homem calado, introspectivo. Sendo considerado como narrador personagem, pois é contada pelo próprio Bentinho, um homem de idade avançada, e que em meio a solidão e o isolamento nos quais se encontra, procura relatar a história de sua vida, ou melhor, ele faz uma retrospectiva sobre os fatos que lhe marcaram desde sua juventude até a fase adulta, a história de Bentinho que, por circunstância várias, vai se fechando em si mesmo e passa a ser conhecido como Dom Casmurro.

Tudo começa no ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Bentinho inicia falando acerca de sua infância, quando ele **morava** com a família na rua de Matacavalos. Órfão de pai, uma mimado, criado com desvelo pela mãe em Matacavalos (D. Glória, viúva), a matriarca, dominadora e protetora de seu filho, seu projeto de vida **era** claro, sua mãe **havia** feito uma promessa, em que Bentinho iria para um seminário e tornar-se-ia um padre, sofre com a ideia de separar-se do filho único, interno no seminário.

José Dias (o agregado), Tio Cosme (advogado e viúvo) e prima Justina (viúva), todos **mimavam** e manipulavam o Bentinho **eram** falsos, **estavam** apegados aos seus próprios interesses. **Possuía** uma vizinha que **conviveu** como "irmã-namorada" dele, Capitolina - a Capitu.

José Dias, que sempre **foi** contra ao namoro de Bentinho e Capitu, é quem consegue retirar Bentinho seminário, quase convencendo D. do Glória que o jovem deveria ir estudar no exterior. Ele **era** fascinado por direito e pelos estudos no exterior.

Capitu **era** pobre com um temperamento forte, dissimulada, perversa e manipuladora, fazendo todas as artimanhas para que Bentinho não cumprisse a promessa de ir para o seminário, não conseguindo fez de tudo sendo calculista, inteligente e criativa para que não permanecesse lá, pois se tornando padre não poderia casar com ela, demonstrando ser muito ambiciosa e sedutora, acaba por conseguir persuadi-lo, acaba por conseguir e casa com ele tendo um filho, o Ezequiel.

Destacando, assim, como pontos positivos do romance quase que proibido de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente; os questionamentos do protagonista acabam nos confundindo também, e por isso, a curiosidade por compreender o desenrolar dos conflitos da trama. E **podemos** considerar como negativos alguns exageros nos detalhes, que se

retirados da obra, não dificultariam sua compreensão.

Sendo uma crítica à sociedade da época pois, a obra **era** em relato considerado como adultério do ponto de vista do marido, passando se os anos a recepção ao livro com os direitos da mulher se tornando maior no mundo, surgindo outras possibilidades de interpretação, sendo analisada também como ciúme doentio ao ponto de cegar o narrador e na situação imaginária criando assim uma traição.

Eu **recomendo** a leitura do clássico da Literatura Dom Casmurro por que é um dos livros que o leitor ao embarcar nesse romance de Machado de Assis, percebe a sua maestria na forma em que **construiu** a história, e o mesmo **deu** um ar de ambiguidade à trama, fazendo com que o leitor ora acaba concordando com os argumentos de Bentinho, ora acaba desconfiando dos seus pensamentos neuróticos e cercados de ciúmes, e isso **fez** com que a obra se tornasse interessante. Sempre instigará os leitores a ter vontade de ler, primeiramente pelo fato do seu grande reconhecimento nacional, e também, pelas questões em volta do suposto adultério de Capitu, fato que ainda intriga várias pessoas, as quais buscam uma resposta louvável para tal questionamento.

Não  
conjugação  
de verbo em  
3ª pessoa

### Texto nº 5

Dom Casmurro é o nome de um romance escrito por Machado de Assis no ano seguinte pela Livraria Garnier. Após Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, esta obra **completa** a chamada "trilogia realista" de Machado de Assis. Dom Casmurro está dividido em 148 capítulos, na sua maioria curtos. O enredo não é dinâmico e a narrativa é interrompida a todo momento por pensamentos ou lembranças fragmentadas. A narração é feita em primeira pessoa por Bento Santiago, que **relata** a história de sua vida. Trata-se de uma pseudo-biografia de um homem envelhecido que parece preencher sua solidão com a recordação de um passado que marca seu sofrimento pessoal. É uma visão amarga e doída de quem foi machucado e traído pela vida, e por isso, vai-se isolando e ensimesmando. O título da obra reflete tal ideia: Casmurro é um termo referente ao homem calado e metido consigo. O "Dom" é uma ironia, pois atribui importância, destaque a este homem isolado. A história se passa por volta de 1857, na cidade do Rio de Janeiro. O narrador realiza uma trajetória pelos bairros e ruas do Rio, desde o Engenho Novo, onde escreve sua obra, até a Rua de Matacavalos, onde **passou** sua infância e **conheceu** Capitu (Capitolina). Bentinho e Capitu casam-se em 1865 e separam-se 1872. Depois de alguns anos tentando ter um filho, Capitu dera

Verbo  
dicendi

Não  
utilização  
de verbo  
no  
presente  
do  
indicativo

à luz Ezequiel, cujo nome é uma homenagem ao melhor amigo de Bentinho, Ezequiel Escobar, a quem **conheceu** quando **estudaram** juntos no seminário. Bento enxerga no filho a figura do amigo recém-falecido, afogado na praia, e fica convencido de que fora traído pela mulher, o que faz Bento recorrer ao suicídio. Neste momento Ezequiel entra em seu escritório, e Bento decide matar a criança, desistindo no último momento. Ao invés disso, **fala** ao garoto que não é seu pai, e Capitu escuta tudo, lamentando-se escrever outro livro, agora sobre "a história dos subúrbios".

Dom Casmurro é de autoria de Joaquim Maria Machado de Assis. Importante obra da literatura brasileira, o livro é composto por capítulos curtos acompanhados por títulos que explicam com a leitura. É importante realizar uma apreciação geral da obra abordando os aspectos para discussões. Para manter o romance mais próximo da realidade, o narrador cria rompimentos com a história linear, e Bentinho no decorrer da narrativa, lembra de pequenas histórias paralelas, quebrando o ritmo, dando um aspecto quebradiço a obra. Fica claramente a impressão de que a história realmente **foi** contada por alguém, já que isso é muito comum quando uma história é narrada a alguém, pois um fato faz lembrar-se de outro, e assim por diante. Dom Casmurro **apresenta** as memórias corroídas de Bento, o personagem narrador, cujo título é explicado no capítulo I.

No decorrer da narrativa, Bentinho lembra fatos de seu passado, da infância e todas as etapas até chegar ao seminário. Fato esse justificado no Capítulo em que cita a Promessa já que aos seus quinze anos é acometido a ir para o seminário, a fim de tornar-se padre, como queria por promessa sua mãe, que a **fez** após uma complicação na gravidez. Por outro lado, ele **tinha** a convicção de que a sua vocação não **era** se tornar um indivíduo. Completando essa certeza, nutria uma paixão por Capitolina, sua vizinha, então com quatorze anos, com quem **passou** toda a infância. Além disso, Capitu e Bentinho **eram** muito amigos e ambos se **queriam** por perto. Bentinho **caiu** em si, mas **foi** com o seu primeiro beijo que teve a total confirmação.

Surge então um embaraço psicológico em Bentinho, ele não **queria** ir para o seminário, mas se recusasse a vontade da mãe, **temia** que ela se desesperasse, devido à promessa realizada. Mesmo assim, Capitu e Bento **fizeram** um juramento que iriam se casar, independente do que houvesse de acontecer. Mesmo com todos os esforços, a ida **era** certa, e assim **partiu** Bentinho para o Seminário. **Foi** neste cenário que ele percebe que não **foi** tão mal assim sua estadia lá, uma vez que conhece seu melhor amigo, Escobar, também seminarista.

Já no seminário, a amizade entre Bento e Escobar **aumentava**

cada dia mais, inclusive com trocas de segredos e visitas a sua casa, nos dias de folga. **Surgiu** então dele, a idéia que remendaria a situação, D. Glória daria ao seminário, um filho adotivo, para que fosse este padre. Aceitada a proposta pela mãe, Bentinho **deixou** o seminário. E assim feito, **foi** então estudar Direito em São Paulo, **formou-se** então no Dr. Bento Santiago e logo após, **contraiu** matrimônio com Capitu, assim como fizera em promessa. Mesmo assim, **continuou** intensamente sua amizade com Escobar, agora um sucedido comerciante. Bento e Capitu, mesmo felizes, desejavam ter um filho, e embora demorando a chegar, nasce Ezequiel, nome dado em homenagem ao amigo Escobar. Com um salto no tempo, anos depois, em uma tragédia, Escobar morre afogando-se no mar. Durante o enterro, Bento **observa** algo que lhe **deixou** pensativo: a forma com que Capitu olha o falecido ao caixão. E surge uma dúvida que nunca mais esquecerá: *Será que ela **gostava** de Escobar?*

A partir disso, Bento começa a notar que seu filho Ezequiel tem traços de Escobar e, a medida que cresce, a semelhança aumentava. Ele até planeja se matar e ao filho, mas acaba por tomar outra solução, e a história se desenlaça ao mandar Capitu e o filho para a Europa. A comunicação passa a ser somente via cartas, de modo secamente. Anos depois, morre Capitu e Ezequiel vem ao Brasil. Já moço é o perfeito Escobar, com poucas diferenças relevantes. Daí ele vai ao Egito com amigos e acaba por morrer de febre. E o livro chega então ao fim, com o Sr. Bento, velho, solitário, e rabugento, em outras palavras, um verdadeiro Dom Casmurro.

Analisando os personagens mais importantes do romance, **percebemos** que há uma grande análise psicológica de cada um deles, principalmente de Bentinho e daqueles que mais exercem influência sobre ele. **Podemos** notar que Machado dá uma grande ênfase aos olhos, como sendo o espelho da alma. Este é o porquê da definição de José Dias sobre Capitu.

Bentinho acaba tendo uma conversa franca com o leitor, e se intromete em vários pontos da história para emitir sua opinião ou fazer uma observação. Além disso, ele deixa claro como ele se sente em cada momento, suas alegrias, suas diversões, seus medos, suas angústias, tudo isso é transmitido ao leitor a cada passagem do livro. Além disso, ele não tem certeza de tudo o que ocorre ao seu redor, muita coisa é deixada no ar, propositadamente subtendidas. As emoções que ocorrem com outros personagens muitas vezes são um mistério e acabam passando despercebidas.

Também existem os fatos que cercam Capitu, que durante sua

Não
conjugação
em 3ª
pessoa

infância **mostra** ser visivelmente mais pobre que Bentinho. Será que sua luta por não deixar Bentinho era por amor ou por dinheiro? Capitu **traiu** Bento, ou ele fantasiara tudo isso em sua crise de ciúme? Estas e as outras perguntas não são resolvidas no fim da história e muitas vezes causam polêmica até hoje.

Dom Casmurro **apresenta** ser bastante verdadeiro, já que **apresenta** a sociedade brasileira do século XIX e seus costumes. **Mostra** o amor, através dos olhos de um adolescente, **mostra** o jogo de interesses no cumprimento de promessas, os interesses sociais que cercam a vida eclesiástica. Dom Casmurro, é um excelente livro, elegante e ao mesmo tempo de prazerosa leitura, que nos envolve do começo ao fim, incumbindo o leitor de tirar suas próprias conclusões, no melhor estilo machadiano, onde o leitor cria uma certa dúvida “ será que Capitu traiu mesmo ?”. Pelo ciúmes de Bentinho, que, segundo ela, fora despertado pela casualidade. Após inúmeras discussões, o casal decide separar-se e o protagonista se torna, pouco a pouco, o amargo Dom Casmurro. Capitu morre no exterior e Ezequiel tenta reatar relações com ele, mas a semelhança extrema com Escobar faz com que Bento Santiago continue rejeitando-o. Ezequiel acaba por morrer de febre tifóide durante uma pesquisa arqueológica em Jerusalém. Ao final, o narrador parece menosprezar um pouco a própria obra.

O autor **mostra** seus pontos negativos e positivos na obra, onde ele mesmo aparenta menosprezar a própria história, na história o autor deixa bem claro que a relação central não é nem tanto o adultério mas sim como o Machado introduz a história na literatura, onde ele cita também as ordens das classes.

No meu ponto de vista o ponto positivo é o romance de Capitu e Bentinho torna a história mais atraente, os questionamentos do protagonista acabam as vezes nos confundindo e a curiosidade de desenrolar o conflito da história. O ponto negativo alguns exageros nos detalhes que eles **citam** onde dificultaria a compreensão da história, mas Dom Casmurro é uma obra muito boa de ler, interessante, onde o leitor cria sim uma certa dúvida, mas por mais que essa dúvida a vezes deixa por parecer, a obra é ótima.

## Texto nº 6

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) **nasceu** em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. **Foi** um grande escritor

Brasileiro, suas obras teve o marco Naturalista da época.

O livro “ O cortiço” de Aluísio de Azevedo é um romance naturalista publicado pela primeira em vem em 1890, ao decorrer dos anos o livro teve diversas adaptações e edições, em 1970 o livro **foi** transformado em filme pela direção de Francisco Ramalho Jr.

O livro inicia-se com a historia de João Romão imigrante português, um Homem trabalhador por sinal porem carregava uma ambiciosidade tamanha, empregado de um vendeiro que **enriqueceu** entre os quatros paredes de uma escura taberna de botafogo, João Romão economizara bastante durante anos de trabalho, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe **pagou** os vencidos e ainda **deixou** em suas mãos a venda com tudo que **estava** dentro e um conto e quinhentos em dinheiro, João Romão agora **trabalhava** incansavelmente no desejo de enriquecer-se a todo custo, abrindo mão de privações **dormia** no balcão da venda, **comia** com quatrocentos reis por dia de uma quitandeira e vizinha Bertoleza escrava de um velho cego e amigada com um português que tinha uma coroça de mão que fazia frete na cidade, Bertoleza que também **trabalhava** e **juntava** suas economias para pagar sua carta de alforria, um dia, porém o homem Bertoleza puxando uma carga superior as suas forças **caiu** morto, João Romão **tomou** as dores da amiga e **foi** falar com seu senhor, pedindo ele que a partir de então cuidasse de sua escrava e cuidasse de suas economias, diante há esse dia João Romão **tornou** se o caixa procurador e conselheiro da crioula, em pouco tempo ele cuidava de tudo que entrava e saia nas produções da quitanda de Bertoleza, ganhando assim confiança da mulher que **aceitou** a proposta de morarem juntos, João Romão então passou então **comprou** uma terra ao lado da quitada e lá **construiu** uma casinha de duas portas, depois de um longo dia na Rua João Romão **chegou** a casa com um papel debaixo dos braços e leu à crioula, que ela já não tivera mais senhor a partir dai seria livre, os dias de trabalho aumentaram trabalham dia e noite até que João Romão por meio de furtos durante a noite com Bertoleza roubavam matérias de construções próximas, construíram casinhas para alugar ponto de partida do grande cortiço de São Romão, o vendeiro aos poucos foi possuindo todo terreno perto de sua quitanda, na qual se multiplicava os números de moradores, até comprar uma boa parte de uma velha pedreira que tinha por perto, a historia também **apresenta** o personagem Miranda, interessado numa parte de terra de João Romão para aumentar seu quintal, os vizinhos se estranham mais quando Miranda recebe o titulo de barão fazendo João Romão se encher de inveja com o novo titulo social do vizinho, assim o cortiço **crescia** cada vez mais, os moradores das casinhas de João **eram** os

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Verbo  
dicendi

mesmos que **trabalhavam** para ele na pedreira, e também almoçavam na quitanda de Bertoleza, fazendo que todo seu dinheiro expandisse cada vez mais, o cortiço assim **passou** ser cenário de histórias nada convencionais, cheio de confusões e paixões proibidas, rodeado de vidas rotineiras, com problemas sócias refletindo a época que se passava, mesmo com algumas privações a gente do cortiço tinha lá seus momentos festejantes cheio de danças e comidas e muita bebida, cada personagem tem sua história simples porém cheio de devaneios, entrelaçando entre si, fazendo do livro o cortiço único e até uma grande crítica na época.

O livro o “ O cortiço” não é apenas uma obra qualquer, **retrata** um contexto social que passava no Rio de Janeiro, especialmente onde acontece toda história do livro em Botafogo, sendo um grande marco do Naturalismo brasileiro, a ambição de João Romão lembra bastante o Capitalismo na exploração que dá uma impressão de drama social e econômico que os personagens se **encontravam**, a presença de zoomorfização na obra uma figura de linguagem, onde aproxima o comportamento do homem ao animal, muito influenciado pelo Darwinismo que o homem é um ser instintivo que se comporta pelo instinto aproximando do modo irracional.

Há também realidade das classes sociais, exploração do homem pelo homem no caso João Romão fazendo Bertoleza trabalhar cada vez mais privando cada vez mais de uma vida digna, exploração de João Romão na quitanda de Bertoleza cobrando e roubando cada vez mais dos seus clientes.

No livro a presença de adultério se passa quase como um fato quase que rotineiro, no caso de Rita Baiana cheio de sensualidade por onde passa e notada e desejada, no cortiço **era** idolatrada por todos, que tinha um romance com Firmino mais logo se **viu** metida com português que João Romão acabara de contratar na pedreira, Jerônimo homem bem honroso e trabalhador, bom marido e pai de família mais se **invocou** com Rita acabou caindo em adultério e se **modificou**.

A presença de determinismo na obra de Aluísio na qual o meio determina o homem, essa característica está presente em toda obra, adultério e escravidão acontecem quase como se tudo já estivesse determinado pelo meio social e que as histórias de cada personagem só mudaria se o contexto fosse outro, outra raça ou até sexualidade.

#### **Texto nº 7**

“O Cortiço” (1890), **conta** a história de João Romão, proprietário do

cortiço, imigrante português, grosseiro, avarento, esperto e ambicioso. Em seu empenho de ganhar dinheiro, faz inúmeros sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada: engana, **explora** os outros e até rouba com a ajuda de sua companheira Bertoleza, uma escrava fugida. E através destes pequenos furtos de materiais de construção, o cortiço de João Romão vai aumentando.

Verbo  
dicendi

A nível da linguagem, como é comum na escola naturalista, o narrador surge na terceira pessoa e é onisciente. Tendo acesso às ações e pensamentos de todos os personagens, podendo julgar e analisar os mesmos para comprovar a sua tese. Além disso, através dos ensinamentos de Zola, Aluísio Azevedo faz uso de descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. E para muitos estudiosos o personagem principal de “O Cortiço” é precisamente o Cortiço, uma entidade coletiva, o que faz sentido à luz do Naturalismo, que valoriza mais o coletivo que o individual.

O cortiço São Romão descrito na obra, é habitado pelas classes mais baixas e marginalizadas: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas, entre outras. Nele surge representações de comportamentos tidos como promíscuos **e** viciosos, atribuídos na época aos pobres, aos negros **e** mestiços, trazendo duras críticas à sociedade da época **e** retratando o ser humano como um ser animalesco, que é movido apenas pelas suas vontades **e** seus desejos. Daí o autor ao longo da obra **descreve** casos de violência, homossexualidade, prostituição **e** traição conjugal.

Problema  
com  
marcadores  
e rótulos  
discursivos

Descrições estas que de fato fazem a obra ser considerada um romance de tese (romance naturalista), que pretende provar uma teoria: que o indivíduo é produto da sua hereditariedade, do meio e do momento histórico em que vive, sendo determinado por esses fatores e se esgotando neles. Porém, analisando a obra com o meu olhar atual, classificaria que estes determinismos nada mais são do que formas de tentar justificar, cientificamente, preconceitos raciais e de classe.

Não  
conjugação  
de verbos em  
1ª pessoa

Já ao **analisarmos** a Burguesia da época retratada na obra de Aluísio Azevedo, **temos** o típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, representando o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. Estes aspectos são expressos na obra através do personagem Miranda que vivia em um sobrado próximo ao cortiço São

Romão, e mesmo vivendo nas proximidades deste cortiço, a vida de Miranda **era** o oposto total da vida dos habitantes que lá viviam.

Com estes aspectos expressos na obra, Aluísio Azevedo traz um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da consequente exploração das camadas mais frágeis da população. De fato, fica evidente a exploração do pobre pelo rico. Ao **abordarmos** os determinismos expressos na obra, **temos** de forma explícita a transformação que Jerônimo sofre durante a sua estadia no cortiço. Sendo no começo descrito como um trabalhador esforçado e cumpridor dos seus deveres, mas ao decorrer da história vai se “abrasileirando” graças a comida e a bebida do Rio de Janeiro. A boa imagem que o autor passara de Jerônimo se destorce quando o mesmo não resiste aos encantos de Rita Baiana. Atingindo o seu ápice quando já contagiado pela malandragem e a violência do local, Jerônimo mata Firmino e foge com Rita.

De fato, a obra O Cortiço é revolucionária para a época tendo em vista que ela **retrata** a homossexualidade e quebra diversos padrões, retratando o ser humano com os seus maiores defeitos, como a cobiça de João Romão, o adultério de D. Estela, visto que o adultério no Brasil **deixou** de ser crime só em 2005, o desejo desenfreado de Jerônimo pela Rita Baiana, o caso de Henrique com uma das lavadeiras, Pombinha tornando-se prostituta. Aluísio, também como abolicionista, **retrata** por meio da obra o caso de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e subtratamento da escrava perante todos.

Sendo assim, efetivamente, O Cortiço é uma das maiores críticas à sociedade Carioca que se formava. Aluísio Azevedo através de sua obra **destaca** o que há de mais sórdido no ser humano. Porém não a partir de dramas pessoais, mas pelo estabelecimento de um enredo que parece uma pintura panorâmica, em que cada cena compõe uma dor existencial distinta. Em vista disso, é possível afirmar que este livro é um expoente máximo do movimento naturalista, portanto “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, torna-se leitura obrigatória para quem vai fazer ENEM e vestibular no Brasil. Mas, fora essa obrigação escolar, **recomendo** este livro para todos que apreciam a boa literatura brasileira clássica.

Partindo do meu ponto de vista, **acredito** que obras como O Cortiço e outras do gênero merecem maior espaço na leitura juvenil, pois obras como estas trazem em seu conteúdo um caráter universal, podendo ser lida em qualquer época e ainda tendo em vista que, diante da leitura de obras deste nível **podemos** encontrar males do século XIX que ainda estão presentes no século XXI.

Não  
utilização  
de verbo  
no  
presente  
do  
indicativo

### Texto nº 8

Esta obra é uma proposta pedagógica de Literatura escrita por o autor Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, **nasceu** no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e **faleceu** também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, **era** natural que Machado escolhe-se o nome do autor de O Guarani para seu patrono. **Ocupou** por mais de dez anos a presidência da Academia, que **passou** a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Não  
utilização  
de verbos  
no presente  
do  
indicativo

Para entender mais, Dom Casmurro **conta** uma história de um homem muito velho, já no final da sua vida, lembrando desde a infância até a vida inteira. O personagem é conhecido como Bento/Bentinho, o apelido vai se tornando dom casmurro, como já **diz** José Dias no livro: “*Não consulte dicionários, casmurro está aqui não no sentido que eles dão, mas no que põe o povo, de homem calado se metido consigo mesmo, Dom veio por ironia mesmo, para atribuir os ares de fidalgo*” ele ganha esse apelido por causa da casmurrice dele, isso era raiva, rancor um peso no coração.

Verbo  
dicendi

O Bentinho **foi** uma criança muito esperada a mãe dele fez promessa para ele nascer com saúde, sua promessa **era** que quando Bentinho crescesse ia ser Padre no final das contas, Bentinho **foi** uma criança muito mimada e muita amada. Ao crescer começa se apaixonar por sua vizinha, segundo José Dias, Capitu possuía “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, mas para Bentinho os olhos pareciam “olhos de ressaca”; “Traziam não **sei** que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca”, Capitu **era** moleca, gostava de brincar de aprontar, faladeira más muito inteligente. Bento e Capitu se apaixonaram, eles poderiam ficar juntos? Não, pois Bentinho tinha que ir para seminário estudar para ser Padre e não poderiam ficar juntos. No decorrer da história Bentinho faz amizade com Escobar no seminário, juntos eles conseguem convencer os pais para eles saírem do seminário. Bentinho se forma em Direito e se casa com Capitu, e a melhor amiga de Capitu se casa com Escobar. A felicidade de Bentinho se completa ainda mais com o nascimento de seu filho Ezequiel e um fato começa a levantar a desconfiança de Bentinho, seu filho começa cada vez mais ficar parecido com seu amigo Escobar, no entanto uma fatalidade ocorre e muda completamente o rumo da história, Escobar

vai nadar e acaba morrendo afogado, durante o velório Capitu se comporta de maneira muito estranha, como se alimentasse um amor secreto por Escobar.

A partir desse momento Bentinho começa a suspeitar de um adultério de sua esposa com seu melhor amigo, o tempo passa e nada muda as convicções Bentinho, ele é um personagem tão importante do Realismo porque ele vai contra tudo o que aconteceu no Romantismo, Bentinho é um homem possessível, obcecado, ciumento, tinha vários pensamentos escuros.

O tempo passa e nada muda as convicções de Bentinho, que acaba enviando sua esposa e seu filho para Europa, com a desculpa de um suspeito tratamento de saúde, Capitu morre um tempo depois seu filho morre também em Jerusalém onde estudava artefatos arqueológicos. Por fim Bentinho vai em uma peça de Shakespeare, que **conta** uma tragédia ocorrida por ciúme, e suspeita de traição injusta, que termina com a morte da mulher inocente, Bentinho nunca mais consegue aceitar sua vida, e se torna uma pessoa endurecida e amarga.

Dom Casmurro é uma obra do Realismo, ele é caracterizado personagens com mais defeitos do que qualidades, e as temáticas, são bastantes distintas daquelas que **aborda** o Romantismo por exemplo, dentro dessas temáticas **podemos** destacar o adultério, ambição e à vaidade. No Romantismo os triângulos amorosos **eram** formados basicamente pelo mocinho, pela mocinha **e** pelo vilão, que lutava contra a união do mocinho com a mocinha, no Realismo nós **temos** o Bentinho o seu melhor amigo, que não é vilão **e** nem mocinho **e** a Capitu que não é vilã **e** nem a mocinha, além disso a obra Dom Casmurro trabalha com uma possível traição feminina, o que quebra completamente com os paradigmas do Romantismo onde a mulher é idealizada, também **podemos** perceber na obra que ela é narrada em ordem cronológica ou seja os eventos e fatos possui datas e uma cronologia bem definida.

Além disso o Romance é narrado em primeira pessoa e funciona como uma espécie de pseudo-biografia de Bentinho, **podemos** perceber também que o enredo da obra não é dinâmico, mas predominam fator psicológico da narrativa de Bentinho, e talvez o traço mais marcante da obra Dom Casmurro que não há comprovação da traição de Capitu, em nenhuma parte do texto está escrito efetivamente que ela **traiu** ele, e por isso a conclusão se houve ou não a traição fica a cargo do leitor.

Problema  
com  
marcadores  
ou rótulos  
discursivos

Não  
conjugação  
dos verbos  
em 3ª  
pessoa

### Texto nº 9

Publicado pela primeira vez em 1875, “O Crime do Padre Amaro”, denuncia a corrupção dos padres, que manipulam a população em favor da elite, e a questão do celibato clerical. É com esse livro que Eça de Queirós inaugura, na prosa, a estética do realismo-naturalismo em Portugal. A obra caracteriza-se pelo combate ao idealismo romântico que se estabelecia até então, em prol de uma visão mais crítica da sociedade. Sua versão definitiva foi publicada em 1880.

Amaro Vieira, o personagem principal, ordena-se padre para obedecer ao testamento deixado pela patroa de sua mãe a Marquesa de Alegros que fora desde sempre sua protetora. Ele, na verdade, não teve uma infância que permitisse outra escolha, já que, como órfão, esteve sempre ligado às questões eclesiásticas. Viva na igreja e entre beatas. Após o período de clausura, é mandado para uma cidadezinha muito pobre, calma até demais. Amaro não aguenta e pede pra sair. Com a ajuda de sua tia rica, consegue transferência para Leiria, e lá as tramas desenrolam-se.

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Amaro é mentalmente fraco, não suporta pressões e quando conhece Amélia, essa condição fica cada vez mais explícita e difícil de administrar. Sua posição de “homem da Igreja” não permite paixões mundanas, contudo, consegue livre acesso à casa de São-Joaneira que é o recanto das beatas, e com isso, também a influência que beira a manipulação entre as senhoras. Esses dois lados (homem X padre) entram em conflito e Pe. Amaro demonstra não ter escrúpulos, culpa ou remorso. Deixa-se levar pela situação.

Acerca da linguagem do livro, “O Crime do Padre Amaro” Conta com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de uma narração onisciente que delinea os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

Verbo  
dicendi

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido.

Quando publicado, O Crime do Padre Amaro causou rebuliço na

sociedade, principalmente por **conta** dos movimentos da igreja, revoltada com a forma da representação moldada por Eça de Queirós. Aclamado, o romance é tido como um documento humano da sociedade portuguesa da época.

De fato, **podemos** considerar que o personagem Amaro Vieira representa os jovens que foram obrigados a serem padres, sem ter vocação nenhuma. Ainda jovem **perdeu** os pais e **ficou** sob os cuidados dos tios que não lhe davam sossego, entrar para o seminário seria cumprir uma promessa imposta pela mãe, além de poder usufruir dos benefícios que os padres detinham naquela época.

Naquela época (segunda metade do século XIX), o ocidente vivia um período de grandes transformações, com a Segunda Revolução Industrial. O cientificismo **passou** a predominar, com novas correntes filosóficas e teorias, entre as quais o positivismo de Comte, o determinismo de Taine, o evolucionismo de Darwin e o socialismo científico de Marx e Engels. Daí a substituição do romance de entretenimento pelo romance de tese, que visa **descrever** e explicar os problemas sociais sob a luz das novas idéias. Neles há crítica, muitas vezes feroz, às instituições que servem de base para a sociedade burguesa, como o Estado, a Igreja e a família. Portugal, que muito tempo antes havia deixado de acompanhar o progresso de outras nações europeias, passa nesse momento a servir de palco para a mobilização de jovens que ansiavam por mudanças radicais. É nesse contexto que Eça de Queirós começa a se destacar.

O autor, além da crítica feroz que desfere contra o clero, toca também em outro tabu da época: a sexualidade. É comum que os escritores vinculados à corrente naturalista, como era Eça na época em que **escreveu** esse romance, darem ênfase ao erotismo que domina os personagens. Isso faz parte de sua caracterização, como apregoa o determinismo de Taine, segundo o qual os seres humanos são submetidos ao condicionamento pela herança, pelo meio social e pelo contexto histórico, que regem seu comportamento. Isso significa que, embora os personagens tentem, num primeiro momento, se prender a um padrão moral mediado pela consciência, acabam agindo pelos impulsos naturais de sobrevivência da espécie, principalmente o desejo sexual.

A trama apresentada por Eça de Queirós é bem construída e amarrada, trazendo algumas surpresas pontuais. As descrições dos ambientes não são aprofundadas. Existe toda uma construção psicológica dos personagens, mostrando suas angústias e dramas. Durante a leitura **podemos** ver o envolvimento político da Igreja, sua força e influência sobre os devotos na época. Além disso, **vemos** a participação da Igreja na

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

construção da sociedade, bem como sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade. Existe ainda toda uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade da época.

“O Crime do Padre Amaro” é uma história de agarrar qualquer leitor, oferece uma crítica dura, mas lúcida do egoísmo humano e é um dos mais interessantes tratados sobre a hipocrisia do machismo, lido hoje em dia, no século 21, fica explícito o universo machista e patriarcal que gera monstros como Amaro e vítimas como Amélia. É uma bela obra representante do realismo-naturalismo, que **mostra** o comportamento de Amaro como resultado do meio em que **viveu** e das influências que **sofreu**. Pena que as pessoas forcem a leitura de “O Crime do Padre Amaro” por causa dos vestibulares pelo Brasil. Odeio essa pressão, literatura tem que ser lida por prazer

**Gostei** muito da obra. A coragem de abordar o tema e a forma como Eça de Queiros o fez.

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

#### Texto nº 10

Aluísio Azevedo (1857-1913) **foi** um escritor brasileiro. **Criou** o naturalismo no Brasil. "O Mulato" **foi** o romance que **iniciou** o Movimento Naturalista no Brasil. **Foi** também caricaturista, jornalista e diplomata. É membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo) **nasceu** em São Luís, Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Em 1871 **matriculou-se** no Liceu Maranhense e **dedicou-se** ao estudo da Pintura. Com 19 anos **foi** levado pelo irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro. **Começou** a estudar na Academia Imperial de Belas-Artes, onde **revelou** seus dons para o desenho. Logo **passou** a colaborar, com caricaturas para os jornais "O Mequetrefe", "Fígaro" e "Zig-Zag".

O Cortiço (1890), expressão máxima do naturalismo brasileiro, **foi** publicado em 1890 sob a influencia do Realismo/Naturalismo. Sua coordenação editorial foi feita por Cristian Muniz e a revisão feita por Simoni Ri vai Garcia e Geovana Muniz Tiltsther, publicado pela editora PAE no ano de 2009. O livro o cortiço **retrata** o cotidiano de famílias pobres, humildes, excluídas, em meio a burguesia onde todos são obrigados a conviver juntos com seus vícios e problemas determinados pelo lugar em que vivem num cortiço na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

A obra é dividida em 23 capítulos, onde é narrada em 3ª pessoa cuja o narrador é onisciente. São explorados dois espaços. O primeiro

Não  
utilização  
de verbo no  
presente do  
indicativo

Verbo  
dicendi

onde se passa a história que é um amontoado de casebres, ou seja, o próprio cortiço. O segundo é o sobrado do comerciante e negociante português Miranda, e sua família.

O livro primeiramente retrata a vida de João Romão e seu demasiado enriquecimento. Ele usa de atos ilícitos como o furto para alcançar seus objetivos. João Romão é um imigrante português grosseiro, avarento, esperto, ambicioso e é dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Sua mulher Bertoleza a quem ele engana com uma falsa carta de alforria trabalha incansavelmente o ajudando.

Miranda seu vizinho é um comerciante muito rico eles entram em atrito por um pedaço de terra que João Romão vive para trabalhar de domingo a domingo, onde o dinheiro é a única coisa que interessa para conseguir comprar mais bens. O mesmo com inveja de seu vizinho, começa a trabalhar e em seu empenho conseguir ganhar dinheiro, faz muitos sacrifícios pessoais e não se detém diante de nada para conseguir mais bens e status que ele.

Miranda ganha o título de barão e isso fez com que a inveja de seu vizinho aumentasse, então ele percebe que não bastava ter só dinheiro e não ter status ou posição social. No cortiço também vivem a Rita Baiana, o capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade. O romance retrata a exploração do homem pelo homem. A relação entre os vizinhos começa a melhorar devido ao título de superioridade que Miranda recebeu.

Com isso o cortiço, deixa de ser desorganizado e miserável, e passa a chamar Vila João Romão. João Romão se interessa pela filha de Miranda e a pede em casamento com a intenção de entrar para família e conseguir status social pois o dinheiro ele já possuía. Então ele precisa se livrar da amante Bertoleza para estar livre para o casamento, ele tem a ideia de denunciar Bertoleza para seus legítimos donos já que ela é uma escrava fugida (que pensa ser alforriada) com a chegada dos seus donos Bertoleza enfia uma faca no próprio ventre, deixando assim João Romão desamarrado.

A obra retrata a influência do naturalismo/romantismo, cujo período se caracteriza pelo determinismo, isto é, a ideia de que a natureza escolhe o destino dos personagens e suas condições dos valores sociais.

O cortiço é um dos romances mais importantes, e com grande importância para a literatura, é um livro indicado para todos que apreciam romances e aventuras, mas também retrata a miséria e a tristeza das pessoas. A obra faz uma dura crítica social, denuncia preconceitos raciais e a exploração do homem pelo homem. O Cortiço é uma das maiores críticas à sociedade fluminense que se formava.

Aluísio, como abolicionista, **conta** a história de João Romão e Bertoleza, mostrando a exploração e sub tratamento da escrava perante todos. O livro **salienta** o cortiço como uma comunidade onde os moradores moram em quartos que são alugados por preços abusivos e os moradores são humilhados, principalmente os negros que sofrem com preconceito racial e de classes superiores como a burguesia. **Retrata** também os infortúnios da época como a prostituição, assédio, adultério, inveja, traição e a hipocrisia.

Não só **recomendo** a leitura do livro como acho de extrema necessidade que as pessoas tenham a oportunidade de ter contato com a obra citada.

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

### Texto nº 11

O presente trabalho acadêmico ira abordar os principais pontos da obra literária de , Aluizio Azevedo, CORTIÇO. Através de uma resenha critica da obra . Biografia do autor, resumo do conteúdo, parecer critico da obra de acordo com os conhecimentos aprendidos na academia de letra da presente unidade, e avaliação da obra, e sua importância para determinadas áreas : ensino entretenimento e formação.

O autor Aluizio Azevedo **nasceu** no em são Luiz do maranhão sendo um escritor nacional, mulato que **viveu** numa época que o preconceito estava a flor da pele , mesmo assim o mesmo **quebrou** paradigmas de sua época, foi caricaturista, diplomata, e jornalista, **publicou** inúmeros contos , crônicas e romances , em 1789 **publicou** sua primeira obra literária ( uma lagrima de mulher) . A sua obras mais importantes foram: o homem, livro de uma sogra, o cortiço e a casa de pensão, as mesmas **representa** uma fase do autor onde o preconceito era algo na evidencia , bem com o adultério os vícios e o povo humilde. Depois de grande lutas o mulato Azevedo como é chamando pela critica literária, **faleceu**-me Buenos Aires no dia 21 de janeiro de 1913 .

Verbo  
dicendi

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

RESUMO DO LIVRO O CORTIÇO: conta a historia de João Romão rumo ao enriquecimento através da exploração do trabalho , sendo o dono do cortiço ,entretanto um fato nova vai mudar sua vida por completo , com a chegada do comerciante Miranda bem estabelecido e disputava com João Romão o titulo de mais rico do local. O que fez com que João Romão trabalhasse cada vez mais, tal situação ficaria mais difícil para ele quando Miranda ganha o título plebeu de barão, isso ira mudar o comportamento

de João que passara a se vestir melhor ir ao teatro, freqüentar lugares importantes da época visando ganhar o título de barão, inclusive no cortiço que **era** um ambiente de hostilidade e pobreza há uma transformação que agora passa a ostentar ares de aristocrático. O Enredo **demonstra** a luta por posição social da época que **estava** acima de tudo, realidade vivenciada na nossa atual conjuntura social. O mesmo **demonstra** os moradores do cortiço entre os quais Rita Baiana uma negra sensual que namorava o truculento firmo que gostava de beber e fumar., e neste contexto de mudança que Aluizio Azevedo

PARECER CRÍTICO DA OBRA: Nesta obra **mostra** como influência o maior romance de Aluísio Azevedo que prescreve um rigor científico na representação da realidade. Porém Aluísio combatem, como princípio teórico, a uma degradação causada pelas misturas de raças. Aparentemente, o caso do cortiço, que se projeta na obra mais do que os próprios personagens que ali vivem. Afins apresentam em um do trecho do romance o narrador compara o cortiço a uma estrutura biológica, na obra **mostra** práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Frequentemente, o burguês Miranda, de projeção social mais elevada que João Romão vive em seu palacete com ares aristocráticos e teme o crescimento do cortiço. “Assim, pode-se dizer que O cortiço” não é somente um romance naturalista, mas sim uma representação ou interpretação do Brasil. O autor tinha uma estratégia de uma tese a sustentar sua história. A intenção do mesmo **era** provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história **determinam** o homem e o levam à destruição que desagrada. Aluísio se **propõe** a **mostrar** que a mistura de raças em um mesmo meio de cumprir com sucesso, na mistura sexual, moral e na **completa** moral humano. Porém a obra é narrada em terceira pessoa, com narrador onisciente ( que tem conhecimento de tudo) a obra **retrata** o tempo é trabalhado de maneira linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. Já o espaço são duas obras: o primeiro é o cortiço, amontoado de casebres mal-arranjados, onde os pobres vivem. A obra **conta** o ponto que é apresentado de que o próprio cortiço acaba se tornando, de certa forma, uma personagem do livro o principal da obra devido a uma personificação do espaço. “Em “um momento que o narrador cita que os olhos do cortiço se abrem”, “ao invés de dizer” as janelas do cortiço se abrem”. Essa característica tem bastante a ver com o fato de, para a corrente naturalista, o meio ter grande influência na ação das personagens. Porém outro exemplo dito na obra o cortiço é o próprio sol. Em certo momento, a esposa de Jerônimo culpa o sol por todas as desgraças que ocorreram em sua vida. **Trata**-se de um livro icônico e que continua tendo relevância nos dias

de hoje, pois **mostra** os desequilíbrios e contrastes entre ricos e pobres que dividem o mesmo espaço urbano. Além de tudo isso retratado em nível da linguagem, Aluísio segue os ensinamentos de Zola, com descrições muitas vezes escatológicas, comparando, por exemplo, os moradores do cortiço a vermes se mexendo no meio de dejetos. O cortiço surge também comparado a uma floresta, transbordando de movimento e cor, quase como um ser vivo que respira e existe em si mesmo. O cortiço São Romão é conhecido como habitado pelas classes mais baixas e marginais: operários, imigrantes recém chegados no Brasil, lavadeiras, prostitutas, entre outras. **Representa** os comportamentos tidos como promíscuos, preguiçosos e viciosos atribuídos na época aos pobres, aos negros e mestiços. Aí, o autor **descreve** casos de violência, homossexualidade, prostituição e traição conjugal. Já a análise do Miranda, típico da burguesia em ascensão, onde a vida é sossegada e superficial, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer, **representa** o estilo de vida das classes mais altas e suas preocupações. O cortiço tem como base as duras condições de vida a que os personagens estão sujeitos. Espelhando o espírito da época, é um retrato fiel do capitalismo emergente no século XIX e da conseqüente exploração das camadas mais frágeis da população. É evidente a exploração do pobre pelo rico, do negro pelo branco. Durante a confusão obtida, o cortiço arde, sendo posteriormente transformado no edifício Avenida São Romão, que passa a ser habitado por uma população de melhor condição financeira. Não deixa de ser curioso notar que quando João Romão consegue escalar a Pirâmide social, o próprio cortiço parece subir de classe. Essa obra, no entanto, os moradores mais pobres se mudam para uma outra moradia coletiva, o cabeça de gato. Desta forma, Aluísio **encerra** o romance demonstrando que sempre existirão lugares tóxicos e corruptores e que as desigualdades sociais e econômicas serão sempre perpetuadas por esse ciclo vicioso.

Tendo como pano de fundo um cortiço, o romance difunde as teses naturalistas, que buscam uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, os conflitos interiores do ser humano, as relações sociais, a crise das instituições. Ao longo do romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Aluísio combate, como princípio teórico, a degradação causada pela mistura de raça. Com críticas sociais focadas na corrupção de determinados valores, o estilo naturalista como análise da realidade e investiga a sociedade recorrendo às observações de fora para dentro, com personagens que tendem a se tornar planos, simplórios.

Cortiços: caixas cilíndricas de cortiça, na qual as abelhas fabricam o mel e a cera. Definição dicionarizada da palavra que também se refere a habitações coletivas que foram muito comuns no passado, hoje similares ao que conhecemos por favelas. Quando lançado, em 1890, o Brasil passava por reconfigurações na ordem social, tal como várias nações ao redor do planeta. A formação de novos mercados, o trabalho assalariado, o desenvolvimento dos setores secundários e terciários e a definição de novas categorias sociais demarcam os principais acontecimentos do período. Os cortiços servem de arautos das questões naturalistas que vigoravam na literatura brasileira no período. A importância da obra foi publicado em 1890, o cortiço é o romance mais exemplar da estética realista-naturalista. Nele pode-se perceber que o processo de formação das elites brasileiras passa por dois momentos: O primeiro deles é o da conquista do poder por determinados grupos que se utilizam basicamente da exploração e do furto, no segundo momento, a necessidade de não só se manterem no poder, mas também de se elevarem socialmente, transformando-se em elites. Ao longo do Romance vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do cidadão português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Miranda e João Romão são figuras que representam momentos distintos do processo de constituição das elites brasileiras. Miranda foi o português que chegou antes, se adaptou rapidamente ao País, casou-se com a filha do patrão e tornou-se rico. João Romão rouba, engana e explora para torna-se rico. A história de João Romão é a vida de um dono de cortiço no Rio de Janeiro do século XIX que consegue enriquecer e ganhar status social graças à exploração da miséria alheia. João Romão representa a elite brasileira.

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

### Texto nº 12

Antes de postular as qualificações da obra Educação: do senso comum à consciência filosófica é preciso situar a respeito do criador do livro, exibindo as credenciais do autor e as informações gerais que julgamos necessárias para o conhecimento amplo da escrita. Esta obra é escrita por José Maria de Eça de Queiroz, nasceu em 25 de novembro de 1845, numa casa da [Praça do Almada](#) na [Póvoa de Varzim](#), no então número 1 ao 3 do Largo de São Sebastião (hoje [Largo Eça de Queiroz](#)),

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

no centro da cidade, em casa de um parente de sua mãe, Francisco Augusto Pereira Soromenho, um dos funcionários aduaneiros da Póvoa de Varzim. Eça **era** filho de José Maria Teixeira de Queiroz, nascido no [Rio de Janeiro](#) em 1820 e delegado do procurador régio em [Viana do Castelo](#), e de Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida em [Monção](#) em 1827. Eça, por sua vez, **apresenta** episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Por via dessas contingências foi entregue a uma ama, aos cuidados de quem **ficou** até passar para a casa de Verdemilho em [Aradas](#), [Aveiro](#), a casa da sua avó paterna. Nessa altura, **foi** internado no [Colégio da Lapa](#), no [Porto](#), de onde **saiu** em 1861, com dezasseis anos, para a [Universidade de Coimbra](#), onde **estudou** [Direito](#).<sup>[4]</sup> Além do escritor, os pais teriam mais seis filhos. Em Coimbra, Eça **foi** amigo de [Antero de Quental](#). Os seus primeiros trabalhos, publicados na revista "Gazeta de Portugal", foram depois coligidos em livro, publicado postumamente com o título *Prosas Bárbaras*. Eça veraneava na Póvoa de Varzim, quando matriculado na Universidade de Coimbra. Sua tia materna, Carlota, arrendava casa na Póvoa, de verão e com ela, além do sobrinho José Maria, iam também os seus quatro filhos, três rapazes e uma rapariga.

Verbos  
dicendi

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Em 1866, Eça de Queiroz **terminou** a Licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra e **passou** a viver em Lisboa, exercendo a [advocacia](#) e o [jornalismo](#). Foi director do periódico O Distrito de Évora e **colaborou** em publicações periódicas como a [Renascença](#) (1878-1879?), [A Imprensa](#) (1885-1891), [Ribaltas](#) e [gambiaras](#) (1881) e postumamente na [Revista de turismo](#) iniciada em 1916 e na [Feira da Ladra](#) (1929-1943). Porém, continuaria a colaborar esporadicamente em jornais e revistas ocasionalmente durante toda a vida. Mais tarde fundaria a Revista de Portugal. Em 1869 e 1870, Eça de Queiroz fez uma viagem de seis semanas ao [Oriente](#) (de 23 de outubro de 1869 a 3 de janeiro de 1870), em companhia de D. Luís de Castro, 5.º conde de Resende, irmão da sua futura mulher, D. Emília de Castro, tendo assistido no [Egito](#) à inauguração do [canal do Suez](#): os jornais do Cairo referem Le Comte de Rezende, grand amiral de Portugal et chevalier de Queiroz». Visitaram, igualmente, a [Palestina](#). **Aproveitou** as notas de viagem para alguns dos seus trabalhos, o mais notável dos quais [O Mistério da Estrada de Sintra](#), em 1870, e [A Relíquia](#), publicado em 1887. Em 1871, **foi** um dos participantes das chamadas [Conferências do Casino](#). Em 1870 **ingressou** na [Administração Pública](#), sendo nomeado [administrador do](#)

Problema na  
utilização de  
marcadores  
e rótulos  
discursivos

[concelho](#) de [Leiria](#). Foi enquanto **permaneceu** nesta cidade, que Eça de Queiroz **escreveu** a sua primeira novela realista, [O Crime do Padre Amaro](#), publicada em 1875. Tendo ingressado na [carreira diplomática](#), em 1873 foi nomeado [cônsul](#) de Portugal em [Havana](#). Os anos mais produtivos de sua carreira literária foram passados em [Inglaterra](#), entre 1874 e 1878, durante os quais **exerceu** o cargo em [Newcastle](#) e [Bristol](#). **Escreveu** então alguns dos seus trabalhos mais importantes, como [A Capital](#), escrito numa prosa hábil, plena de realismo. Manteve a sua actividade jornalística, publicando esporadicamente no Diário de Notícias, em [Lisboa](#), a rubrica Cartas de Inglaterra. Mais tarde, em 1888 seria nomeado [cônsul](#) em Paris. Seu último livro foi [A Ilustre Casa de Ramires](#), sobre um [fidalgo](#) do século XIX com problemas para se reconciliar com a grandeza de sua linhagem.

É um romance imaginativo, entremeado com capítulos de uma aventura de vingança bárbara que se passa no século XII, escrita por [Gonçalo Mendes Ramires](#), o [protagonista](#). Trata-se de uma novela chamada A Torre de D. Ramires, em que antepassados de Gonçalo são retratados como torres de honra sanguínea, que contrastam com a lassidão moral e intelectual do rapaz. Aos 40 anos **casou** com Emília de Castro, com quem teve 4 filhos: Alberto (16-4-1894), António (28-12-1889), José Maria (26 -2 - 1888) e Maria (16-1-1887) **Morreu** em 16 de Agosto de 1900 na sua casa de [Neuilly-sur-Seine](#), perto de [Paris](#). Teve [funeral de Estado](#), foi sepultado em Cemitério dos Prazeres de Lisboa, mas mais tarde foi trasladado para o cemitério de Santa Cruz do Douro em Baião. Foi também o autor da [Correspondência de Fradique Mendes](#) e [A Capital](#), obra cuja elaboração foi concluída pelo filho e publicada, postumamente, em 1925. [Fradique Mendes](#), aventureiro fictício imaginado por Eça e [Ramalho Ortigão](#), aparece também no Mistério da Estrada de Sintra. Seus trabalhos foram traduzidos em aproximadamente vinte línguas.

Após a morte do pároco José Miguéis, **foi** transferido para Leiria um padre jovem chamado Amaro Vieira. Aconselhado pelo cônego Dias, seu mestre de moral no seminário, Amaro **foi** instalar-se na casa da D. Joaneira. À noite na casa, havia encontros entre beatos e o clero, marcados por jantares, músicas, conversas, jogos e discussões sobre fé. É nesse cenário que padre Amaro encanta-se por Amélia, uma jovem muito bonita e passam a trocar olhares, despertando o ciúme de João Eduardo, noivo da moça.

O narrador, através de uma retrospectiva, conta que Amaro ingressou no seminário aos 15 anos, por obediência a sua tia que lhe criara

com os preceitos cristãos. Porém, não era esse o seu desejo. Desejava mesmo era estar com uma mulher, chegando até associar a imagem de Nossa Senhora a uma, sentindo desejo por ela. Sendo assim, não por vocação e mais por comodismo, Amaro tornara-se padre. Em Leiria, rezava missas por costume, mas seu pensamento e sua ocupação era Amélia.

O primeiro contato físico entre o casal aconteceu numa fazenda da família; Amaro **beijou** o pescoço de Amélia, e ela **saiu** correndo. Amaro, com receio de se envolver mais intimamente e todos descobrirem, **resolveu** se mudar para outra casa. Enciumado pelas visitas de padre Amaro, o então noivo de Amélia **escreveu** o comunicado “Os modernos fariseus”, onde fez várias acusações contra os padres, inclusive **mencionou** que o padre Amaro estaria se envolvendo com uma “donzela inexperiente”. Após isso, o pároco aconselhou que Amélia desfizesse seu noivado, pois João Eduardo não seria digno. João Eduardo fica sem emprego e, revoltado, dá um soco no jovem padre.

Amaro volta a frequentar as reuniões na casa de D. Joaneira e se aproximar de Amélia, sem os olhos enciumados de João Eduardo. Numa oportunidade, voltando de uma visita à casa do cônego que estava doente, os dois param na casa do padre e tem ali sua primeira noite de amor. Dionísia, criada, aconselha ao padre a se encontrar com a jovem na casa do sineiro, onde seria mais discreto. Para o sineiro Tio Esguelhas, Amaro disse que Amélia queria se tornar freira e que ele iria ajuda-la nessa missão. Para a família, Amélia iria ajudar a Totó nas lições religiosas. Os dois passam então a se encontrar várias vezes na semana. Ela começa a sentir-se culpada, mas não recusa o padre. Amélia acaba ficando grávida. Aconselhado pelo cônego, a primeira saída seria casa-la com João Eduardo. Este, porém, tinha vindo para o Brasil. A alternativa é então mandar Amélia junto a D. Josefa, que estava doente, ao interior até chegar a hora do parto. Quando a hora **chegou**, Amaro **entregou** a criança a uma família que tem a fama de matar as crianças que lhe são entregues. E a criança realmente morre. Amélia não suporta ficar longe do filho, acaba também por morrer. Padre Amaro, sem saber o que fazer e tentando fugir dos acontecimentos, muda-se da cidade. Depois de algum tempo, encontra-se casualmente com o cônego Dias e **afirma** que “tudo passa”. Em seu romance de estreia, Eça de Queirós **explora** um tema altamente polêmico, mesmo nos dias de hoje: Clero X Sociedade X Política. É importante salientar que o livro **foi** escrito em 1875, portanto, apesar de algumas mudanças comportamentais, ainda é possível fazer um paralelo entre o século XIX e o XXI.

A crítica em foco era a corrupção do catolicismo e a quebra do

celibato, mas entre aos demais temas, podemos destacar a maledicência, o vazio interior de seus personagens, o poder exercido pela religião na vida das pessoas, ao reger comportamentos, bem como a contraposição dos pobres em relação aos abastados pobres que circulavam pela sociedade, clamando por assistência.

Eça trouxe essa obra para mostrar uma sociedade cega que fecham os olhos para os erros e defeitos que tem na sociedade mas para julgar o próximo são muito rápidos. Ele veio para quebrar toda estigma social daquela época para participar e abrir caminhos ao novo movimento realismo. O realismo é o movimento que vem depois do romantismo e tenta quebrar com quase todos os paradigmas do romantismo. Uma das suas características é ser objetivo e claro, uma literatura meramente descritiva, ou seja, tem detalhamento das cenas e do cenário e também um retrato fiel da personagem, a personagem não vai ser mais idealizada, uma personagem realmente como ela deveria ser e como ela é na sociedade. Esse livro apresenta uma crítica a sociedade da época e também a hipocrisia do clero vigente naquela época, o clero era submetido a interesses políticos.

O clero mandava e desmandava e ninguém fazia nada para mudar isso, o que inspirou Eça a criar essa obra. E logo a sociedade faz parte desse processo de corrupção porque se ela se deixa corromper passivamente, então a sociedade requer que haja um processo de reflexão e uma mudança crítica, afinal de contas se temos uma sociedade crítica capaz de perceber os mandos e os desmandos do poder do clero sobre ela é claro que essa sociedade vai se revoltar em algum momento e vai agir para mudar essa realidade, era isso que ele queria principalmente.

Com um narrador cheio de adjetivos agressivos, a obra cumpriu bem o seu papel anticlerical, numa denúncia contundente aos problemas que o misticismo e a educação religiosa provavelmente promoviam numa sociedade regida por hipocrisias. Eça de Queirós tece as suas críticas por intermédio de um narrador onisciente que delinea os seus personagens de maneira bastante detalhista. É um momento na literatura portuguesa que os “romances de entretenimento” declinam, em prol dos “romances de tese”, repletos de modelos comportamentais naturalistas.

Enquanto Amélia é desenhada como uma moça ingênua e vítima do meio em que vive (bem característico do naturalismo literário), o Padre Amaro é apresentado como um rapaz sem escrúpulos e sentimentos. Não é à toa que depois da tragédia envolvendo o aborto ele continua a exercer às suas atividades religiosas, como se nada tivesse acontecido. Sensuais desde jovens, os personagens mesclam religiosidade e sexualidade, sem a

distinção dicotômica típica do ambiente cristão. Amaro desde criança olhava para as imagens da Virgem Santa e se excitava com as suas formas.

Essa obra nos **mostra** como até hoje a sociedade se comporta de forma parecida mesmo a igreja católica não controlando tudo mais, porque de fato as pessoas fecham os olhos para não acreditarem no que acontece dentro das igrejas, existem várias Amélias e vários Amaros também nos dias de hoje.

### Texto nº 13

José Maria de Eça de Queirós **foi** um escritor e diplomata português. É considerado um dos mais importantes escritores portugueses da história. **Foi** autor de romances de reconhecida importância. Os Maias e O Crime do Padre Amaro, o primeiro e considerado por muitos o melhor romance realista português do século XIX.

O Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós, **foi** publicado originalmente em 1875, é o primeiro romance do autor. Eça conta a história de Amaro filho de um empregado de uma Marquesa que após a morte de seus pais, passa a ser cuidado por eles. Assim escolhendo a ele uma profissão de fé, para que Amaro tornasse-se um padre, com isso ele **foi** enviado ao seminário. Depois de um tempo de seminário Amaro torna-se pároco em uma cidadezinha de uma província. Porém, ele tinha proteção de alta influência, e assim **conseguiu** que o transferisse para Leiria sede do bispado. Ao chegar em Leiria o padre torna-se hóspede de uma pensão na rua das misericórdias. A dona do local tendo uma boa relação com clero, promove com frequência encontros religiosos, onde discutem a fé cristã.

Em um desses encontros o padre conhece Amélia. Amélia é jovem e uma bela mulher, que com tempo acaba retribuindo os olhares do padre. Porém a jovem e noiva de João Eduardo ao perceber os olhares de interesse entre ambos, e fica enciumado. No decorrer da leitura Amaro beija o pescoço da moça e ela se assusta e corre fugindo de Amaro. Amaro recomenda que Amélia não se case com João Eduardo. Sendo assim Eça nos leva a acompanhar os anseios e destinos dos seus protagonistas.

A trama que se **apresenta** no livro é bem construída trazendo algumas surpresas. As descrições do ambiente não são aprofundadas. Existe todo um trabalho psicológico dos personagens onde remete suas angústias e dramas. Durante a leitura do livro pode-se perceber o

Não  
utilização  
de verbos  
no presente  
do  
indicativo

Verbo  
dicendi

envolvimento político que há na igreja e a força que tinha nos devotos da época. É possível notar a participação da igreja na construção da sociedade onde sua relação nas questões ligadas ao aborto, suicídio e sexualidade e a opinião da igreja quanto a figura de Deus. E notável a figura da “persona, superego, sombra e o ego”. Existe também uma crítica em relação ao papel e posição da mulher na sociedade. E o comportamento e falhas dos que representava a religião, como o padre Amaro e o Cônego dias.

Narrado em terceira pessoa, o livro **apresenta**, no geral, o tema central como o relacionamento impróprio de um jovem padre com uma devota, a jovem mais bonita da região. O que mais chama a atenção é o fato de o autor publicar uma obra onde transmite tantas críticas à igreja católica. Com pontos negativos os diálogos deixaram a desejar, por alguns instantes **foi** como se deixasse algo sem ser esclarecido. A linguagem um pouco rebuscada e compreensível. Com ritmo lento muitos detalhes cansativos, talvez por gostar mais de “O Primo Basílio”. As traduções das palavras também poderiam acontecer, sem que a identidade visual do romance fosse alterada, como: “cousa e não coisa”. E exemplificar melhor o espaço e o tempo. O crime do Padre Amaro explora um tema de grande polêmica, mesmo nos dias de hoje. Faz uma exemplificação da sociedade o clero e a política. Fala da forte presença da moral religiosa e de como é causador de imoralidades que nos fazem acreditar que a influência da religião não seja um aparelho satisfatório para a devida manutenção da ordem social. A ordem social exige um certo distanciamento de uma moral que se coloque de forma tão íntima e pessoal;

A leitura do livro “O Crime do Padre Amaro” é responsável na contribuição, de forma significativa, dos indivíduos, influenciando a analisar o comportamento da sociedade, de modo que a leitura é responsável por auxiliar, na formação do sujeito, influenciando-o a analisar a sociedade, em seu dia a dia e, no particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma. É por meio da leitura que **começamos** a formar-se posicionamentos, questionando acerca da potencialidade e opiniões de autores e assim refletir nos nossos próprios conceitos e visão.

<p>Não conjugação de verbos na 3ª pessoa</p>
----------------------------------------------------------

#### Texto nº 14

Joaquim Maria Machado de Assis, popular Machado de Assis, filho

de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nascido no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, **foi** considerado um dos maiores autores da literatura brasileira, com obras que abrangem praticamente todos os gêneros literários.

O livro Dom Casmurro de Machado de Assis traz a história de Bento Santiago mais conhecido como dom casmurro, a trama se passa entre 1857 e 1875, **conta** uma história de amor obsessivo de um personagem ranzinza e prepotente e sua companheira Capitu e seus famosos olhos de ressaca, o clímax acontece quando o personagem principal tem dúvidas de que seu filho seja realmente seu, trazendo a tona uma suposta traição de sua esposa com seu melhor amigo, Escobar, e tal dúvida se arrasta até o fim do livro sem um parecer concreto e se torna uma pergunta para seus leitores, houve ou não uma traição.

Verbo  
dicendi

O Livro Dom Casmurro de Machado de Assis **conta** em primeira pessoa a história do personagem principal, Bento Santiago, mas conhecido como Dom Casmurro, o livro se inicia contando como ele recebe esse apelido, quando um jovem tenta ler alguns versos para ele mas não obtém sucesso pois o seu ouvinte pestanejava, então o jovem se irrita e começa a chama-lo de Casmurro o que é o mesmo de ranzinza ou rabugento desde então fica conhecido pelo apelido.

Então começa seus relatos de amor por sua então amiga Capitu que mais tarde se tornaria sua esposa, e a grande pergunta da obra; o drama começa quando bentinho descobre que **era** prometido ao celibato, desde então tenta se desviar da promessa, vai a casa de Capitu e deixa ela a parte de tudo, e juntos tentam resistir a separação e se prometem em casamento.

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Bentinho é enviado ao seminário porém não segue o celibatário, mas conhece um grande amigo, Escobar, que juntos decidem deixar o seminário, Já bacharel em direito bentinho retorna e se casa com Capitu e Escobar com a melhor amiga de Capitu Sancha, e levavam uma vida próxima os casais, logo eles tem filhos, Escobar de uma menina e Bento um menino, Ezequiel.

Pouco tempo depois Escobar morre em um acidente no mar, e em seu velório Bento percebe um ar estranho em Capitu. A viúva se muda e com o tempo Ezequiel se tonava idêntico a Escobar aos olhos de Bento, por tanta semelhança se inicia as dúvidas se ele era mesmo seu filho, o que traz a tona uma suposta traição, o que acarreta uma onda de ciúmes, para não sofrer com a imagem do filho e a lembrança da traição deixa mulher e filho na Europa. Quando Ezequiel retorna Capitu já havia morrido, mesmo

depois de anos bento não suportava a presença de Ezequiel, e mesmo assim financia uma viagem para ele com destino a Grécia, Ezequiel morre de febre tifoide e é enterrado em Jerusalém.

O enredo da história nos traz uma visão da época, onde se passa a trama, a sociedade machista, e seus costumes, como o de prometer os filhos ao celibato, nos **mostra** também um recurso interessante usado pelo autor que é a mistura entre passado e presentes dos personagens, tornando a história mais interessante e com uma maior facilidade de compreensão.

Porém em toda história só **podemos** entrar em contato, apenas com o personagem principal e todos os outros **conhecemos** através da ótica de Casmurro, através do narrador personagem, o que é um pesar para os leitores que adorariam “ouvir” Capitu e conhecer a história por outro ponto de vista.

Em suma a obra, tem muito a ser analisada, como a linguagem de época os recursos usados pelo autor, e o excitante enredo em si, portanto é um ótimo conteúdo a ser aplicado a estudantes do ensino médio.

#### Texto nº 15

Não
conjugação
o de
verbos na
3ª pessoa

Henri Wallon Nascido na França em 1879 estudou Filosofia, Medicina e Psicologia aplicada a educação. E aos 23 anos **formou-se** em filosofia pela Escola Normal Superior. É encarregado de conferências sobre psicologia da criança na Universidade de Sorbone e outras intuições de 1920 a 1937. E se dedica ao atendimento de crianças ditas deficientes em 1925 publica a tese de doutorado “A Criança Turbulenta”. E com isso, inicia as publicações voltadas as crianças sendo ultimo “Origens do Pensamento na Criança” em 1945. **Vivenciou** períodos de grande turbulência mundial, pois de 1914 a 1945 eclodiram duas grandes guerras, quer dizer o avanço fascista e revolução socialista. Embora também tenha gosto pelo estudo neural analisando traumas, apesar da perseguição sofrida pela gestapo na segunda guerra e teve que viver clandestinamente. **Foi** médico psiquiatra em 1931 em diversas repartições particulares. Se utiliza do “marxismo” como corrente filosófica. Filiado ao partido comunista em 1942 ao qual manteve contato até sua morte. E em 1948 cria a revista “Enface” a qual segue até hoje tentando reafirmar a linha editorial. E **faleceu** em 1962 com grande contribuição para psicologia.

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Neste capítulo, o autor aborda sobre Henri Paul Hyacinthe Wallon, um francês graduado em Medicina, Filosofia e Psicologia que **ofereceu** uma nova maneira de pensar o homem buscando conhece-lo por meio da criança, pois acreditava que através destas, ter-se o acesso à gênese dos processos psíquicos. Em suas teorias, **utilizou** o materialismo dialético onde **defende** que a escola deveria promover uma formação integral do aluno, mostrando a importância das emoções que traz um trabalho educativo. A escola e todos que a integram é sem dúvida nenhuma indispensável para a educação das crianças, ou seja, o sucesso da criança quando adulto na sociedade depende de uma boa educação e um bom currículo, é impossível pensar na criança fora da sociedade a que constrói uma boa determinação. A escola é um espaço que proporciona ao aluno condições para uma boa aprendizagem e conhecimento, de forma segura e saudável. Sendo um processo cultural, social e até mesmo político econômico, onde é preciso uma boa administração. Existe variáveis funções elaboradas por projetos onde se organiza o currículo. Trabalha -se também a oralidade do aluno de forma educacional que se processa na família, igreja empresas e meios de comunicação social.

Verbo  
dicendi

Segundo Wallon, existem quatro elementos básicos que se comunicam, a afetividade, ou a síntese entre o orgânico e o social,

aparecendo um movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa, com o organismo humano a primeira condição do pensamento e o mundo externo, o objeto mental. Com isso, há um pensamento infantil que é marcado pela descontinuidade, crises e conflitos tendo como base um fator biológico e um social, o que separa a formação do pensamento e da inteligência que, diferente da concepção de Piaget, surgiria depois da afetividade, apresentando assim, as dimensões afetivas e as capacidades ligadas.

O primeiro estágio impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano), após o nascimento a criança depende de si em relação a respiração e a auto regulação da temperatura de seu organismo, onde, os bebês de até três meses, realizam movimentos reflexos, involuntários, daí surgem os primeiros sorrisos. O estágio emocional é por volta dos 6 meses quando a criança começa a engatinhar é capaz de expressar emoções, raiva, dor, tristeza, alegria e etc. Aos 9 meses desenvolve o humor. Até aproximadamente um ano a criança é totalmente dependente do contato com o outro. O segundo estágio é o sensório-motor a criança **explora** o mundo a seu redor, é projetivo, que vai até os três anos, caracterizado pela exploração dos objetos e dos espaços físicos, ganhando maior autonomia com a preensão e a marcha, tornando-se um ser cognitivo. O terceiro estágio é o do personalismo que dura de três a seis anos, onde, palavras e o pensamento da criança está voltado quase que exclusivamente para o próprio e, até os cinco anos, vai transpondo seus interesses do eu para as coisas. O quarto estágio categorial, onde ocorre a diferenciação simbólica da personalidade, a inteligência avança no seu desenvolvimento e procura diferenciar o eu do não eu. O último estágio é o da adolescência onde há uma quebra no equilíbrio afetivo e busca por mudança, por sua transformação.

O presente capítulo auxilia levando em consideração a relação professor-aluno e o papel da escola, o professor não deve ser autoritário, e a escola deve ser a expressão concreta da unidade adulto-criança-sociedade, buscando o equilíbrio entre o atendimento do que necessita do desenvolvimento da criança, o atendimento da criança trabalhando também as necessidades do desenvolvimento da sociedade. O autor afirma ainda que as crianças aprendem mais quando gostam do professor, por isso é tão importante trabalhar a afetividade com os alunos. Sendo assim, sua leitura é de fundamental importância para estudantes da área visando minuciosamente suas etapas de estágios.

### Texto nº 16

Nesta resenha crítica discutiremos acerca da “Teoria da Gestalt: Percepção e Aprendizagem”, cujo título é parte da obra “Psicologia da aprendizagem: da teoria do conhecimento ao construtivismo”, livro dos autores Nelson Piletti e Solange Marques. O autor Nelson Piletti, além de ser graduado em Pedagogia, o que mostra sua tamanha destreza no assunto, ainda possui graduação em Filosofia e Jornalismo. Piletti é ainda mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Segundo seu currículo, é autor de Aprendizagem: teoria e prática e coautor de Dom Helder Camara: o profeta da paz, Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo, História da educação: de Confúcio a Paulo Freire, enfoque para a obra Psicologia da Aprendizagem com Solange Marques Rossato, além de outros três.

Em parceria com Piletti nesta obra está Rossato. A autora Solange Marques Rossato, por sua vez, é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia por essa mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Um dos motivos de sua excelência na escrita e desenvoltura do capítulo a ser analisado nesta resenha, é que Rossato tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior; e como psicóloga clínica e escolar.

O capítulo se inicia rotulando a teoria de Gestalt como sendo oposta ao behaviorismo, antes mesmo de defini-la. Na sequência, os autores mostram que tal teoria é na verdade um ramo da psicologia que também é conhecida por Psicologia da Gestalt, destinada aos estudos que consideram os fenômenos psicológicos um conjunto autônomo e indivisível em sua configuração e organização. Em um contexto histórico o leitor passa a saber que os fundadores e difusores da Gestalt, Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka estudaram Filosofia e Psicologia na Universidade de Berlim. Os idealizadores desta psicologia realizaram diversos estudos experimentais da percepção do movimento, tendo analisado a cognição dos chimpanzés para chegarem a solução de problemas de comportamento tal qual a Psicologia Gestalt defende.

Ainda situando a Teoria da Gestalt em uma análise histórica e estrutural, os autores ressaltam que somente nos anos de 1920 a Gestalt foi especificamente desenvolvida sob olhar do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, já sendo pioneiramente usufruída por um dos mais bem equipados laboratórios do mundo, com pesquisas acerca de diversos

Não  
conjugação  
de verbos  
em 3ª  
pessoa

Verbo  
dicendi

Não  
utilização  
dos verbos  
no presente  
do  
indicativo

problemas psicológicos.

Ao longo da leitura é possível observar que os autores fazem uso de curiosidades, ou informações detalhadas, sobre a Gestalt. Podemos exemplificar tal afirmação com a descrição sobre a definição da palavra Gestalt em outras línguas, as quais muitas são difíceis ou inexistentes. Na língua alemã, por exemplo, não há definição equivalente e, conseqüentemente, os pesquisadores ficam impossibilitados de compreender o que de fato o movimento **representa**.

Quando há o subtópico “Princípios fundamentais da teoria da Gestalt” **encontramos** percepções de como a Gestalt é relacionada a elementos sensoriais em sua totalidade. Desse modo, o leitor é levado a entender que a percepção da forma como vive leva em **conta** que a própria experiência perceptiva imediatamente organiza e dá significado à percepção, abrindo espaço um novo sentido, uma nova ordem. Em conclusão, o objetivo da Psicologia da Gestalt é descrever e esclarecer de forma concreta a organização intrínseca, precisa, do percebido.

O estudo da Gestalt deve ser visto de forma muito mais abrangente que apenas o conhecimento dos princípios básicos, sendo importante **ressaltar** que a maioria dos desdobramentos da Gestalt irá envolver ao menos um dos princípios fundamentais da própria teoria. Como é possível verificar através da leitura, cada princípio se **define** pela função que desempenha na estrutura sob a qual está colocada. Os autores ainda usam de exemplos para fortificar a colocação: a identidade dos objetos **resulta** do modo como os seus componentes são combinados e não apenas dos componentes isolados. Quando se **fala** em componentes se **fala** em princípios.

Ainda sobre os princípios, segundo os próprios teóricos e pesquisadores da Gestalt, os princípios são definidos como regras ou leis com os quais são organizadas as percepções, facilitando a compreensão de imagens e de ideias. Aqui o leitor passa a conhecer o termo “gestaltistas”, usado para definir os simpatizantes da psicologia Gestalt. Para Piletti e Rossato, os gestaltistas tinham a preocupação em definir as leis que regem a percepção das totalidades e que são aplicáveis à percepção e ao pensamento, ou seja, com o **interpretamos** o que **vemos**.

Antes de **sermos** apresentados às definições de cada um dos princípios, **conhecemos** a lei da boa forma que anuncia a organização das estruturas e que essas tendem a serem as responsáveis por revelar as características que a distinguem de uma forma tão **completa** quanto as condições do momento permitem. Essa organização tende a se aproximar da estrutura que for mais equilibrada, mais simétrica e mais regular. Logo,

Não  
conjugação  
de verbos  
na 3ª  
pessoa

quando **vemos** as formas **temos** a tendência a percebê-las em seu caráter mais simples, já que há uma simplificação que facilita sua assimilação.

O primeiro dentre os princípios deste capítulo é o princípio do fechamento, também chamado de princípio da complementação, segundo o qual nossa percepção costuma completar as figuras as quais se encontram incompletas. Para proporcionar uma melhor compreensão aos leitores, os autores disponibilizam uma figura de linhas retas, a fim de auxiliar na percepção de imediato de situações e objetos. O mesmo ocorre com a definição do princípio da proximidade, através do qual **percebemos** as partes que estão mais próximas como agrupadas, como um todo, de modo a parecerem que são uma unidade. Mais uma vez, para exemplificar, há uma série de figuras com bolinhas que auxiliam na compreensão.

Concluindo as características dos princípios, enfim há o princípio da semelhança, também conhecido como princípio da similaridade, e o princípio da figura. No primeiro os objetos similares tendem a se agrupar e a ser percebidos como relacionados entre si. Enquanto a figura permite que na organização do objeto partes do campo perceptivo sejam combinadas juntas de maneira a formar estruturas que são distintas do fundo. Já no final do capítulo os autores determinam o espaço da Psicologia da Gestalt dentro da Educação e enquanto motivadora para a conciliação da indisciplina em sala de aula.

### Texto nº 17

FREUD: INSCONSCIENCIA E APRENZAGEM é um capítulo do livro *Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao Construtivismo*, do autor Nelson Piletti, que **apresenta** ideias de Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) permitindo uma melhor compreensão do funcionamento do psiquismo humano do pensamento, sentimentos e comportamento que repercutem nas relações produzidas no cotidiano escolar. O capítulo inicia contando a história do próprio Freud, que **nasceu** em Freiberg, e em 1873, **ingressou** em medicina, **interessou-se** pelos estudos de Psiquiatria passando a estudar mais especificamente, a histeria (as psiconeuroses) que levaram a fundar a Psicanálise. Em princípio, nos seus estudos sobre a histeria (transtorno com sintomas físicos, mas sem que se constate uma causa física) emprega a hipnose (em transe, o paciente recorda um evento traumático, nunca descarga emocional) com o intuito de explicar e eliminar os sintomas histéricos.

Verbo  
dicendi

Não  
utilização  
de verbo  
no  
presente  
do  
indicativo

Nelson **descreve** resumidamente que a Psicanálise é uma teoria da personalidade que concentra-se na relação entre os desejos inconscientes e os comportamentos e sentimentos vividos pelas pessoas. Também é descrito pelo autor as vertentes da Psicanálise, destacando-a em Instâncias do Psiquismo em forma de três vertentes integradoras e necessárias para o aprendizado: consciente, pré-consciente e inconsciente. O Aparelho Psíquico, como Freud denota de “Caixa Surpresa Imaginária”; os Mecanismos de Defesa como equilíbrio humano; Fases do **Desenvolvimento** Psicoafetivo da criança e, por fim, a Psicanálise e a Educação (no processo do ensino aprendizagem), são pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação. O capítulo inteiro é apresentado sob o “Olhar Freudiano”.

São os Mecanismos de Defesa e as Fases que compõem a infância e adolescência para uma eficácia ao ensino aprendizagem. A relação professor/aluno, estará sujeita não só ao processo de Identificação, mas aos demais como: Negação; Projeção; Rejeição e os demais. O professor tem que se dar conta, que os afetos direcionados dos alunos não são exclusivamente evocados por ele. O Ego em si é para se proteger das ameaças e das ansiedades, geradas pela dificuldade de equilíbrio constante, diante das necessidades e exigências do mundo externo (sociedade), fazendo uso de estratégias de enfrentamento, ou seja, dos Mecanismos de Defesa. Estes atenuam os fatos de modo a distorcer a realidade, pois seu enfrentamento poderia ser doloroso. Tudo isso é explanado no capítulo em conjunto com tais Mecanismos de Defesa, como: a Repressão; Negação; Deslocamento; Racionalização; Identificação e o Mecanismo da Fantasia. Para Freud, o Id contém o que é herdado com o nascimento, compreende os instintos. É um complexo de excitação insaciável, operando em referência ao princípio do prazer. É a fonte de todas as pulsões básicas, em que **buscamos** a satisfação imediata de nossas necessidades (alívio e diminuição de tensão) e de nossos desejos (como se alimentar), sem considerar a realidade. É definida como a parte mais primitiva e de mais acesso da personalidade. Ou seja, o Id não conhece nenhum julgamento de valores, não conhece o bem, nem o mal, nem a moralidade. Já o Superego, segundo Freud, é o componente da personalidade composto por nossos ideais internalizados que **adquirimos** com nossos pais e com a sociedade. Ele trabalha para suprimir os impulsos do id e tenta forçar o **ego** à agir moralmente.

Segundo Freud, em cada fase de desenvolvimento psicoafetivo da criança, uma zona específica (área do corpo) se destaca o prazer, numa

Não  
conjugação  
dos verbos  
na 3ª  
pessoa

busca por objetos ou modos de gratificação correspondente. Além do prazer, é possível, ao mesmo tempo, encontrar conflitos que correspondem a fixações em determinadas fases, em que a criança fica detida na mesma, ou seja, uma parte da libido fica investida num nível de desenvolvimento específico. Uma fixação pode ocorrer se a criança experimentar uma excessiva frustração (desejo do que falta) ou uma excessiva gratificação das necessidades da respectiva fase, com relutância em seguir adiante. Essas fases desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade. São elas: Fase Oral (0 a 1 ano); Fase Anal (1 a 3 anos); Fase Fálica (3 a 5 anos); Fase de Latência (5 a 11 anos) e a Fase Genital (adolescência e fase adulta). Para Freud, a aquisição de conhecimento depende da relação professor-aluno, relação esta que ganha destaque no período de latência quando, em geral, os professores “tomam” o lugar dos pais, em vista disso, a Psicanálise e a Educação se tornam pontos expressivos para que a relação entre aluno e professor seja compreendida a partir da afetividade como mecanismo fundamental de Aprendizagem por Identificação.

De fato, a análise das práticas educativas com base psicanalítica ajuda a reflexão e permite ao professor que ele faça suas escolhas de atuação em sala de aula. Portanto, o educador precisa ajudar o educando a buscar o equilíbrio na construção do eu (Ego), para que a aprendizagem possa ocorrer com melhor eficácia, mas para isso, é necessário conhecer o processo de funcionamento e interação cognitiva de seu aluno e não excluir esse processo. O capítulo em si, chama atenção para a necessidade de que os educadores sejam psicanaliticamente orientados, de modo que busquem em seu educando, o ideal equilíbrio entre o prazer individual - o prazer à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais, a repressão e a sublimação destas pulsões. Pois, esclarecer o desenvolvimento da infância, desejos, as estruturas do pensamento até então desconhecidas, para uma melhor compreensão e aplicação do ensino aprendizagem, **revela** grande valia e importância para a educação, pois educarão as crianças, aqueles que conseguirem sondar as suas mentes.

### **Texto nº 18**

A motivação é um processo que está presente em todas as áreas de nossas vidas, no trabalho, na escola, nas atividades de lazer, e de certa forma interfere tanto nas ações como nos resultados.

Nelson Piletti é graduado em Filosofia, Jornalismo e Pedagogia mestre, doutor e livre-docente em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); ex-professor de ensino fundamental e médio; professor aposentado do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

Solange Marques Rossato é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (PR), mestre em Psicologia também pela mesma instituição e doutoranda pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis (SP). Tem experiência como professora da educação especial, educação infantil, ensino fundamental, médio e superior e como psicóloga clínica e escolar.

Segundo Lefrançois, 2008 o termo motivação vem do verbo latino e que significa “movere”, que é o mesmo que ação, dando a entender a ideia de movimento, deixando claro que é algo que incita no indivíduo a agir, podendo ajudá-lo a fazer ou não alguma coisa, mantendo a todo momento em um movimento e ajudando a completar tarefas. **Diz** ainda que esse estudo da motivação possibilita conhecer o que nos movimenta e que nessa caminhada sempre tem alguma meta, objetivo com pensamento voltado à satisfação de nossas necessidades e desejos, ela nos direciona para um alvo, mantendo em ação.

Verbo  
dicendi

Para Bzuneck (2002), a motivação se **trata** de um processo e não de um produto, ficando assim inferida a partir dos seus comportamentos e não ser observada diretamente. Devido ao fato de o ser humano, passar por várias situações e condições.

Não  
utilização  
de verbos  
no  
presente  
do  
indicativo

Já no ambiente escolar ela tem um papel importante na hora da aprendizagem, de como tanto professores como alunos **poderiam** receber esses estímulos e incentivos, sendo favoráveis ao ensino da aprendizagem e que sem ela dificulta a aprendizagem, com alguns fatores que podem somar a está motivação que é o fato da escola onde o aluno estude seja de qualidade em seu ensino. Ficando assim a desmotivação sendo justificada com o fato de o aluno não achar que o estudo é de qualidade, causando uma evasão ou até mesmo o desinteresse desse aluno, alguns outros fatores podem ser vistos também como forma de desmotivação, como o fato de que as pessoas possuem mais ou menos desejo de conhecer ou aprender, isso pode variar.

Não  
conjugação  
em verbos  
de 3ª  
pessoa

Segundo Aristóteles todos nós **temos** um impulso natural para adquirir esse conhecimento, como exemplo fala de uma criança que com a curiosidade se mostra faminta por explorar tudo com as mãos ou até mesmo a boca, e que essa mesma criança pode perder o desejo de seu início na escola.

De acordo com Siqueira e Wechesler, 2006 em pesquisas **fala** que isso vai depender da relação entre a aprendizagem e a motivação já que como **diz** em estudos ela é recíproca. Ficando assim ao motivar **posso** produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho enquanto a aprendizagem pode interferir na motivação.

Em relação a motivação e educação escolar, tem sido um dos objetos de pesquisas e das investigações dos psicólogos educacionais nesses últimos anos. Devido a essa falta que vem sido constatada nos estudantes ficando assim um dos maiores desafios à eficácia do ensino, levando-os a refletir sobre criar as condições para que esse aluno venha a ficar “ a fim de aprender”, de uma forma que ele se envolva na atividade da aprendizagem, e que se torne assim um persistente nessa tarefa desafiadora, fazendo de forma efetiva, e valorizando a educação e de alguma maneira ajudar a buscar condições para que tudo ocorra de maneira satisfatória. Para que não torne a acontecer esse desempenho do aluno em aprender e dos professores desmotivados com aulas que não estão planejadas de acordo, apáticos, ficando assim difícil dele ensinar.

De acordo com behavioristas, como skinner, a aprendizagem ocorre com dependências de estímulos externos, ou seja **somos** motivados a agir por conta dos resultados de nosso comportamento, neste caso a motivação está diretamente ligada a incentivos externos, extrínsecos de cada indivíduo, sendo assim **agimos** inteiramente a fim de obter reforços que vai satisfazer uma certa necessidade, a medida em que **percebemos** que os resultados de nossas ações e compensatório, **esforçamos** para ter um desempenho eficaz, a recompensa vem acompanhada da necessidade de reconhecimento, ou seja ao **realizarmos** determinadas atividades sempre **esperamos** méritos pelos nossos esforços.

Na teoria cognitiva, o que ganha destaque e importância são as motivações intrínsecas. Há, portanto, uma grande difusão de que o indivíduo possui internamente as forças que o levam a agir, conhecer, a aprender, a trabalhar, além de uma visão mais ativa do comportamento. São considerados os aspectos racionais, como objetivos, intenções, expectativas e planos do indivíduo. **Considera**-se assim, que o homem é capaz de fazer escolhas racionais (Lefrançois, 2008).

Nessa teoria o homem age de forma com o que sente e das informações que possui, **fazemos** as coisas conforme **estamos** com vontade de as fazer, por nossos motivos intrínsecos. E desta forma nossos comportamentos e motivações são diferentes para cada pensamento nosso, são os fatores internos que **determinam** nosso comportamento. Quanto Abraham Maslow (1908-1970), um psicólogo humanista norte-

americano, o ser humano possui diversas necessidades (elementos motivacionais) que podem ser separadas em categorias hierarquizadas, que seguem uma determinada escala de valores, uma ordem. E, à medida que o homem realiza uma necessidade, outra surge em seu lugar, cabendo a ele buscar os meios para satisfazê-las. No entanto, as necessidades básicas devem ser satisfeitas antes de outras mais elevadas se tornarem importantes (Glassman e Hadad, 2006).

Ele cita no texto que nós **temos** necessidades que variam desde as fisiológicas consideradas básicas até a autor realização. Entre elas de modo crescente estão: Necessidades fisiológicas: Que se relacionam com a sobrevivência e preservação da espécie (sono, alimentação, ar, abrigo, descanso, sexo). Necessidades de segurança: Constituem tanto as físicas (imunidade ou perigo) quanto a segurança psicológica busca pela estabilidade, ou seja, **correspondem** à nossa necessidade de proteção. Necessidades sociais: Incluem o imperativo de dar e receber afeição e aceitação, sentimento de pertencer envolvem amizades, os relacionamentos o amor.

Necessidade de auto estima: Constitui um sentimento de respeito próprio, a autoconfiança, a aprovação emocional, o prestígio, o sentimento de competência e de capacidade no que faz. Necessidade do auto realização: Que estaria no topo da hierarquia, caracteriza-se pelo processo para o qual não há um fim por não se definir a pernas por um objetivo específico.

Essas necessidades humanas são de total importância para nós são a nossa essência **precisamos** delas para sobreviver, quando o indivíduo se percebe eficaz, melhor serão suas construções cognitivas de ações efetivas.

Geralmente as pessoas não tem consciência, não sabem os motivos, as forças que a levam a agir de uma ou de outra forma, grande maioria das motivações seriam então movidas pelo inconsciente, quando criança todo indivíduo tem uma serie de impulsos e desejos que procura satisfazer, entretanto muitos desses desejos não podem ser satisfeitos, em virtudes de proibições sócias, sendo assim todos são reprimidos e armazenados no inconsciente, lá se reorganizam a fim de se manifestarem de outa forma que possa ser aceita no meio social.

De acordo com os autores tem se tornado difícil aliar os desejos e necessidades dos alunos às exigências escolares. Exigências que se constituem em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender em um tempo determinado para realizar tarefas, para aprender, em formas e meios específicos de ensinar que nem sempre atendem à diversidade

presente em sala de aula.

Uma das boas virtudes da motivação em sala de aula, é melhorar a atenção e a concentração do aluno, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar atividades de maneira satisfatória.

A Motivação para ensinar pode ser fortalecida pelo resultado de ensino, o que fica difícil diante de tamanho desinteresse dos alunos e da constante desvalorização dos professores.

É importante que o professor conheça o processo de aprendizagem e esteja interessado nos alunos, como seres humanos em desenvolvimento intelectual e social. O professor precisa saber como são seus alunos com suas famílias, dependendo da relação social do aluno com o seu meio fora da escola, percebe-se o porquê do atraso escolar ou o bom desempenho na sala de aula.

O livro é uma ótima leitura para quem quer entender sobre a motivação dos alunos e suas variáveis, e tentar mudar a forma de trabalhar em sala de aula, com base no escrito, pois dá várias dicas, informações relevantes sobre um problema que é tão frequente como a falta de motivação, e exemplos de ferramentas úteis nesse processo como o que pode ser melhorado para manter a motivação.

### Texto nº 19

Neste capítulo nós **estamos**, enquanto leitores e pesquisadores, diante da definição e estudos sobre construtivismo e alfabetização. Logo de início **somos** apresentados ao argumento de que o construtivismo não deve ser entendido enquanto um método de ensino, pois construtivismo é na verdade uma teoria a respeito do aprendizado. Embora o construtivismo tenha sido adotado por Piaget, quem de fato **adotou** e **tornou** conhecida a expressão foi uma aluna de Jean Piaget, a psicóloga Emília Ferreiro, nascida na Argentina em 1936. Emília Ferreiro **usou** da teoria do seu mestre para pesquisar o processo mental pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, ou seja, para aprofundar seu conhecimento sobre a alfabetização.

Para entender a importância que tem o estudo do construtivismo sobre o olhar de Emilia Ferreiro é interessante conhecer sua biografia. A autora Emilia Ferreiro é também uma psicóloga, pesquisadora e escritora

Não  
conjugação  
de verbos na  
3ª pessoa

Não  
utilização  
de verbos  
no presente  
do  
indicativo

argentina, radicada no México. Faz o uso da psicolinguística para desvendar os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e escrever. Seu nome completo é Emilia Beatriz Maria Ferreiro Schavi, **nasceu** em Buenos Aires, Argentina, no dia 5 de maio de 1936.

No fim dos anos 60, Emilia Ferreiro **formou-se** em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. **Concluiu** seu doutorado na Suíça, sob a orientação do psicopedagogo Jean Piaget, dentro da linha de pesquisa inaugurada por Hermine Sinclair, que Piaget **chamou** de Psicolinguística Genética. Portanto, diante de uma biografia extremamente didática percebe-se a importância da leitura deste capítulo para os pesquisadores do construtivismo e da alfabetização.

Emilia tem notoriedade na área da educação por ter se destacado grandemente com contribuições, tendo desenvolvido uma concepção diferente acerca do processo de alfabetização. Diferente porque a autora inverte o foco da didática alfabetizadora, as velhas metodologias de como se deve ensinar o aluno, reinventando os modos tradicionais de como se deve aprender. As ideias de Emilia **contribuíram** para que os educadores revissem revisitassem os próprios métodos e concepções, reconhecendo que estes poderiam ser considerados tradicionais de ensino. Durante o primeiro tópico deste capítulo os autores traçam um panorama histórico de como Emilia Ferreiro se **consolidou** na educação e da maneira como teve seus trabalhos e obras lançadas e reconhecidas.

No segundo tópico há uma série de críticas aos métodos tradicionais de ensino. Cabe tornar válido que nessa parte do capítulo não há referência restrita aos estudos de Emilia Ferreira, porém há menções a diversos outros autores como Teberosky (1991), Decroly (1991) e referência a Noam Chomsky. Entre os métodos tradicionais transcritos há o método sintético ou alfabético, através do qual parte de unidades mínimas ou menores que as palavras, neste caso as letras, buscam a correspondência entre o que é oral, o som, e o que de fato está escrito, como a grafia. Esta é uma versão tradicional e um método que **caiu** em desuso devido a influência linguística.

Outro erro dos métodos tradicionais e que é duramente criticado é a concepção mecanicista e associacionista, sob a qual busca-se superar a afirmação de que a leitura trata-se de uma tarefa fundamentalmente visual e não auditiva. A crítica surge porque a percepção global do significado das palavras ou da oração vem primeiro se comparado à análise dos componentes ou das unidades alfabéticas. E já que estão falando sobre alfabetização, **ressaltam** que no cenário da educação infantil as visões de conjunto precedem a análise.

Verbo dicendi
------------------

Para os métodos tradicionais o ato de escrever sem erros e a habilidade de pronunciar as palavras corretamente criaram os estereótipos de “falar bem” e de possuir “boa articulação”. Essas falácias passaram a ser requisitos indispensáveis para se escrever num sistema alfabético. Por essa mesma razão iniciava-se o aprendizado do aluno com a didática do professor totalmente voltado ao léxico, obrigando as crianças a reaprenderem a pronunciar começando pelas vogais, passando pelas sílabas até serem capazes de formar as primeiras palavras e diferenciar os sons da fala ou os fonemas.

O alfabetizando é considerado, segundo teoria de Emilia, um sujeito que ao interagir com a escrita é capaz de formular hipóteses, propondo e solucionando problemas no sentido de compreender a natureza, a função e o valor desse objeto cultural. Obviamente, não deve-se esperar que uma criança consiga formular e construir teorias sobre o universo e a origem do homem tendo apenas meros 4 ou 6 anos, mas através da aplicação da teoria do construtivismo a criança pode ter uma alfabetização que a ajude e facilite na criação da aprendizagem.

A criança, quando vista como sujeito do processo de alfabetização, não é simplesmente um receptor de dados iniciais, mas ao contrário, é um sujeito ativo. A criança alfabetizante é um construtor e produtor de seu próprio conhecimento, pautada sobre o que os autores chamam de “erros construtivos ou pedagógicos”, os quais são totalmente passíveis de compreensão. Entendendo que Piaget é basicamente o mestre da formação de Emilia, os autores fazem uso de suas colocações para fundamentar o embasamento do capítulo, ressaltando que os erros pedagógicos, na visão do próprio Piaget, são na verdade os pré-requisitos necessários para que a criança possa chegar no conhecimento necessário e na resposta correta.

Esses erros pedagógicos, que muitas vezes podem ser construtivos, ocorrem porque uma criança não consegue regularizar verbos irregulares de modo mecânico, por imitação ou reforçamento externo, já que **entendemos** que tal feito só é alcançado porque adultos comumente convivem com as crianças e ensinam. Porém, as crianças possuem internamente desenvolvida uma estrutura lógica cognitiva através da qual se possibilita um surpreendente grau de conhecimento sobre seu próprio idioma.

Embora o capítulo seja destinado às revisitações de Emilia Ferreiro sobre as pesquisas e teorias de Piaget, há um espaço no capítulo destinado a influência da psicolinguística contemporânea de Noam Chomsky. Chomsky **criou** a psicolinguística contemporânea em 1960,

teoria essa que posteriormente os psicólogos tomaram como modelo de ponto de partida, a usando para provar determinadas realidades psicológicas.

Por fim, o capítulo encerra tratando sobre os princípios básicos da psicogênese da língua escrita, três fundamentos utilizados para compreender a escrita enquanto um sistema de representação da realidade. O primeiro princípio volta-se para a não identificação do ato de ler com decifrar, defendendo a ideia de que não se **trata** somente de decodificar as grafias. O segundo princípio básico é a não identificação da escrita com cópia de um modelo, o que ocorre quando a alfabetização não mais é vista como a aquisição de uma técnica voltada à reprodução gráfica da língua falada. E, por fim, o último princípio diz respeito a não identificar progressos na conceptualização com avanços no decifrado ou na exatidão da cópia.

### Texto nº 20

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo norte-americano, seguidor do Behaviorismo de J. B. Watson, e na década de 40, **criou** o Behaviorismo Radical com uma proposta filosófica sobre o comportamento humano. **Nasceu** em Susquehanna, Pensilvânia, Estados Unidos, no dia 20 de março de 1904. Filho de um advogado e de uma dona de casa desde cedo **despertou** o interesse sobre o comportamento dos animais. **Ingressou** no Hamilton College em Nova Iorque, com o objetivo de se tornar escritor. Em 1926 **concluiu** o bacharelado em Literatura Inglesa e Línguas Românicas. Durante dois anos se **dedicou** a escrever, mas **concluiu** que lhe faltava habilidades literárias.

Não utilização  
de verbos no  
presente do  
indicativo

Sobre o behaviorismo ou comportamentalismo, Skinner se destaca por compreender o comportamento e os processos de aprendizagem considerados relevantes para a educação. O behaviorismo segundo o teórico estuda e **observa** e **descreve** o comportamento observável como forma de ajustá-lo ao meio. O behaviorismo **constituiu** um conjunto de teorias, que focalizam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia.

Verbo  
dicendi

Na busca por métodos precisos e eficazes, embasados na experimentação Edward Lee Thorndike (1874-1949) **ficou** conhecido por criar a “Lei do efeito”, onde o indivíduo surtirá efeitos satisfatórios de aprendizagem seja a punições ou recompensas. Para Edward Lee, a

punição pode surtir efeito satisfatório para que melhore seu comportamento e desempenho, e a recompensa e que incentive a continuar no caminho certo da aprendizagem. O primeiro a usar o termo behaviorismo foi John Broadus Watson (1878-1958), este declarava que o grande foco da psicologia enquanto ciência objetiva deveria ser o comportamento concreto do ser humano, visando a sua previsão e controle. Há quem discorde de Watson, dizem que o behaviorismo não é uma ciência em si, mas sim, uma filosofia da ciência.

O condicionamento Clássico de Ivan P. Pavlov (1849-1936), este fez experimentos e estudou o comportamento reflexo, que é descrito pelo autor com o exemplo como o bebê arrepia involuntariamente, suga algo quando se coloca algo em sua boca, e deu o nome de estímulo neutro, que são estímulos naturais que uma criança desenvolve, frio, fome, sede etc. A importância do condicionamento clássico para a escola behaviorista foi demonstrando que é possível controlar respostas involuntárias-reflexas associando-as a determinado estímulos.

Adiante temos o condicionamento operante de skinner, também conhecido como condicionamento respondente. Essa teoria surgiu quando o teórico fazia experimentos com ratos, colocados em gaiolas eles tinham que apertar alavancas para poder beber e se alimentar, então os animais associavam o ato de apertar para poder comer, eles desenvolviam seus estímulos respondentes.

Há ainda neste capítulo uma abordagem voltada a educação enquanto aquisição de novos conhecimentos onde os autores mostram, através da concepção de Skinner, que a educação é vista como algo importante na vida da pessoa, levando em consideração que a educação compreende o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o sujeito e para outros em algum tempo futuro. A educação trabalha muito mais voltada para a aquisição de novos comportamentos do que com a sua própria manutenção. Seguindo essa linha de perspectiva entendemos que a educação prepara seus alunos para situações futuras e para as mais variadas circunstâncias.

Após tratar a respeito da aquisição de conhecimentos pela educação, o capítulo traz à tona a estreita relação ensino-aprendizagem de acordo com a perspectiva teórica de Skinner. Para analisar a relevância dessa relação é preciso proceder com uma avaliação adequada que propõe emitir respostas sobre a prática, ou seja, que demonstra o alcance ou não dos resultados em relação ao que a docência espera. Portanto, é preciso analisar o comportamento do aluno a fim de verificar suas necessidades de aprendizagem, pois só assim o repertório de

Não  
conjugação  
dos verbos  
na 3ª  
pessoa

comportamentos e aprendizagens mostrará se o resultado é ou não satisfatório.

Ao falar em repertório de comportamentos os autores propõem um diálogo sobre determinados comportamentos dos alunos em sala de aula, comportamentos estes que devem ser mantidos, como é o caso do comportamento do leitor. Se houver algum valor reforçador, como o elogio, a expressão, o sorriso do professor, dos pais, o comportamento é mantido. A leitura pode promover a habilidade de decifrar novas palavras e com o tempo promove o prazer.

O próprio Skinner deixa claro que há uma diferença considerável entre manter um aluno lendo pelo valor reforçador no comportamento de ler ou pela possibilidade de ser reprovado se não o fizer. Desse modo, o ensino carece de ser cuidadosamente planejado para que gradativamente o aluno consiga emitir o comportamento desejado mesmo sem que ocorram os reforçadores externos.

Há diversas críticas implícitas, nas entrelinhas, destinados ao campo docente, voltadas para a atividade do professor. Como quando os autores **citam** que se o aluno não aprende, possivelmente é porque o modo como ele aprende e o que faz com que ele aprenda de alguma maneira, não foram compreendidos pelos responsáveis pelo ensino. Justificando essa afirmação o próprio Skinner **defende** que toda criança possui potencial biológico quando nasce, potencial este que permite que ela aprenda alguma coisa, porém essa afirmação não significa necessariamente que o conhecimento nasça junto com ela.

Skinner **defende** ainda a aplicação de um programa que se **resume** na sequência de um material educativo, nada mais que textos programados, através dos quais nascerá um aluno adequadamente esforçado. Essa programação compreende alguns elementos básicos como o fato de que os alunos precisam a proceder diante de observações, análises e avaliações, se preparando para obter conhecimentos prévios. É preciso que o professor conheça e **considere** as dificuldades dos alunos, ou seja, organizando a sequência de ensino de uma forma progressista correspondente às dificuldades de cada um.

Esse planejamento proposto por Skinner requer a atenção para que se organizem etapas pequenas e que só se avance com o domínio de etapas anteriores, haja vista que um acúmulo de dificuldades pode resultar em desestímulo para o aluno. Assim, como os próprios autores mencionaram durante o capítulo e agora reforçam, para que o aluno possa se tornar competente em determinada matéria, é fundamental que os reforços sejam contingente ao fim de cada passo. Portanto, **concluimos** que

uma programação de ensino, a partir do momento em que é bem conduzida e possui real planejamento, poderá levar ao sucesso do aluno.

Logo, finalizamos concluindo que, segundo a leitura do pensamento de Skinner, a educação precisa seguir etapas de um progresso, precisa estar embasa em um planejamento. Uma das possibilidades de aprender está destinada ao que o autor chama de máquinas de ensinar, que são aparelhos com a utilização de passos graduais no processo de aprendizagem. Um método que busca levar o aluno a estudar individualmente, sem intervenção direta do professor, com apoio de um material previamente elaborado.